PENICHE E CAXIAS EVOCAM PRESOS POLÍTICOS

O REFERENCIAL



REVISTA DA ASSOCIAÇÃO 25 DE ABRIL Director: Martins Guerreiro | N.º 133 | Abril – Junho 2019

Lusa - António Cotrim

SUMÁRIO O REFERENCIAL

GARRAFA COOL NATURALMENTE FRESCA.





A EPAL apresenta a Garrafa COOL, totalmente feita à mão, com materiais 100% portugueses e consumo zero de energia, para beber a água da torneira naturalmente fresca.

A Garrafa de Barro Vermelho tem na base a serigrafia do Aqueduto das Águas Livres, símbolo da história do abastecimento de água em Portugal. A Garrafa de Barro Negro passa por um processo de fabrico reconhecido pela UNESCO como Património Imaterial da Humanidade.

O design contemporâneo junta-se a materiais e formas ancestrais de conservar a água sempre fresca. Apenas o barro e a água. Uma garrafa sustentável. Da mão do criador para a sua.

FDITORIAL

25 de Abril e a Universalidade Portuguesa, Martins Guerreiro

MENSAGEM

Mensagem da Associação 25 de Abril no 45.º aniversário da Revolução dos Cravos

TEMA DE CAPA 25 DE ABRIL - 45 ANOS

A festa na casa da democracia | 12 Ferro Rodrigues faz apelo ao debate franco e leal | 14 Homenagem dos partidos políticos | 16 Desfile para que a memória não se apague | 20 Há utopias por que vale lutar | 24 Jantar comemorativo da revolução cravos | 28 Retratos de Abril | 32 Artistas dos 45 anos da Revolução | 40 Universo de José Guimarães | 43 45 anos celebrados em moeda de colecção | 44 O que diz o escultor da sua obra | 46 Não há preço para a conquista de Abril | 47 Homenagem a uma mulher | 48 Lugares de Abril em Lisboa | 50 Memória perpetua-se em Peniche | 56 Tributo aos presos políticos de Caxias | 64 42.ª Corrida da Liberdade | 70 Escola de Artes recupera chaimite | 76 Festa Jovem em Almada | 78 Associação 25 de Abril aplaude Festa Jovem da Linha | 82 Comemorações com muita ginástica | 84 Peddy poesia em Oeiras | 86 Abril Hoje foi às escolas | 88 Palestras sobre o 25 de Abril em escolas | 91 2ª Regata 25 de Abril para cruzeiros | 92 Tradição começa a mandar | 94 Convívio de oficiais no Porto | 96 Festa de Fausto | 98 Vida festejada no Jardim dos Cravos | 100 Casa da Cidadania Saloueiro Maia | 104 Com a alma presa em Portugal | 106 Jantar comemorativo dos trabalhadores | 110 Galiza festejou a Revolução | 114 Abril vivido em Viana | 116 Um design para a liberdade | 120 Exposição de emissores-receptores | 123 Toponímia de Abril | 124 Jovens vivem memórias de Abril | 126 Europa: as novas lutas pelo futuro | 130 A voz dos candidatos | 134 Riscos e ameaças num mundo cada vez mais global | 142 Europa pratica pouco a democracia | 148

52 REPORTAGEM

Despertar consciências para cultura antifascista. José António Santos | 152 A desobediência onde se ganhou o 25 de Abril, José António Santos | 156 Em Balasar o descobriram e ele voltou-se para Abril, José António Santos | 162 Os Rapazes dos Tanques, José António Santos | 164

166 OPINIÃO

Libertação contra a vontade de Spínola, Carlos Machado Santos | 166

Erros e omissões de uma Exposição, M. Simões Teles | 172 Populismo e povo, Muniz Sodré | 178 Parecia-nos viver um sonho!, João Bosco Mota Amaral | 184 Em defesa da língua portuguesa, Martins Guerreiro | 188

92 LIVROS

Uma gravação para a história, Jacinto Godinho | 192 Tempos de Sonho e de Esperança, Vasco Lourenço | 198 Que fazer contigo, pá?, Mário Beja Santos | 202 Todos ou Nenhum, Adolfo Gutkin | 205 Teatro da libertação e a realidade do fascismo, José Luiz Fernandes | 210 Livro apresentado na A25A, M. Simões Teles | 213 O MFA em Mocambique, Jorge Golias | 214

218 OBITUÁRIO

Ciclo da vida e da morte, Vasco Lourenço | 218 Abraço a Amílcar Domingues, Pedro de Pezarat Correia | 220 João Moutinho deixou-nos, Antero Ribeiro da Silva | 222 Carlos Morgadinho, in memoriam, Manuel Pedroso Marques | 224

BOLETIM

Colaboração com a Direcção-Geral de Educação | 226 Assembleia-Geral da Delegação Norte | 227 A25A aplaude homenagem a Maria João Pires | 228 Chico Buarque é o vencedor do Prémio Camões 2019 | 230 Ofertas referencial | 231

JANGO

Angola - Operação Madeira II, Pedro de Pezarat Correia | 232



MARTINS GUERREIRO

25 DE ABRIL

E A UNIVERSALIDADE PORTUGUESA

empos de Abril e Maio, tempos de desigualdades fazem crescer a insatisfação e incerteza.

A globalização é uma realidade que não pode ser ignorada nem negada em qualquer das suas dimensões: financeira e económica, ambiente, política, informacional, social e cultural.

A desregulação dos mercados, os novos centros de poder transnacionais e informacionais questionam cada vez mais o Estado--nação e o poder dos cidadãos organizados democraticamente e potenciam o aumento contínuo dos excluídos, marginalizados e dispensados pelo sistema produtivo global, tornando-os presa fácil da demagogia, do populismo e do autoritarismo.

Nesta fase da vida das sociedades atomizadas. o desperdício, a promoção da produção e do consumo sem limites degradam o ambiente e o planeta; a miséria de muitos e as enormes

mudança e futuro, mas também de a frustração, o comando dos processos escapa muitas vezes ao poder politico dos Estados e o controlo democrático é muito ténue, quando não inexistente.

> O autoritarismo, mesmo em países de regime democrático, está em crescendo, o que exige uma resposta clara por parte dos cidadãos e das forças democráticas, elevando o seu nível de conhecimento, consciência, e de organização, preparando-se para o combate, para a defesa e aprofundamento da democracia, valorizando o desenvolvimento sustentável, reforçando os processos colaborativos, cooperativos e inclusivos.

> Para responder a problemas globais que, como tal, dizem respeito a toda a Humanidade e à salvaguarda da vida na Terra, é necessário procurar e articular soluções guiadas por valores universais e intemporais que permitam con

jugar capacidades e contributos de diferentes tinentes; mais uma vez em Portugal e no países, origens e culturas.

A Associação 25 de Abril vem reflectindo sobre estas questões em conferências, debates e nesta mesma revista.

As comemorações do 25 de Abril foram mais uma oportunidade para constatarmos a universalidade e intemporalidade dos valores de Abril na linha da nossa capacidade, muitas vezes posta à prova no passado e no presente, de compreendermos e sabermos conjugar esforcos e saberes muito diversos.

Abril continua a ser uma inspiração, não apenas em Portugal, mas também na Europa e no Mundo.

Abril revela-se quando conseguimos somar contributos e acrescentar mais-valias; Abril manifesta-se na generosa capacidade de integração, de cooperação e colaboração entre pessoas e povos de diferentes culturas e con-

estrangeiro sentimos quanto é profundo e forte o sentimento popular de adesão, apropriação e partilha dos valores e ideais de Abril.

A pujança das comemorações do 45.º aniversário, em muitos e diferentes locais, e a forte participação popular surpreenderam muitas vezes os próprios promotores e organizadores.

Este ano, pela primeira vez, o Presidente da República e o Primeiro-Ministro participaram no jantar comemorativo do 25 de Abril organizado pela A25A na Estufa Fria.

Neste número de O Referencial damos notícia das múltiplas celebrações do 45.º aniversário do 25 de Abril.

No plano institucional, as levadas a cabo pela A25A, as de iniciativa de muitas Câmaras Municipais e de diversas entidades, associações e artistas em Portugal, no Canadá e na

Galiza. Limitamo-nos a dar nota daquelas em que a A25A esteve presente, mas, além destas, temos conhecimento de muitas outras que tiveram lugar em Portugal e no estrangeiro. Realcamos a celebração na Assembleia da República; o jantar do 25 de Abril; as comemorações populares em Lisboa e no Porto; o espectáculo Retratos de Abril, no Coliseu; as conferências de 3 de Abril - História e Memória, na A25A -, e de 6 de Maio, na Fundacão Calouste Gulbenkian – Europa, as novas lutas pelo Futuro; a evocação da libertação dos presos políticos de Peniche e de Caxias; os Memoriais em Peniche, Lisboa e Oeiras; as Festas Jovens de Almada, Oeiras e Cascais; a Festa Náutica e Regata do 25 de Abril em Oeiras; a Corrida da Liberdade; a iniciativa Lugares de Abril em Lisboa; o lançamento na A25A da moeda comemorativa pela Casa da Moeda; a serigrafia de José de Guimarães; o cartaz de Henrique Cayatte; a medalha de José Aurélio; a pintura da Chaimite em parceria com a Escola António Arroio; a exposição na A25A dos trabalhos alusivos ao 25 de Abril dos alunos do Instituto Politécnico de Viana do Castelo;

múltiplas palestras em dezenas de escolas; o projecto Abril Hoje; o projecto À Procura do Poeta, a colaboração com a Direcção-Geral da Educação.

Destacamos também as intervenções dos representantes dos órgãos de soberania e de elementos da A25A nas cerimónias de Peniche, Caxias/Oeiras, Castelo de Vide, Santarém, Porto e Lisboa; assinalamos ainda as comemorações realizadas em Viana do Castelo e pela Caixa Geral de Depósitos. Pela sua importância histórica, damos notícia do lançamento das seguintes obras:

- ► A Noite que Mudou a Revolução de Abril a Assembleia Militar de 11 de Março 1975, com coordenação de Almada Contreiras e a participação de Vasco Lourenço e Jacinto Godinho;
- ► A peça de teatro *Todos ou Nenhum*, da autoria de João Menino Vargas;
- ▶ Que Fazer Contigo Pá?, de Carlos Vaz Ferraz;
- Dias da Liberdade em Portugal, de Gérald Bloncourt.
- ► O MFA em Moçambique do 25 de Abril à Independência, de Aniceto Afonso.

Publicamos um artigo de Mota Amaral sobre a conferência de 8 de Março e um artigo de opinião sobre populismo, da autoria de Muniz Sodré, professor emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Na sua habitual coluna *Jango*, Pezarat Correia ajuda-nos a compreender os jogos de forças e interesses que se manifestaram e actuaram em Angola antes e depois do 25 de Abril.

Partiram para a sua última viagem três companheiros de luta pela liberdade e pela democracia, deixando-nos uma forte sensação de perda, contrabalançada pela certeza de que o seu exemplo de coragem, empenhamento cívico e patriotismo será seguido por outros mais novos. Curvamo-nos perante a memória de Amílcar Domingues, João Moutinho e Carlos Morgadinho.

Em defesa da língua portuguesa, divulgamos uma petição e apelo da ADEPBA (Association pour le Développement des Études Portugaises, Brésiliennes d'Afrique d'Asie lusophones).

Retenhamos uma ideia chave: Abril apontanos o caminho da educação integral dos ESTE ANO,
PELA PRIMEIRA VEZ,
O PRESIDENTE
DA REPÚBLICA
E O PRIMEIRO-MINISTRO
PARTICIPARAM
NO JANTAR
COMEMORATIVO
DO 25 DE ABRIL
ORGANIZADO PELA A25A
NA ESTUFA FRIA

cidadãos, da cultura acessível a todos, da cooperação, da solidariedade e do universalismo, armas indispensáveis para que possamos dar o nosso contributo visando a resposta adequada aos complexos problemas com que actualmente nos confrontamos.

Manuel Baixan Mates Gu

MENSAGEM DA DIRECÇÃO DA ASSOCIAÇÃO 25 DE ABRIL



O 25 de Abril é para os portugueses um factor de afirmação dos valores democráticos da Liberdade e de respeito pelos valores humanos.

Nos 45 anos do 25 de Abril, a Associação 25 de Abril evoca a Revolução dos Cravos, não só para lembrar o sucedido – a ruptura e a construção, a aventura e a epopeia, o acalentar dos sonhos Foi com a Liberdade conquistada e mantida cheios de esperanças –, mas também para, teimosamente, continuar a demonstrar que há utopias por que vale a pena lutar, por mais que cemos esses mercenários da desgraça.

se tropece muitas vezes com as realidades.

A festa foi bonita, durou menos do que o desejado, mas muito se conseguiu, na construção de um País mais livre, justo e solidário.

Portugal pode não ser o que ambicionámos e sonhámos, muitos avanços sociais acabaram por ruir, mas... muito ficou se compararmos com o ponto de partida.

A Liberdade, a Democracia e a Paz continuam a ser uma realidade!

Oueremos mais?

Certamente!

Momentos houve em que o Portugal de Abril parecia ir

sucumbir aos próceres das ideias anti-sociais, de defesa de minorias privilegiadas em detrimento da grande maioria da população.

que, através da Democracia (com enormes defeitos, mas preferível a qualquer ditadura), ven45 anos depois, porque continuamos na luta por manter e aprofundar os valores de Abril, queremos aproveitar as Comemorações para, aprendendo com o passado, recuperar o espaço perdido e avançar na construção de um País mais livre, mais democrático, mais justo, mais solidário, um País sempre e cada vez mais de Abril.

É hoie consensual que o 25 de Abril de 1974. como acto único na História Universal, contribuiu decisivamente para a afirmação de Portugal no concerto das Nações.

Hoje, passados 45 anos, constatamos que o 25 de Abril é para a generalidade dos portugueses, seja no território nacional, seja no estrangeiro, nas inúmeras comunidades portuguesas que formam a nossa Diáspora, um forte factor de consciencialização e valorização do ser Português, da afirmação da nossa identidade e da nossa nacionalidade. O 25 de Abril é para os portugueses um factor de afirmação dos valores democráticos da Liberdade e de respeito pelos valores humanos.

Por isso, os que quebraram as correntes da ditadura, resgataram a Liberdade, abriram o caminho ao fim de uma guerra sem sentido e à Paz, e viram o povo português envolver-se profunda e entusiasticamente no processo de reconstrucão da felicidade, não desistem e teimam em manter viva a esperança de um mundo capaz de recusar os novos ditadores, usurpadores das liberdades do povo, que cada vez mais vêm pondo as garras de fora, por esse mundo fora. Sabemos que a memória dos povos é curta. Que face a novas dificuldades, rapidamente esquecem as anteriores desventuras e as acções que lhes puseram cobro.

Assistimos ao grassar de populismos que tentam aproveitar-se das dificuldades existentes e da im-

possibilidade de as ultrapassar de um dia para o outro. Aproveitando-se da impaciência de quem sofre e anseia por curativos que tardam.

Também porque aconteceu Abril, e com ele esconjurámos o espectro do medo, Portugal continua a não ser presa fácil para esses populismos que, é bem visível, nos levariam ao caos e a novas ditaduras se tivessem sucesso.

Convictos de que será com Abril e com o aprofundamento dos seus valores que conseguiremos manter e aprofundar uma sociedade livre, democrática, justa e em paz, tudo faremos para que os nossos governantes continuem a resistir às enormes pressões que os falcões não abdicam de praticar.

Continuando uma política de defesa da justiça social, que se quer cada vez mais efectiva, mantendo a Liberdade e a prática da Democracia nas suas diversas vertentes, que se impõe aprofundar, perseguindo uma política que promova a Paz, cada vez mais periclitante, continuaremos a construção do Portugal de Abril, um Portugal soberano, baseado na dignidade da pessoa humana e na cidadania, com uma sociedade livre, justa e solidária!

Esse continua a ser o nosso ideal, pelo qual não desistiremos de lutar com determinação. Convictos de que, não desarmando, todas e todos em conjunto, iremos vencer!

Viva o 25 de Abril! Viva Portugal

Lisboa, Abril de 2019 A Direcção

80 REFERENCIAL





O ponto alto das comemorações do 45.º aniversário da Revolução de Abril aconteceu na Assembleia da República, com o Presidente, Marcelo Rebelo de Sousa, a alertar para o perigo dos populismos e messianismos e a defender que a política tem de saber responder aos jovens de 2019...

LICÍNIO LIMA

"DIR-SE-IA QUE FOI ONTEM, mas já passaram 45 anos". Foi a lembrar os jovens que viveram o 25 de Abril de 1974 que o Presidente da República falou na cerimónia comemorativa dos 45 anos

da Revolução, nos jovens de 2019, alertando que estes pedem respostas urgentes e inequívocas para problemas novos. Num discurso muito focado nos desafios que se colocam à juventude – e nas exigências que esta coloca ao sistema político – o Presidente voltou a falar, como já fez em anos anteriores, contra os populismos e os messianismos. Num permanente paralelismo entre os anos da Revolução e o presente, Marcelo Rebelo de Sousa defendeu que "o desafio dos jovens de 74 era muito nacional, concentrado em três objetivos: a paz em África, a democracia e o desenvolvimento. Mas o desafio dos jovens de 2019 é muito mais global e exigente na diversidade de fatores".

Os jovens de hoje querem "passos concretos, visíveis e mais rápidos" e os políticos devem saber responder-lhes, defendeu. Em que questões? "Quando volta Portugal a querer ser uma sociedade a rejuvenescer? Pelos que nascem e pelos que vêm de fora?" – e fez questão de dizer por duas vezes esta última parte.

"Como esbater as desigualdades, entre pessoas, grupos e territórios - sublinho, territórios", prosseguiu. Mais: "Como e quando antecipamos o que aí vem, no emprego e no trabalho, perante mutações que em cinco, dez anos, vão mudar os sistemas produtivos?".

E "quando e como conseguimos explicar aos menos jovens que há mesmo alterações climáticas, que há mesmo solidariedade intergeracional?", disse ainda, sublinhando que estas questões não são "bizantinices".

Para o Presidente da República, não basta acenar aos jovens de hoje com o que já existe. Eles querem um "mundo mais aberto, mais dialogante, mais multilateral" – "não contem com eles para passadas ou futuras clausuras" – e "querem-no em gestos diários, em vivências quotidianas". Têm uma "participação diversa,

OS JOVENS DE HOJE QUEREM PASSOS CONCRETOS, VISÍVEIS E MAIS RÁPIDOS E OS POLÍTICOS DEVEM SABER RESPONDER-LHES...

amiúde inorgânica, tantas vezes digital" na sociedade, e queixam-se, diz Marcelo, de não encontrar respostas no sistema político.

"A democracia tem de compreender" e saber dar resposta a esta exigência, sublinhou o Chefe do Estado, destacando que isso não admite "clientelismos" ou "adiamentos crónicos face a problemas sociais".

"Parece um programa impossível? Talvez", referiu o Chefe de Estado, mas para dizer que é de sonhos impossíveis que se faz a História. "A História de Portugal é a história de uma pátria que nasceu impossível, uma impossibilidade com quase 900 anos".

"Não vemos estes 45 anos como obra perfeita, acabada, mas reconhecemos que valeu a pena o passo fundador", disse, e acrescentou: "Esperamos mais, muito mais da Europa e da comunidade de países falantes de língua portuguesa". E, como tem feito em praticamente todos os discursos do 25 de Abril, desde o primeiro, em 2016, Marcelo Rebelo de Sousa voltou a alertar contra "basismos ilusórios, sebastianismos de passados que não voltam, messianismos de messias impossíveis".

FERRO RODRIGUES FAZ APELO AO DEBATE FRANCO E LEAL



O presidente da Assembleia da República, Ferro Rodrigues, deixou um apelo e também um desafio aos diferentes partidos, sustentando que a política de casos é a arma dos fracos, daqueles que não têm ideias, nem alternativas...

Com um discurso aplaudido em vários momentos por todas as bancadas, o presidente da Assembleia da República homenageou o antigo deputado e "Capitão de Abril" Marques Júnior e defendeu que, na presente legislatura, o Parlamento "teve uma centralidade sem precedentes" na vida democrática nacional.

"EM ANO ELEITORAL deixo um apelo aos líderes políticos e parlamentares: que sejam capazes de travar um debate franco e leal, baseado em alternativas políticas claras. A política democrática é essencialmente isso: um confronto tolerante entre interesses sociais e programas políticos conflituantes", disse Ferro Rodrigues, lançando também um rasgado elogio à ação do Chefe de Estado, considerando que Marcelo Rebelo de Sousa tem sido um "exemplo de lealdade democrática" e uma "muralha simbólica" contra o populismo.

O presidente da Assembleia da República considerou oportuna a presença de Marcelo Rebelo de Sousa no Parlamento "para enaltecer" a forma como "tem prestigiado o sistema democrático português". "Vossa Excelência é um exemplo de lealdade democrática, numa relação com o Parlamento que só enaltece o prestígio de ambos os órgãos de soberania. Nenhum é condicionável – e os dois têm disso consciência". disse.

Segundo Ferro Rodrigues, Marcelo Rebelo de Sousa "tem sido uma muralha simbólica contra o crescimento do populismo, pelo papel decisivo e essencial que tem assumido durante a sua Presidência da República".

O presidente da Assembleia da República deixou ainda um apelo e também um desafio aos diferentes partidos, sustentando que "a política de casos é a arma dos fracos, daqueles que não têm ideias, nem alternativas".

"Não resolve os desafios estruturais do País, nem os problemas concretos das pessoas. Só serve para minar a democracia e envenenar a vida pública", completou, recebendo, então, uma prolongada salva de palmas por parte de deputados de diferentes bancadas.

A seguir, lançou um desafio para a próxima legislatura, após frisar que um dos princípios da Revolução de Abril foi o combate às desigualdades.

"Que consigamos ser tão exigentes com os efeitos sociais das políticas públicas como somos quanto ao seu efeito económico e financeiro, que além das várias instituições que zelam pelo rigor orçamental surjam no espaço público as vozes daqueles que têm menos voz, a voz dos mais pobres, a voz de todas as vítimas da discriminação social", apontou.

Na sua intervenção, o presidente da Assembleia da República defendeu também que o Parlamento teve um papel central na vida política desta legislatura, mas também transmitiu várias advertências sobre "as novas vestes da extrema-direita".

"Esta décima terceira legislatura ficou marcada pelo reforço do papel do Parlamento no sistema de Governo português, marcada por uma centralidade parlamentar sem precedentes", sustentou, antes de transmitir um conjunto de avisos.

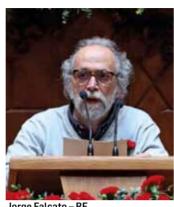
"Não é aviltando o papel do Parlamento e dos deputados que se avança, não é com mentiras e desinformação que se avança, mas sim com responsabilidade, respeito e dedicação à causa pública", defendeu, insurgindo-se depois contra o "ultra nacionalismo, a xenofobia e as derivas autoritárias".



André Silva – PAN













Pedro Roque - PSD

HOMENAGEM DOS PARTIDOS POLÍTICOS

A sessão parlamentar solene comemorativa do 45.º aniversário do 25 de Abril ficou também marcada, como é tradição, pelos discursos dos representantes do Povo com assento no hemiciclo. À esquerda e à direita, ouviu-se o elogio, habitual, à data libertadora do 25 de Abril de 1974, mas também a troca de acusações e recados. Destaca-se, no entanto, o facto de todos reconhecerem que a Revolução tocou na identidade do ser português, e de Portugal se ter tornado um País verdadeiramente democrático...

PAN – "A ELITE POLÍTICA ESTÁ DE COSTAS **VOLTADAS PARA O FUTURO DAS PESSOAS"**

André Silva, deputado único do partido político PAN - Pessoas, Animais e Natureza, iniciou a sua intervenção na sessão parlamentar solene comemorativa do 25 de Abril com um alerta sobre os problemas ambientais que ameaçam o planeta. O político sublinhou que "é inegável que hoje vivemos melhor que há 45 anos", mas salientou que há um indicador que nunca é considerado nesta avaliação: "Nunca demos

atenção, e continuamos a não dar, aos indicadores que alertam para os défices ambientais". Défices esses, salientou, que são uma antecâmara dos "graves problemas humanitários com que seremos confrontados num futuro próximo e que podem comprometer, inclusivamente, a nossa sobrevivência enquanto espécie".

"Mais do que a coragem e visão que têm faltado aos decisores políticos, falta-lhes o básico: a empatia. Empatia pelo nosso semelhante, pelas outras formas de vida, pelo planeta, a nossa casa comum", disse André Silva, apontando o dedo a todo o espetro político: "Da esquerda extra-activista à direita produtivista, apenas podemos esperar guerrilha partidária, tecnocracia e discursos redondos e vagos".

"A elite política está de costas voltadas para o futuro das pessoas", acusou ainda o deputado do PAN, sublinhando que são os jovens, "movidos pela urgência climática e pela desesperança na classe política que não os ouve", que têm levantado a voz em defesa do planeta. "As gerações que vão receber um planeta esgotado sentem-se cada vez mais ignoradas e abandonadas pelos partidos do regime que apenas pensam e agem em função de interesses económicos de curto prazo", disse.

PEV – APELO À PARTICIPAÇÃO ELEITORAL

Heloísa Apolónia, porta-voz do Partido Ecologista Os Verdes (PEV) subiu ao púlpito para salientar que estavam próximos três actos eleitorais (Europeias, Regionais da Madeira e Legislativas) e fazer um apelo à participação eleitoral, recordando que nas primeiras eleições livres após o 25 de Abril (um ano depois, em 25 de Abril de 1975, para eleger a Assembleia Constituinte) a participação "ultrapassou os 90 por cento".

"Abdicar desse direito de votar, que custou tanto a conquistar, é uma rendição ao conformismo, é deixar nas mãos dos outros a decisão, quando a verdade é que cada voto conta para fazer a diferença e determinar a correlação de forças políticas", disse a deputada do PEV. Heloísa Apolónia pediu também a "audácia de avançar" com a "responsabilidade de quem acredita que a política é traiçoeira quando se sustenta

PCP – OS "PEOUENOS PASSOS" DOS ÚLTIMOS ANOS NOS CAMINHOS DE ABRIL

nos interesses dos banqueiros agiotas".

Diana Ferreira, deputada do PCP, subiu ao púlpito para lembrar os "tenebrosos 48 anos da ditadura fascista". "Porque o fascismo existiu. Semeou pobreza, fome, miséria, analfabetismo e doença. Impôs o trabalho infantil. Subjugou as mulheres. Foi o poder de meia dúzia de famílias multimilionárias. Fez da corrupção a política do Estado. Censurou e oprimiu. Perseguiu e prendeu opositores".

Destacando o papel do PCP, e de gerações de comunistas, no 25 de Abril, Diana Ferreira subli-

nhou que "Abril não é só um dia" – "são dezenas de anos de um caminho desbravado e trilhado passo a passo".

"Num país fustigado por mais de quatro décadas de política de direita, com especial brutalidade durante o período da política dos PEC, foi preciso lutar muito para derrotar os planos daqueles que, a partir dos grupos económicos e do governo PSD/CDS, pretendiam eternizar a política de cortes de direita".

Um caminho invertido nos últimos anos que fez desabrochar uma "nova fase da vida política nacional", disse Diana Ferreira. E se as medidas tomadas na atual legislatura "são certamente pequenos passos", são igualmente "passos que devem ser valorizados pelo que significam na vida do povo português", sublinhou.

BE – CRÍTICAS À "PRESSÃO PRESIDENCIAL" NA LEI DE BASES DA SAÚDE

"Era um país cinzento e triste quando nasci". Assim começou o discurso do deputado do Bloco de Esquerda (BE) Jorge Falcato, que relembrou "um país mergulhado no medo, no discurso do respeitinho, onde o destino era marcado pela família em que se nascia", onde "amigos desapareciam às mãos da PIDE"."A todos os que nunca desistiram, o nosso obrigado", disse Jorge Falcato.

O parlamentar do Bloco sublinhou que "Abril é sinónimo de conquistas, mas engana-se quem afirma que não é sinónimo de lutas". "Os interesses instalados moviam-se para impedir os avanços nos direitos e organizavam-se para lançar o terror na sociedade, por vezes com a conivência das forças de segurança, como todos os dias sou forçado a não esquecer. Foi uma

bala da PSP que me colocou nesta cadeira [de rodas] por ter protestado contra a realização de uma manifestação de extrema-direita."

E se o 25 de Abril é sinónimo de lutas, elas não ficaram no passado, disse Jorge Falcato, interrogando: "O Serviço Nacional de Saúde pode voltar a andar de cravo ao peito, como Arnaut o sonhou, ou manterá a porta aberta para o negócio dos privados em cedência à pressão presidencial?"

Outra lei de bases – a da Habitação – mereceu também uma referência do deputado do BE: "Chegará a ser uma realidade, plena de cravo ao peito, ou o direito à habitação ficará a depender da vontade dos especuladores imobiliários?".

"Celebrar Abril não pode ser uma cerimónia anual, é um compromisso permanente e muito há a fazer", disse do púlpito o deputado, referindo que "há ainda muitos cidadãos e cidadãs de segunda em Portugal" – porque "são diferentes", porque "têm uma deficiência".

CDS – EXIGIDAS DESCULPAS PELOS ESCÂNDALOS DO BES, PT E CGD

Embora tenha pontuado a intervenção com poesia de Alberto Caeiro: "Não basta abrir a janela para ver os campos e os rios. É preciso também não ter filosofia nenhuma. Com filosofia não há árvores: há ideias apenas", o deputado do CDS Filipe Anacoreta Correia não se eximiu a ser muito crítico.

"O que precisamos ainda de ver para ouvir um pedido de desculpas – por parte de um governo, um partido ou regime – pelo escândalo do que foi tirado aos portugueses em compadrios políticos e económicos que destruíram riqueza e atiraram empresas nacionais como a CGD, o BES ou a PT para perdas que todos suportamos?", interrogou.

Prosseguiu Filipe Anacoreta Correia: "A deferência diante das instituições em que se tem a honra de servir o País aconselha prudência e repúdio de banalizada familiariedade". E sublinhou: "A promiscuidade com o poder, seja de âmbito económico, partidário ou familiar é incompatível com a dignidade democrática."

PS – DEPUTADO PEDE ATENÇÃO PARA OS "PERIGOS" QUE ES PREITAM A DEMOCRACIA

Citando o escritor judeu italiano sobrevivente de Auchwitz, Primo Levi: "Aconteceu, pode acontecer de novo!" –, o deputado Carlos César, líder da bancada socialista, aproveitou a sua intervenção na sessão parlamentar solene de celebração do 25 de Abril para dizer que será "um erro desvalorizarmos os perigos" que espreitam a democracia: "Aliciamentos e receituários que se fazem atrativos, que trocam os medos pela intolerância, pela mentira e pelo apoucamento dos políticos e das instituições democráticas – com o propósito inconfessado não de as reformar mas de as suprimir".

"É bom que vivamos o nosso empenhamento cívico na consciência do risco que a todo o tempo nos cerca", disse ainda – acrescentando depois que esse risco se combate tendo atenção "às novas dimensões do desenvolvimento económico e social."

A concluir, Carlos César pediu que os "cuidados" da classe política se centrem nas "novas gerações" e na procura de soluções para os novos problemas que enfrentam: "sobre-exploração e esgotamento dos recursos naturais"; "disparidades demográficas"; "dificuldades dos sistemas de Saúde e de Segurança Social"; "desregulação"; "terrorismo"; "alterações imensas nas funções profissionais e nas relações de trabalho".

PSD – O FANTASMA DA BANCARROTA

O deputado do PSD, Pedro Roque, avisou que a democracia – que "por vezes julgamos um resultado garantido e acabado" – é "frágil". "Inúmeros são os casos em que regimes democráticos, aparentemente consolidados, cederam lugar ao autoritarismo", sublinhou, apontando o "crescente número de posições radicais como propostas para a resolução de problemas".

"É por isso que rejeitamos quaisquer representações ideológicas anacrónicas, tais como trabalho contra capital, público contra privado ou esquerda diabolizando a direita", disse.

No discurso, o parlamentar social-democrata acusou o Governo de fazer uma "gestão corrente" em nome de uma "agenda tática", por forma a garantir a "sobrevivência da coligação parlamentar". "Continuamos a olhar com alguma apreensão para o futuro do País", disse o deputado, sublinhando: "Não gostaríamos de voltar a ver Portugal sujeito a ajuda financeira externa, tal como aconteceu em 2011."

Para Pedro Roque, passados três anos e meio sobre o início da legislatura, adensaram-se as "incontáveis contradições" entre o que dizem os partidos da "troika coligativa" e a "realidade do País e do povo". "A Justiça não deixou de ser morosa, as queixas no Serviço Nacional de Saúde amplificaram-se, os salários são baixos e insatisfatórios, a descentralização não saiu do papel e da oratória, a sustentabilidade da Segurança Social continua ameaçada de morte, a carga fiscal não deu sinais de baixar". Já para não falar, acrescentou Pedro Roque, da "elevada conflitualidade laboral e greves sem precedentes".

18 O REFERENCIAL 19



Desfile saiu da praça do Marquês de Pombal rumo ao Rossio, destacando-se nas mãos e no peito de homens, mulheres e crianças, e até em animais, o cravo vermelho, o símbolo da Revolução

DESFILE PARA QUE A MEMÓRIA NÃO SE APAGUE

Os cravos e as chaimites estiveram presentes no tradicional desfile pela Avenida da Liberdade, em Lisboa, no dia 25 de Abril. Este ano, em que se comemoram 45 anos da Revolução, também houve palavras de ordem da atualidade. O combate à violência doméstica não foi esquecido, e ouviram-se apelos contra a "impunidade na banca"

MILHARES DE PESSOAS participaram no tradicional desfile do 25 de Abril para assinalar os 45 anos da Revolução dos Cravos.

O desfile saiu da praça do Marquês de Pombal por volta das 15:30 rumo ao Rossio, destacando-se nas mãos e no peito de homens, mulheres e crianças, e até em animais, o cravo vermelho, o símbolo da Revolução que derru-

bou a ditadura de mais de quatro décadas. Um desfile composto verdadeiramente por várias gerações, juntando crianças e adultos de todas as idades.

Ao som de músicas de intervenção como *Grândola Vila Morena*, os participantes gritaram palavras de ordem como "Fascismo nunca mais, 25 de abril sempre" e "Abril está na rua, a luta continua".

20 O REFERENCIAL 21



ALÉM DAS
HABITUAIS
PALAVRAS
DE ORDEM "25
DE ABRIL,
SEMPRE".
"FASCISMO NUNCA
MAIS" E "VIVA
O 25 DE ABRIL, DIA
DA LIBERDADE",
EM ALGUNS
CARTAZES LIA-SE
"0 25 DE ABRIL
NÃO MORREU,
NEM MORREA







No início do desfile foram colocadas duas chaimites – viaturas militares que foram utilizados pelos militares que chegaram a Lisboa na madrugada de 25 de Abril de 1974 e que fizeram as delícias dos muitos turistas que por ali passavam.

Várias organizações sindicais e partidárias aproveitaram a descida da Avenida da Liberdade para empunhar várias faixas, umas alusivas à comemoração da data e outras mais reivindicativas.

Além das habituais palavras de ordem "25 de Abril, sempre. Fascismo nunca mais" e "Viva

o 25 de Abril, Dia da Liberdade", em alguns cartazes lia-se "O 25 de Abril não morreu, nem morrerá. Não às PPP" [parcerias público privadas] e "A banca escraviza", "Propinas zero", "Salários justos".

No Rossio, local onde cerca de duas horas depois terminou o desfile, o presidente da Direcção da A25A leu, em nome da Comissão Promotora do Desfile Popular, um texto alusivo às comemorações da Revolução dos Cravos (ver texto na íntegra neste número).

22 O REFERENCIAL 23



"Convictos de que será com Abril e com o aprofundamento dos seus valores que consequiremos manter e aprofundar uma sociedade livre, democrática, justa e em paz", disse o presidente Direcção da Associação

25 de Abril, Vasco Lourenço, no final do desfile

HÁ UTOPIAS POR QUE VALE LUTAR

O desfile do 25 de Abril culminou, como é habitual, no Rossio, com um discurso carregado de emoção e simbolismo do capitão de Abril, Vasco Lourenço, presidente Direcção da Associação 25 de Abril, em nome da Comissão Promotora das Comemorações Populares do 25 de Abril, para quem "ao evocarmos a Revolução dos Cravos, fazemo-lo não só para lembrar o sucedido – a ruptura e a construção, a aventura e a epopeia, o acalentar dos sonhos cheios de esperanças –, mas também para, teimosamente, continuar a demonstrar que há utopias por que vale a pena lutar, por mais que se tropece muitas vezes com as realidades.

E, DE REPENTE... os portugueses acordaram rar nuns meses o atraso de 48 anos de opreslivres!

Em 25 de Abril de 1974, primeiro temerosos de estarem perante uma "pinochetada" (o fantasma de Kaulza de Arriaga pairava no ar), vieram para a rua, aperceberam-se que os revoltosos, posteriormente chamados de Capitães de Abril, eram libertadores, apoiaram-nos e empurraram-nos para a maior epopeia dos tempos modernos. Ficando registada na História pátria como Revolução dos Cravos, é das páginas mais brilhantes e fascinantes de uma vida colectiva de quase 900 anos.

Acordados livres, rapidamente se apercebendo de que não tinham apenas deveres mas também direitos, foi o tempo de uma intensa luta por uma vida melhor, livre, justa, solidária e em paz.

Naturalmente, muitos quiseram alcançar tudo de uma só vez, como se fosse possível recupesão, isolamento e guerra!

Foi o tempo dos sonhos cheios de esperança, da afirmação da cidadania, da construção de uma sociedade mais livre e mais justa, do fim e do regresso de uma guerra sem sentido com a ajuda ao nascimento de novos países independentes, onde a língua portuguesa continuou a ser o principal factor congregador.

Mais tarde, também naturalmente, seria o tempo do desabar de algumas ilusões, de recuos em avanços alcançados, de novas lutas pela sociedade que a democracia promete e muitas vezes (demasiadas vezes) compromete e inviabiliza.

Hoje, passados 45 anos, continuamos a usufruir de muitas das conquistas então alcançadas, as maiores das quais são a Liberdade, a Democracia e a Paz.

Conquistas que, confio, serão o suporte da

construção de um País onde os portugueses poderão ser felizes, afinal a grande aspiração de todo o ser humano.

Felicidade que, não devemos esquecer, só se alcança se houver Liberdade, Liberdade que só é viável se houver Coragem!

A Coragem que os Capitães de Abril tiveram e lhes permitiu alcançar a Liberdade.

Mas, é essencial não o esquecer e afirmá-lo, Coragem que só aconteceu porque os Capitães se inspiraram e a alicerçaram na luta de muitas e muitos portuguesas e portugueses, que nunca se vergaram aos ditadores, numa luta de 48 anos com enormes sacrifícios pessoais e colectivos.

Hoje, ao evocarmos a Revolução dos Cravos, fazemo-lo não só para lembrar o sucedido – a ruptura e a construção, a aventura e a epopeia, o acalentar dos sonhos cheios de esperanças –, mas também para, teimosamente, continuar a demonstrar que há utopias por que vale a pena lutar, por mais que se tropece muitas vezes com as realidades.

A festa foi bonita, durou menos do que o desejado, mas muito se conseguiu, na construção de um País mais livre, justo e solidário.

Portugal pode não ser o que ambicionámos e sonhámos, muitos avanços sociais acabaram por ruir, mas... muito ficou se compararmos com o ponto de partida.

A Liberdade, a Democracia e a Paz continuam a ser uma realidade!

Queremos mais?

Certamente!

Momentos houve em que o Portugal de Abril parecia ir sucumbir aos próceres das ideias anti-

O 25 DE ABRIL É PARA
OS PORTUGUESES UM
FACTOR DE AFIRMAÇÃO
DOS VALORES
DEMOCRÁTICOS
DA LIBERDADE
E DE RESPEITO PELOS
VALORES HUMANOS

-sociais, de defesa de minorias privilegiadas em detrimento da grande maioria da população.

Foi com a Liberdade conquistada e mantida que, através da Democracia (com enormes defeitos, mas preferível a qualquer ditadura), vencemos esses mercenários da desgraça.

45 anos depois, porque continuamos na luta por manter e aprofundar os valores de Abril, queremos aproveitar estas Comemorações para, aprendendo com o passado, recuperar o espaço perdido e avançar na construção de um País mais livre, mais democrático, mais justo, mais solidário, um País sempre e cada vez mais de Abril.

É hoje consensual que o 25 de Abril de 1974, como acto único na História Universal, contribuiu decisivamente para a afirmação de Portugal no concerto das Nações.

Hoje, passados 45 anos, constatamos que o 25 de Abril é para a generalidade dos portugueses, seja no território nacional, seja no estrangeiro, nas inúmeras comunidades portuguesas que formam a nossa Diáspora, um forte factor de consciencialização e valorização do ser Portu-

guês, da afirmação da nossa identidade e da nossa nacionalidade. O 25 de Abril é para os portugueses um factor de afirmação dos valores democráticos da Liberdade e de respeito pelos valores humanos.

Por isso os que quebraram as correntes da ditadura, resgataram a Liberdade, abriram o caminho ao fim de uma guerra sem sentido e à Paz e viram o povo português envolver-se profunda e entusiasticamente no processo de reconstrução da felicidade, não desistem e teimam em manter viva a esperança de um mundo capaz de recusar os novos ditadores, usurpadores das liberdades do povo, que cada vez mais vêm pondo as garras de fora, por esse mundo fora.

Sabemos que a memória dos povos é curta. Que face a novas dificuldades, rapidamente esquecem as anteriores desventuras e as acções que lhes puseram cobro.

Assistimos ao grassar de populismos que tentam aproveitar-se das dificuldades existentes e da impossibilidade de as ultrapassar de um dia para o outro. Aproveitando-se da impaciência de quem sofre e anseia por curativos que tardam.

Também porque aconteceu Abril, e com ele esconjurámos o espectro do medo, Portugal continua a não ser presa fácil para esses populismos que, é bem visível, nos levariam ao caos e a novas ditaduras se tivessem sucesso.

Convictos de que será com Abril e com o aprofundamento dos seus valores que conseguiremos manter e aprofundar uma sociedade livre, democrática, justa e em paz, tudo faremos para que os nossos governantes continuem a resistir PORTUGAL PODE
NÃO SER O QUE
AMBICIONÁMOS
E SONHÁMOS, MUITOS
AVANÇOS SOCIAIS
ACABARAM POR RUIR,
MAS... MUITO FICOU
SE COMPARARMOS
COM O PONTO
DE PARTIDA

às enormes pressões que os falcões não abdicam de praticar.

Continuando uma política de defesa da justiça social, que se quer cada vez mais efectiva, mantendo a Liberdade e a prática da Democracia nas suas diversas vertentes, que se impõe aprofundar, perseguindo uma política que promova a Paz, cada vez mais periclitante, continuaremos a construção do Portugal de Abril, um Portugal soberano, baseado na dignidade da pessoa humana e na cidadania, com uma sociedade livre, justa e solidária!

Esse continua a ser o nosso ideal, pelo qual não desistiremos de lutar com determinação. Convictos de que, não desarmando, todas e todos em conjunto, iremos vencer!



Jantar comemorativo do 45.º aniversário da Revolução, na Estufa Fria, em Lisboa, contou com a presença do Presidente da República e do Primeiro-Ministro

JANTAR COMEMORATIVO DA REVOLUÇÃO CRAVOS

Presidente da República, primeiro-ministro, ministra da Cultura e presidente da Câmara Municipal de Lisboa juntaram-se à Associação 25 de Abril, para assinalarem a grande Festa da Liberdade. Aconteceu durante o tradicional jantar comemorativo na Estufa Fria, em Lisboa. "Gratidão, memória e esperança" foram as três palavras escolhidas pelo Chefe de Estado para definir a primeira manhã de 1974

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA elogiou o caráter pacífico da democracia portuguesa, dizendo ter orgulho em ser um Presidente da República que pode andar à vontade pelo País, factor que disse ser admirado por cidadãos estrangeiros.

Estas palavras foram proferidas pelo Chefe de Estado no início do jantar comemorativo da Revolução dos Cravos promovido pela Associação 25 de Abril, na Estufa Fria, em Lisboa, na noite de 24 de Abril, num discurso que se seguiu ao do primeiro-ministro António Costa.

Na sua breve intervenção, Marcelo Rebelo de Sousa escolheu três palavras para procurar definir a revolução de 25 de Abril de 1974: "Gratidão, memória e esperança".

"Um Presidente da República que se orgulha de poder andar em Portugal, com a liberdade, com um à-vontade que não há em muitos países e que [por isso] é admirado por cidadãos vindos de todos os países do mundo", disse, quando procurava caracterizar a solidez da democracia portuguesa.

Já na parte final da sua intervenção, depois dos elogios, o Presidente da República deixou também vários avisos, frisando que o 25 de Abril "não é passado, é futuro".

"Não há democracia adquirida, não há liberdade adquirida, não há justiça social adquirida e não há solidariedade social adquirida. Temos de construir isto e muito a pensar no futuro, a pensar nos nossos filhos e netos. Abril nasceu para o Portugal do futuro" frisou, encerrando a série de discursos que fora aberta por Vasco Lourenço.

Com a ministra da Cultura, Graça Fonseca, e o presidente da Câmara de Lisboa, Fernando Medina, perto de si, o Presidente da República também se referiu à forma como o 25 de Abril de 1974 alterou a sua vida.

Marcelo Rebelo de Sousa disse sentir "gratidão" por, enquanto jovem, ter passado a ter uma "imprensa livre", mas, também, ter podido ser professor "de uma universidade aberta", num País que passou a ser "aberto ao mundo" e com um Estado que "rejeita a xenofobia".

Já o primeiro-ministro afirmou que há hoje uma "grande reconciliação nacional", a qual já permitiu voltar a juntar quem se tinha afastado no período pós-revolucionário, e que a sua geração tem uma dívida eterna aos militares de Abril.

António Costa falou imediatamente a seguir a Vasco Lourenço, e antes do discurso final do Presidente da República Marcelo Rebelo de Sousa.

As primeiras palavras do líder do executivo tiveram um caráter pessoal, dizendo que a sua geração "foi a primeira que cresceu e se tornou adulta em liberdade e em democracia". "Essa é uma gratidão que nunca poderemos esquecer", acentuou.

António Costa falou, depois, do "parto difícil" que teve a democracia portuguesa após o 25 de Abril e defendeu que hoje se verifica uma reconciliação entre quem se separou no período revolucionário. "Felizmente, olhando aqui em volta da sala, vejo hoje de novo reunidos muitos de quem os primeiros anos de Abril separou. Isso é uma das grandes forças que o 25 de Abril



Ministra da Cultura, Graça Fonseca, e António Costa, Primeiro-Ministro

tem, porque depois desse momento difícil houve uma grande unidade. Há uma enorme reconciliação nacional que só é possível graças ao 25 de Abril", sustentou.

Na sua intervenção, o primeiro-ministro considerou também que o desenvolvimento e a democracia, dois dos três "Dês" de Abril, são aspirações sempre inacabadas, o mesmo tem acontecendo com o "D" da descolonização. "Mesmo tendo sido encerrada formalmente a

descolonização, a verdade é que há um enorme desafio de reinventarmos a relação com esses povos irmãos que se libertaram com a nossa própria liberdade e que comungam connosco uma língua, um passado, uma cultura e uma vontade de afirmação no mundo", justificou. António Costa tirou também uma conclusão sobre as consequências do 25 de Abril de 1974. "Olhando para trás 45 anos, que ninguém tenha dúvidas de que é impossível ver o país



Presidente da Câmara de Lisboa, Fernando Medina, com Vasco Lourenco



Director de O Referencial, Martins Guerreiro, com outros convidados



45 anos da Revolução comemorados no espírito de Abril

NA SUA BREVE
INTERVENÇÃO, MARCELO
REBELO DE SOUSA
ESCOLHEU TRÊS
PALAVRAS
PARA PROCURAR
DEFINIR A REVOLUÇÃO
DE 25 DE ABRIL
DE 1974: GRATIDÃO,
MEMÓRIA E ESPERANÇA

que éramos. Isso é algo que todos nós devemos profundamente orgulhar. Não reconhecermos o país que éramos é a maior vitória que podemos ter", defendeu.

Antes, Vasco Lourenço leu a Mensagem da Direcção da Associação 25 de Abril em que pediu aos governantes para "manterem os objetivos de justiça social e resistirem à pressão dos falcões", numa alusão às correntes neoliberais. Vasco Lourenço alertou ainda para os perigos

Vasco Lourenço alertou ainda para os perigos resultantes de fenómenos populistas, com o aparecimento de "novos ditadores e usurpadores da liberdade dos respetivos povos". "Cada vez mais estão a pôr as garras de fora por esse mundo fora. Sabemos que a memória dos povos é curta e que, perante novas dificuldades, rapidamente se esquecem anteriores desventuras. Também porque aconteceu Abril e foi esconjurado o espetro do medo, Portugal continua a não ser presa fácil para esses populismos", sustentou (ver mensagem na abertura deste número de *O Referencial*).



Júlio Isidro, em parceria com a Associação 25 de Abril, idealizou *Retratos de Abril*, gala que apresentou com Sílvia Alberto no palco do Coliseu dos Recreios

RETRATOS DE ABRIL

Numa gala musical da autoria de Júlio Isidro, os fotógrafos da Revolução de Abril foram os grandes homenageados. A partir do Coliseu dos Recreios, em Lisboa, Retratos de Abril, a gala evocativa dos 45 anos da Revolução, foi gravada dia 18 e transmitida na RTP a 25



Vitorino e Janita Salomé

HÁ 45 ANOS, a aquisição de telefones para o Posto de Comando do Movimento das Forças Armadas ou a montagem de um cabo de transmissões entre o Colégio Militar e o Posto de Comando instalado na Pontinha eram por si só operações de grande envergadura. Em 1974, comunicar não se fazia à distância de um clique, de um *post* ou de um *tweet*, nem de rodapés de "última hora" na única televisão, a pública. Eram as fotografias publicadas nos jornais que registavam a cronologia de tempos de mudança e só através da lente de fotógrafos como Alfredo Cunha, Álvaro Tavares,

António Aguiar, Carlos Gil, Eduardo Gageiro, Fernando Baião, Inácio Ludgero, José Tavares, os portugueses e o resto do mundo tomavam conhecimento do fim da ditadura.

Foi a pensar no registo fotográfico destes profissionais que Júlio Isidro, em parceria com a Associação 25 de Abril, idealizou *Retratos de Abril*, gala que apresentou com Sílvia Alberto no palco do Coliseu dos Recreios, no dia 18. Ali foram feitas várias homenagens, entre músicas e poesia, vídeos e fotografias históricas. Assinalaram-se os 90 anos do nascimento de Zeca Afonso, símbolo da música como combate ao



A Tuna Académica do IST



Filipa Pais, Maria Anadon, João Afonso e Davide Zacharia



Luanda Cozetti, filha de Alípio de Freitas, com Norton Daiello

silêncio nas artes e na cultura. Relembrou-se a editora discográfica Orfeu e o seu mentor, Arnaldo Trindade, importante na divulgação de A obra de Carlos Paredes e a poesia de António cantores e poetas de intervenção. Nessa noite, em forma de homenagem, a A25A ofereceu a Arnaldo Trindade, pelas mãos do vice-presi-

dente da Direcção Aprígio Ramalho, uma serigrafia comemorativa da Revolução.

Gedeão, Manuel da Fonseca e Manuel Alegre ganharam vida nova tocadas e cantadas por Vitorino e Janita Salomé, João Afonso, António Manuel



António Manuel Ribeiro



Rui Pato com João Afonso



Ricardo Ribeiro



Francisco Fanhais

Ribeiro, Luanda Cozetti, Maria Anadon, entre outros. E não há festa de Abril sem os hinos E Depois do Adeus, com letra de José Niza e música de José Calvário, interpretada por Paulo de Carvalho, Tourada, de Ary dos Santos e Fernando Tordo, e Grândola Vila Morena, de Zeca Afonso.

Depois de ter organizado um espetáculo solidário para ajudar Moçambique, a cantora moçambicana Selma Uamusse foi homenageada na gala por outros cantores africanos, como Bonga (Angola), Lura (Cabo Verde) e Micas Cabral (Guiné-Bissau).



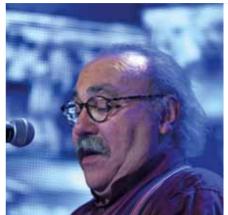
Francisco Fanhais, Samuel, Vitorino e Janita Salomé



Luísa Amaro relembrou as obras de Carlos Paredes

Participam nesta gala nomes como Vitorino e Janita Salomé, Samuel e Francisco Fanhais, Filipa Pais, Maria Anadon, João Afonso, Rui Pato, Manuel Freire, Luísa Basto, Pedro Barroso, António Manuel Ribeiro e Helena Vieira,

Carlos Mendes, Duarte Mendes e Ana Lains, Luanda Cosetti, António Portanet e Norton Daiello, Francisco Naia, Vítor Sarmento, Ricardo Ribeiro, Luísa Amaro, a Tuna Feminina do Instituto Superior Técnico e o Grupo Coral







José Fanha

Manuel Alegre

Luisa Amaro

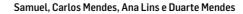






Uma homenagem da A25A à editora Orfeu e ao seu proprietário Arnaldo Trindade







Pedro Barroso ao piano



Vítor Sarmento

Selma Uamusse Bonga





Francisco Naia, acompanhado por Vitor Sarmento e Zé Carita





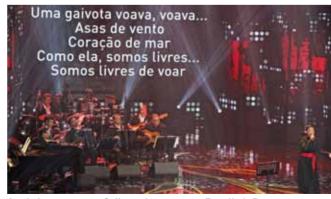


Manuel Freire

Alentejano da Damaia, entre outros. De Espanha veio Paxi Andion e de Itália para comemorar também o 25 de Abril, data libertadora também no seu país (1945), o Grupo Musicale Canzone & Teatro. A direção musical foi de Carlos Alberto Moniz.



Patxi Andión



Ana Lains encantou o Coliseu e homenageou Ermelinda Duarte que subiu com ela ao palco



O Grupo Coral Alentejano da Damaia fechou o espectáculo

ARTISTAS DOS 45 ANOS DA REVOLUÇÃO

Henrique Cayatte, autor do cartaz, José Aurélio, autor da medalha e da moeda, e José de Guimarães, autor da serigrafia. A todos, os nossos sinceros e profundos agradecimentos



SEGUINDO A TRADIÇÃO, a A25A promoveu a emissão de um cartaz/autocolante e de uma medalha comemorativa do 25 de Abril. De salientar, também, a emissão de uma moeda comemorativa, de 5 euros, da responsabilidade da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, sob proposta da A25A e da autoria de José Aurélio.

Dada a implantação da A25A na sociedade portuguesa e o elevado prestígio que tem junto das diversas camadas da população, não tem sido difícil à nossa Associação, verdadeira representante dos Capitães e dos valores de Abril, obter, sempre graciosamente, a colaboração de pintores, escultores, *designers*, para produzir autênticas obras de arte.

Basta ver a sua colecção de cartazes e de medalhas e as gravuras e serigrafias que editou nos seus 37 anos de existência.

E se olharmos para a galeria dos autores dessas obras, encontraremos lá alguns dos mais valorosos e distintos dos nossos artistas.

Mas, também pelo número do aniversário, este ano a A25A teve a sorte e a honra de conseguir



a colaboração de três renomados artistas.

Os que, na roda da vida que não pára, já partiram, o último dos quais foi Júlio Pomar, sentir-se-ão certamente bem acompanhados por Henrique Cayatte, autor do cartaz, José Aurélio, autor da medalha e da moeda, e José de Guimarães, autor da serigrafia.

A todos eles, os nossos sinceros e profundos agradecimentos.

Bem hajam, caros artistas de Abril!

Vasco Lourenço



VINHO DO PORTO COMEMORATIVO

Produziu o Barão de Vilar um Porto Reserva Tawny com estágio durante 7 anos em cascos de madeira adquirindo uma textura suave com um intenso e complexo aroma. Daqui se extraiu uma série de garrafas especialmente para a A25A assinalar os 40 anos do 25 de Abril. Pronto a beber o Porto Tawny ganha outra vida com a idade. Como Abril é necessário saborear e conservar os seus valores. Os interessados poderão adquirir as garrafas ainda disponíveis através de correio electrónico para a25a.sec@25abril.org ou pelo telefone 21 324 14 20.



25 DE ABRIL | 45 ANOS

O UNIVERSO DE JOSÉ DE GUIMARÁES

Autor da serigrafia comemorativa dos 45 anos do 25 de Abril. Esta edição serigráfica de 2019, a mais recente criação do artista, sintetiza as características essenciais do seu trabalho. Reproduz-se abaixo o texto que acompanha a obra

"HÁ PINTORES cuja obra permite imaginar um planeta", assim se referiu o prestigiado crítico Gilbert Lascault (n. 1934) ao artista português já consagrado internacionalmente José de Guimarães, reconhecendo na sua obra um verdadeiro "'planeta pictórico' com a sua gravidade ou não gravidade própria, com a sua física e a sua biologia, com as suas formas minerais, as suas plantas e os seus animais, os seus seres humanos ou quase humanos, com costumes, tradições, mitos e ritos, paixões e asceses próprias".

Por sua vez, o prestigiado escritor e historiador de arte moderna, Marc Le Bot (1921-2001), citado por Lascault, "sublinha a estranheza e a coerência do universo de Guimarães povoado de coisas e de seres que não se encontram em nenhum outro lado".

Esta edição serigráfica de 2019, uma criação muito recente do artista, de algum modo sintetiza estas características essenciais do seu trabalho. Devolve-nos um verdadeiro universo com as suas insólitas figuras fragmentadas, as

suas geometrias e números simbólicos, pairando sem rumo fixo. A sugestão de África tão inspiradora da totalidade da sua criação está presente, mas a verdadeira geografia que se afirma não apenas neste caso, mas no conjunto da sua obra é a de um país sem fronteiras a não ser as da imaginação e da memória mais antiga da humanidade. Com uma componente narrativa e marcada por uma estética da fragmentação, a linguagem totalizadora e original de José de Guimarães aproxima o inconsciente e o consciente, o mundo arcaico do mundo contemporâneo, apresentando-nos, como todos os grandes artistas, uma alternativa coerente e inesgotável ao real, à sociedade unidimensional da alienação contemporânea.

É este carácter universal da sua obra que a par de uma tendência para rever, por vezes ludicamente, a história de arte, não deixa uma vez mais de se afirmar.

Maria João Fernandes Associação Internacional de Críticos de Arte

45 ANOS CELEBRADOS EM MOEDA DE COLECÇÃO



Este tributo ao 25 de Abril sublinha os valores do Dia da Liberdade, bem como a inovação cultivada pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda (INCM), ao incorporar cor em ambas as faces da versão cunhada em prata proof, uma novidade na numismática nacional.

Da autoria do escultor José Aurélio, a moeda comemorativa da Revolução dos cravos foi apresentada a 23 de Abril. Nesse mesmo dia foi inaugurada uma exposição de rádios emissores-receptores utilizados pelos militares durante a Revolução e mostrado o projecto 25-04-74, um Design para a Liberdade da autoria de jovens estudantes de Viana do Castelo

A MOEDA QUE comemora o 45.º aniversário da Revolução dos Cravos foi apresentada no dia 23 de abril, pelas 16h30, na sede da Associação 25 de Abril, numa sessão aberta ao público.

Da autoria do escultor José Aurélio, este tributo ao 25 de Abril sublinha os valores do Dia da Liberdade, bem como a inovação cultivada pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda (INCM),



Além da versão em prata proof, com uma edição limitada a 2 500 exemplares, esta moeda conta ainda com uma emissão em cuproníquel de 40 mil exemplares com acabamento normal

ao incorporar cor em ambas as faces da versão cunhada em prata *proof*, uma novidade na numismática nacional.

Além da versão em prata *proof*, com uma edição limitada a 2 500 exemplares, esta moeda conta ainda com uma emissão em cuproníquel de 40 mil exemplares com acabamento normal.

Numa cerimónia presidida por Vasco Lourenço, o evento contou com a presença da secretária de Estado da Cultura, Ângela Ferreira, do presidente da INCM, Gonçalo Caseiro, e do próprio autor da moeda, José Aurélio.

Depois de ser conhecida a novidade numismática, foi inaugurada na Associação 25 de Abril uma exposição com uma mostra dos emissores-receptores utilizados pelos militares em

1974 durante a Revolução. A organização foi da Associação de Rádios Amadores da Região de Lisboa (ARRLX). Esta exposição integrou também a instalação de um posto emissor que funcionou para todo o mundo no dia 25 de Abril. Naquele mesmo dia foi ainda inaugurada uma exposição dos alunos do Curso de Design do Produto do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, com o projeto "25-04-74, um Design para a Liberdade" (ver texto nestas páginas). Este projeto inédito e muito interessante foi desenvolvido em parceria com a Associação 25 de Abril e com o apoio institucional do Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design (CIAUD) da Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa.



O QUE DIZ O ESCULTOR DA SUA OBRA

Escultor José Aurélio, ao centro, em convívio na A25A depois da apresentação da sua obra

"Não tive grande dificuldade em encontrar a solução para esta moeda... porque me baseei nos factores que determinaram e resultaram do próprio 25 de Abril", explicou José Aurélio, autor da moeda comemorativa dos 45 anos de Abril

DESDE O 25 de ABRIL de 1974, em 45 anos, sempre fiz qualquer coisa para assinalar a efeméride. Aparentemente, dá a impressão de que o 25 de Abril está esgotado. Acho que não, porque a imaginação não tem limites, porque a própria vida não tem limites.

Se estivermos atentos e vigilantes a tudo o que se passa à nossa volta, as coisas acabam por ser sempre originais, porque têm sempre um conteúdo novo, ou renovado...

Não tive grande dificuldade em encontrar a solução para esta moeda... porque me baseei nos factores que determinaram e resultaram do próprio 25 de Abril.

O campo da moeda é repartido com uma série de círculos descentrados, o que provoca a sensação de movimento.

Há uma representação simbólica que me pareceu importante que era mostrar que o 25 de

Abril acabou com uma certa monotonia que se tinha instalado no país e abriu, de facto, uma série de possibilidades de movimentos novos de criação, não só de criação artística, mas de criação social.

Na parte detrás mantive a ideia do movimento, e pus os símbolos de Portugal. São cinco escudos que têm, cada um deles, cinco quinas e que dão também o "25" do 25 de Abril. E tem os 5 euros com uma característica que achei curiosa porque me foi proposto pintar a moeda. Mas, não concordei com a ideia de colorir a moeda só numa face. Achei que teria de ser coerente, uma face com a outra. E, portante, propus que fizéssemos a pintura nas duas faces, o que resultou muito bem porque do lado detrás aparece o verde da bandeira nacional, que completa, de facto, a ideia de Portugal na moeda toda.



NÃO HÁ PREÇO PARA A CONQUISTA DE ABRIL

Ângela Ferreira, ao lado de Vasco Lourenço, assistiu à apresentação dos trabalhos dos alunos do Curso de Design do Produto do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, com o proieto 25-04-74, um Design para a Liberdade

Intervenção da secretária de Estado da Cultura, Ângela Ferreira, na apresentação da moeda comemorativa dos 45 anos do 25 de Abril

ACABÁMOS DE CONHECER a moeda comemorativa, da autoria de José Aurélio, que sublinha o valor da Liberdade.

Não há preço para a conquista de Abril e mais do que perguntar quanto vale, importa questionar o que estaríamos dispostos a fazer por ela. Mas... se não podemos colocar um preço na liberdade, e se não a vendemos a qualquer preço, não deixa de ser paradoxal a situação em que nos encontramos, esta de apresentar uma moeda que, mesmo sem valor comercial, guarda em si o espírito das conquistas de Abril – e que incluem, por exemplo, aquelas onde o dinheiro era base.

Lembro a criação, um mês depois da revolução, do salário mínimo nacional, equivalente aos atuais 16,46€, apenas três vezes o valor da moeda aqui apresentada.

Hoje também celebramos com a inauguração de duas exposições. Uma mostra-nos como as palavras podem ser ação – com a exposição dos emissores-recetores utilizados em 1974; outra sublinha a liberdade para pensar, para imaginar, como fizeram os alunos do Curso de Design do Produto do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, com o projeto "25-04-74, um Design para a Liberdade".

Celebramos os valores de Abril, nosso "momento maior", o início da nossa história moderna e democrática. O que tantos fizeram por nós, para que pudéssemos estar aqui – e para que uma mulher pudesse estar aqui, hoje – não tem preço.

Ainda temos menos anos de democracia do que os 48 de ditadura. Não falta cumprir Abril, falta continuar Abril, todos os dias.

HOMENAGEM A UMA MULHER



Uma moeda original, imaginativa, inovadora, a testar novas fronteiras, a procurar novos caminhos, da autoria do escultor José Aurélio

O Presidente da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Gonçalo Caseiro, na apresentação da moeda comemorativa do 25 de Abril, recordou uma mulher, Berta, para homenagear os trabalhadores que durante o Estado Novo foram presos pela PIDE e afastados da Empresa

PORQUE A HISTÓRIA também se faz das pequenas "estórias", não resisto a contar um episódio, de entre muitos que ligam a luta pela liberdade e a Imprensa Nacional, prestando também aqui a devida homenagem a uma trabalhadora.

É uma história de resistência: um dos momentos mais simbólicos da transição para a democracia na Imprensa Nacional foi a readmissão de trabalhadores que durante o Estado Novo tinham sido perseguidos, presos pela PIDE e afastados da empresa. Entre estes presos políticos, destacou-se o caso de Berta Fonseca do Carmo Carvalho, costureira dobradora desde 1945 e membro do Partido Comunista.

Acusada de receber imprensa clandestina e de recolher fundos na sua Secção, onde vendia produtos de higiene, Berta ficaria também conhecida pelo silêncio e resistência que ofereceu aos interrogatórios da polícia política.

Em setembro de 1974, pouco depois da sua readmissão na Imprensa Nacional, Berta Carvalho recordou ao então jornal *A Capital*:

"Um dia fui chamada ao gabinete dos administradores. Nenhum deles lá se encontrava. Deparei com uma brigada da PIDE chefiada pelo sinistro Mortágua. Nem me deixaram mudar de roupa. Fui conduzida para a Rua António Maria Cardoso tal como estava a trabalhar: de sapatos velhos e bata preta. Aí começaram os interrogatórios que me pareciam infindáveis. Nunca me bateram, mas os impropérios eram constantes porque eu recusava-me a denunciar os meus camaradas. Mantiveram-me incomunicável durante três meses em Caxias. Só depois de muito gritar me levaram para a cela 6. E lá prosseguiram os interrogatórios que se

prolongavam por dias inteiros. Mantiveram-me em Caxias dez meses detida sem julgamento." Vivíamos um tempo onde se "podia roubar tudo a um homem – até a morte [...] com a mesma facilidade com que se lhe rouba a vida, a face ou a palavra". Se bem se recordam, era assim que começava a fábula de José Cardoso Pires, *Dinossauro Excelentíssimo*, que, lá em casa, porque eu já nasci em liberdade, ajudou a explicar aquilo que foi a ditadura.

Estamos a celebrar a festa do 25 Abril, dos 45 anos daquele dia que tudo mudou nas nossas vidas. E a festa nunca poderia deixar de ser feita sem a presença dos militares de Abril, dos autores da Revolução dos Cravos que trouxe liberdade e cor à vida. Na Casa da Moeda não produzimos cravos. Também não fazemos revoluções. Cravos como os que vejo aqui, e Revoluções como a que fizeram os Capitães de Abril em 1974. Esses são absolutamente únicos.

Mas, de alguma maneira, num sentido diferente, naturalmente, na Casa da Moeda também fazemos cravos e também fazemos revoluções.

Revolução de processos criativos, revolução de processos tecnológicos, neste caso revolução da arte de fazer moeda em Portugal. Temos uma longa tradição de excelência e uma nova tradição de inovação.

Com a nova liberdade e as novas tecnologias, com o espírito criador do artista, chega a cor à moeda. O vermelho vivo dos cravos e o verde da esperança e de Portugal.

Uma moeda original, imaginativa, inovadora, a testar novas fronteiras, a procurar novos caminhos, da autoria do escultor José Aurélio, a quem desde já agradeço e dou os parabéns.

LUGARES DE ABRIL **EM LISBOA**

25 locais vão ficar para sempre referenciados na região de Lisboa como estando conotados com os momentos vividos na Revolução de 25 de Abril. Nove desses lugares já foram assinalados, tendo sido o primeiro inaugurado na noite de 24 para 25 de Abril, na rua do Arsenal, quando se comemoravam os 45 anos da Liberdade.

DESDE 2014, quando se comemoraram os 40 anos da Revolução, a Associação 25 de Abril (A25), em parceria com a Câmara Municipal de Lisboa, tem vindo a desenvolver um projecto para assinalar os principais Na sequência, a Câmara Municipal de Lisboa lugares do 25 de Abril na capital. Desde o início foram sendo elaborados os principais textos de suporte da iniciativa, por forma a poderem ser usados em todas as publicações, incluindo nos respectivos locais assinalados, assim como nas páginas da Internet afectas ao projecto ou às entidades promotoras – Associação 25 de Abril e Câmara Municipal de Lisboa.

Em reuniões sucessivas e em estreita colaboração ficou definido que seriam assinalados 25 lugares, entre as "Forças do MFA" (unidades intervenientes), os "Locais Ocupados" (constantes no plano de operações), os "Locais de Confronto" (que surgiram no decorrer da acção) e os "Locais Emblemáticos" (tornados importantes por acontecimentos marcantes). Em cada um dos 25 lugares seria colocada uma

placa com dizeres abreviados, acompanhada por um QR Code, que remeteria para a página da A25A onde se acederia a uma mais alargada explicação dos acontecimentos ali ocorridos. comprometeu-se a assinalar no ano de 2019, nove dos 25 lugares, o que se cumpriu no dia 25 de Abril último, e a completar o projecto até 25 de Abril de 2024, quando se completam 50 anos da Revolução.

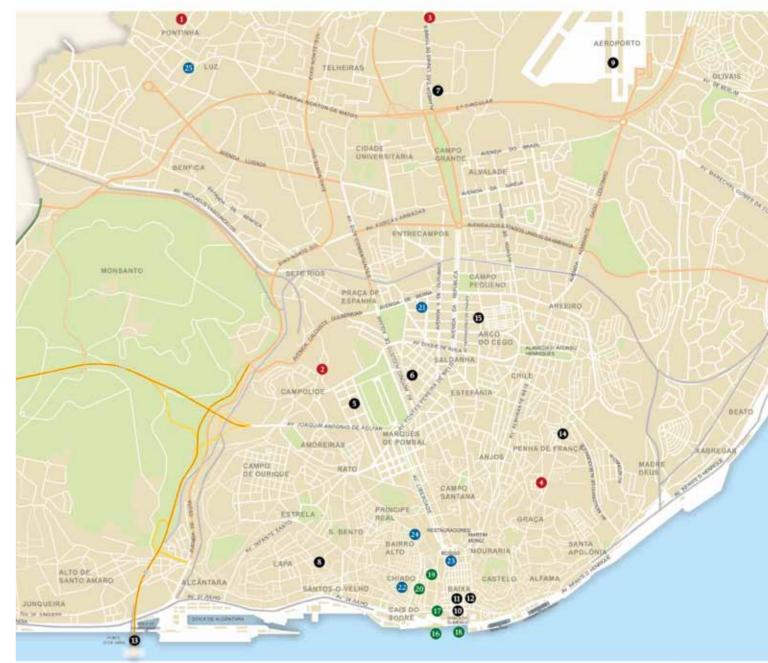
OS LUGARES DE ABRIL

São os seguintes os 25 lugares de Abril a assinalar:

FORCAS DO MFA

1 QUARTEL DO REGIMENTO DE ENGENHARIA N.º 1 - RE1

Rua Regimento de Engenharia Um. Pontinha (Acolheu o Posto de Comando do Movimento das Forcas Armadas -MFA);



JM Design & Edições

2 QUARTEL DO BATALHÃO DE CAÇADORES N.º 5 - BC5

Campolide – antigo Colégio de Campolide. Travessa Estêvão Pinto (Ocupou o Quartel-General da Região Militar de Lisboa e garantiu a segurança ao Rádio Clube Português);

3 ESCOLA PRÁTICA DE ADMINISTRAÇÃO MILITAR – EPAM

Alameda das Linhas de Torres, 179 (Ocupou os estúdios do Lumiar da Rádio Televisão Portuguesa);

4 ESCOLA PRÁTICA DE TRANSMISSÕES
- EPTms

Rua de Sapadores – Graça (Lançou a linha telefónica do quartel dos Pupilos do Exército até ao PC na Pontinha; Escutou as comunicações inimigas).

LOCAIS OCUPADOS

- S RÁDIO CLUBE PORTUGUÊS RCP Rua Sampaio e Pina, 24 (Ocupado pelo Grupo de Comandos n.º 10. Transmitiu os primeiros comunicados do MFA):
- 6 QUARTEL-GENERAL DA REGIÃO MILITAR DE LISBOA

Largo de S. Sebastião da Pedreira, Palácio Vilalva (Ocupado por uma força do BC5); 7 ESTÚDIOS DA RÁDIO TELEVISÃO PORTUGUESA - RTP

Alameda das Linhas de Torres, 44 (Ocupados por uma força da EPAM);

8 EMISSORA NACIONAL

Rua do Quelhas, 2 (Ocupada por uma força do Campo de Tiro da Serra da Carregueira);

9 AEROPORTO DE LISBOA

Alameda das Comunidades Portuguesas - Portela

(Ocupado por uma força da Escola Prática de Infantaria, Mafra - EPI; Controlado por ação do capitão Costa Martins da Força Aérea);

10 TERREIRO DO PAÇO

(Ocupado por uma força da Escola Prática de Cavalaria de Santarém – EPC, comandada pelo capitão Salgueiro Maia);

11 BANCO DE PORTUGAL

Rua do Comércio, 148 (Controlado por uma força da Escola Prática de Cavalaria de Santarém - EPC);

COMPANHIA PORTUGUESA RÁDIO MARCONI

Rua de S. Julião, 131 (Controlado por uma força da Escola Prática de Cavalaria de Santarém - EPC); 13 PONTE 25 DE ABRIL

(Controlada por uma força da Escola Prática de Artilharia de Vendas Novas - EPA);

14 COMANDO GERAL DA LEGIÃO PORTUGUESA

Largo da Penha de França (Ocupada por uma força do MFA);

15 CASA DA MOEDA

Av. António José de Almeida (Controlada por uma força da Escola Prática de Engenharia de Tancos).

LOCAIS DE CONFRONTO

16 RIBEIRA DAS NAUS

(Confronto entre forças do MFA da Escola Prática de Cavalaria de Santarém e do Regimento de Cavalaria nº7, fiel ao regime);

17 RUA DO ARSENAL

(Confronto entre as forças do MFA da Escola Prática de Cavalaria de Santarém e do Regimento de Cavalaria nº 7, fiel ao regime);

RIO TEJO EM FRENTE AO TERREIRO
DO PAÇO

(Posicionamento da Fragata "Almirante Gago Coutinho", contra as forças da EPC);

19 LARGO DO CARMO E QUARTEL DO CARMO

(Cerco ao Quartel do Carmo da GNR por uma força da EPC; Conversações com vista

à rendição; saída de Marcelo Caetano e ministros em direção ao Posto de Comando da Pontinha);

20 SEDE DA PIDE/DGS

Rua António Maria Cardoso (Ações de fogo de agentes da PIDE/DGS sobre o povo, causando quatro mortos e dezenas de feridos; ocupada por uma força do MFA).

LOCAIS EMBLEMÁTICOS

21 EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Av. Elias Garcia, 162, 7.° (Transmitiu a primeira senha para o arranque da operação militar, canção "E Depois do Adeus");

22 RÁDIO RENASCENÇA

Rua Ivens, 14 (Transmitiu a segunda senha para a operação militar, canção "Grândola, Vila Morena");

ROSSIO

(Participação popular. Cravos nas espingardas)

24 JORNAL "REPÚBLICA"

Rua da Misericórdia, 116 (Recebeu, pelas 11h00, das mãos do comandante Martins Guerreiro, a versão do Programa do MFA aprovada pela Comissão de Redacão)



25 COLÉGIO MILITAR

Largo da Luz

(Acolheu a forca da Escola Prática de Cavalaria, comandada pelo capitão Salgueiro Maia, cerca das 21h00)

NOVE LUGARES ASSINALADOS

Foram os seguintes os nove lugares assinalados a 25 de Abril de 2019: Batalhão de Cacadores 5; Escola Prática de Administração Militar; Rádio Clube Português; Quartel-General da Região Militar de Lisboa; Emissora Nacional; Terreiro do Paço; Comando Geral da Legião Portuguesa; Rua do Arsenal; e Emissores Associados de Lisboa.

APRESENTAÇÃO

Nas reuniões entre a A25A e a Câmara Municipal de Lisboa foi também acordado um texto geral, para servir de introdução a todas as brochuras ou folhetos a editar relacionados com os "Lugares de Abril", que ficou como segue:

No dia 25 de Abril de 1974 o Movimento das Forcas Armadas (MFA) levou a efeito um golpe de Estado através de uma ação militar, derrubando a ditadura do Estado Novo e iniciando um processo que levou à implantação de um regime democrático em Portugal. Contrariamente às anteriores tentativas de derrubar a ditadura, a operação militar do 25 de Abril abrangeu todo o território nacional e estendeu acções sequentes tanto às regiões dos Açores e Madeira como aos territórios coloniais, mas foi em Lisboa que se concentrou o essencial da manobra militar.

Diversos locais da cidade ficaram ligados à ação do Movimento das Forças Armadas e à conquista da

Liberdade, tanto os que estavam previstos no plano de operações e constituíam objetivos das forças revolucionárias, como aqueles em que ocorreram confrontos com forças do regime ou mesmo os que se tornaram locais emblemáticos da Revolução. Para Lisboa confluíram forças militares de vários pontos do País que, juntamente com as forças sediadas na Capital, aqui desenvolveram as ações que consumaram a libertação dos Portugueses e de Portugal. Enquanto outras forças manobravam em vários locais do País, em Lisboa participaram forças oriundas da própria cidade, como o Batalhão de Caçadores nº 5 (BC5), a Escola Prática de Administração Militar (EPAM), a Escola Prática de Transmissões (EPTms), o Regimento de Engenharia nº 1 (RE1), de Grupos de Comandos criados especificamente para o efeito, e também forças vindas do Alfeite, Aveiro, Estremoz, Figueira da Foz, Mafra, Santa Margarida, Santarém, Serra da Carregueira, Tancos, Vendas Novas e Viseu.

Estas acções libertadoras executadas pelas forças do MFA dignificaram os Capitães de Abril e todos os militares participantes, assim como o povo que os apoiou incondicionalmente, acabando vários locais da cidade por ficar ligados ao 25 de Abril, à Liberdade e ao nascimento da democracia portuguesa. São esses locais que agora se assinalam, recordando que nenhum povo pode consentir na usurpação dos seus direitos.

ASSINALADA A EMISSORA NACIONAL

LUÍS OLIVEIRA PIMENTEL

DANDO CUMPRIMENTO ao acordado entre a Câmara Municipal de Lisboa (CML) e a Associação 25 de Abril (A25A), no dia 25 de Abril de 2019, na antiga Emissora Nacional (EN), na rua do Quelhas 2, em Lisboa – edifício onde funciona agora o Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG) -, estiveram presentes o vice-presidente da Câmara Municipal de Lisboa João Paulo Saraiva e, em representação da A25A, cinco dos sete oficiais da força que ocupou a antiga EN: os coronéis Oliveira Pimentel e Reis Morais; e os alferes na disponibilidade Simões, Trindade, e Serrinha. Ausentes o tenente na disponibilidade Pinheiro e o alferes na disponibilidade Moreira.

Os presentes foram amavelmente recebidos pela diretora do ISEG, Clara Patrício da Costa Raposo e por vários professores.

Este projecto, proposto à CML pela A25A, teve o seu início com a realização da primeira fase de sinalização de nove locais emblemáticos de Lisboa (dos 25 propostos sendo os restantes dezasseis inaugurados até 2024), onde decorreram acontecimentos significativos da ação militar de 25 de Abril de 1974.

Esta primeira fase, comemorando os 45 anos do 25 de Abril, ficará com a designação de Lugares de Abril.

Na placa cimentada no lancil em frente ao edifício consta a data da ocupação, o objetivo, a morada, a força que o ocupou, e à direita está o QR Code.

Nos folhetos da CML e nos pendões que serão colocados temporariamente junto dos respetivos locais constará o seguinte texto:

03h15 LOCAIS OCUPADOS - EMISSORA NACIONAL - Rua do Quelhas, 2 (Ocupada por uma força do Campo de Tiro da Serra da Carregueira)

Neste edifício estava instalada a Emissora Nacional. O MFA incluiu-a no seu plano de ope-

rações como objetivo a ocupar, a fim de poder ser utilizada como emissora de reserva ao serviço do Movimento, e também para evitar que o regime pudesse utilizá-la a seu favor. A ação foi levada a cabo por uma força da Carreira de Tiro da Serra da Carregueira, com cerça de quarenta militares, comandados pelos capitães Luís Pimentel e Frederico de Morais. A conquista do objetivo foi confirmada ao Posto de Comando do MFA às 03h15: "Estamos em TÓQUIO!... Sem qualquer incidente". Cerca das 08h30 foi lido aqui um dos comunicados do MFA.

MEMÓRIA PERPETUA-SE EM PENICHE

Primeira fase do Museu Nacional da Resistência e da Liberdade foi inaugurada no dia 25 de Abril com uma exposição e um memorial com o nome dos 2 510 presos políticos que passaram pela Fortaleza

O PRIMEIRO-MINISTRO E a ministra da Cultura inauguraram no dia 25 de Abril, na Fortaleza de Peniche, a exposição *Por teu livre pensamento*, uma amostra do que deverá ser o futuro Museu Nacional da Resistência e da Liberdade que ali vai surgir.

Naquele mesmo dia, os dois governantes inauguraram também um memorial com o nome dos 2 510 presos que passaram pela cadeia política da Fortaleza de Peniche, entre 1934 e 1974. A mostra, de acesso gratuito, ficou patente por um período de três meses a partir de 27 de Abril, dia em que se comemoraram os 45 anos da libertação dos últimos presos da Fortaleza de Peniche, com um programa cultural ao longo do dia, e que contou com a presença da ministra.

A exposição *Por teu livre pensamento* foi dividida em quatro núcleos distintos, separados por diferentes espaços da Fortaleza.

A sala do antigo refeitório da GNR procura retratar a história a partir da prisão de Peniche, sintetizando os conteúdos que o futuro museu

AS PAREDES DO FORTE
DE PENICHE NÃO FALAM
SÓ DE VIOLÊNCIAS E DE
PRIVAÇÃO DA LIBERDADE,
MAS FALAM TAMBÉM DE
EXEMPLOS DE CORAGEM,
DE FIRMES CONVICÇÕES,
DE AUDACIOSAS FUGAS,
QUE FORAM PESADAS
DERROTAS PARA O
REGIME E VITÓRIAS
DE TODA A OPOSIÇÃO
DEMOCRÁTICA

vai mostrar: a resistência à ditadura e a conquista da liberdade com a Revolução de 25 de Abril de 1974.

Iniciando com um painel com o poema de David Mourão-Ferreira, intitulado 'Por teu livre pensa-



Naquele dia 25 de Abril, o primeiro-ministro António Costa inaugurou um memorial com os 2 510 nomes dos resistentes antifascistas que ali estiveram presos

mento', que dá nome à exposição, o núcleo integra maquetes do projeto de arquitetura, que está a ser elaborado pelo arquiteto João Barros Matos, e uma reprodução de uma pintura de Júlio Pomar, alusiva ao período da resistência. Documentos, fotografias, objetos dos presos, recortes de jornais e conteúdos audiovisuais enriquecem a mostra, destacando-se uma mesa digital com desenhos feitos na cadeia pelo ex--dirigente comunista Álvaro Cunha; depoimentos de antigos presos; apontamentos dos presos sobre o trabalho político e de estudo dentro da prisão; transcrições de escutas de Mário Soares com a mulher, Maria Barroso, listagem dos livros proibidos na cadeia de Peniche; cartazes da campanha da oposição ao fascismo nas eleições de 1949, e fotografias do dia da libertação dos presos em Peniche.

No antigo Parlatório, espaço de visita aos presos, podem ser vistos depoimentos de familiares, painéis informativos, recortes de jornais, fotografias e outros documentos sobre a vida prisional, as condições em que decorriam as visitas aos presos e a solidariedade da população de Peniche para com os presos e respetivas famílias.

Entre o espólio exposto, estão desenhos enviados aos filhos por António Dias Lourenço, que protagonizou uma das três fugas que ocorreram da cadeia de Peniche, e fotografias de alguns dos casamentos que aí ocorreram, como o de Domingos Abrantes.

Muitos dos desenhos de Dias Lourenço estão reunidos no livro *Saudades... Não Têm Conto!: Cartas da Prisão para o meu Filho Tóino*, publicado em 2004.



Domingos Abrantes, ele próprio um ex-preso político, conduziu a visita do primeiro-ministro à Fortaleza de Peniche

No Fortim Redondo, também conhecido por "segredo", onde os presos eram aí deixados durante dias para cumprirem castigos, foi criado um terceiro núcleo com painéis informativos, documentos da época e conteúdos audiovisuais sobre a história e protagonistas das oito fugas de Peniche. A Capela de Santa Bárbara mostra o quarto núcleo da exposição, dedicado à história da Fortaleza de Peniche e a sua importância estratégica ao longos dos séculos, primeiro associada a funções militares de defesa, depois enquanto

depósito de refugiados e como prisão política durante a ditadura.

Grande parte do espólio desta exposição, e do futuro museu, resultou de pesquisas e de um trabalho de investigação e recolha desenvolvido pela Comissão de Instalação dos Conteúdos e da Apresentação Museológica, presidida pela diretora-geral do Património Cultural e composta, entre outros, pelos ex-presos políticos Domingos Abrantes, Fernando Rosas, historiador, e José Pedro Soares.

O poema de David Mourão-Ferreira 'Por teu livre pensamento', que dá título à mostra, constitui uma alusão direta à prisão do Forte de Peniche, foi musicado por Alain Oulman e cantado por Amália Rodrigues, sob o título 'Abandono', popularmente conhecido como o 'Fado de Peniche'.

MEMORIAL DOS RESISTENTES

Naquele dia 25 de Abril, o primeiro-ministro António Costa inaugurou também, na Fortaleza de Peniche, um memorial com os 2 510 nomes dos resistentes antifascistas que ali estiveram presos.

"Este memorial ficará aqui como testemunho e sinal do nosso reconhecimento por todos os que construíram, com sangue, suor e lágrimas, os fundamentos e os alicerces do nosso edifício democrático", disse, frisando: "Os 2 510 nomes aqui gravados, entre os quais estão os de duas mulheres, foram clarões no escuro e gritos no silêncio que aqui permanecerão para sempre como testemunhas de acusação da ditadura e heróis da luta contra ela. Como diz António Borges Coelho: 'Nomeai um a um todos os nomes / Lutaram e resistiram /A liberdade guarda a sua memória nas muralhas desta fortaleza".

Para António Costa, os resistentes antifascistas e os Capitães de Abril "tornaram o sonho" pela liberdade numa realidade e o seu "heroísmo" inspira para outros combates.

Neste sentido, salientou: "A presença dos Capitães de Abril neste acto associa o que é inseparável. A resistência e a persistência daqueles que, ao longo de meio século, aqui, no Tarra-

AO INAUGURARMOS ESTE MEMORIAL E O OUE ELE REPRESENTA. SÃO OS **VALORES, OS PRINCÍPIOS,** AS CAUSAS E OS IDEAIS **DA LIBERDADE E DO 25 DE ABRIL QUE QUEREMOS** TORNAR PRESENTES. **RENOVANDO-OS E ATUALIZANDO-OS**

fal, no Aljube, em Caxias, pagaram por todos nós o elevado preço do combate pela liberdade, sonhando-a sempre, ligam-se à ousadia daqueles que, em 25 de Abril de 1974, tornaram esse sonho realidade e alegria, prodígio e esperança". E sublinhou: "Ao inaugurarmos este memorial e o que ele representa, são os valores, os princípios, as causas e os ideais da liberdade e do 25 de Abril que queremos tornar presentes, renovando-os e atualizando-os".

Para o primeiro-ministro, "o 25 de Abril, feito pela coragem lúcida de tantos militares jovens, é uma data fundamental da nossa modernidade política, cívica e cultural. O seu objetivo foi o de derrubar um regime anacrónico, obsoleto, estagnado, fechado e isolado do tempo do mundo. Foi o de tornar Portugal contemporâneo. Devemos ter isto sempre presente, sabendo comemorar a data fundadora do nosso regime com esse espírito jovem e essa inspiradora vontade

de renovação que estão para sempre inscritos n' 'O dia inicial, inteiro e limpo/Onde emergimos da noute e do silêncio/E livres habitámos a substância do tempo', de que falou Sophia. Este espírito originário de ousadia jovem e pioneirismo inspira – e deve continuar a inspirar – este Memorial e este Museu que está a nascer, nas suas ações e programas".

Por isso – acrescentou – "num mundo cheio de perigos e de ameaças, e numa Europa que tantas vezes arrisca negar-se a si mesma, precisamos, mais do que nunca, de afirmar, fomentar, partilhar, divulgar e disseminar – pedagogicamente, civicamente, militantemente – os grandes princípios e ideais da democracia".

Neste sentido, o primeiro-ministro manifestou o desejo de que o futuro Museu Nacional da Resistência e da Liberdade, para o qual estão a ser feitas obras na Fortaleza de Peniche, seja "uma escola aberta e dinâmica de cidadania e de futuro", convidando as novas gerações a ir conhecer a sua história.

VOZ DE UM EX-PRESO POLÍTICO

Participaram naquele acto público largas centenas de pessoas, nomeadamente ex-presos políticos e familiares, incluindo militares de Abril e personalidades de diversos quadrantes políticos, deputados, membros do Governo, autarcas, dirigentes sindicais e das associações militares.

A inauguração do monumento deu-se ao som do hino nacional entoado pelo Coral Stella Maris, de Peniche, após o que se iniciaram as intervenções.

Domingos Abrantes, ex-preso político, e actual

NUM MUNDO CHEIO DE
PERIGOS E DE AMEAÇAS,
E NUMA EUROPA QUE
TANTAS VEZES ARRISCA
NEGAR-SE A SI MESMA,
PRECISAMOS, MAIS DO
QUE NUNCA, DE AFIRMAR,
FOMENTAR, PARTILHAR,
DIVULGAR E DISSEMINAR
- PEDAGOGICAMENTE,
CIVICAMENTE,
MILITANTEMENTE - OS
GRANDES PRINCÍPIOS E
IDEAIS DA DEMOCRACIA

conselheiro de Estado, referiu que aquela inauguração se destinava "a perpetuar o nome e a memória dos mais de 2 500 presos encarcerados ao longo de 40 anos", sublinhando que se tratava de "gente com rosto, seres comuns: operários, camponeses, pescadores, militares, religiosos, estudantes e intelectuais. Portugueses, africanos e indianos, pessoas de opções ideológicas diferentes, mas todos irmanados na causa comum contra o fascismo. Todos obreiros da liberdade".

Neste sentido, sublinhou: "A preservação das instalações da antiga cadeia é uma vitória da liberdade, da democracia e honra a memória de todos



Ministra da Cultura, Graça Fonseca, com Domingos Abrantes, a 27 de Abril, dia em que se assinalava os 45 anos de libertação dos presos políticos, abriram ao Povo a Fortaleza de Peniche

aqueles que se sacrificaram para que tivéssemos um país livre". E lembrou: "O dia de hoje assume a maior importância e desencadeia um enorme sentimento de regozijo se nos lembrarmos que em Outubro de 2016 muitos de nós aqui estivemos para manifestar o protesto, que foi apoiado por milhares de democratas, contra a ideia de fazer desaparecer este símbolo da repressão e da

luta de resistência que é a cadeia do Forte de Peniche, quando já tínhamos visto desaparecer, um após outro, vários desses símbolos."

Domingos Abrantes, frisando que aquele momento marcava também "o início da primeira fase da instalação do Museu Nacional da Resistência e da Liberdade", chamou a atenção para "tantos anos de políticas de esquecimento do

0 REFERENCIAL 01

que foi a opressão fascista e a luta pela liberdade", nomeadamente em relação aos manuais escolares, onde, "de ano para ano, vão desaparecendo as referências à ditadura e à sua natureza, assim como à resistência" e à destruição "de um após outro dos principais símbolos da repressão fascista, da tortura e do assassínio". E após referir que as paredes do Forte de Peniche não falam só de violências e de privação da liberdade, mas falam também de exemplos de coragem, de firmes convicções, "de audaciosas fugas, que foram pesadas derrotas para o regime e vitórias de toda a oposição democrática", o ex-preso político alertou para "os tempos preocupantes e incertos que vivemos", considerando que "o fascismo não está morto e não se combate com gritos de alma", antes exige medidas concretas "para que o sacrifício de tantas vidas não tenha sido em vão".

FESTA POPULAR

Dois dias depois, a 27 de Abril, em que se comemorava os 45 anos da libertação dos presos políticos, a festa popular contou com a presença da ministra da Cultura, Graça Fonseca, tendo ali manifestado o seu desejo de que o Museu Nacional da Resistência e da Liberdade abra em 2020, permitindo que nunca se apague a memória dos presos políticos que estiveram na fortaleza.

"Há 45 anos que se esperava que este lugar tivesse o devido destaque", sublinhou Graça Fonseca, aludindo à importância do futuro Museu Nacional da Resistência e da Liberdade na "memória futura".

O PRIMEIRO-MINISTRO MANIFESTOU O DESEJO DE OUE O FUTURO MUSEU NACIONAL DA RESISTÊNCIA E DA LIBERDADE, PARA O QUAL **ESTÃO A SER FEITAS OBRAS NA FORTALEZA** DE PENICHE, SEJA UMA **ESCOLA ABERTA E** DINÂMICA DE CIDADANIA **E DE FUTURO**

Por isso, o que ali aconteceu, naquele sábado, "é um processo em contínua construção, como contínua é a defesa da liberdade e dos valores" de Abril, vincou, afirmando esperar que a memória da resistência e da luta pela liberdade possa ser visitada "em 2020", no futuro museu, com conclusão prevista para o final do próximo ano.

E lembrou: "Foi uma prisão. Uma prisão política, não esqueçamos. Símbolo maior do combate e da resistência ao fascismo. Da luta que resiste, da luta de cada um, feita por isso luta de todos nós. Não passada apenas, mas essencialmente futura. A luta que urge continuar todos os dias, cada dia". Para Graça Fonseca, "os 2 510 nomes que agora todos podem ler são também as histórias dos filhos, das mães, dos pais e de todos os familiares e amigos cujas vidas foram afetadas e transformadas para sempre. Uma homenagem aos que aqui estiveram presos, mas, também, uma homenagem à memória de um povo e de um país".

Graça Fonseca adiantou ainda: "Por isso quisemos que fosse um museu nacional, um museu nosso, feito por nós e para todos nós, porque nos compromete a todos, porque nos responsabiliza a todos. Nacional porque cada um, como cada um dos presos durante todo o tempo que por aqui passaram, aqui e nas outras prisões de um regime ignóbil, que ignorou, maltratou e não defendeu os seus, seia não um lugar de peregrinação, mas de aprendizagem, de comunidade e de lição. Um lugar de conhecimento e, justamente por isso, um lugar de Liberdade, numa terra maior, que é a vossa, que é a nossa, que é Peniche. Que é A inauguração do memorial e da exposição Por terra de resistência e de Liberdade."

Graca Fonseca discursava após Domingos Abrantes, histórico dirigente do PCP e um dos resistentes que cumpriu pena naquela cadeia política, ter classificado a preservação das instalações como "uma vitória da liberdade" e um símbolo da "luta corajosa de gente de inabalável confiança na conquista da liberdade".

Domingos Abrantes aproveitou a ocasião para lançar um desafio: "Caros Amigos, só mais uma questão para apresentar uma sugestão à Senhora Ministra da Cultura, que espero subscrevereis. Sabemos as exigências do trabalho que temos pela frente, mas é chegada a hora de se erguer um monumento nacional, num local público e digno, em honra da luta pela liberdade, em memória dos muitos milhares que passaram pelas cadeias fascistas, dos que FOI UMA PRISÃO. **UMA PRISÃO** POLÍTICA. NÃO ESQUEÇAMOS...

foram assassinados, dos que lutaram ou morreram na Guerra de Espanha, na Resistência francesa, nos campos de concentração nazis. Portugueses que, tal como em Portugal, ao lutarem contra o fascismo noutros países, lutaram pela nossa liberdade e resgataram o nome de Portugal da ignomínia fascista. Um objectivo que, a concretizar-se, seria uma muito boa forma de comemorar o 50.º aniversário do 25 de Abril."

Teu Livre Pensamento foi marcada por um espetáculo musical, assinalando os 45 anos sobre a libertação dos presos políticos, que ocorreu a 27 de abril de 1974. Marcou ainda o arranque da futura instituição museológica que terá um custo estimado de 3.5 milhões de euros e deverá contar com quarenta trabalhadores.



Uma placa foi descerrada em frente ao estabelecimento prisional de Caxias como forma de a Câmara Municipal de Oeiras prestar homenagem aos presos políticos libertados a 27 de Abril de 1974

NA PLACA LOCALIZADA no jardim em frente à prisão lêem-se os versos "Hei-de passar nas cidades/como o vento nas areias/e abrir todas as janelas/e abrir todas as cadeias", da autoria de Manuel Alegre, palavras que foram cantadas pela fadista portuguesa Amália Rodrigues ou pela brasileira Maria Bethânia.

Na inscrição consta ainda que o Município de Oeiras, no distrito de Lisboa, "Presta homenagem aos presos políticos e seus libertadores, passados que são 45 anos do 25 de Abril de 1974".

O presidente da Câmara Municipal de Oeiras, Isaltino Morais, afirmou que decorridos 45 anos desde a Revolução, "a democracia portuguesa consolidou-se" e "estabeleceu-se um consenso na sociedade portuguesa": o "25 de Abril foi determinante para a paz" e para que "os portugueses passassem realmente a pensar pela sua cabeça e a expressar aquilo que pensam e foi-lhes permitido determinar o seu destino, através do processo eleitoral".

Na ótica do autarca, "quando se comemora o 25 de Abril de uma forma mais popular, ou não", não se deve "fazer por uma questão de saudosismo do que foi o 25 de Abril".

Isaltino Morais concretizou que os políticos

"têm que entender que as ambições, os sonhos, as expectativas dos jovens da geração de 74, não são os de hoje", salientando que "houve uma evolução e a realidade hoje é diferente".

"Factos como este são muito importantes para a memória, para a identidade, para a cultura do nosso povo, porque é através da memória que nós podemos apresentar exemplos que são referenciais, exemplos de coragem, de combate, de resistência, de não aceitar resignadamente que os outros decidam por nós", referiu.

Por isso, afirmou que "este ato, não é de facto um ato de saudosismo, é um ato de homenagem àqueles que tiveram coragem de lutar pela liberdade dos seus concidadãos, e levaram a sua coragem ao ponto de se privarem da sua própria liberdade".

Também presente o poeta Manuel Alegre, referindo-se ao momento ali vivido, salientou: "mais vale tarde que nunca, passaram 45 anos, 45 anos é muito tempo".

Apontando que o dia em que se comemora a liberdade "é sempre um novo ponto de partida", o histórico socialista considerou que "é um momento significativo, porque foi com a libertação dos presos que se concretizou verdadeiramente o 25 de Abril".

"Só a partir desse momento é que o 25 de Abril passou a ser o dia da liberdade para todos os portugueses", defendeu.

"Nós vivemos em liberdade e vivemos em democracia. Não há democracias perfeitas nem há liberdades perfeitas. As democracias muito perfeitas normalmente acabam e degeneram em ditadura, portanto há sempre qualquer coisa para fazer para melhorar. Os debates hoje são outros, as aspirações são outras, aquilo que os jovens precisam e querem são outros projetos e outros sonhos", assinalou.

Na opinião de Alegre, este foi "um momento muito bonito e muito significativo".

Sobre os versos da sua autoria, que se leem na placa, Manuel Alegre apontou que "foram tantas vezes ditos e cantados" que quase já não lhe pertencem.

"Para mim também foi comovente porque eu assisti a este momento no exílio, através da televisão, ainda estava em Argel", recordou o poeta, acrescentando que "é muito justo celebrar as mulheres e os homens que significavam a na-

64 O REFERENCIAL OF R



Para Francisca Van Dunem, a iniciativa do executivo municipal de Oeiras "constitui uma ocasião para reafirmarmos a determinação de que não voltem, nunca mais, a ser ativados em Portugal novos espaços de cerceamento da liberdade

tureza da ditadura que durante quase meio século oprimiu Portugal".

Alguns dos homens e mulheres que estiveram presos em Caxias e também noutras prisões do País durante a ditadura marcaram presença na cerimónia, a par de familiares e amigos que os esperavam quando saíram do cárcere.

Para marcar o momento da libertação, dezenas de crianças saíram a correr da prisão, com cravos.

MINISTRA DA JUSTICA

Alocução proferida pela ministra da Justiça, Francisca Van Dunem, por ocasião do descerramento da lápide evocativa dos 45 anos de libertação dos presos políticos:

A cerimónia que aqui nos congrega evoca um momento ímpar na história contemporânea portuguesa: a libertação dos presos políticos no quadro da Revolução de Abril.

Ao procurar estabilizar a memória desse tempo revi imagens que ainda que mil vezes vistas, mil vezes nos elevam aos píncaros da comoção. Imagens de uma multidão compacta, em êxtase de liberdade, determinada, disposta a não abandonar as imediações da prisão até que a libertação dos presos se concretizasse; de militares que entravam e saíam; de muitos dos causídicos que nos faziam sonhar com a profissão

de advogado, idealizando a como a mais nobre e abnegada forma de proteção dos direitos dos mais fracos: Vasco da Gama Fernandes, Francisco Salgado Zenha, Manuel João da Palma Carlos, Francisco Sousa Tavares, Jorge Sampaio, José Augusto Rocha.

Depois, a saída em turbilhão de mulheres e homens, carregando os seus pertences em sacos, em malas ou enrolados em lençóis e mantas, com um grande sorriso estampado no rosto. O olhar de alguns deles traía a incredibilidade que ainda os habitava.

Na descrição feliz de Orlando Gonçalves, então preso aqui em Caxias "com frouxidão nos braços, cérebro líquido e o coração descompassado abismei a irrealidade do momento...".1

Eram mulheres e homens muitos deles jovens – alguns mesmo muito jovens – jovens mulheres com ar de meninas, rapazes barbudos irradiando energia e generosidade – transbordantes de assertividade e irreverência.

Todos privados de liberdade por pensarem com liberdade e por agirem em favor das nossas liberdades individuais e coletivas.

E aquele foi o momento em que implodiram os muros físicos das masmorras, produzindo um efeito de curto-circuito, por intercepção da muita tensão com a maior das alegrias.

Finalmente o reencontro: com as luzes, com os odores e a atmosfera da liberdade e, sobretudo, com as famílias, os companheiros, os camaradas, os amigos. Com a vida de que se tinham visto arbitrariamente privados.

Recorde-se que no período da ditadura, cerca de três quartos dos presos políticos não tiveram

MANUEL ALEGRE: "NÃO
HÁ DEMOCRACIAS
PERFEITAS NEM HÁ
LIBERDADES PERFEITAS;
AS DEMOCRACIAS
MUITO PERFEITAS
NORMALMENTE ACABAM
E DEGENERAM EM
DITADURA

direito a um julgamento – ainda que injusto e parcial – e que muitos foram mantidos em reclusão depois de cumprida a pena, por aplicação de medidas de segurança.

E que mesmo os que foram submetidos a um julgamento formal sabiam, à partida, que não podiam esperar justiça de um tribunal especialmente criado para normalizar a injustiça, para inviabilizar o exercício dos direitos de defesa, em rigor, para os condenar sem margem para qualquer dúvida razoável.

E, naquele dia final, são tantos os choques de corpos e tão intensa a força dos longos abraços, que rever aquelas imagens nos devolve ao enorme estremecimento daquele momento poderoso e empolgante.

Senhor Presidente,

Felicito-o vivamente por esta iniciativa que, evocando a libertação da madrugada de 27 de Abril faz justiça à história de todos os presos políticos que por aqui passaram e a todos os que enfrentaram a reclusão em defesa das liberdades.

Esta iniciativa do executivo municipal de Oei-

ras constitui uma ocasião para reafirmarmos a determinação de que não voltem, nunca mais, a ser ativados em Portugal novos espaços de cerceamento da liberdade de pensamento e de expressão: novos Fortes de Caxias nem de Peniche; novos campos de concentração como o Tarrafal ou S. Nicolau, tantas vezes esquecido. Vivemos tempos de transição e de perda de memória. De paulatina "normalização" de um passado maculado pela demonização e pela utilização arbitrária dos meios de coerção estaduais contra os que divergiam de um pensamento único limitado e condicionador.

Vamos assistindo, um pouco por todo o lado, a formas de institucionalização do ódio e de banalização do sofrimento humano.

A um discurso e a uma prática de menosprezo e ostensivo desrespeito pela igual humanidade de quem é diferente, em nome de protecionismos nacionais e de concepções identitárias tão vazias e irracionais quanto perigosas.

A utilização de fatores identitários como slogans -

como hoje se vê já em outdoors –, visa operar como mobilizador de franjas da população mais vulneráveis, receosas da erosão dos seus direitos sociais. Dar-lhes o rosto de um inimigo. Daquele que é preciso esconjurar e contra o qual se torna legítimo o recurso a todos os meios de ação. O persistente discurso deslegitimador das instituições em que se estrutura o Estado de direito democrático, apontadas como inúteis, como lugares em que se refugiam os que buscam privilégios, como espaços em que está ausente a ideia do bem comum em que assenta o contrato social, tem um enorme potencial erosivo da confiança dos cida-

ESTE ACTO, NÃO É DE FACTO
UM ATO DE SAUDOSISMO, É UM
ACTO DE HOMENAGEM ÀQUELES
QUE TIVERAM CORAGEM
DE LUTAR PELA LIBERDADE DOS
SEUS CONCIDADÃOS,
E LEVARAM A SUA CORAGEM
AO PONTO DE SE PRIVAREM
DA SUA PRÓPRIA LIBERDADE

dãos no modelo democrático.

O deslizamento de valores que se vai instalando encerra em si o risco potencial de nos devolver, a prazo, aos dias que precederam o momento que hoje aqui evocamos.

O autoritarismo não morre.

Apenas se finge adormecido e move-se ao menor sinal de baixar da guarda das democracias.

Honrar os que por aqui passaram significa, também por isso, um compromisso com os valores da justica e da liberdade.

Um compromisso de empenhamento ativo, que recuse desviar o olhar ou baixar os braços. De outro modo, no fim do dia, não só veremos totalmente adulterado o modelo de Estado de Direito, tal como o conhecemos, como poderemos encontrar-nos.

1 Aut. Cit. "Os últimos dias do fascismo"

CONTRIBUTO DA A25A PARA A MAQUETE

A A25A presidiu à comissão *ad hoc* que participou junto da Câmara Municipal de Oeiras no processo de selecção da maquete do monumento evocativo da libertação dos presos políticos da prisão de Caxias e de escolha do local onde foi erguido. Na comissão estiveram representadas: NAM (Movimento Cívico Não Apaguem a Memória), URAP (União de Resistentes Antifascistas Portugueses) e CICAM (Comissão de Instalação dos Conteúdos e da Apresentação Museológica do Museu Nacional da Resistência e da Liberdade em Peniche). Esta composição obedeceu ao critério de assegurar a participação de representantes dos libertados e dos libertadores no processo, consensualizado previamente com a autarquia. Tratou-se e trata-se de uma iniciativa da Câmara Municipal de Oeiras, em boa hora inserida nas comemorações do 45.º aniversário do 25 de Abril que a autarquia levou a cabo através de variados eventos durante mais de dois meses.

A Comissão ad hoc desempenhou as tarefas seguintes:

- Identificação e hierarquização de locais para a implantação do monumento;
- Elaboração dos Termos de Referência para a realização de um concurso de ideias dirigido a escultores:
- Indicação de nomes de escultores a convidar;
- Participação no júri do concurso.

A Comissão integrou-se igualmente na cerimónia evocativa da libertação histórica que a autarquia organizou em frente ao portão do Reduto Norte da prisão no dia 26 de Abril, com a presença da ministra da Justiça Francisca Van Dunem e do poeta Manuel Alegre, autor dos versos inscritos numa lápide alusiva que foi descerrada.

No termo da cerimónia foi anunciado que a decisão do júri recaiu na proposta do escultor Sérgio Vicente e que o monumento será erigido em terrenos fronteiros à estação de caminho-de-ferro de Caxias, tendo sido mostrada uma composição figurativa em forma de quadro.

Nominalmente, a constituição da Comissão ad hoc foi a seguinte:

- Ramiro Soares Rodrigues, da Direcção da A25A, que presidiu;
- João Caixinhas, em representação da NAM;
- J. Pedro Soares, em representação da URAP;
- Narciso Raimundo, em representação da CICAM;
- Otelo Saraiva de Carvalho, na dupla qualidade de munícipe e de membro da A25A;
- M. Simões Teles em representação do grupo de Oeiras e Cascais da A25A.

M. Simões Teles

42.a CORRIDA **DA LIBERDADE**

Este ano, a organização decidiu escolher como patrono um militar de Abril. Vítor Alves foi o escolhido, a título póstumo, através de sua viúva Maria Teresa Gomes Ferreira de Almeida Alves, A Corrida teve lugar na manhã de 25 de Abril, como sendo um evento de âmbito nacional, com inscrições gratuitas, aberta a toda a população e contou 7 200 participantes

JOSÉ MARQUES GONÇALVES NOVO

À IMAGEM DOS ANOS anteriores, dando continuidade a uma tradição iniciada pelo Conselho de Revolução - com a colaboração da Associação das Colectividades do Concelho de Lisboa (ACCL) e com a Federação das Colectividades de Cultura, Recreio e Desporto do Distrito de Lisboa (FCDL) –, a Associação 25 de Abril (A25A) organizou a 42.ª Corrida da Liberdade como uma festa colectiva, uma maneira popular de comemorar Abril e a Revolução dos Cravos.

Tivemos o apoio e co-organização da Câmara Municipal de Lisboa, dos Jogos da Santa Casa e do Turismo de Lisboa, e também a prestigiosa colaboração do Museu do Aljube-Liberdade e Resistência. Em parcerias estivemos com a Câmara Municipal de Odivelas, a Confederação Portuguesa de Colectividades de Cultura, Recreio e Desporto, diversas juntas de freguesia de Lisboa e Odivelas e a colaboração da Rádio Amália.

Este ano, a organização da Corrida decidiu escolher como patrono um militar de Abril. Assim foi escolhido homenagear, a título póstumo. Vítor Alves, através da sua viúva Maria Teresa Gomes Ferreira de Almeida Alves.

A Corrida teve lugar na manhã de 25 de Abril, como sendo um evento de âmbito nacional. com inscrições gratuitas, aberta a toda a população e contou sete mil e duzentos participantes. A partida foi dada às 10h30m, de diversos locais emblemáticos da revolução do 25 de Abril, designadamente Pontinha (perto do Posto de Comando do MFA), Largo do Carmo e Marquês de Pombal, tendo uma única chegada na Praça dos Restauradores.

Os percursos:

Percurso A – Pontinha/Marquês de Pombal/ Restauradores - com um percurso de onze mil metros, participaram e concluíram a prova quatro mil quatrocentos atletas.



A família de Vítor Alves, representada pela viúva, filha, neta e bisnetos, sentiu-se muito satisfeita e honrada com esta homenagem

Percurso B – Largo do Carmo/Marquês de Pombal/Restauradores com cinco mil metros participaram mil e cem atletas.

Percurso C – Praca do Marquês de Pombal/ Praça dos Restauradores com mil metros, correram noventa crianças

Caminhada da Liberdade – Saldanha/Marquês de Pombal/Praça dos Restauradores com dois mil e quinhentos metros, tomaram parte nessa prova mil seiscentos e dez pessoas de todas as idades.

abastecimento de água, dispuseram de segurança e assistência médica e estavam cobertos por seguro. Todos os percursos tiveram o acompanhamento de uma ambulância dos Bombeiros Voluntários com pessoal especializado.

POSTO DE COMANDO

A Corrida foi acompanhada, em todos os percursos, por batedores da PSP que controlaram o tráfego e asseguraram o corte das estradas. Na Praça dos Restauradores foi montado um Todos os participantes receberam dorsais e Posto de Comando (PC), para comando e con-



Todos os participantes receberam dorsais e abastecimento de água, dispuseram de segurança e assistência médica e estavam cobertos por seguro

trole da segurança e assistência médica à Corrida, e também distribuição de água e camisolas aos participantes, bem como um palco para animação cultural e homenagem ao patrono Vítor Alves (representado pela família) e distribuição final de prémios.

De salientar que, para a concretização deste evento, a organização recebeu apoio de cerca de oitenta voluntários de todas as idades, in-

cluindo escuteiros, permitindo assim efectuar a distribuição de água, camisolas e a ajuda na colocação de sinalizações e publicidade dos apoiantes.

A Corrida decorreu sem quaisquer acidentes, foi do agrado geral e os meios utilizados cumpriram a sua função conforme o planeado.

A família do patrono homenageado, representada pela viúva, filha, neta e bisnetos, sentiu-se

muito satisfeita e honrada com esta homenagem, tendo agradecido de viva voz em palco aos microfones. Tomou também parte na distribuição de prémios simbólicos aos atletas.

Como nota final, considero que o espaço e tempo de trabalho conjunto da organização da corrida, o seu empenhamento voluntário, a sua dedicação permanente e empenho junto da co-organização da CML e parcerias, para que fosse possível concretizar este evento, foi grande mas valeu a pena. Comprova-o a partilha com a população e a alegria sentida no local e patente nas fotografias.

Os sete mil e duzentos atletas presentes e a quantidade de familiares e amigos que vêm para a rua festejar e aplaudir, tal como o desejo e prazer de participação colectiva, mantêm bem viva a chama da Corrida da Liberdade e do 25 de Abril e são a prova de que vale a pena dar continuidade à realização deste evento, como uma grande festa popular, de inscrição gratuita, para comemorar a Revolução dos Cravos, a Liberdade e a Democracia em Portugal.

APRESENTAÇÃO DA 42.ª CORRIDA DA LIBERDADE

Como local próprio para prestar essa homenagem, tivemos a oferta de utilização do Auditório do Museu do Aljube-Resistência e Liberdade, espaço dedicado à história e à memória do combate à ditadura e ao reconhecimento da resistência moral em prol da democracia e da liberdade. A ocasião permitiu realizar uma conferência de imprensa em 17 de Abril, para dar a conhecer a 42.ª Corrida da Liberdade e ainda inaugurar uma exposição fotográfica de Alfredo

A CORRIDA DECORREU SEM QUAISQUER ACIDENTES, FOI DO AGRADO GERAL E OS MEIOS UTILIZADOS CUMPRIRAM A SUA FUNÇÃO CONFORME O PLANEADO

Cunha, um dos mais emblemáticos fotojornalistas portugueses, que ilustra acontecimentos fulcrais da história da Revolução dos Cravos, incluindo as campanhas de dinamização cultural no Norte do País.

VÍTOR ALVES

Refiro agora trechos da minha intervenção no Auditório do Museu do Aljube, durante a Conferência de Imprensa de 17 de Abril, ao homenagear o nosso Camarada Vítor Alves:

"Homenageamos nesta 42.ª Corrida da Liberdade e hoje aqui, a título póstumo, na presença de sua viúva, Maria Teresa, o Coronel Vítor Alves, um dos principais militares do 25 de Abril de 1974, que já nos deixou há oito anos, mas a sua obra mantêm-se presente.

Como homem da Revolução, foi ele que, com a sua grande capacidade de moderação, estabeleceu pontes e gerou consensos, quer na preparação do 25 de Abril, quer na condução da Revolução, até no 25 de Novembro.

Como em tempos afirmou Vasco Lourenço, era um cidadão de primeira, que tudo arriscou para que a democracia e a liberdade vigorassem em Portugal!

O Coronel Vítor Alves assentou praça na Escola do Exército em 1954, na Arma de Infantaria. Promovido a Alferes em 1958, era à data do seu falecimento coronel na situação de reforma, fez várias comissões na guerra de África, em Angola e Moçambique.

Foi membro da Comissão Coordenadora do Movimento das Forças Armadas (MFA), um dos responsáveis pela preparação política e militar do Movimento, um dos redactores do Programa do MFA. Depois do 25 de Abril, foi membro do Conselho de Estado em 1974, membro do Conselho da Revolução desde 1975, ministro dos II e III governos provisórios, com as pastas de Defesa Nacional e da Comunicação Social, porta-voz do governo e em 1975 e 1976 ministro da Educação e da Investigação Científica. Foi também conselheiro pessoal do General Ramalho Eanes e embaixador itinerante, entre outros cargos.

De salientar que enquanto titular da pasta da Comunicação Social, aprovou a primeira Lei de Imprensa em Portugal, e enquanto ministro da Educação e Investigação Científica do VI Governo Provisório, chefiado por Pinheiro de Azevedo, foi o responsável pela criação das Universidades dos Açores e da Madeira, bem como da Universidade Aberta e pela criação do cargo de coordenador-geral do ensino de português, junto das embaixadas de Portugal em França e na República Federal da Alemanha.

Com a sua diplomacia e bom senso, Vítor Alves foi um digno exemplo apontado como o motor de consensos entre as Forças Armadas, os par-



Direitos Reservados

tidos e os organismos influentes da sociedade. Recordamos com saudade o nosso estimado camarada e amigo Vítor Alves, homenageando-o por tudo quanto fez em prol da democracia, da Cidadania, da Cultura, pelo bom senso que sempre demonstrou possuir e nos ensinou a cultivar e ainda por tudo quanto fez para que o 25 de Abril fosse um sucesso, contribuindo desse modo para dignificar e elevar bem alto o nome de Portugal pelo mundo inteiro e criar esperanças no futuro.

Nunca te esqueceremos Camarada, Amigo e Conselheiro Vítor Alves. Continuarás a ser aquela estrela que nos continuará a guiar lá no

e controle da segurança
e assistência médica à
corrida

Céu, em períodos mais agitados!
Todos em conjunto iremos ajudar a criar uma
sociedade mais justa, livre e solidária!

Viva a Democracia! Viva o 25 de Abril!

Bem hajas companheiro!!!

Vamos reafirmar Abril...

Viva Portugal!!!"

A CORRIDA
TEVE LUGAR
NA MANHÃ DE 25
DE ABRIL, COMO
SENDO UM EVENTO
DE ÂMBITO NACIONAL,
COM INSCRIÇÕES
GRATUITAS, ABERTA
A TODA A POPULAÇÃO
E CONTOU SETE
MIL E DUZENTOS
PARTICIPANTES

Na Praça dos Restauradores foi montado um Posto de Comando para comando e controle da segurança e assistência médica à corrida

ESCOLA DE ARTES RECUPERA CHAIMITE



Chaimite foi colocada nas instalações da Escola de Artes António Arroio a 5 de Abril tendo sido pintada pelo aluno Tomás de Sousa Tomás com a ajuda de colegas em apenas quatro dias

Parceria entre a A25A e a Escola de Artes António Arroio permitiu transformar uma arma de guerra, como foi a Chaimite, num ícone referenciador dos valores da Liberdade e da Paz

APRÍGIO RAMALHO

TENDO SURGIDO a possibilidade do Exército Português abater alguns equipamentos motorizados, entre os quais se encontravam as viaturas Chaimite, a Associação 25 de Abril (A25A) candidatou-se a receber para utilização, em actividades ligadas a comemorações do 25 de Abril de 1974 e a actividades didácticas, junto das comunidades escolares, este símbolo indelevelmente associado à histórica e gloriosa acção militar do MFA, que derrubou o regime ditatorial e fascista que oprimiu o Povo Português ao longo de 48 anos.

Das diligências desenvolvidas entre a A25A e as chefias do Exército com este objectivo, resultou a recente cedência à A25A de três viaturas Chaimite, disponibilizando o Exército instalações na Unidade de Apoio do Comando da Logística, em Paço de Arcos, onde ficam estacionadas e guardadas e aí poderem receber a manutenção e os arranjos mecânicos considerados necessários.

Esta nova situação levou a A25A a equacionar a hipótese de, replicando uma iniciativa popular ocorrida há já vários anos, que materializou a pintura da primeira Chaimite que lhe fora cedida pelo Exército, com motivos evocativos da conquista da Liberdade em 25 de Abril de 1974, procurar agora, transformar visualmente uma arma de guerra como foi a Chaimite, num ícone referenciador dos valores da Liberdade e da Paz. Com este objectivo, a Direcção da A25A encarregou o seu vice-presidente de fazer as necessárias diligências junto da Escola de Artes António Arroio, com a finalidade desta escola assumir o desafio de, com o envolvimento dos seus alunos e do seu corpo docente, se realizar a pintura exterior de uma

das três Chaimites cedidas à A25A, com motivos de exaltação do 25 de Abril, da Liberdade e da Paz. A resposta desta Escola ao nosso desafio não podia ter sido melhor, pois de imediato foi constituído um grupo de trabalho coordenado pela Dra. Tânia Andrade, que em ligação com o vice-presidente da Direcção desenvolveu o conjunto de acções necessárias com vista à concretização do objectivo em causa.

Assim, foi realizado um concurso dirigido aos alunos para apresentação de projectos destinados à pintura da Chaimite. Desta iniciativa resultou a aprovação pelo júri do concurso do projecto de trabalho proposto pelo aluno Tomás de Sousa Tomás.

Acertada a metodologia para a realização deste trabalho, a viatura Chaimite foi colocada nas instalações da Escola de Artes António Arroio no passado dia 5 de Abril, onde o aluno Tomás de Sousa Tomás, com a ajuda de uns colegas e o apoio dos professores envolvidos nesta actividade, procedeu à pintura da Chaimite, cujo trabalho foi terminado quatro dias depois.

É das fases deste trabalho e do seu produto final, que se juntam imagens, que evidenciam a apurada técnica dos seus executantes e o belo trabalho realizado, que transfigurou aquela máquina de guerra num extraordinário símbolo de Abril, evocativo da Liberdade conquistada em 1974 e da Paz tão desejada e querida dos Portugueses. A A25A está grata à Escola de Artes António Arroio pelo empenho e consideração demonstrados e certa que futuras parcerias para a realização de projectos comuns, irão ter lugar.

FESTA JOVEM EM ALMADA

Foi com grande alegria e alguma emoção que, para celebrar o 25 de Abril, se assistiu a um belíssimo festival de ginástica, riquíssimo na diversidade e qualidade das actuações, enriquecido por uma enorme moldura humana

APRÍGIO RAMALHO

COMPLETANDO-SE NO PRESENTE ano, 25 realizações ininterruptas da Festa Jovem, que tiveram sempre lugar no Complexo Municipal dos Desportos "Cidade de Almada", é oportuno relembrarmos o seu nascimento e algo do seu percurso.

Quando se iniciaram os preparativos para as comemorações do 20.º Aniversário do 25 de Abril, nasceu a ideia da criação de uma festa gímnica, virada para a participação de crianças

Com o apoio de alguns dos seus associados,

com contactos a instituições e pessoas ligadas ao mundo da ginástica, a A25A avançou com uma proposta naquele sentido, a qual foi de imediato acolhida pela Federação Portuguesa de Ginástica, que disponibilizou as suas instalações para a realização da primeira reunião, na qual participaram várias entidades e organismos ligadas à ginástica, nomeadamente, além da anfitriã, a Federação Portuguesa de Trampolins e de Desportos Acrobáticos e as Associações de Ginástica de Lisboa e do Distrito de Setúbal, mas também a Câmara Municipal de



Almada, que previamente tinha sido contactada com vista à disponibilização de instalações, uma vez que já tinha sido feito um levantamento que apontava o Pavilhão do Complexo Municipal dos Desportos "Cidade de Almada", como sendo a melhor infraestrutura para a realização dum evento com as características e objectivos pretendidos.

Nesta primeira reunião, ficou claro o interesse Ao longo destes anos, foram sendo realizadas e empenho destas entidades, para em ligação com a A25A, avançarem para a concretização do projecto, já nesse ano de 1994, que con-

sistia na realização de uma Festa destinada à participação do maior número possível de crianças e jovens, com apresentações de actividades gímnicas.

Assim nasceu a 1ª Festa Jovem que, no passado dia 27 de Abril, comemorou, simultaneamente, as suas Bodas de Prata e o 45.º Aniversário do 25 de Abril de 1974.

Festas Jovens, que naturalmente apresentando ligeiras diferenças, mantiveram no essencial a matriz e o objecto da sua criação.





Foi com grande alegria e alguma emoção que pudemos assistir a um belíssimo festival de ginástica, riquíssimo na diversidade e qualidade das actuações, enriquecido por uma moldura humana de assistentes, que encheram por completo as bancadas do Pavilhão e lhe em-



prestaram uma alegria e um calor humano contagiantes, que se mantiveram atá ao seu final.

PARCERIAS

Congratulamo-nos e orgulhamo-nos com a força e dinamismo desta realização, que só tem sido possível, graças à manutenção da empenhada parceria entre a A25A, a Câmara Municipal de Almada e as Associações de Ginástica de Lisboa e do Distrito de Setúbal, que neste evento foi reforçada com a assinatura de um novo Protocolo, com o objectivo de reforçar os indispensáveis laços de cooperação, mas também, pela disponibilidade e empenhado envolvimento dos muitos clubes e organismos, que se fazem representar através dos seus jovens atletas e ainda, com a inestimável dedicação e carinho dos muitos técnicos e staffs de apoio.







A todos, a A25A agradece esta prova de apreço e consideração e renova o seu empenho na continuidade e reforço da Festa Jovem.

Assinala-se ainda, que no passado dia 27 de Abril, estiveram presentes no Complexo Municipal dos Desportos "Cidade de Almada", o presidente do Instituto Português do Desporto e Juventude, Vítor Pataco, em representação do secretário de Estado da Juventude e do Desporto, a presidente da Câmara Municipal de Almada, Inês Medeiros, o vice-presidente da Associação de Ginástica de Lisboa, Vítor San-

tos, o presidente da Associação de Ginástica do Distrito de Setúbal, António Bidarra, e o vice-presidente da Direcção da A25A, Aprígio Ramalho, assim como diversos representantes de organismos convidados e que aqui actuaram, representações de vinte e cinco clubes, associações e organismos diversos, envolvendo mais de um milhar de atletas, técnicos e restante staff, vindos de vários locais de Portugal.

Estamos certos que a Festa Jovem de 2020, continuará na mesma senda.

ASSOCIAÇÃO 25 DE ABRIL APLAUDE FESTA JOVEM DA LINHA

Municípios de Cascais e Oeiras envolveram-se nas comemorações do 45.º aniversário da Revolução e a A25A manifestou o seu sincero e sentido agradecimento

RAMIRO SOARES RODRIGUES

A ASSOCIAÇÃO 25 DE ABRIL (A25A) deu público testemunho da sua satisfação e regozijo pela realização de mais uma Festa Jovem da Linha, este ano a segunda a ter lugar no Concelho de Cascais – no Pavilhão do Complexo Desportivo da Freguesia de Alcabideche – e agradeceu aos Municípios de Cascais e Oeiras e à Associação de Ginástica de Lisboa o apoio à realização do evento de cidadania, cultura e recreio integrado nas Comemorações do 45.º Aniversário do 25 de Abril.

A todas as instituições presentes na 3.ª Festa Jovem da Linha foi manifestada e endereçada a gratidão da A25A pela disponibilidade e empenhada entrega em tão significativa e expressiva realização cidadã. A juventude foi objecto de uma particular saudação de regozijo, satisfação e esperança por responderem "presente" ao integrarem-se e participarem num evento, as Comemorações do 25 de Abril, que foi, é e continuará a ser de suprema importância para os portugueses e portuguesas e para Portugal. A A25A, enquanto herdeira e depositária moral de Abril – dos seus Ideais e Valores – tem por obrigação e dever procurar defendê-los, promovê-los e publicitá-los por todos os

meios de expressão democrática ao seu alcance e dispor. Ao comemorar Abril honra Abril. Ao honrar Abril defende a liberdade, robustece a democracia e o estado de direito. Potencia os direitos e deveres de cidadania decorrentes da Constituição da República Portuguesa de 1976. Livro Maior de Portugal, da Nossa Democracia e do Estado de Direito. A significativa realização de cidadania – Festa Jovem da Linha – de cariz marcadamente democrático e as elevadas participação e assistência são expressivos indiciadores de que Abril está presente e vivo no espírito e no quotidiano dos portugueses enquanto factor de identidade e coesão nacional. Afloramento apontador de um esperançoso optimismo no futuro das portuguesas e dos portugueses e de Portugal.

A A25A prestou, a todos os presentes em geral, e à juventude em particular, a sua sentida e reconhecida homenagem e reiterou a sua abertura e disponibilidade para colaborar e participar em iniciativas de exercício democrático da cidadania. Aos militares de Abril que, sócios da A25A residentes nos municípios de Oeiras e Cascais em boa hora tiveram a ideia e o propósito de suscitarem junto das iniciativas de ci-



Festa Jovem da Linha, este ano a segunda a ter lugar no Concelho de Cascais, no Pavilhão do Complexo Desportivo da Freguesia de Alcabideche

dadania e dos poderes autárquicos a realização de eventos sinalizadores de Abril um abraço de camaradagem leal e solidário.

Aos jovens deixou-se um "apelo/incentivo" no sentido de continuarem a trilhar o caminho da defesa e aprofundamento dos Ideais e Valores de Abril enquanto factores de identidade e coesão nacional. A interagirem com as gerações mais maduras, os avós e os pais, porque juntando saberes e esforços potencia-se o caminho para uma sociedade de Abril, mais justa, democrática e solidária.

A todos e a todas que estiveram, de alguma maneira, envolvidos na bela e digna realização, de Abril e para Abril – Festa Jovem da Linha –, a A25A manifestou o seu sincero e sentido agradecimento.

reitos Reservados

COMEMORAÇÕES COM MUITA GINÁSTICA



A Festa Jovem da Linha no Pavilhão Desportivo de Alcabideche envolveu ginastas de todas as idades

Festa jovem da Linha envolveu 370 ginastas jovens e seniores

M. SIMÕES TELES

A 3.ª FESTA JOVEM da Linha envolveu 370 ginastas, com a particularidade de a quarta parte serem seniores jovens, como se torna evidente numa fotografia alusiva. Teve lugar no Pavilhão

Desportivo de Alcabideche. Organizaram-na, conjuntamente a Associação 25 de Abril (A25A), as Câmaras Municipais de Cascais e de Oeiras, com prevalência da primeira este ano, e a Junta de Freguesia de Alcabideche. O Comité Olímpico e a Academia Olímpica deram apoio institucional. O indispensável apoio técnico foi dado pela Associação de Ginástica de Lisboa – uma saudação especial é devida a Afonso Candeias, que coordenou ao segundo todas as entradas e coreografias. Nos preliminares, actuou a Banda da Sociedade Familiar e Recreativa Malveira da Serra que, a encerrar, tocou o Hino da Festa Jovem e o Hino Nacional.

Estiveram representadas as seguintes agremiações dos municípios de Cascais e de Oeiras: Junta de Freguesia de Alcabideche, I Classe Seniores; Cercica, I Oficina de Dança Para Todos; Grupo Dramático e Sportivo de Cascais, I Formativa 1, I Classe Formativa; Clube Futsal de Oeiras, I Ginástica Rítmica; Junta de Freguesia de Alcabideche, I Minis Acrogym

NOS PRELIMINARES,
ACTUOU A BANDA
DA SOCIEDADE FAMILIAR
E RECREATIVA MALVEIRA
DA SERRA QUE,
A ENCERRAR, TOCOU O
HINO DA FESTA JOVEM
E O HINO NACIONAL

FJA; Sport Algés e Dafundo, I Gymnalges, I Classe Acrogym; Grupo Recreativo e Dramático 1.º Maio de Tires, I Iniciados, I Classe Infantil; Colégio da Bafureira, I Ginástica Acrobática; A. D. Clube da Linha Oeiras, I Gym ao Quadrado; Grupo Recreativo e Dramático 1.º Maio de Tires, I Classe Formativa; Sociedade Musical Sportiva Alvidense, I Ginástica Formação; Clube Atlântico de Esgrima, I Ginástica Rítmica; Salesianos do Estoril, I BeGym; Grupo Sportivo de Carcavelos, I Classe Acrominis; Clube Desportivo Maristas de Carcavelos, I Classe Acromaristas; Clube Nacional de Ginástica, I Ginástica Rítmica.

O momento protocolar acolheu as intervenções da representante da Câmara Municipal de Cascais, Cristina Branco, do presidente da Junta de Freguesia de Alcabideche, José Filipe Ribeiro, e do membro da Direcção da A25A, Ramiro Soares Rodrigues, esta última transcrita noutro local. Por parte da C. M. de Cascais colaborou também Miguel Balsas. Da parte da A25A estiveram envolvidos na iniciativa, à semelhança dos anos anteriores: Manuel Rodrigues, Arménio

Fidalgo, J. Baganha Fernandes.

PEDDY POESIA **EM OEIRAS**



A cada equipa de dois alunos foram entregues três envelopes, cada um contendo um poema de poeta não identificado

Sessenta alunos do terceiro ciclo da Escola Secundária Sebastião e Silva comemoraram o 25 de Abril em busca de escritores no imenso Parque dos Poetas num ritmo de "peddy poesia"

M. SIMÕES TELES

TRINTA E CINCO DOS sessenta poetas que 25 de Abril por sessenta alunos do terceiro ciclo tem recanto próprio – e muitos também já estátua – no imenso Parque dos Poetas em Oeiras foram procurados e descobertos nos 45 anos do

da Escola Secundária Sebastião e Silva. Organizaram este primeiro Peddy Poesia: a A25A e a RCO - Rede de Cidadania de Oeiras, em 2 de Maio. O apoio do vereador da Educação e Desporto da Câmara Municipal de Oeiras foi não só institucional como material, visto que encomendou e ofereceu oito dezenas de livros - com a prevalência da obra "Poesia" de Sofia de Melo Breyner Andresen – para se poder premiar a participação dos alunos e os primeiros classificados. O seu nome é Pedro Patacho. O apoio da directora do Templo da Poesia, Sofia Almeida, foi igualmente indispensável e insuperável.

O Regulamento estabelecia o objectivo seguinte:

O Peddy Poesia – À Procura do Poeta é um jogo onde se procura, de forma lúdica, reconhecer e valorizar a poesia como património cultural, fomentar o convívio entre os alunos e incentivar o espírito colaborativo entre eles. Serve ainda para treinar as capacidades para a resolução de tarefas e a sua apresentação em público, bem como, familiarizar os alunos com um espaço natural e cultural do Concelho de Oeiras, o Parque dos Poetas e avaliar a importância da Poesia Contemporânea para perpetuar a importância da Revolução do 25 de Abril de 1974 em Portugal.

O ponto de concentração, de partida e de chegada foi estabelecido no Templo da Poesia. A cada equipa de dois alunos foram entregues três envelopes, cada um contendo um poema de poeta não identificado, bem como a brochura do Parque dos Poetas com a reprodução do mapa do Parque. O jogo consistiu em colocar os envelopes nas caixas postais dos poetas – as quais foram previamente colocadas em lugar visível nos respectivos recantos - na expectativa de o envelope ser deixado na caixa do poeta certo. Como critério de desempate foi utilizado



A entrega dos prémios realizou-se ao ar livre no anfiteatro Almeida Garrett - outra infra-estrutura do Parque dos

o tempo despendido por cada equipa. Hora e meia foi o tempo máximo previsto.

A entrega dos prémios realizou-se ao ar livre no anfiteatro Almeida Garrett - outra infra-estrutura do Parque dos Poetas. Como também previsto no Regulamento, esse passo do programa foi precedido por declamação por alunos de poemas de poetas da resistência à ditadura e pela apreciação feita por cada um dos participantes quer do Parque quer da actividade: o Parque foi amplamente apreciado – e uma descoberta para muitos; a actividade foi elogiada, contudo considerada de exigência muito elevada - foi reconhecido que são necessárias mais "pistas" para acertar com o poeta. A entrega dos prémios dos três primeiros classificados foi entregue a posteriori numa sala de aulas.

Participaram na organização e na logística desta iniciativa-piloto: pela RCO, Aida Garcia, Cármen Sanches, Lúcia Faria, João Paulo Oliveira e Catarina Varela; pela A25A, Baganha Fernandes, Ferraz Nunes, Gonçalo Guerra, Caldeira dos Santos, Nunes Curado e Simões Teles.



A A25A foi convidada a dinamizar sessões em ambas as escolas sobre o tema do direito à vida, da liberdade e da segurança pessoal, para cerca de cinco centenas de alunos dos $9.^{\circ}$, $11.^{\circ}$ e $12.^{\circ}$ anos

Escolas Básicas e Secundárias de Carcavelos e Ibn Mucana, em Alcabideche, acolheram um projeto que envolve os alunos na reflexão sobre cidadania e direitos humanos com o contributo da A25A

NO ANO LETIVO DE 2018/2019, as Escolas Básicas e Secundárias de Carcavelos e Ibn Mucana, em Alcabideche, acolheram o projeto Abril Hoje. Na Ibn Mucana, a assembleia de delegados de turma dos 9.º, 11.º e 12.º anos de escolaridade decidiram trabalhar três temas ao longo do ano letivo: os Direitos Humanos e as questões da violência de género, incluindo no namoro, o Ambiente e a Literacia Política. Procederam ainda à eleição da comissão coordenadora do projeto, constituída por três alunos voluntários de cada ano.

No Dia Internacional dos Direitos Humanos e na celebração dos 70 anos da Declaração Universal, a A25A foi convidada a dinamizar sessões em ambas as escolas sobre o tema do direito à vida, da liberdade e da segurança pessoal, para cerca de cinco centenas de alunos dos 9.°, 11.° e 12.° anos. Em Carcavelos foi aplicado um inquérito sobre Direitos e Liberdades a mais de uma centena de alunos do 10.° ano e os resultados mostraram uma clara insatisfação relativamente à Justiça, à descriminação e ao ambiente.

A escola de Carcavelos solicitou o apoio da A25A no tratamento do tema Instituições e Participação Democrática, um dos domínios da Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania. Para isso, a A25A elaborou o projeto Abril Hoje - Instituições e Participação Democrática, apoiado por um conjunto de fichas de trabalho De Cravo ao Peito com sugestões para o debate dos temas relevantes para aquele domínio.

A primeira assembleia do Abril Hoje na Ibn Mucana contou com a presença do miEM CARCAVELOS FOI APLICADO UM INQUÉRITO SOBRE DIREITOS E LIBERDADES

nistro da Educação, da secretária de Estado Adjunta e da Educação e do presidente da Associação 25 de Abril. Foram apresentados os primeiros trabalhos sobre os temas escolhidos pela assembleia de delegados. A apresentação final do projeto, em que participaram centenas de alunos e dezenas de professores, coincidiu com a comemoração do 45.º aniversário do 25 de Abril e decorreu perante um auditório cheio, com a presença das famílias dos alunos. Sabemos que deu muito trabalho às professoras que dinamizaram e coordenaram o projeto mas estamos certos que ao sentirem o empenho e a alegria de tantos jovens a celebrar Abril e os seus valores, foram plenamente recompensadas. Viveram-se momentos de grande beleza que só são possíveis quando há uma entrega total a algo em que se acredita.

No espírito do projeto Abril Hoje - Instituições e Participação Democrática e a convite da Direção-Geral de Educação, a A25A participou num grupo de trabalho e apresentou uma proposta de Referencial de Educação para o Pré-Escolar e Ensino Básico e Secundário relativo ao domínio Instituições e Participação Democrática da Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania.

SERIGRAFIA DE JOSÉ GUMARÃES





Técnica: Serigrafia s/ papel Fabriano Tiepolo Data: 2019 Dimensão: 90 x 70 cm

Mancha: 76x57,5 cm Tiragem: 199 exemplares Editor: Associação 25 de Abril

Impressor: Atelier Centro Português Serigrafia, Lisboa

Por especial deferência do autor desta obra, foi possível estabelecer condições muito especiais para os Associados da A25A, sendo a relação de preços a seguinte:

- > Valor de venda ao público: 1.200,00€
- > Valor para Sócios da A25A: 900,00€
- > Valor de lançamento, exclusivamente destinado aos Sócios da A25A, com quotização regularizada

e no máximo de 2 exemplares por sócio,cuja inscrição/pagamento tem prazo limitado até 31 de Julho de 2019: 600,00€

Nota: Para cada exemplar da serigrafia, será oferecida uma pasta para transporte/guarda

25 DE ABRIL | 45 ANOS

PALESTRAS SOBRE O 25 DE ABRIL EM ESCOLAS

À semelhança dos anos transactos, respondeu-se aos convites endereçados à A25A por professores dos Ensinos Básico e Secundário para a realização de palestras de divulgação do 25 de Abril, por

ocasião da sua comemoração. A actividade levada a cabo este ano, nos 45 anos do 25 de Abril, está quantificada no quadro seguinte.

Escola	Município	Nº de Turmas	Nº de Alunos	Nº de Professores
Colégio Marista de Carcavelos	Cascais	1	30	1
EB 2,3 Conde de Oeiras	Oeiras	1	27	1
ES Quinta do Marquês - Oeiras	Oeiras	18	460	17
EB 2,3 de Santo António - Parede	Cascais	4	86	5
ES de S. João do Estoril	Cascais	3	102	6
EBS Ibn Mucana - Alcabideche	Cascais	10	250	15
ES Luís de Freitas Branco - Paço de Arcos	Oeiras	6	200	10
EBS da Cidadela - Cascais	Cascais	5	110	6
ES Seomara da Costa Primo - Amadora	Amadora	6	106	6
EB 2,3 Nuno Gonçalves - Lisboa	Lisboa	9	210	25
EB 2,3 Costa da Caparica	Almada	2	47	3
ES Monte da Caparica	Almada	1	21	1
TOTAIS	5	66	1649	96

Realizaram esta actividade: Nunes Pereira, Arménio Fidalgo, Caldeira Santos, Nunes Curado, Jorge Bettencourt e Carlos Costa. Cabe agradecer publicamente, aqui, aos professores que efectuaram os convites. Cabe também anotar o inegável interesse e a inegável atenção com que os alunos têm escutado as palestras. A

amostra dos últimos anos – com milhares de alunos e centenas de professores envolvidos – permite apontar no sentido do recrudescimento do interesse pelo 25 de Abril nestas e noutras escolas destes municípios.

M.S.T.

2.ª REGATA 25 DE ABRIL PARA CRUZEIROS



Competiram 37 veleiros repartidos pelas classes que a ANC tem definidas. A largada deu-se em Belém

No estuário do Rio Tejo assinalou-se ao aniversário da Revolução com a 2.ª regata 25 de Abril para cruzeiros. A organização foi da ANC – Associação Nacional de Cruzeiros, com o apoio do CSP - Clube Sportivo de Pedrouços e o patrocínio da A25A

M. SIMÕES TELES

COM VENTOS A SALTAR entre leste e nor-nordeste, com intensidade entre 15 e 20 nós, céu com algumas nuvens altas, proporcionou-se um belo dia de vela. Competiram 37 veleiros repartidos pelas classes que a ANC tem definidas. A largada deu-se em Belém. Seguiu-se uma popa,

um largo e bolinas. Além de em Belém e em Pedrouços, foram rondadas boias na Trafaria e em Caxias. Acederam ao convite para participar na regata quatro jovens de escolas secundárias de Paço de Arcos e de Carcavelos que embarcaram no "Trovoada VI" de Paulo Xavier.



A entrega de prémios foi acompanhada por beberete e convívio no pavilhão da ARVC- Associação Regional de Vela do Centro. Os presidentes das direcções da ANC e do CSP, Paulo Xavier e Hugo Rodrigues, respectivamente, intervieram congratulando-se com esta iniciativa da A25A, que teve em Nunes Pereira o seu fautor



Com ventos a saltar entre leste e nor-nordeste, com intensidade entre 15 e 20 nós, céu com algumas nuvens altas, proporcionou-se um belo dia de vela

VENCEDORES

Classe	Nome do barco	Clube	Timoneiro
ANC A	Blu	ANL	Pedro Soveral Rodrigues
ANC B	Ventosga	CNL	Leonel Carvalho
ANC D	Match 2	ANL	Luis Castel Branco
ANC E	Sete Mares	CSP	Pedro Pinho

ANL-Associação Naval de Lisboa; CNL-Clube Naval de Lisboa; CSP-Clube Sportivo de Pedrouços

A entrega de prémios foi acompanhada por beberete e convívio no pavilhão da ARVC-Associação Regional de Vela do Centro. Os presidentes das direcções da ANC e do CSP, Paulo Xavier e Hugo Rodrigues, respectivamente, intervieram congratulando-se com esta iniciativa da A25A, que teve em Nunes Pereira o seu fautor. Pelo CSP foi oferecido à A25A uma gravura em madeira com um casco de embarcação embu-

tido. Por sua vez, Martins Guerreiro sublinhou a atenção que o desporto merece por parte da A25A, como o atestam a organização da Corrida da Liberdade e a organização da Festa Jovem ao longo de décadas e, nos últimos anos, a organização da Festa Jovem da Linha e da Festa Náutica Jovem, em Oeiras e Cascais.

TRADIÇÃO COMEÇA A MANDAR

Em Paço de Arcos comemorou-se o 45.º aniversário num almoço-convívio muito animado numa iniciativa conjunta da Associação 25 de Abril, com a RCO-Rede de Cidadania de Oeiras e a MAPA-Associação Cultural de Oeiras

A TRADIÇÃO COMEÇA a mandar. Mais um ano e o restaurante Nova Morada em Paço de Arcos voltou a acolher três dezenas e meia de convivas locais para comemorar Abril e falar de Abril. Juntaram-se representantes da Plataforma Cascais, da Vamos Salvar o Jamor e da APRe-Oeiras, bem como o membro da Assembleia de Freguesia Carlos Oliveira.

Antes de comer trabalhou-se um pouco. Lúcia Faria deu conta da iniciativa que conduziu à representação da peça de teatro "Todos ou Nenhum" no e pelo IFICT-Instituto de Formação, Investigação e Criatividade Teatral, tendo João Menino Vargas, o autor, proferido, a propósito oportunas palavras. Teresa Gago forneceu informações sobre os últimos desenvolvimentos do processo de discussão pública de revisão da Lei de Bases da Saúde, em curso, alertando não estar ainda clarificada e assumida a natureza complementar da intervenção de empresas privadas no sistema de saúde nacional (bem pelo contrário), tendo sido referido também por outros a incongruência que consiste em ceder a

CARLOS BRANCO DEU A
CONHECER AS DILIGÊNCIAS QUE
TÊM SIDO FEITAS NA DEFESA DA
PRESERVAÇÃO DO VALE DO JAMOR
PARA USUFRUTO DA POPULAÇÃO

gestão de hospitais públicos a empresas privadas tidas por concorrentes à luz da lei vigente. Carlos Branco deu a conhecer as diligências que têm sido feitas na defesa da preservação do vale do Jamor para usufruto da população junto de organismos de tutela do Ambiente e do Ordenamento do Território e convidou os presentes a manterem-se a par desse processo. No período final, Cármen Sanches pela RCO e Simões Teles pela A25A enumeraram as iniciativas que foram realizadas na Linha pelas respectivas organizações no ano que se estava a fechar. O convívio foi encerrado com canções de Abril cantadas e acompanhadas à viola por João Paulo Oliveira.



O convívio foi encerrado com canções de Abril cantadas e acompanhadas à viola por João Paulo Oliveira

94 O REFERENCIAL OF R

CONVÍVIO DE OFICIAIS NO PORTO

Algumas dezenas de oficiais do Norte do país, com familiares, assinalaram o 45º aniversário da Revolução num alegre jantar, rememorando a efeméride e aproveitando para conviver. O desfile pelas artérias da cidade, na tarde de 25 de Abril, foi o ponto alto das comemorações, apesar da chuva...

COMO VEM SENDO tradição, de há muitos anos a esta parte, algumas dezenas de oficiais do norte do país, com familiares, juntaram-se num alegre jantar no dia 25 de Abril, rememorando a efeméride e aproveitando para conviver muitos dos quais praticamente só se encontram nesta altura do ano.

Houve momentos de poesia dita pelas duas Fátimas, a do Castro Carneiro e a do Antero. Seguiu-se uma prosa do David Martelo que, como de costume, deliciou os ouvintes (ver texto mais abaixo).

PROSA DE DAVID MARTELO

"Nas palavras que aqui proferi no jantar de há um ano, recordei a Dimensão Geopolítica do 25 de Abril e aflorei o mundo de preocupações que, já então, abalavam os regimes democráticos ocidentais. Pretendi, entre outras evocações, destacar a importância histórica do 25 de Abril num contexto global, acrescentando à celebração de mais um aniversário o justo orgulho que sentimos pelo impacto internacional do

acontecimento de que fomos pioneiros.

Todavia, à medida que nos afastamos dos acontecimentos de 1974 e 1975, e que o peso desse distanciamento se soma ao nosso envelhecimento e à saudade dos que entretanto partiram, não é menos verdade que os motivos de orgulho de que atrás falei permanecem elevados e, até, com justificada tendência para aumentar. De facto, nos dias que correm, é quase impossível ficar indiferente ao espectáculo político, burlesco e algo pueril, proporcionado pelo processo de saída do Reino Unido da União Europeia, ao qual vimos designando por Brexit. Na pátria da mais velha democracia europeia e da afamada fleuma britânica, a demonstração de incapacidade e falta de previsão exibidas pelas forças partidárias são já um marco de incompetência e má-fé merecedor de figurar, futuramente, em todos os manuais de ciência política.

O mais difícil de compreender é a circunstância de toda esta formidável demonstração de insanidade política ocorrer num cenário onde nenhuma turbulência ou estado de emergência obrigava a



decisões precipitadas, susceptíveis de erros graves, como sucede, por vezes, quando se não conseguem avaliar todas as consequências – e muito menos as consequências das consequências.

Analisar este colapso, totalmente interno e auto-infligido, permite que recuemos 45 anos e lancemos um olhar de sentido desvanecimento para a gigantesca tarefa – quando comparada com o Brexit – a que metemos ombros naquela madrugada de Abril, a que agora poderíamos alcunhar de Guerrexit e Ditadurexit. Sem experiência política, com o país em guerra, com a necessidade de promover a paz enquanto fervia na Metrópole a ameaca de um conflito civil, podemos hoje constatar que, enquanto no Reino Unido passaram três anos sem se alcancar uma forma de saída da União Europeia, o Povo Português e o Movimento das Forças Armadas conseguiram, em menos de dois anos, fazer a paz, acordar a independência dos territórios ultramarinos, acolher centenas de milhar de deslocados vindos desses territórios Viva o 25 de Abril!"

e aprovar, democraticamente, a Constituição da República que consagrou o regime saído do Movimento dos Capitães.

Tratou-se de uma vitória plena de espinhos sofrimentos, espécie de nova passagem do Bojador, durante a qual, como disse Fernando Pessoa, não poucas vezes tivemos que passar além da dor, para podermos, à pergunta de se valeu a pena, responder uma vez mais que tudo vale a pena se alma não é pequena.

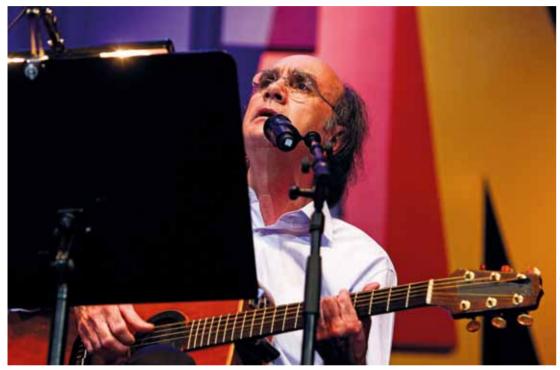
Concluindo, se é certo que, com o passar dos anos, vão diminuindo os capitães que aqui podem estar fisicamente presentes, também é verdade que a história se vai encarregando de atestar, com crescente veemência, que a devolução da Liberdade feita ao Povo Português constituiu uma empresa de gente de alma grande e digna de eterna memória.

DESFILE NA CIDADE

Para terminar, cantou-se a Grândola e o Hino Nacional.

O desfile pelas artérias da cidade, na tarde de 25 de Abril, foi, como é da tradição, o ponto mais alto das comemorações. Mas, este ano, S. Pedro pregou a partida, devíamos ter-nos entregue a S. João – padroeiro da cidade –, e assim fomos contemplados durante todo trajeto com uma valente carga de água.

Chegados à Praça da Liberdade deparámos com muito pouca gente, o que impediu que fosse lida a mensagem da nossa Associação pelo nosso representante, o consócio João Ambrósio.



Juntaram-se música e revolução, com Fausto Bordalo Dias, os seus músicos e uma orquestra dirigida pelo maestro Cesário Costa, num alinhamento com arranjos originais de Filipe Raposo

FESTA DE FAUSTO

Aquele que é um lugar de Abril, por excelência, encheu-se na noite de 24 de Abril para celebrar os 45 anos da Revolução ao som de Fausto Bordalo Dias. Foi uma noite mágica já que os seus concertos, tal como a sua obra e o 25 de Abril, estão em permanente renovação NO FINAL DE UMA tarde de chuva intensa, varrida a vento, a encharcar tudo e todos, houve festa na Praça do Comércio, em Lisboa, para celebrar o 45.º aniversário da Revolução de Abril. Juntaram-se Música e Revolução, com Fausto Bordalo Dias, os seus músicos e uma orquestra dirigida pelo maestro Cesário Costa, num alinhamento com arranjos originais de Filipe Raposo. E, tratando-se de Fausto, seria de esperar (como se confirmou) que o alinhamento proposto tivesse um fio condutor que não desmerecesse os que têm pautado os seus concertos e discos.

O que fez Fausto? Não deu primazia aos seus discos que mais reflectem o 25 de Abril (até por terem sido editados em 1974 e 1975, *Pró Que Der e Vier e Um Beco Com Saída*) mas sim aos que mais reflectem sobre o 25 de Abril: *O Despertar dos Alquimistas* (1985) e *A Ópera Mágica do Cantor Maldito* (2003).

Para os que insistem em tratá-lo com se fosse homem-de-um-disco-só, acorrentando-o à incontestável excelência de Por Este Rio Acima (1982), a experiência da Praça do Comércio na noite de 24 de Abril foi deveras gratificante. Primeiro com o som, ainda em off, do "arrombamento" na introdução de 'O redil' (que abre a Ópera), depois com a belíssima peça orquestral que é A memória dos dias, que nos seus 12 minutos nos devolve o sobressalto da Revolução que se esvaía ("Acordaste em sobressalto/ do teu sonho meio ferido/ (...)/ soçobrado na ideia/ mais ou menos dolorosa/ que te negavam medonhos/ o teu plano cor-de-rosa"). Se já soava superlativa no disco, com Mário Laginha ao piano mais so-

O QUE FEZ FAUSTO? NÃO DEU PRIMAZIA AOS SEUS DISCOS QUE MAIS REFLECTEM O 25 DE ABRIL (ATÉ POR TEREM SIDO EDITADOS EM 1974 E 1975, PRÓ QUE DER E VIER E UM BECO COM SAÍDA) MAS SIM AOS QUE MAIS REFLECTEM SOBRE O 25 DE ABRIL: O DESPERTAR DOS ALQUIMISTAS (1985) E A ÓPERA MÁGICA DO CANTOR MALDITO (2003)

pros, cordas, metais e coros, ganhou ali, com a orquestra, uma respiração grandiosa.

E depois a viagem seguiu certeira, recuando aos primórdios (Daqui, desta Lisboa), pesando a passagem dos anos (Atrás dos tempos outros tempos vêm), revendo as aventuras e desventuras por terras e mares (Lembra-me um sonho lindo, Na ponta do cabo, Aproximação à terra), cantando o enlevo da Europa (Foi por ela, Ali está a cidade, Lusitana). Parando amiúde na Ópera ou nos Alquimistas.

É surpreendente como muito do que ali está soa tanto a novo, seja num antigo gira-discos ou numa praça a recompor-se da chuva para uma noite memorável. O concerto de Fausto integrou o programa Abril em Lisboa, que celebrou os 45 anos da Revolução dos Cravos. (Com uma vénia ao jornalista Nuno Pacheco do jornal *Público*)



Daniela Maia, neta de Salgueiro Maia, leu um poema escrito pela sua mãe, Catarina Maia, no Dia do Pai, onde presta uma sentida homenagem ao Capitão

VIDA FESTEJADA NO JARDIM DOS CRAVOS

O Tributo ao Capitão de Abril Fernando Salgueiro Maia realizou-se a 3 Abril, no dia em que se assinalava o 27.º aniversário da sua morte, cerimónia que também evocou o 45.º aniversário da Revolução

SANTARÉM PRESTOU TRIBUTO a Salgueiro Maia, o Capitão de Abril falecido precocemente a 3 de Abril de 1992.

A cerimónia de homenagem ao Herói de Abril, integrada nas Comemorações do 25 de Abril, realizou-se no mesmo dia em que se assinalava a data da sua morte, e contou com a participação de Ricardo Gonçalves, presidente da Câ-

mara Municipal de Santarém (CMS), Joaquim Neto, presidente da Assembleia Municipal de Santarém, Inês Barroso, vice-presidente da CMS, Jorge Rodrigues, Ricardo Gonçalves Rato e Sofia Martinho, vereadores da CMS, Carlos Marçal, presidente da União de Freguesias da Cidade de Santarém, coronel Carlos de Matos Gomes, da Associação 25 de Abril, João Luiz Madeira Lopes, presidente da Comissão das Comemorações do 25 de Abril, Natércia Maia e Daniela Maia (mulher e neta de Salgueiro Maia, respectivamente), e Augusto Bento Raposeiro, ex-furriel miliciano que participou na Revolução do 25 de Abril, para além das dezenas de pessoas que se associaram ao evento. As honras militares estiveram a cargo dos Clarins da Repartição de Bandas e Fanfarras do Exército, acompanhados por uma secção de homens do Regimento de Manutenção do Entroncamento. Daniela Maia, neta de Salgueiro Maia, leu um poema escrito pela sua mãe, Catarina Maia, no Dia do Pai, onde presta uma sentida homenagem ao Capitão, que faleceu precocemente a 3 de Abril de 1992.

Augusto Bento Raposeiro e Carlos de Matos Gomes fizeram uma viagem no tempo para recordarem a valentia exemplar de Salgueiro Maia, com destaque para os momentos que marcaram a Revolução do 25 de Abril de 1974.

A homenagem terminou com a tradicional deposição de flores, junto à estátua de Salgueiro Maia, pelo Município de Santarém, pela Comissão das Comemorações Populares do 25 de Abril, pela Secção, pelos Amigos de Salgueiro Maia e pela Associação Salgueiro Maia.

PALAVRAS DE MATOS GOMES

"Estou aqui na honrosa qualidade de representante da Associação 25 de Abril. Com o primeiro encargo de transmitir as mais vivas e sentidas saudações da parte do seu presidente, coronel Vasco Lourenço, da sua direcção e dos seus associados a todos os que se reuniram nesta cidade

COMO PORTUGUÊS **DEVO AO FERNANDO SALGUEIRO MAIA O 25 DE** ABRIL. A DEMOCRACIA **OUE PERMITE EXPRIMIR** A VONTADE COLECTIVA **EM LIBERDADE, O FIM** DA GUERRA COLONIAL. DO SACRIFÍCIO DE UMA GERAÇÃO MUTILADA, **DE UMA GERAÇÃO EMIGRADA, DE UMA** NAÇÃO OSTRACIZADA DO CONVÍVIO INTERNACIONAL, FORA DA HISTÓRIA

para homenagear Fernando Salgueiro Maia, um dos nossos, o melhor dos nossos.

Estou aqui, a vários títulos. E o primeiro é, e permitam-me que o refira, a título pessoal. Conheci o Fernando Salgueiro Maia nos primeiros anos do liceu, no Colégio Nun'Alvares de Tomar, teria eu onze anos e ele doze. Lembro-o de cabelo em corte de escova a passar à minha porta com a sua pasta de livros. Partilhámos a Academia Militar em anos sucessivos, depois estivemos em Moçambique, em Montepuez, e depois na Guiné. Partilhámos as primeiras reuniões do Movimento dos capitães em Bissau, a assinatura da carta que foi enviada às autoridades de então e que constituiu o primeiro ato de insubordinação colectiva dos militares.



Matos Gomes fez uma viagem no tempo para recordar a valentia exemplar de Salgueiro Maia, com destague para os momentos que marcaram a Revolução dos Cravos

Participámos numa das mais violentas batalhas da Guiné, a operação Ametista Real e a rutura do cerco a Guidage, em que o Fernando Salgueiro Maia revelou as mais altas virtudes militares como combatente e comandante, levando a sua companhia a regressar aos teatros de operações quando já estava preparada para embarcar no final da comissão. Uma extraordinária acção, que só um militar extraordinário levaria a cabo, como ele fez. Prelúdio do extraordinário feito de armas na História Militar de Portugal – e não se trata

de exagero panegírico – que ele conduziria no dia 25 de Abril de 1974, primeiro no Terreiro do Paço e depois no Largo do Carmo. A sua acção está documentada, mas nunca é demais salientar a coragem, a serenidade e o sentido do tempo de Fernando Salgueiro Maia: um tiro, uma ordem mais intempestiva, um gesto e tudo se podia precipitar. Só o sentido do momento, das condições e também só uma enorme confiança em si e nos seus homens permitiriam a um comandante aguentar o desgaste físico

e psicológico dos enfrentamentos na Ribeira das Naus e na Rua do Arsenal e, mais tarde, no Largo do Carmo, um barril de pólvora carregado de pessoas que podia explodir a qualquer momento, com consequências inimagináveis. O Fernando Salgueiro Maia merece a admiração de todos os militares porque se colocou no mais alto grau da maestria do comandante em condições extremas de risco e dificuldade. Não há, não conheço uma situação semelhante na História Militar Portuguesa. Fernando Salgueiro Maia orgulha-me na condição de militar. É o segundo motivo porque me honra tanto estar aqui e ter esta oportunidade de o evocar. Por fim, além do amigo, além do militar, estou aqui como português. Como português devo ao Fernando Salgueiro Maia o 25 de Abril, a democracia que permite exprimir a vontade colectiva em liberdade, o fim da guerra colonial, do sacrifício de uma geração mutilada, de uma geração emigrada, de uma nação ostracizada do convívio internacional, fora da História. Devo-lhe, devemos-lhe tudo isto a ele, como expoente que representa todos os militares – e foram muitos – que ao longo dos anos de ditadura se bateram pela liberdade.

Lembro aqui os militares revoltosos dos anos 20, os deportados para a Madeira, os Açores, as colónias, os da abrilada de 47, os da revolta da Mealhada, os da revolta da Sé, os do golpe Botelho Moniz, os do assalto a Beja e, por fim os capitães de Abril, os que aqui em Portugal e nas Colónias souberam interpretar o tempo da história e os desejos do seu Povo.

Para terminar, diria que Fernando Salgueiro Maia representa, configura, os capitães de Abril FERNANDO SALGUEIRO
MAIA REVELOU AS
MAIS ALTAS VIRTUDES
MILITARES COMO
COMBATENTE E
COMANDANTE, LEVANDO
A SUA COMPANHIA
A REGRESSAR AOS
TEATROS DE OPERAÇÕES
QUANDO JÁ ESTAVA
PREPARADA PARA
EMBARCAR NO FINAL DA
COMISSÃO

e, nele se reúne o que poderemos designar como o corpo militar genuinamente patriótico, que deu a força ao povo para este ter voz. Portugal teve a sorte histórica de encontrar uma geração de militares, os 'Capitães de Abril', nos postos chaves das suas Forças Armadas, prontos, política e militarmente amadurecidos, para o defenderem num momento dramático da sua secular história. Portugal teve a sorte histórica de dispor de Fernando Salgueiro Maia nos momentos e nos locais decisivos.

Por aquilo que ele foi, por aquilo que lhe devemos.

Viva Fernando Salgueiro Maia Vivam os capitães de Abril Viva Portugal".

CASA DA CIDADANIA SALGUEIRO MAIA



O espólio de Salgueiro Maia é testemunho desses dias, da madrugada que esperávamos e de onde emergimos da noite e do silêncio, como disse Sophia de Mello Breyner

Em Castelo de Vide as comemorações do 45.º aniversário da Revolução foram assinaladas com o lançamento da primeira pedra de um equipamento a ser erguido em memória do Herói de Abril que avançou para Lisboa para defender uma causa, fazendo, como disse, "o que tinha de ser feito", para acabar "com o Estado a que chegámos". Foi no dia 25 de Abril na presença da secretária de Estado da Cultura que, perante as autoridades e o Povo local, leu o texto que se segue

ÂNGELA FERREIRA*

HOJE ABRIL VOLTA a cumprir-se com o arranque de um projeto fundamental para o País. A Casa da Cidadania Salgueiro Maia começa a nascer com o lançamento da primeira pedra e, com ela, seguram-se alicerces e cimenta-se a memória da Revolução dos Cravos, momento maior e início da nossa história moderna e democrática. Com este projeto, honramos o Capitão Sem Medo, o herói de Abril que nunca reclamou protagonismos, avançando para Lisboa e defendendo uma causa, fazendo, como disse, "o que tinha de ser feito", para acabar "com o Estado a que chegámos". Castelo de Vide viu Salgueiro Maia nascer. E nesta casa no Castelo, monumento nacional, poderemos mostrar Abril às gerações mais jovens, aos que já nasceram em liberdade e que, graças à Revolução dos Cravos, estão distantes das limitações, prisões e entraves de uma sociedade que vivia às escuras, no medo e em silêncio.

É nossa responsabilidade contar a História. É nossa responsabilidade recordar aos mais novos como era viver numa Ditadura.

O espólio de Salgueiro Maia é testemunho desses dias, da madrugada que esperávamos e de onde emergimos da noite e do silêncio, como disse Sophia de Mello Breyner.

Este conjunto de objetos notáveis da história recente de Portugal vai estar ao alcance dos cidadãos, contando a nossa história a quem nos visita. Traz também a Castelo de Vide um novo foco de interesse, dinamizando a região, atraindo novos visitantes e, seguramente, muitos alunos das nossas escolas que vão poder ver a granada que Sal-

ABRIL TROUXE-NOS O
MUNDO. DEVEMO-LO A
HOMENS E MULHERES
QUE FIZERAM O QUE
TINHA DE SER FEITO PARA
RECUPERAR O SEU PAÍS

gueiro Maia levava na mão quando avançava na rua do Arsenal, o megafone com que foi dando as instruções ao longo do dia ou a farda que usava. Não poderíamos celebrar da melhor forma os 45 anos do 25 de Abril e os 75 anos do nascimento de Salgueiro Maia.

Este foi um projeto apoiado desde a primeira hora pelo Ministério da Cultura, através da Direção Regional de Cultura do Alentejo, e mais uma vez, mostra como o diálogo e a colaboração entre a Administração Central e Local são fundamentais — diria mesmo, vitais. O município precisava de um espaço e com a instalação da Casa da Cidadania Salgueiro Maia no Castelo, ganhámos também uma oportunidade para recuperar parte significativa deste monumento. É nossa prioridade estimular centros de interesse cultural em todo o país, usando a Cultura como afirmação e preservação da nossa identidade. É um instrumento de coesão territorial, que aproxima cidadãos, reduz assimetrias.

Abril trouxe-nos o mundo. Devemo-lo a homens e mulheres que fizeram o que tinha de ser feito para recuperar o seu país. Hoje prestamos homenagem a tudo o que fizeram pelas gerações futuras, para que pudéssemos estar aqui hoje a celebrar este Dia da Liberdade.

*Sec. Estado da Cultura



Esta deslocação a Toronto foi efectuada a convite da Associação Cultural 25 de Abril, Núcleo Salgueiro Maia. e decorreu entre 22 e 29 de Abril.

COM A ALMA PRESA EM PORTUGAL

25 de Abril em Toronto, Canadá. Portugueses comemoraram o 45.º aniversário da Revolução com orgulho. Durante vários dias realizaram-se actividades que juntaram toda a comunidade lusa em comunhão com os concidadãos do País de origem

NUNO SANTOS SILVA

REDIGIR ESTE ARTIGO envolve uma apreciável dose de responsabilidade e, por isso mesmo, só pode ser feito como se se tratasse de um depoimento pessoal.

A responsabilidade advém da circunstância de conseguir (ou tentar) reproduzir com fidelidade os acontecimentos e os sentimentos associados à presença em Toronto partilhando o 25 de Abril com a numerosa comunidade portuguesa que lá vive e trabalha.

O título dado a este artigo revela que tendo a alma presa a Portugal, os sentimentos associados a este "aprisionamento" possam ter, afinal, grande afinidade com a liberdade e a sua proclamação, independentemente do tempo e do local onde se manifestam.

Esta aparente contradição esclarece-se quando se está em Toronto e se convive com a nossa comunidade aí residente e se compreende o enorme apego a Portugal e ao forte sentimento de comunhão com os valores da nossa identidade e com o 25 de Abril como contributo para essa identidade. Presente o sentimento de que o 25 de Abril, mesmo à distância de 45 anos e de vários milhares de quilómetros não é apenas um facto histórico e impessoal que justificam, como muitos outros, celebração.

Muitos de nós participámos na construção de um 25 de Abril à dimensão da nossa concepção de vida em sociedade que o afastamento do território nacional não impede de sentir e partilhar.

Este encontro, neste e noutros 25 de Abril que o antecederam, neste e noutros locais é, antes de

O 25 DE ABRIL, TEM-ME,
AO LONGO DESTES ANOS,
PROPORCIONADO, POR
DEVER DE "OFÍCIO", A
DIVULGAÇÃO DESTES
ACONTECIMENTOS, QUE
MARCARAM DE FORMA
DEFINITIVA A HISTÓRIA DO
NOSSO PAÍS E A PRÓPRIA
HISTÓRIA DA NOSSA
EFÉMERA EXISTÊNCIA

mais, um apelo à memória, mas é também reviver os sentimentos e as emoções que marcaram profundamente a nossa própria vida e a vida do nosso país. Os sonhos que acalentámos e a sua recriação. Esta deslocação foi efectuada a convite da Associação Cultural 25 de Abril, Núcleo Salgueiro Maia e decorreu entre 22 e 29 de Abril.

Durante alguns anos o Carlos Morgadinho, enquanto presidente da Associação, trazia até um de nós o convite para a estadia no Canadá e celebrar em Toronto o 25 de Abril. Algumas vezes me dirigiu esse convite mas nunca me foi possível aceitá-lo. Desta vez, já com a presidência da Associação entregue ao Rogério Vieira, foi reafirmado o convite que, honrado com a distinção, em boa hora, aceitei.

O Carlos Morgadinho, como referi, já havia entregue a presidência ao Rogério Vieira que, com o mesmo entusiasmo, saber e dedicação continua, junto da comunidade portuguesa, a promover iniciativas de natureza cultural, de entre as quais se destaca a celebração do 25 de Abril.



Quando se está em Toronto e se convive com a nossa comunidade aí residente, compreende-se melhor o enorme apego a Portugal e ao forte sentimento de comunhão com os valores da nossa identidade e com o 25 de Abril como contributo para essa identidade

CARLOS MORGADINHO

O Carlos Morgadinho, cujo recente falecimento pôs termo a uma vida dedicada a Portugal e à nossa comunidade, foi um dos grandes impulsionadores da iniciativa que é, a todos os títulos notável. Associar toda uma comunidade de portugueses para a ideia de celebração, contando com a presença de alguém que tenha tido participação directa nos acontecimentos e custear as despesas associadas a esta "importação" é bem expressivo do empenhamento que representa a

Entrevista televisionada na estação emissora deslocação de muitos de nós até Toronto.

Acresce ainda referir a hospitalidade com que somos recebidos que nos permitiu, ao longo do período de estadia, conviver com outros portugueses e sentir a forma entusiástica e afectiva como agradecem a nossa presença.

O 25 de Abril, tem-me, ao longo destes anos, proporcionado, por dever de "ofício", a divulgação destes acontecimentos, que marcaram de forma definitiva a história do nosso país e a própria história da nossa efémera existência. O que foi feito perdurará muito para além das fronteiras da nossa existência física.

Enquanto narrador desta experiência, são

inúmeras as vezes que representei a A25A em escolas, em autarquias, em associações cívicas e em conferências. Durante o tempo de estadia em Moçambique, que se prolongou por dez anos, sempre me associei, de forma activa e interveniente, à nossa comunidade nesta celebração, mas a experiência e a estadia em Toronto têm, por muitas razões, carácter único.

À chegada foi-me distribuído a programação da minha estadia que, para além das refeições (em si próprias actos de convívio e de grande qualidade gastronómica) e de algumas incursões turísticas, envolvia participações mais formais, a saber:

- ► Entrevista televisionada na Rádio Camões, conjuntamente com o Miguel Domingos (membro da Direcção da A25A Toronto)¹;
- Entrevista radiofónica na Rádio CHIN, também com o Miguel Domingos;
- Entrevista televisionada no Programa "Gente da Nossa":
- CityTV;
- Também na Rádio Camões, participação numa mesa redonda com o Rogério Vieira da A25A, um elemento representativo da Liga dos Combatentes e Augusto Bandeira ex-presidente de uma outra associação cultural portuguesa²;
- Visita ao sindicato, Liuna Local 183, sindicato, associado da nossa UGT e presidido por um português, acompanhado pelo Rogério Vieira;
- Visita à Câmara Municipal de Toronto, onde a luso canadiana Ana Bailão é vice-presidente;
- Romagem à lapide erigida em homenagem a Aristides de Sousa Mendes no parque infantil da zona judaica da cidade.

JANTAR DE ABRIL

Este conjunto de actividades foi encerrado com um iantar celebrando o 25 de Abril.

Este jantar, com cerca de duzentos participantes, reuniu um expressivo número de portugueses radicados na cidade de Toronto e constituiu um momento alto destas comemorações com uma manifesta participação da comunicação social a quem concedi, em cima do acontecimento, mais três entrevistas. Este jantar contou com a fugidia participação do cônsul que se procurava dividir com um outro jantar da Liga dos Combatentes e com a assistência ao concerto da Marisa.

O jantar foi animado com a participação da Luso Cantuna, da Banda do Sagrado Coração de Jesus, do tenor Miguel Domingos e do cantor popular Victor Martins.

Ocorreram várias intervenções de convidados entre os quais um discurso feito por mim em nome da A25A do qual cito um excerto:

Os anos passam, a vida flui naturalmente, cresceram e tornaram-se homens e mulheres os nossos filhos, temos netos, evidência de outras e novas gerações que nos sucedem, embranqueceram os nossos cabelos, esmoreceu a nossa energia vital, arcamos com o peso de mais umas dezenas de anos, mas amadurecemos a visão do que nos rodeia e consolidámos as nossas fidelidades a ideais.

A vida flui naturalmente, mas a memória dos factos transcendentes mantém-se viva.

Persistente.

Ao reafirmar a persistência do 25 de Abril, reafirmamos os sonhos e as aspirações que com ele

O CARLOS MORGADINHO. **CUJO RECENTE FALECIMENTO PÔS TERMO A UMA VIDA DEDICADA A PORTUGAL** E À NOSSA COMUNIDADE. **FOLUM DOS GRANDES IMPULSIONADORES DA** INICIATIVA QUE É. A TODOS OS TÍTULOS NOTÁVEL

envolvemos o nosso país.

E a alegria

E a esperança.

E o entusiasmo com que quisemos renovar a nossa vida colectiva.

Seria bom que as nossas representações se articulassem no sentido de se associarem no propósito comum de celebrar o 25 de Abril, mas ainda não foi desta que se conseguiu atingir esta consonância.

Foram feitas expressivas referências ao jantar em vários órgãos da imprensa escrita: Correio da Manhã, Sol Português e Milénio.

A concluir, uma palavra de um muito especial agradecimento ao Rogério e à Margarida Vieira, ao Miguel e à Pitty Domingos, cuja inestimável hospitalidade nos proporcionaram estar no Canadá como se estivéssemos na nossa própria casa.

O REFERENCIAL 109 108 O REFERENCIAL

^{1.} https://www.facebook.com/camoesradioty/ videos/443809113021718/?t=679

^{2.} https://www.facebook.com/camoesradioty/videos/973941126270583/

JANTAR COMEMORATIVO DOS TRABALHADORES



O Sindicato dos Trabalhadores das Empresas do Grupo Caixa Geral de Depósitos (STEC), em conjunto com a Comissão de Trabalhadores, realizou em Lisboa um jantar para celebrar os 45 anos da Revolução que contou com a participação da A25A

FERNANDO CAVACO

FOI COM GRANDE PRAZER que aceitei representar a Associação 25 de Abril, na noite de 30 de Abril, na Casa do Alentejo, neste tão agradável jantar comemorativo.

Na véspera, eu havia recebido uma mensagem, em que a Direcção da nossa A25A expressava, por escrito, algumas ideias principais para esta comemoração dos 45 anos da Revolução dos Cravos. Era um texto que falava da nossa utopia, a evocar o desejo da construção de um País mais livre, mais justo e solidário.

Perante um ambiente de camaradagem tão agradável, e depois de ouvir o Mauro Barbosa, representante do Sindicato, e a Isabel Rodrigues, da Comissão dos Trabalhadores, preferi ser eu próprio a refletir, entusiasmado, sobre os pontos tão desafiantes daquela mesma mensagem. A música alentejana do Grupo Pimparralha, com a participação especial do cantor Tiago Serrano, que nos estimulava com frequência, para isso muito contribuiu. Era como se o Zeca Afonso ali estivesse presente! Recordo, agora, precisamente, que foi com a 'Grândola Vila Morena' que o jantar foi encerrado.

A mensagem que referi falava também da necessidade de um *factor de consciencialização*, base fundamental do fortalecimento da nossa identidade nacional. Depois de um agradecimento pelo convite, em nome da A25A e de mim próprio, eu permiti-me começar por dizer que pensava estar em causa, ainda hoje, a necessidade de fortalecer a nossa própria capacidade de *pensamento crítico*. Sem essa capacidade de sabermos dizer *não*, em oportunidade, sem

SE FORMOS CAPAZES
DE CONSTRUIR A NOSSA
PRÓPRIA TERRA
DA FRATERNIDADE,
A NOSSA 'VILA MORENA'...
DESCOBRINDO EM CADA
ROSTO A IGUALDADE...
ACABAREMOS POR
PERCEBER QUE O POVO
SERÁ... QUEM MAIS ORDENA

uma construção interior de valores simbólicos da democracia, sem esconjurarmos o espectro do medo, não poderemos dar a volta às pequeninas crenças populistas que continuam a bloquear o nosso crescimento cultural e social. Essa é uma questão que não é apenas nossa. O populismo nacionalista grassa hoje, com muita força, por todo o mundo e está bem perceptivel, como sabemos, por essa Europa fora. A nossa A25A tudo fará, cá dentro, dizia a mensagem, para que os nossos governantes continuem a resistir às enormes pressões que os falcões não abdicam de praticar...

E eu perguntei, então: como fortalecer o desejo de continuar Abril...? Como vencer os *mercenários da desgraça*, que por cá navegam, continuando a bloquear o nosso Desenvolvimento... o nosso terceiro "D"?

Tudo começa em casa. A crença/cultura populista reforça-se a partir do imaginário infantil do cidadão que apenas tende a só desejar o *ter...* tendo dificuldade em aprender a *ser...* na inscrição interior de um *laço social...* com identi-

dade política própria. É preciso não desarmar, resistir à exploração do *ter...* e passar ao desejo de *ser.* É preciso acordar para dizer *não* ao consumismo, reagindo ao mal-estar da cultura e da civilização. Se formos capazes de construir a nossa própria Terra da Fraternidade, a nossa 'Vila Morena'... descobrindo em cada rosto a Igualdade... acabaremos por perceber que o Povo será... quem mais ordena.

Ou seja: há populismo quando o povo se conserva serviçal e não livre... amante do sebastianismo. Não podemos estar à espera que o desenvolvimento futuro da nossa sociedade civil surja sem a nossa participação. Não podemos aceitar, de braços cruzados, que o futuro nos caia do céu!... É preciso construí-lo... com pensamento crítico. Sabemos que a abstenção... por exemplo... é um inadmissível encolher de ombros...

O fascismo, no passado, nasceu do "deixar andar" que então grassava. Na nossa terra, na Itália, Espanha e na Alemanha. Nasceu da fragilidade e impotência cultural de então. Hoje, podemos estar a viver situações homólogas, por toda a Europa e não só. Precisamos de paixão identitária positiva e adulta. Só assim pode nascer o desejo de construção de laço social.

Tive, também, a oportunidade de revelar ali a minha própria participação na noite 24 para 25 de Abril de 1974. Eu havia conhecido em África, em Cabo Verde, alguns camaradas do Exército. O então coronel Nápoles Guerra e o então capitão Teófilo Bento, camaradas de quem fiquei amigo. Recordei os nossos contactos posteriores e o apoio logístico que tive ocasião de pres-

tar, naquela nossa noite do 25Abril, ao Teófilo e seu cunhado Amílcar. Foi no desenrolar dos acontecimentos turbulentos da semana que se seguiu que tive igualmente ocasião de contactar o coronel Marcelino Marques.

Entretanto, e para que constem em "O Referencial", permito-me terminar a descrição da minha intervenção neste jantar da Casa do Alentejo com algumas considerações pessoais. Considerações que constituem uma análise ligeiramente mais aprofundada do que naquele convivio ficou dito.

CONSIDERAÇÕES PESSOAIS

Como explicar o nosso subdesenvolvimento? Como explicar, ainda hoje, o nosso enorme sebastianismo?

Considero pessoalmente que, por muitos anos, devido a uma série de limitações económicas, sociais e políticas historicamente impostas, as empresas portuguesas foram obrigadas a operar dentro dos estreitos confins de uma economia fechada. Tendo em vista as cadeias de maus hábitos que foram forjadas ao longo dos tempos, muitas dessas empresas encontram ainda hoje extrema dificuldade na implementação das mudanças radicais necessárias para sobreviver no ambiente cada vez mais competitivo provocado pelo processo de globalização em que estamos a navegar.

Esta afirmação é verdadeira tanto para as pequenas e médias empresas como para as grandes empresas nacionais que antes do 25 Abril desfrutaram de um semimonopólio nas suas

especificas áreas de negócio. Muitas delas até já desapareceram.

É certo que o nosso desenvolvimento económico já não se compara com o do passado, mas parece continuar bloqueado pelas limitações das formas tradicionais de fazer negócio. Tem sido um processo longo e árduo, com importantes implicações a nível do capital social, responsabilidade social e crescimento empresarial. O aparelho de Estado não pode deixar de reflectir, dialectiamente, esse bloqueio.

Lembremo-nos da "velha" lei do Condicionamento Industrial, aprovada em 1952. Ela tinha como seu principal objetivo regulamentar burocraticamente o investimento na indústria. Salazar pretendia fazer crer que se tratava de uma forma de reduzir o desperdício desnecessário na alocação de recursos. Contudo, na prática, pretendia sim a construção de barreiras que impedissem a entrada de novas empresas no mercado, instituindo assim um sistema de proteccionismo interno que restringisse politicamente a mobilidade industrial do País. Tratou-se, no fundo, de uma lei que, como um dia alguém disse, veio reforçar a argúcia e a maneira manhosa, neoliberal, de contornar os tradicionais poderes de classe no seio da nossa pequena e grande burguesia.

Permito-me pensar que sem capacidade de identificar corretamente a natureza do trabalho concreto e sem competências de liderança estratégica no antecipar o futuro sobre o negócio em mãos, a actual sociedade civil, como também o próprio Estado, têm vindo a revelar-se incapazes de uma mudança radical deste

E EU PERGUNTEI, ENTÃO:
COMO FORTALECER O
DESEJO DE CONTINUAR
ABRIL...? COMO VENCER
OS MERCENÁRIOS DA
DESGRAÇA, QUE POR CÁ
NAVEGAM, CONTINUANDO
A BLOQUEAR O NOSSO
DESENVOLVIMENTO... O
NOSSO TERCEIRO "D"?

nosso país pequenino, com elevado número de pequenos patrões e diminutos empresários, pouco motivados na modernização industrial, base fundamental do nosso futuro desenvolvimento cultural global.

É minha convicção pessoal que apenas a mudança na nossa capacidade de liderança, empresarial e institucional, pode permitir que os gestores, públicos e privados, se tornem líderes de si mesmos, conduzindo a nossa economia a situações em que possa surgir uma maior descentralização de poderes, com base na confiança possibilitada pela confiança mútua.

Tive, no fim do jantar, uma satisfação suplementar. Entre muitos outros contactos pessoais que se foram estendendo, surgiu uma conversa muito amiga com um funcionário da CGD, que veio agradecer o que ouvira acerca da noite do 25 Abril. Ele havia feito "a tropa" em S. Vicente de Cabo Verde... precisamente como cabo adjunto do camarada e amigo Teófilo Bento, de quem eu havia falado! Noite maravilhosa.

GALIZA FESTEJOU A REVOLUÇÃO



A convite do coronel José Fortes, militar da UMD-União Militar Democrática, o nosso director Martins Guerreiro esteve na Galiza a participar em dois actos comemorativos do 25 de Abril português

Todos os anos os nossos irmãos galegos comemoram o 25 de Abril como algo que lhes está muito próximo e que sentem como seu

MARTINS GUERREIRO

ESTE ANO, a convite do coronel José Fortes, militar da UMD-União Militar Democrática, participei em dois actos comemorativos. No dia 27 de Abril, no município de Ordes, próximo de Santiago de Compostela, realizou-se uma sessão no Museu do Traje perante uma assistência muito interessada. No dia 29, no Polo da Universidade de Vigo, em Pontevedra, houve oportunidade para um longo e animado debate sobre o mesmo tema – "A Revolução Portuguesa e a Transição para a Democracia em Espanha". Assinalei a singularidade e originalidade do processo revolucionário português iniciado pelo MFA no dia 25 de Abril de 1974.

José Fortes realçou a influência do exemplo do MFA na criação da UMD e a sua importância na transição espanhola – "molhar a pólvora do Exército franquista" –, instalando a dúvida sobre o funcionamento da cadeia de comando. Este foi um dos factores que levou a hierarquia militar a não interferir no processo de transição. Tinham consciência que não podiam nem tinham condições para tentar algo semelhante aos capitães portugueses. A memória da guerra civil era muito forte, o golpe de Pinochet no Chile tinha cavado entre a oficialidade rupturas de amizade. Uma acção militar originaria um banho de sangue.

DIA 29, NO POLO
DA UNIVERSIDADE
DE VIGO,
EM PONTEVEDRA,
HOUVE OPORTUNIDADE
PARA UM LONGO
E ANIMADO DEBATE
SOBRE A REVOLUÇÃO
PORTUGUESA
E A TRANSIÇÃO
PARA A DEMOCRACIA
EM ESPANHA

Estabeleceu-se um debate muito vivo sobre as profundas diferenças entre o processo revolucionário português, com completa rejeição pelo MFA e pelo movimento popular do regime ditatorial do Estado Novo, enquanto na transição espanhola, pactuada entre o poder franquista e as forças da oposição, não houve rejeição do franquismo. A evolução do regime democrático, o aprofundamento da democracia e a participação dos cidadãos nos dois países ainda hoje reflecte isso. No caso português, o processo é de ruptura e a dinâmica foi muitas vezes debaixo para cima com forte participação popular; o caso espanhol é um processo institucional de cima para baixo. A sociedade espanhola ainda não conseguiu acertar as contas com o passado franquista.

ABRIL VIVIDO EM VIANA



O Grupo Índice, grupo vianense da década de 1970, brindou os presentes com um largo reportório desde Pink Floyd, aos Beatles. Pelas zero horas, foi cantada 'Grândola Vila Morena' a que se seguiu uma sessão de fogo de artifício

As comemorações do 25 de Abril em Viana do Castelo estiveram a cargo de uma Comissão Promotora que integra associações culturais, desportivas, sociais, moradores, estudantes, e sindicatos, comissões de trabalhadores, juntas de freguesia e outras organizações que contaram com o apoio da Câmara Municipal.

OS MOMENTOS FORTES das comemorações em Viana do Castelo ocorreram nos dias 24 e 25 de Abril, apesar do mau tempo que se fez sentir na cidade de Viana, mas isso não impediu que o programa previsto fosse cumprido na íntegra, o que permitiu festejar os 45 anos da Revolução dos Cravos.

O programa estas Comemorações que se iniciaram no dia 5 de Abril, com a abertura de uma exposição intitulada "45 anos, 45 artistas" com Abril na mesma ocasião foi inaugurada outra exposição "Manifestar Abril" dos alunos do 2.º ciclo do Agrupamento de Escolas do Monte da Ola, que podem ainda ser vistas na Galeria Barca D'Artes, na Rua do Manjovos.

Entre os dias 23 e 30 de Abril, ocorreram sessões de dramatização em Escolas do 1.º ciclo denominadas "Abril vai à Escola", com coordenação e música de Dario Rocha e participação das actrizes Armanda Santos e Antonieta.

No dia 24, foi inaugurada mais uma exposição 25 de Abril na Escola, nos antigos Paços do Concelho. Pelas 22 horas, após ter caído uma forte chuvada, teve início o espectáculo "A Liberdade vai passar por aqui", na Praça da República, e passou mesmo, apesar da noite fria que se fez sentir, onde participaram o Teatro À Margem com recital de poesia, o Grupo Dixie da Zé Pedro Associação Musical, as Cantadeiras do Neiva e finalmente com o reaparecimento do Grupo Índice, grupo vianense da década de 1970, que nos brindaram com um largo reportório desde Pink Floyd, aos Beatles, pelas zero horas, foi cantada 'Grândola Vila Morena' a que se seguiu uma sessão de fogo

DURANTE ESTA QUADRA
FORAM REALIZADOS
DIVERSOS TORNEIOS
DESPORTIVOS
ORGANIZADOS PELA
ASSOCIAÇÃO DE
MORADORES DA COVA
E ASSOCIAÇÃO SOCIAL,
CULTURAL E DESPORTIVA
DA CASA DO POVO DE
MAZAREFES, BEM COMO
SE REALIZOU UMA SESSÃO
CINECLUBISTA, DEBAIXO DO
CÉU, DE NICHOLAS OULMAN

de artifício, com uma bela apresentação de Raquel Amorim, uma vianense da nossa Ribeira, professora do ensino básico.

No dia 25 de Abril, Dia da Liberdade, Dia da Revolução dos Cravos, Dia de Festa, o mau tempo continuou mas permitiu que o programa fosse cumprido. Pelas ruas da cidade tocaram o Grupo de Bombos de São Sebastião de Darque. Na Vila de Darque teve lugar uma Caminhada Solidária a reverter para a Liga Portuguesa Contra o Cancro, bem como a 7.ª Milha Urbana de Darque (Associação Desportiva Darquense). De manhã teve lugar também uma romagem ao Cemitério Municipal para a deposição de uma coroa de flores em homenagem aos que lutaram pela Liberdade.

Teve lugar como habitualmente no refeitório



Luísa Quintela, em representação da Comissão Promotora, para além dos habituais agradecimentos, frisou que "celebramos Abril pelo simbólico, pela história, pela memória, pelos ideais..."

da Escola Secundária de Monserrate o almoço comemorativo, que contou com a presença do representante da A25A, Marques Lopes e representantes dos partidos políticos com assento na

Assembleia Municipal. Na sua intervenção o Militar de Abril procedeu à leitura da Mensagem da Associação 25 de Abril e deu conhecimento onde estava no dia 25 de Abril.

A Comissão Promotora, representada por Luísa Quintela, numa curta intervenção para além dos habituais agradecimentos, frisou que "celebramos Abril pelo simbólico, pela história, pela memória, pelos ideais. Celebramos Abril, por uma Liberdade viva, pela Democracia, por um tempo de humanização".

VIVER COM ABRIL

De tarde, de novo na Praça da República, numa tarde onde o sol chegou a aparecer, novo espectáculo "Viver com Abril", que contou com a participação dos Grupos Folclóricos de Viana e Renascer da Areosa, actuações sempre apreciadas e aplaudidas. Seguiu-se a participação da Escola de Música Amadeus - Dueto com Tânia Vaz Pinto ao piano e voz e Verónica Machado com violino. A tarde fechou com a banda jovem vianense Malaboos.

Durante esta quadra foram realizados diversos torneios desportivos organizados pela Associação de Moradores da Cova e Associação Social, Cultural e Desportiva da Casa do Povo de Mazarefes, bem como se realizou uma sessão cineclubista, "Debaixo do céu", de Nicholas Oulman. Mas estas comemorações não terminaram aqui. Continuaram no dia 26, com a entrega de lembranças a todas as crianças nascidas no dia 25 de Abril, na Unidade Local de Saúde do Alto Minho. No Teatro Sá de Miranda, de manhã. teve lugar a peça "As sete mulheres de Jeremias Epicentro" para público escolar. De tarde, na Escola Básica e Secundária de Arga e Lima do Agrupamento de Escolas de Arga e Lima, teve lugar uma dramatização pelos alunos "Censura

NO DIA 25 DE ABRIL, DIA
DA LIBERDADE, DIA DA
REVOLUÇÃO DOS CRAVOS,
DIA DE FESTA, O MAU TEMPO
CONTINUOU MAS PERMITIU
QUE O PROGRAMA FOSSE
CUMPRIDO. PELAS RUAS
DA CIDADE TOCARAM O
GRUPO DE BOMBOS DE SÃO
SEBASTIÃO DE DAROUE

nas Escolas" e "Pobreza e emigração".

Finalmente, à noite, no Café Concerto do Teatro Municipal Sá de Miranda, uma tertúlia Café com poesia e estórias de Abril, numa organização do Teatro Noroeste/CDV, onde os presentes puderam contar estórias vividas no 25 de Abril, recitar um poema.

No fecho deste programa de comemorações no dia 27, sábado, pelas 12 horas, na Porta Mexia Galvão realizou-se um agradável concerto pelo Coro de Pais da Academia de Música de Viana do Castelo, onde foram interpretados diversos temas de Fernando Lopes Graça, José Afonso, entre outros, sobre a direcção do vianense maestro Vítor Lima.

E assim com ampla participação popular (tirando a noite de 24) findaram as Comemorações do 25 de Abril, em Viana do Castelo, revivendo e vivendo o espírito de Abril.

RV

UM DESIGN PARA A LIBERDADE



Projecto foi desenvolvido em parceria com a Associação 25 de Abril, onde foi apresentado, e com o apoio institucional do Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design (CIAUD) da Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa

Nesta crónica relatamos aquela que é a mais bela história da liberdade portuguesa do século XX, utilizando personagens desenhadas por jovens alunos. No total, são 34 autores, todos estudantes do curso de licenciatura em Design do Produto do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, que desenvolveram o projecto 25-04-74, um design para a liberdade

ERMANNO APARO* E LILIANA SOARES**

COMO UMA CRÓNICA, as narrativas podem sempre ser contadas de modo diferente, criando mais ou menos poesia, articulando a prosa de modo celebrativo, acompanhando as palavras e os compromissos com a música de forma mais ou menos regular. Nas crónicas, as personagens podem ser escolhidas consoante a sua influência na história e de acordo com a realidade que se quer explicar. Por vezes, o protagonista da história é um artista, um profeta ou um herói que se faz ajudar, por um mais co-protagonistas e ameaçar, por um ou mais oponentes.

Desta vez, nesta crónica relatamos aquela que é para nós a mais bela história da liberdade portuguesa do século XX, utilizando personagens desenhadas por jovens alunos de Design de um Politécnico do Norte do País. No total são 34 autores, todos estudantes do curso de licenciatura em Design do Produto do Instituto Politécnico de Viana do Castelo que, ao desenvolverem 34 objetos pretendem não só celebrar e homenagear a Revolução, mas também contar o 25 de Abril de 1974. De modo responsável os alunos foram convidados a se relacionarem com a história recente do País, proporcionando um projeto académico e de investigação aplicada veiculador da mensagem do 25 de Abril de 1974. O projeto, intitulado 25-

COM ESTE PROJETO
ESPERA-SE TRANSFERIR
CONHECIMENTO PARA A
SOCIEDADE ATRAVÉS DA
CRIAÇÃO DE CONEXÕES
ENTRE A CULTURA DO
DESIGN DA ACADEMIA
E O SABER FAZER DAS
ATIVIDADES PRODUTIVAS
LOCAIS

04-74, um design para a liberdade, foi desenvolvido em parceria com a Associação 25 de Abril e com o apoio institucional do Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design (CIAUD) da Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa.

Neste périplo, os alunos abordaram temas como os Capitães de Abril, as músicas da Revolução, o cravo ou, ainda, as cores da Nação e da Liberdade, utilizando-os como base para a criação de objetos de diferentes tipologias, nomeadamente, os acessórios de moda, os brinquedos, os acessórios domésticos ou os objetos para escritório. Ao longo de um semestre os alunos fizeram um percurso de conhecimento articulado entre a revisão biblio-



O presidente da Direcção da A25A, Vasco Lourenço, dedicou uma mensagem especial aos alunos agradecendo o empenho com que comemoraram os 45 anos da Revolução dos Cravos

gráfica em livros e artigos, a visualização de filmes e documentários, mas também beneficiando de encontros e seminários com individualidades que, por motivos diferentes, se relacionam com a Revolução dos Cravos.

Neste projeto a chave de leitura era, evidentemente, política e social, pelo que, de modo consciente, pretendia-se estimular os estudantes para a criação de objetos com um valor iconográfico significativo. Objetos que pudessem, por sua vez, despertar a consciência colectiva acerca do tema do direito à liberdade e, em particular, sobre a história de um movimento que começou nos quartéis militares. Se naquele tempo, a mensagem viajou com as asas da liberdade no meio de um povo que, finalmente, podia festejar e ser livre,

hoje estes objetos relembram às novas gerações a razão daquele momento e a importância daqueles valores, tornando única a Revolução dos Cravos. Com este projeto espera-se transferir conhecimento para a sociedade através da criação de conexões entre a cultura do design da academia e o saber fazer das atividades produtivas locais. A interpretação da memória do País por jovens designers contribui para a sensibilização e a formação de uma nova geração de cidadãos, num momento em que se celebram os 45 anos da Revolução dos Cravos. Por um lado, o projeto viajou com a razão, à procura de formas práticas, objetivas e eficazes possíveis de contar este momento da história nacional. Por outro lado, o projeto avançou com a emoção encontrada nas palavras de quem, de forma mais ou menos direta, viveu aquele período. Deste modo, convidados, amigos e familiares participaram no projeto, oferecendo conteúdos a estes objetos que os nossos alunos materializaram com a ajuda de artesãos da região do Minho. Um processo criativo que permitiu, também, que os artesãos se sentissem felizes e orgulhosos por poderem contribuir no desenvolvimento de um projeto que, por definição, se tornou transgeracional.

TÉCNICAS PORTUGUESAS

Em termos pragmáticos o projeto dos alunos apropriou-se de áreas produtivas como as madeiras, as cerâmicas, as peles, os tecidos, e os metais e recuperou técnicas típicas portuguesas como a talha, os bordados, a latoaria ou a olaria para materializarem a semântica da Revolução. Assim, artistas como Vieira da Silva, Abel Manta ou Júlio Pomar, músicos como José Afonso, Sérgio Godinho ou

Paulo de Carvalho, mas também os Capitães de Abril como Salgueiro Maia, Vasco Lourenço, Melo Antunes ou Otelo Saraiva de Carvalho serviram de inspiração a este projeto académico e de investigação. Em alguns casos, os alunos apoderaram-se de temáticas populares com referência clara quer à florista Celeste Caeiro e aos cravos vermelhos, quer ao povo, àquele povo que foi para a rua gritar pela liberdade.

No dia 23 de Abril de 2019, apenas dois dias antes da data que deu nome ao projeto, os 34 jovens alunos e os docentes que acompanharam o projeto (Ermanno Aparo, Liliana Soares, Jorge Teixeira e Rosa Venâncio), apresentaram os resultados na sede da Associação 25 de Abril, no Bairro-Alto, em Lisboa. Esta foi, igualmente, uma oportunidade para os alunos conhecerem alguns dos protagonistas do momento histórico que serviram de inspiração a este projeto.

De Viana do Castelo até Lisboa, após 45 anos e, desta vez de autocarro, um pequeno exército de criativos foi à Capital para dar voz, corpo e alma à liberdade criativa.

Obrigado!

*docente do curso de licenciatura em Design do Produto do Instituto Politécnico de Viana do Castelo - IPVC

*** docente e coordenadora do curso de licenciatura em Design do Produto do Instituto Politécnico de Viana do Castelo - IPVC

EXPOSIÇÃO DE EMISSORES-RECEPTORES

AO ASSINALAR o 45.º aniversário do 25 de Abril, foi inaugurada na Associação 25 de Abril uma exposição com uma mostra dos emissores-receptores utilizados pelos militares em 1974 durante a Revolução. A organização foi da Associação de Rádios Amadores da Região de Lisboa (ARRLX). Esta exposição integrou também a instalação de um posto emissor que funcionou para todo o mundo no dia 25 de Abril.





Ponte 25 de Abril, uma referência na paisagem portuguesa. São mais de 3 500 ruas e outros locais públicos relacionados com a Revolução dos Cravos

TOPONÍMIA DE ABRIL

Quase não há concelho em Portugal onde escadas ou escadinhas e cantinhos, uma rua ou travessa, rotunda ou avenida, praça ou praceta, largo e jardim, beco, calçada, ou alameda, não tenha pelo menos um nome ligado ao 25 de Abril

PORTUGAL TEM MAIS DE 3 500 ruas e outros locais públicos relacionados com o 25 de Abril, segundo um mapa interativo apresentado pelo Museu Nacional da Imprensa.

Ao todo, segundo a iniciativa "Ruas de Abril", disponível a partir de agora na página do Museu Nacional da Imprensa (www.museudaimprensa.pt) são 3 537 ruas, praças, avenidas, bairros e outros locais, todos "visitáveis" através do mapa interativo da aplicação.

O sistema, desenvolvido em parceria com o Instituto Multimédia e que tem o apoio da Associação

25 de Abril, permite que se percorra todo o país através de topónimos relacionados com a Revolução dos Cravos.

Segundo um comunicado do Museu distribuído após a apresentação, citando o diretor, Luiz Humberto Marcos, cerca de 93 por cento dos concelhos do país têm topónimos relacionados com o 25 de Abril.

Segundo a lista, é precisamente 25 de Abril, a par de 1.º de Maio, o que mais se usa para dar nome a ruas (e outras vias) do país. Em terceiro lugar surge o nome de Humberto Delgado, um militar

que se distinguiu como opositor do Estado Novo, o regime derrubado pela revolução de há 45 anos. Salgueiro Maia dá também nome a muitas ruas de todo o país. Em Valongo, distrito do Porto, é-se mesmo mais preciso: Rua Fernando José Salgueiro Maia.

Dos nomes relacionados com a revolução e que também são muito escolhidos figuram ainda José Afonso, músico e compositor, opositor do antigo regime, Catarina Eufémia, uma trabalhadora em greve que foi morta no antigo regime, e variações das Forças Armadas, como Rua das Forças Armadas, Rua Movimento das Forças Armadas, Rua Capitães de Abril ou, de forma mais simples, Rua MFA (em Vila Franca de Xira, distrito de Lisboa). Outras figuras da oposição ao fascismo figuram ainda nas toponímias do País, como Henrique Galvão, o militar que em 1961 tomou de assalto um paquete como uma forma de lutar contra a ditadura. Está em Santa Maria da Feira, distrito de Aveiro, está em Oeiras e Sintra e numa travessa de Odivelas, distrito de Lisboa, entre muitos outros locais.

Pinheiro de Azevedo, militar e antigo primeiroministro, dá nome a ruas e largos, e António de Spínola, um dos rostos da revolução e Presidente da República após o 25 de Abril, está pelo menos numa rua de Pombal, Leiria, e numa praça de Oeiras. Lisboa.

Oeiras tem também uma Rua Cravos de Abril (como a Marinha Grande, Leiria) e uma Rua Costa Gomes, outro dos rostos do 25 de Abril e também antigo Presidente da República.

Costa Gomes surge noutras ruas do país, como outros nomes ligados ao 25 de Abril e à luta contra o

DOS NOMES RELACIONADOS COM A REVOLUÇÃO FIGURAM AINDA JOSÉ AFONSO, CATARINA EUFÉMIA E VARIAÇÕES DAS FORÇAS ARMADAS, COMO RUA DAS FORÇAS ARMADAS, RUA MOVIMENTO DAS FORÇAS ARMADAS, RUA CAPITÃES DE ABRIL OU, DE FORMA MAIS SIMPLES, RUA MFA (EM VILA FRANCA DE XIRA, DISTRITO DE LISBOA).

fascismo, seja Vítor Alves numa rotunda ou Melo Antunes numa avenida de Sintra, seja Ramiro Correia, outro Capitão de Abril imortalizado em Vila Franca de Xira, na Amadora ou em Loures, concelhos de Lisboa, além de ruas de outros distritos. Otelo Saraiva de Carvalho dá nome a pelo menos uma rua de Benavente (Santarém), outra em Palmela (Setúbal) e outra ainda em Serpa (Beja).

E Rodrigo de Sousa e Castro, um militar que esteve na organização do Movimento das Forças Armadas que derrubou o antigo regime, tem também uma rua em Celorico de Basto, Braga, terra de onde é natural.

Se o Barreiro (Setúbal), por exemplo, duplica a homenagem à Revolução com uma Rua Resistência ao Fascismo no Bairro 25 de Abril, segundo a iniciativa do Museu quase não há concelho em Portugal onde escadas ou escadinhas e cantinhos, uma rua ou travessa, rotunda ou avenida, praça ou praceta, largo e jardim, beco, calçada, ou alameda não tenha pelo menos um nome ligado ao 25 de Abril.



Foram oradores no colóquio, José Jorge Letria, Vasco Lourenço e Sónia Vespeira de Almeida, moderados pelo jornalista Francisco Sena Santos

JOVENS VIVEM MEMÓRIAS DE ABRIL

Memória(s) de Abril foi o segundo encontro de debate e reflexão promovido pela A25A no âmbito das comemorações dos 45 anos da Revolução dos Cravos. José Jorge Letria, Vasco Lourenço e Sónia Vespeira de Almeida, moderados pelo jornalista Francisco Sena Santos, foram os protagonistas do colóquio realizado a 3 de Abril na sede da instituição. Entre a assistência, que enchia por completo o auditório, estava um grupo de alunos de jornalismo da Escola Superior de Comunicação Social (ESCS/IPL), a quem foi pedido que reportasse para *O Referencial* o que ali foi acontecendo

O DEBATE TINHA como objetivo relembrar a luta pela liberdade e a Revolução de Abril, reconhecida como um "ato único na história mundial", segundo Vasco Lourenço. O jornalista e atual presidente da Sociedade Portuguesa de Autores (SPA), José Jorge Letria, recordou, comovido, o medo, a censura e o sonho de ver a democracia triunfar em Portugal.

Na altura jornalista no *República* e cantor ao lado do músico Zeca Afonso, Letria explicou como o medo estava presente: "Nunca sabíamos se iríamos ser presos no dia seguinte". Ansioso pela mudança, participou como civil no movimento militar de 25 de Abril.

À semelhança do então capitão de Abril Otelo Saraiva de Carvalho, presente naquele colóquio, José Jorge Letria destacou a importância do jornalismo na revolução e na luta contra a censura. O escritor terminou com um agradecimento aos militares e à Associação por terem concretizado aquele que foi, disse, o dia mais feliz da sua vida.

Ana Cardoso ESCS/IPL

VASCO LOURENÇO: "PRECISAMOS QUE A JUVENTUDE SE PREOCUPE COM O 25 DE ABRIL"

Estava próximo o 45.º aniversário da Revolução dos Cravos. E que melhor forma de relembrar a data do que estar com aqueles que a viveram? Neste sentido, realizou-se na Associação 25 de Abril um colóquio – "Memória(s) de Abril" – em que participaram alguns dos que, à época, foram os protagonistas dos acontecimentos. Durante a guerra colonial na Guiné, Vasco Lou-

renço comandava uma companhia de soldados. Foi aí que abriu os olhos: percebeu que aquela guerra não era sua, que estava ali a mais. "Eles é que estavam certos", afirmou, referindo-se aos que lutavam pela independência do seu país. Quando regressou a Portugal decidiu já não mais voltar à guerra. No dia da Revolução estava em Ponta Delgada, para onde foi transferido depois de preso.

Uma revolução. Cravos em vez de balas. O fim da opressão e começo da Liberdade. É assim que o dia é relembrado: como um momento singular pela pacificidade com que ocorreu e pelas mudanças que provocou. Um "acontecimento único", retrata Vasco Lourenço. Possível, na sua opinião, graças ao Conselho da Revolução, órgão ao qual pertenceu.

O dia 25 foi o primeiro passo para a implementação da democracia. Mas o caminho era longo. Foi esta a conclusão a que chegaram os militares que se empenharam no processo. Os militares "tinham feito a criança, que era a democracia, (...), tinham que tentar cuidar dela o melhor possível", concluiu o "capitão" de Abril. Foi neste espírito que se fundou, há 37 anos, a Associação a cuja Direcção preside – para defender os valores de Abril.

No 25 de Abril de 1974 não se deu só mais uma revolução no meio de tantas outras. Ocorreu um marco importantíssimo na história e sociedade portuguesas. Acontecimento que deve ser conhecido, principalmente pelos jovens, reforçou Vasco Lourenço.

Adriana Alves ESCS/IPL



Visão geral da sala

A REVOLUÇÃO PELA VOZ DO JORNALISTA

A Associação 25 de Abril foi o palco do colóquio "Memória(s) de Abril", evento integrado nas comemorações do 45.º aniversário da Revolução. Este encontro, a 3 de Abril, traduziu-se numa oportunidade de ouvir sobre o que foi o 25 de Abril de 1974 e quais as implicações deste movimento, por exemplo, no jornalismo.

José Jorge Letria, presidente da Sociedade Portuguesa de Autores (SPA), explicou que ser jornalista antes do 25 de Abril era ter uma vida inquieta e angustiada: "tínhamos medo de entrar num lugar, porque isso implicava dois problemas – quem nos estava a observar e saber se iríamos conseguir sair do local". Ao mesmo tempo, o jornalista tinha o sonho de ser livre e de ter direito à sua opinião, por isso participou

no movimento militar que abriu as portas para a liberdade.

Segundo as suas palavras, e nas de Otelo Saraiva – o "capitão" de Abril que, entretanto, se juntou aos oradores –, o jornalismo foi um dos fatores determinantes na luta contra a censura e na luta para uma maior consciencialização política.

O presidente da SPA terminou a sua intervenção, sublinhando: "Sempre que entro por aquela porta estou a vir para perto daqueles que estiveram do lado da justiça e que ajudaram a transformar o País".

Ana Marta Rodriguez ESCS/IPL

"A CHEGADA DO CORREIO"

"Memória(s) de Abril", um encontro que juntou



Director de *O Referencial*, Martins Guerreiro, rodeado de jovens estudantes muito atentos ao que se dizia no colóquio sobre o 25 de Abril de 1974



Memória(s) de Abril foi o segundo encontro de reflexão e debate promovido pela A25A para assinalar os 45.º aniversário da Revolução. O primeiro tinha sido a 8 de Março na Fundação Calouste Gulbenkian sobre o 25 de Abril como factor de identidade nacional

Vasco Lourenço, José Jorge Letria e Sónia Vespeira de Almeida, antropóloga, para que se relembrasse a data e o momento da Revolução dos Cravos. De entre vários tópicos sobre os momentos antes da revolução, sobretudo acerca da Guerra Colonial, Vasco Lourenço salientou a importância do correio. O revolucionário de Abril lembrou que "o momento favorito dos militares durante a guerra era a chegada do correio." O Serviço Postal foi relatado com bastante emoção por ser a única maneira de os militares conseguirem falar com os pais, mulheres ou namoradas em tempos onde a saudade cantava muito alto por casa.

Referiu também, para os jovens presentes na sala, que "não era como hoje em que há telemóveis". E relembrou ainda a qualidade do serviço que punha as cartas de Portugal Continental nas frentes de batalha nas colónias, "em menos de 7 dias": o Serviço Postal Militar.

Vasco Lourenço é hoje presidente da Direção da Associação 25 de Abril, a que pertence desde a sua fundação.

João Bernardo Neves ESCS/IPL



Intervieram na parte da manhã os representantes das candidaturas às eleições europeias inscritas no Tribunal Constitucional

EUROPA: AS NOVAS LUTAS PELO FUTURO

Foi a terceira e última conferência de um ciclo promovido pela Associação 25 de Abril no âmbito das comemorações do 45.º aniversário da Revolução dos Cravos. Realizou-se a 6 de Maio na Fundação Calouste Gulbenkian para se falar de política no âmbito alargado dos 28 Estados-membros da União Europeia. A maioria dos representantes dos partidos candidatos às eleições para o Parlamento Europeu, que se iriam realizar dali a alguns dias, aceitou participar no evento. Na parte da tarde, a juventude tomou a palavra em defesa de um planeta mais limpo

LICÍNIO LIMA

ERA JÁ A SEGUNDA VEZ que a Fundação Calouste Gulbenkian (FCG) recebia uma iniciativa da Associação 25 Abril (A25A) no âmbito das comemorações dos 45 anos da Revolução de 1974. Se na primeira, a 8 de Março, o foco incidiu na Identidade Nacional, a 6 de Maio falou-se sobre a Europa, os seus desafios e as suas ameaças numa conferência intitulada: "Europa, as novas lutas pelo futuro".

Estava-se a poucos dias das eleições para o Parlamento Europeu. A A25A entendeu, então,



Ministra da Cultura, Graça Fonseça, o presidente da FCG, Guilherme d'Oliveira Martins, e Vasco Lourenço, presidente da A25A, deram as boas-vindas aos participantes

promover uma reflexão sobre o papel da Europa na resposta colectiva e alargada às novas ameaças que se colocam aos cidadãos, nomeadamente as que são identificadas pelo escritor Yuval Noah Harari no seu livro 21 Lições para o Século XXI. São elas, "a ameaça nuclear, o colapso ecológico e a disrupção tecnológica", na perspectiva de que as respostas não poderão ser, nunca, de âmbito local mas, antes, de âmbito continental ou mesmo global. Yuval Noah

Harari é um professor de História israelita, autor do best seller *Sapiens – uma breve história da humanidade*. A Conferência propôs-se identificar as formas de combate político contra essas ameaças, tendo também presente os nacionalismos e os totalitarismos que espreitam várias geografias.

Intervieram na parte da manhã os representantes das candidaturas às eleições europeias inscritas no Tribunal Constitucional. Todos receberam um convite para estarem presentes. Foi excepção o Partido Nacional Renovador (PNR) com quem a A25A não tem relações institucionais por se tratar de um "partido não democrático", conforme explicou Vasco Lourenço no discurso de boas vindas aos participantes. "Por isso, desde o início que não os convidamos para nada e continuaremos a não convidar", sublinhou o presidente da Direcção da A25A.

Dos dezassete partidos inscritos, dez marcaram presença na FCG. Não obstante o número elevado para um contexto de debate, todos respeitaram os tempos concedidos, permitindo a participação do público e ainda um segunda intervenção de cada orador para fechar o painel. Vasco Lourenço agradeceu a disponibilidade dos que aceitaram o convite, lembrando que "só estamos na UE porque houve 25 de Abril". A concluir a saudação inicial, manifestou o desejo de que todos saíssem dali mais esclarecidos, considerando aquela conferência um digno encerramento de todos os actos comemorativos promovidos pela A25A. "Estamos plenamente satisfeitos com os resultados alcançados", afirmou.

Guilherme d'Oliveira Martins, administrador da FCG, enquanto anfitrião, a todos deu as boas vindas, explicando que aquele encontro tinha tanto mais sentido quanto mais se tem a noção do fundamental que é para a liberdade reflectir e debater ideias. "O 25 de Abril, 45 anos depois, é uma realidade viva, actual, presente, futura. Os caminhos futuros passam pelo aprofundamento da democracia, pela igualdade livre e pela fidelidade aos valores

fundamentais de Abril", disse, rematando: "25 de Abril sempre...".

MINISTRA DA CULTURA

Com Guilherme d'Oliveira Martins e Vasco Lourenco encontrava-se também a ministra da Cultura, tendo esclarecido que aquele era já o quarto evento relacionado com as comemorações em que estava presente, recordando, nomeadamente, as quatro horas passadas no Coliseu, no espetáculo "Retratos de Abril", e a inauguração, em Peniche, da exposição patente no futuro Museu da Resistência e da Liberdade. Neste sentido. Graca Fonseca, num discurso improvisado, deu os parabéns à A25A por ter conseguido, num programa comemorativo, juntar pessoas tão diferentes e de distintas sensibilidades políticas, de que era exemplo aquele debate com candidatos aos lugares de deputado no Parlamento Europeu.

"Nada faz mais sentido do que juntar as comemorações às eleições europeias. Não só porque estamos na Europa graças ao 25 de Abril, mas também para que a minha geração nunca deixe de comparar o que existia antes de 1974 e o que hoje vivemos". E adiantou: "Nunca esqueçamos porque é que a Europa se fundou e porque é que em Portugal vivemos em democracia". "Não obstante os defeitos, é mais importante do que qualquer outro cenário que possamos viver", frisou. Ao finalizar, deixou um apelo: "Nunca deixem de explicar a importância do 25 de Abril".

A VOZ DOS CANDIDATOS

Durante cerca de três horas, sem intervalo, dez representantes do partidos concorrentes às eleições europeias falaram sobre as motivações que os levaram a querer sentar-se entre os 751 deputados do Parlamento Europeu para os próximos cinco anos. Num debate moderado por José Romano, os oradores foram convidados a centrar-se nas novas ameaças que se colocam aos cidadãos, nomeadamente as que são identificadas pelo escritor Yuval Noah Harari no seu livro 21 Lições para o Século XXI: "a ameaça nuclear ou o novo desequilíbrio geo-estratégico global; as alterações climáticas e o colapso ecológico; e a disrupção tecnológica". Todos cumpriram o desafio. Em seguida, expomos algumas das ideias por eles comunicadas

DANIELA ANTÃO REPRESENTANTE DO ALIANÇA

Os desafios que estamos a aqui a debater são desafios para toda a humanidade, para todo o planeta. É preciso que todos os partidos percebam e aceitem que, muitas vezes, antes do debate político é mais importante perceber onde está a maximização do denominador comum por que todos nós devemos lutar.

A segurança do mundo contra a ameaça nuclear é absolutamente um deles. A salvação do planeta contra o colapso ambiental é também um factor de união, e a felicidade da espécie humana num ambiente de exacerbamento tecnológico da vida e de captura do ser humano, como fala o professor Harari, assim como a salvação da espécie humana num ambiente altamente tecnológico, é também um ponto em que todos temos de convergir.

Neste três pontos não podemos ser assim tão divergentes. Temos de sair daqui mais fortes e não mais fracos.

MARGARIDA MARQUES REPRESENTANTE DO PS

O multilateralismo é um valor civilizacional que custou muito a construir e que nós hoje vemos ser posto em causa, designadamente pela administração norte-americana e outras administrações que se seguiram à eleição de Trump. Mas, o que mais me preocupa é a tentativa de normalização desta nova situação anti-multilateralista. Deve ser preocupação de todos nós.

A UE deve ter um papel mais forte, e deve ter condições para ter um papel mais forte no mundo. E isso é tanto mais importante quando hoje somos confrontados com novos desafios como o de questionar o multilateralismo.

A UE tem procurado ter um papel activo nas negociações comerciais entre diferentes blocos. São importantes os acordos comerciais com o Japão, Singapura, e as negociações Vietname-Nova Zelândia, economias importantes para o mundo.



Daniela Antão



Margarida Marques

Refiro esta questão, porque a nova geração de acordos comerciais não se limita ao comércio. A nova geração fez com que os acordos comerciais se transformassem num instrumento de regulação da globalização, quer em termos de respeito pelos direitos sociais, direitos ambientais, qualidade alimentar, direitos dos consu-

midores – pilares importantes nas negociações comerciais e instrumentos fundamentais na regulação da globalização.

Cumprir os acordos de Paris é um desafio para a UE em termos ambientais. Mas é também um desafio ter um papel de liderança, nomeadamente para atingir os objectivos definidos para 2030 e 2050.

O digital não pode ser um novo factor de discriminação. Não pode gerar excluídos. Mas, a globalização gerou excluídos, sobretudo ao nível das classes médias. Já aprendemos isto com a globalização e não podemos repetir o erro. Isto obriga a várias estratégias: a da formação, a de garantir o acesso a redes de alta velocidade, e a de garantir direitos sociais às pessoas que trabalham nas plataformas digitais. Temos de evitar que o digital seja usado contra a democracia...

MARINHO PINTO REPRESENTANTE (CABEÇA DE LISTA) DO PDR

Há perigos eminentes para a vida em sociedade se não formos capazes de subordinar a tecnologia ao humano. O delírio com as tecnologias é quase infantil, enquanto a dimensão humana é praticamente esquecida. Estamos a tralhar na inteligência artificial e não tanto nos mecanismos que a podem controlar...

O grande perigo, nesta perspectiva, é a guerra nuclear. Depois das experiências nucleares, perguntaram a Albert Einstein como iria ser a terceira guerra mundial, ao que respondeu desconhecer como será terceira, mas a quarta, garantiu, será seguramente com paus e pedras. O prognóstico é terrível para a humanidade e temos de evitar uma



Marinho Pinto

terceira guerra mundial. E foi nisto que pensaram os fundadores da UE, ainda sobre as cinzas da segunda: transformar a Europa num espaço de cooperação em vez de numa arena de combate... Outro perigo que nos espreita são as pandemias das engenharias biológicas: o bio-terrorismo. O perigo das nanomáquinas que se auto-replicam e disseminam venenos inteligentes, as vigilâncias por vídeo-mosquitos, etc... Isto é o horror que ainda não conhecemos mas que podemos prever e ainda evitar.

Escandaliza-me a facilidade com que surgem pareceres científicos com teses opostas. Como advogado estou habitado a ver pareceres jurídicos para qualquer gosto desde que se pague ao mestre do direito para o fazer... Agora, na ciência, foi preciso chegar ao Parlamento Europeu para ver com que facilidade cientistas se prostituem por dinheiro ao serviço de grandes grupos para proclamar como verdades o que são mentiras e como mentiras o que são verdades. Cientistas de universidades prestigiadas.



Paulo Morais

Eu acredito, e de alguma forma espero, que venha a surgir uma guerra fria porque tenho mais medo do ambiente que propicia as guerras quentes. O planeta nunca esteve tão em perigo de enfrentar uma guerra como está hoje. Durante a guerra fria havia mais tranquilidade, havia um equilíbrio que se chamava o equilíbrio pelo terror, e ninguém dava o passo decisivo. Neste sentido, é preciso que a UE constitua as suas próprias forças armadas. Nenhum governo pode ter um papel importante no mundo se não estiver preparado para a guerra. Quem não está preparado para a guerra torna-se presa fácil de qualquer beligerante. A UE tem de dar passos concretos contra os pacifismos estúpidos e medíocres que abundam nos debates políticos.

PAULO MORAIS REPRESENTANTE (CABEÇA DE LISTA) DO NÓS CIDADÃOS

A grande conquista do 25 de Abril tem a ver com questões ambientais. Nos últimos 45 anos foi con-

sistente a redução da mortalidade infantil. Isto só acontece quando há melhor saneamento básico e melhores hospitais. Se temos uma taxa das melhores do mundo em termos de mortalidade infantil isso deve-se ao 25 de Abril.

Temos 33 anos de UE e 45 de democracia em Portugal. 75 por cento da nossa democracia foi passada na UE. Hoje temos mais capacidade de distribuição adequada de água, melhores saneamentos, e isso deve-se a fundos comunitários que foram canalizados para o nosso país. Ao nível dos resíduos, é indesmentível a forma como evoluímos.

Mas, infelizmente, estes dois grandes avanços foram também acompanhados por grandes fenómenos de corrupção. Todos se lembrarão de casos de cumplicidade entre políticos, autarcas e empresários,

É com muita mágoa que vejo estes avanços em qualidade de vida associados a avanços na corrupção. Há duas questões de honra que têm de ser tratadas em Portugal. A central nuclear de Almaraz, e não vale dizer que isso afecta as relações entre Portugal e Espanha porque é uma questão pré-histórica face à nossa presença na UE; a outra é o facto de haver legislação de 2019, com três meses, a dizer que no Parque Nacional Peneda-Gerês há uma espécie a proteger e a incentivar que é o eucalipto.

As grandes corporações que mandam na Europa e nas entidades que mandam na Europa – nos EUA, na China é ainda pior –, são as operadoras de telecomunicações. Hoje quem sabe tudo sobre as nossas vidas são estas empresas. E nós estamos a fornecer-lhes os dados completamente gratuitos, e estamos a perder poder sobre o nosso próprio livre-arbítrio...



Rui Tavares

A questão dos dados é uma questão central. O princípio subjacente a uma discussão destas em termos europeus é o princípio da defesa do indivíduo e dos direitos humanos, segundo o princípio de que os dados são de cada um...

RUITAVARES

REPRESENTANTE (CABEÇA DE LISTA) DO LIVRE

Um novo Pacto Verde para a UE tem de ser, acima de tudo, um novo plano de investimentos públicos. Esses investimentos têm de incidir nas redes energéticas no espaço único da UE. Portugal é um dos países da UE onde se passa mais frio no inverno. A população sénior é a que mais sofre, porque é a que tem menos recursos financeiros para renovar os seus edifícios. O que a UE pode fazer é, tal como já fez no Leste Europeu, é incluir nesse Plano Verde, de 500 mil milhões de euros anuais, uma parte que tenha a ver com a renovação dos edifícios para tornar eficiente o aquecimento. O ambiente agradece. A nossa proposta é que esses 500 mil milhões de euros



Vasco Becker-Weinberg

sejam financiados a partir do capital inicial do Fundo Europeu de Investimento, que é maior do que o Banco Mundial – e que já financiou o chamado Plano Juncker –, e também a partir dos que procuram investimentos em títulos de dívida seguros que são emitidos pelo Fundo Europeu de Investimento.

É preciso domar o grande poder económico, que é também poder político, de empresas que sendo gigantes tecnológicos, não pagam os impostos devidos dentro da UE. A UE perde todos os anos 1 bilião de euros em fuga ao fisco...

VASCO BECKER-WEINBERG REPRESENTANTE DO CDS

Portugal ganhou muitíssimo não só com a integração na UE – com acesso a fundos que não teria de outra maneira –, mas também com a globalização. Portugal sozinho não teria conseguido integrar este bloco da UE que é o mais competitivo. Mas, para manter a competitividade dependemos também do crescimento de-



João Pimenta Lopes

mográfico que não iremos conseguir assegurar. E isto interfere na protecção social que hoje todos gracejamos. Mas, para a manter no futuro é preciso pensar na proteção social a longo prazo. Este debate não está ainda a ser feito e é importante que se faca ao nível da UE...

As leis europeias acabam por condicionar a competitividade deste bloco. Por exemplo, a China apoia empresas que são detidas pelo aparelho do Estado, ao passo que na UE esse apoio não é possível, por força da lei. A competição, nesse aspeto, é desigual. Esta é uma reflexão que tem de ser feita a 28 e não de uma forma isolada... É verdade que Portugal tem um problema gravíssimo de água e temos uma dificuldade em fazer valer o argumento de que a água é também um elemento de coesão e deve ser apoiado. Daqui a 10-20 anos vamos ter um problema gravíssimo de acesso à água... que é um direito fundamental que deve ser salvaguardado e que em Portugal não está a ser devidamente trabalhado. Isto deve preocupar-nos a todos...

JOÃO PIMENTA LOPES REPRESENTANTE DA CDU

Foi o 25 de Abril que permitiu a abertura de portas de Portugal não só à Europa como ao mundo...

Mais do que a conquista da liberdade e da democracia, o 25 de Abril criou as condições para a consolidação não só de instrumentos de soberania como também a consagração de instrumentos, nomeadamente a Constituição da República Portuguesa, que permitem a escolha livre e democrática.

É relevante hoje perguntar quem deve ter o controlo dos dados dos cidadãos. Torna-se, assim, mais pertinente recuperar o controlo público de sectores estratégicos, nomeadamente no sector das comunicações, como forma de garantir a salvaguarda dos interesses nacionais e o interesse dos cidadãos nos 28 Estados da UE...

Os avanços tecnológicos têm de garantir que estão ao serviço do emprego e da justiça social e não ao serviço da maior concentração de capital e, por essa via, do reforço do domínio económico sobre o poder político....

Rejeitamos a mercantilização do ambiente. Fala-se muito dos objectivos de Paris, naturalmente importantes, mas, quanto a nós, insuficientes, mas que têm ainda este elemento pernicioso, que é esta visão mercantil, nomeadamente através desse instrumento que é a figura do poluidor-pagador. Pelo que quem pode pagar pode poluir, e quem não pode pagar não pode poluir.

Também temos vindo a defender não só o direito à água, como também o direito à água pública. Está a facilitar-se a entrada das multinacionais no negócio da água, com uma visão mercantilista.



Ricardo Arroja

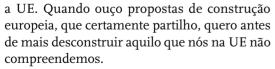
A UE não é um projecto de paz. E a sua história tem elementos que o demonstram. Por exemplo, a agressão à ex-Jugoslávia e que levou ao seu fracionamento. A guerra subsequente nos Balcãs, a intervenção da UE e das suas potências em guerras como a do Afeganistão, do Iraque, da Líbia, e o caminho cada vez mais agressivo e militarista que tem vindo a prosseguir, afirmando-se cada vez mais como pilar europeu da NATO, consolidando esta ideia de que é necessário criar uma Exército Europeu.

RICARDO ARROJA REPRESENTANTE (CABEÇA DE LISTA) DA INICIATIVA LIBERAL

Os europeus, e certamente os portugueses, têm uma enorme dificuldade em compreender







Estamos todos de acordo com o objectivos a atingir com os acordos de Paris, para 2020, para 2030, a neutralidade carbónica em 2050. É pacífico. Faz sentido. A ciência aponta nesse sentido. Com estes objectivos, os europeus certamente não compreenderão como é que, com esta agenda de sustentabilidade ambiental, continuam a ser atri-



Gil Garcia

buídos todos os anos, na Europa, 50 mil milhões de euros em subsídios à produção e ao consumo de energias com base em recursos fósseis. Isto é mais do que concedido aos agricultores em pagamentos diretos, o chamado primeiro pilar da PAC. Uma primeira medida para o equilíbrio ambiental seria acabar com estes subsídios que são atribuídos, também em forma de isenções fiscais, às grandes empresas poluentes, nomeadamente à indústria automóvel, o que torna incoerente a política ambiental europeia.

ALEXANDRE ABREU REPRESENTANTE DO BE

A UE limita muitas vezes os progressos sociais e por vezes até agride as políticas sociais e os direitos conquistados em Portugal.

A capacidade de gerir e de acomodar as consequências sociais da transição, nomeadamente as que advêm da disrupção tecnológica, supõe um enfoque reforçado na justiça social e no pleno emprego como objectivo de política – algo cada vez mais arredado dos objectivos consagrados na UE.

Assistimos à redução das políticas de coesão num contexto que também é de redução do orçamento como um todo. É necessário o reforço do orçamento na UE, bem como uma reorientação do orçamento no sentido do reforço das políticas que visem a coesão a nível social e regional.

É fundamental, também, um reforço das políticas de combate à invasão: uma Europa sem paraísos fiscais, que não tenha *dumping* fiscal, e em que haja limiares mínimos de tributação para o capital.

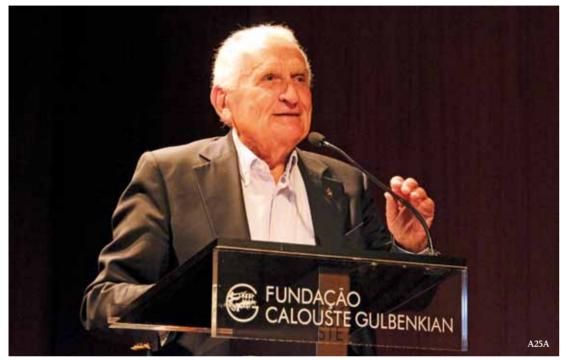
GIL GARCIA REPRESENTANTE DO MAS

Estamos a regressar ao início da primeira metade do século XX, e diante dos nossos olhos. Não é fatalismo... Onde é que a UE acabou com as centrais nucleares? Temos uma aqui ao lado que estava obsoleta, mas foi recuperada, a de Almaraz... Alguém parou? Eu não vejo nada... As termoeléctricas de carvão – Pego e Sines – estão a ser encerradas? E está a ser pensado

A AMEAÇA NUCLEAR
OU O NOVO
DESEQUILÍBRIO
GEO-ESTRATÉGICO
GLOBAL; ALTERAÇÕES
CLIMÁTICAS
E COLAPSO ECOLÓGICO;
E A DISRUPÇÃO
TECNOLÓGICA
- FORAM TEMAIS
CENTRAIS DO DEBATE

um plano de pleno emprego para as pessoas quando se avançar com a transição energética? É possível fazer a transição energética sem que essas pessoas vão para a fome e a miséria... A indústria automóvel, energética, petrolífera e os bancos estão associados e ganham milhões com estes recursos fósseis. Há bloqueios a impedir que se avance na transição para as energias limpas. O capitalismo destrói o planeta. Se não nacionalizarmos a Galp e as indústrias energéticas, não vai haver transição para as energias alternativas limpas...

É preciso proibir a contínua queima de combustíveis fósseis... é preciso reconverter, já... dizem que o planeta já atingiu 1,5 graus de aumento de temperatura que é o ponto de não retorno...



Pedro Pezarat Correia

RISCOS E AMEAÇAS

NUM MUNDO CADA VEZ MAIS GLOBAL

Depois de os candidatos ao Parlamento Europeu terem exposto as suas ideias na conferência promovida pela Associação 25 de Abril - Europa, as novas lutas pelo futuro – a parte da tarde na Fundação Calouste Gulbenkian, a 6 de Maio, foi dedicada a ouvir os cientistas, académicos e jovens sobre os desafios que enfrentam a Europa e o Mundo. Todos estão de acordo que os avanços tecnológicos estão a ser acompanhados de perigosos e paradoxais recuos civilizacionais. Aos medos antigos e milenares, ao que parece, somam-se agora medos recentes e outros reeditados. Expomos aqui algumas das suas ideias.

PEDRO PEZARAT CORREIA

Oficial general reformado. Licenciou-se em Ciências Militares na Escola do Exército e doutorou-se pela Universidade de Coimbra. Integrou o Movimento das Forças Armadas, foi conselheiro da Revolução e comandante da Região Militar do Sul.

"A ameaça nuclear. Paradoxalmente, depois de nos últimos tempos ter desaparecido da prioridade das ameaças violentas, na medida em que, com a globalização, apareceu um outro tipo de conflitualidade, nomeadamente o terrorismo global e a criminalidade transnacional organizada, eis que surge uma patética personagem que comanda os destinos do mundo e que veio repor a problema da ameaça nuclear. Pela primeira vez aparece um governante a apresentar-se como adepto da utilização do nuclear como arma de arremesso. E isso é visível na sua estratégia de emprego das armas nucleares (Nuclear Posture Review 2018); nas negociações com a Coreia do Norte; no apoio à nuclearização da Arábia Saudita; no abandono do Acordo de Viena; na estratégia de Israel no Médio Oriente.

Isto justifica que a ameaça nuclear esteja a regressar às nossas preocupações. Agora, o maior problema é a sua proliferação. O Tratado de Não-proliferação, de 1968, foi uma oportunidade perdida."

ELVIRA FORTUNATO

Cientista. Professora Catedrática da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa e vice-reitora da mesma universidade. É directora do Instituto de Nanomateriais, Nanofabri-



Elvira Fortunato

cação e Nanomodelagem, e do CENIMAT. Integra o Grupo de Alto Nível para o Mecanismo de Aconselhamento Científico da Comissão Europeia.

"O novo programa Horizonte Europa, é uma iniciativa de investigação científica da Comissão Europeia para os próximos sete anos e que irá suceder ao atual programa Horizonte 2020, tendo uma proposta de orçamento bastante ambiciosa de cem mil milhões de euros. Baseia-se em vários instrumentos de financiamento, que apoiam projetos em todas as áreas científicas, desde as etapas mais exploratórias de investigação até à comercialização de produtos ou serviços inovadores.

Do Programa de Investigação e Inovação, gostaria de destacar um dos melhores instrumentos, o Conselho Europeu de Investigação (ERC), que na minha opinião promove o melhor programa de financiamento de investigação do mundo, pois fomenta a excelência da investigação, apoiando todos os domínios da ciência com base na excelência científica.

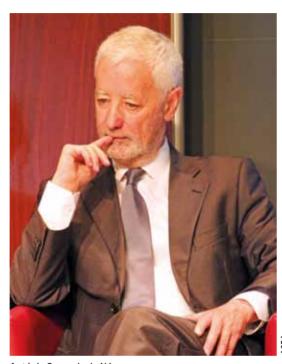
O ERC visa capacitar a Europa de uma investigação mais sólida e mais preparada para poder responder às necessidades de uma sociedade baseada no conhecimento e fornecer à Europa as capacidades de investigação de ponta necessárias para responder aos desafios globais.

Foi devido a este programa que o CENIMAT, o Centro de Investigação de Materiais coordenado por mim, se orgulha de ser um caso de sucesso não só em Portugal, mas também na Europa, pois já conseguimos seis destas bolsas (mais de dez milhões de euros), colocando a Europa líder nas áreas da Electrónica Transparente e Electrónica de Papel. A Universidade Nova orgulha-se, pois já recebeu dezanove bolsas do ERC, colocando a Nova como uma das instituições nacionais com mais bolsas atribuídas, resultado da estratégia interna na promoção e captação de talento."

ANTÓNIO SAMPAIO DA NÓVOA

Professor Catedrático do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa e reitor honorário da mesma Universidade. É embaixador de Portugal na UNES-CO. Tem uma vasta obra publicada nos domínios da História da Educação e da Formação de Professores

"Quando debatemos o futuro, a única coisa que



António Sampaio da Nóvoa

não podemos fazer, na minha opinião, é tentar adivinhar o que vai acontecer porque erramos sempre. A única coisa que podemos fazer é prepararmo-nos... Mas prepararmo-nos para uma coisa que não sabemos o que é.

Quando me questiono sobre estas três ideias – revolução dos costumes, abertura e cosmopolitismo, e a liberdade com direitos –, e quando olho para a geração que ao longo destes 50 anos viveu e construiu este "evento excepcional numa escala sem precedentes na história" (usando a expressão de Bento XVI referindo-se à revolução cultural de Maio de 1968), e depois

quando olho para o mundo de hoje, e também para a Europa, o que vejo é um recuo brutal em todas estas três áreas. Um recuo imenso no plano dos costumes, no plano das aberturas, e no plano das liberdades com direitos...

Muito do que está a acontecer na maioria dos países da Europa tem a ver com a produção fortíssima de ideias, numa espécie de fábrica de crenças. Crenças que são no essencial contra a ciência. Contra a razão científica, contra a cultura científica, seja nos "negacionismos" a propósito do aquecimento global, por exemplo, seja noutras áreas... Não sairemos deste recuo se não conseguirmos reforçar a nossa cultura científica. Falo de ciência como ciência mas também como metáfora, como metáfora de um pensamento informado, sobre o qual se constrói um determinado caminho...

Como recuo ao cosmopolitismo, estamos assistir à entrada dos nacionalismos que estão nos países e dentro dos países. Há muita coisa invisível que está a acontecer em muitas cidades deste país, em muitos bairros subterrâneos, em que estamos a assistir a um processo de comunitarismo excessivo, de identidades obsessivas ou identidades excessivas...

A identidade faz parte de nós. Mas, quando ela se transforma em identidade excessiva, ela fecha-nos em nós, impede-nos de sair de nós e de entrar em nós, mas os que lá estão também não conseguem de lá sair. Isto é o contrário do que se passou há 50 anos... da abertura que procuramos cultivar e que de certa forma a minha geração cultivou.

Esta ideia de reforçar a nossa capacidade de dar respostas globais para problemas que são globais

é a meu ver central na crítica a este "identitarismo" excessivo em que nos temos vindo a fechar. Recuo na agenda dos direitos humanos. Recuo tão nítido que das poucas vezes que tentamos repensar a declaração dos direitos humanos, o debate acaba pior do que em 1948. Há coisas que hoje são impossíveis de aprovar na ONU e que estão na declaração de 1948.

Neste debate sobre a decisão política, nós queremos ter maior capacidade de decisão.

Os actuais modelos de decisão não vão resistir muito mais tempo. Temos de reinventar as formas de decisão política..."

HELENA FERRO DE GOUVEIA

Licenciada em Ciências da Comunicação pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e pós-graduada em Direito da Comunicação pela Universidade de Coimbra. Como jornalista, trabalhou em órgãos de comunicação social nacionais e internacionais (BBC World Service, DW Radio for Africa, etc)). É professora no European Inter-University Centre for Human Rights and Democratisation e na FCSH da Universidade Nova de Lisboa, e consultora e formadora na DW Akademie. É auditora de Defesa Nacional.

"Não será necessária uma análise muito profunda para sabermos que vivemos num Mundo caracterizado por uma enorme volatilidade económica, permeável à emergência de revoluções, por bruscas alterações de sistemas políticos, em que o poder está mais disperso, menos estável, mais efémero e distribuído por muitos mais polos de influência.

25 DE ABRIL | 45 ANOS





Mesmo que não seja no ritmo catastrófico que se antecipou no século passado, a demografia global aumenta e o nível de desenvolvimento de cada ser humano também. Ou seja, somos mais, queremos mais e consumimos muito mais. Sem entrar em muitos detalhes sobre este risco é fácil prever uma escassez de recursos para uma população que se pensa vir a atingir os nove mil milhões em 2050. Será difícil ter energia, água e alimentos para uma população desta magnitude, que desejavelmente se encontrará a viver em níveis de desenvolvimento muito maiores, ou seja, com taxas de consumo mais elevadas. Haverá mais população a viver em espaços mais reduzidos nas grandes metrópoles e junto à linha de costa.

Aos medos antigos e milenares somamos medos mática Esta recentes e reeditados, o da inteligência artificial po de Esta ou o do efeito devastador das alterações climáticas FPCE-UC. como recentemente vimos em Moçambique.

Talvez um dos receios maiores se prenda com a dificuldade de gerir riscos e ameaças num Mundo que, paradoxalmente, sendo mais glo-



bal e universal, se tornou mais difícil de governar e para o qual também se tornou mais difícil encontrar respostas de forma coordenada. Como escreve Fukuyama, temos assim riscos associados a modelos políticos em uso, que pouco ou quase nada evoluíram nos últimos dois séculos. Existe um fator intangível que tem de estar presente para que o sistema político funcione: a confiança - os cidadãos têm de confiar no governo para tomar boas decisões. E esta é uma questão fulcral."

ANA CAROLINA SILVA

Ana Carolina Silva

20 anos, natural de Vila Nova de Gaia, estudante do 2.º ano do curso de Psicologia da Universidade de Coimbra. Integra a organização da Greve Climática Estudantil – Portugal, e também o Grupo de Estudantes da Amnistia Internacional da FPCE-UC.

"É necessário que haja um compromisso. Um compromisso com a Terra e com todos os seus habitantes. É necessário que se reduzam as emissões

de CO2 e GEE, limitando o aquecimento global a um grau e meio. É necessário que se atinja a neutralidade de emissão carbónica até ao ano 2030. É necessário que se acelere o processo de transição energética. É necessário que os governos contribuam progressivamente para a gratuitidade dos transportes públicos – é necessário que estes transitem para modelos mais sustentáveis. É necessário que se proíba a exploração de combustíveis fósseis até 2030. É necessária a colaboração de toda a Europa para concretizar estas medidas. É necessário que a União Europeia seja constituída de pessoas que se comprometam a aplica-las. E, para tal, é preciso que o cidadão vote. Somos nós quem irá moldar estes cruciais próximos 12 anos. Somos nós quem irá ditar se a casa arde ou se apagamos as chamas. Cidadãos e governos, a lutar pela mesma causa, cada um a fazer a sua parte o melhor que puder. Porque nesta luta, não há o "nós" contra "eles". Nesta luta só há nós contra o tempo."

JOÃO ZOIO

18 anos, natural de Lisboa. Frequenta o 1.º ano de Engenharia Biomédica, no Instituto Superior de Engenharia de Lisboa (ISEL). Participa em dois projetos de ativismo social: um relativo à intervenção política dos jovens na sociedade, e outro na organização da Greve Climática Estudantil-Portugal.

"Estudo engenharia biomédica no ISEL e concilio o meu percurso com dois projectos de activismo social: a greve climática estudantil, em conjunto com a Carolina, e o Politiquices, relativo à intervenção política dos jovens na sociedade.



João Zoio

São três os temas sobre ameaças propostos para debate: a disrupção tecnológica, a crise climática e a ameaça nuclear...

Mas, gostaria de identificar uma quarta ameaça: a falta de preocupação pela renovação do cenário político em Portugal.

Naturalmente há pouco interesse por parte da juventude no que diz respeito a assuntos de génese partidária; disse partidária, não política, porque política fazemos nós todos os dias...

Nos dias de hoje estamos condenados a acreditar que a política são os partidos e isto não é verdade, de todo.

Enquanto existir uma rivalidade entre nações e não trabalharmos efectivamente em conjunto, nunca vamos resolver problemas a sério como a crise climática e a disrupção tecnológica.

Por que é que a resolução deste assunto não se baseia na colaboração interpartidária? Por que é que não é um dado adquirido em todas as bases de ideologia política?

Há um claro véu de inércia política quando se trata deste tipo de assuntos."

"EUROPA PRATICA POUCO A DEMOCRACIA"



Vasco Lourenço no encerramento de uma conferência que a Associação 25 de Abril promoveu no âmbito das comemorações dos 45 anos da epopeia que nos abriu as portas da Europa

As palavras do presidente da Direcção da Associação 25 de Abril no encerramento da conferência "Europa, as novas lutas pelo futuro" resumiu o estado de alma daquele dia. Disse Vasco Lourenço: "Verifica-se que a União Europeia pratica pouco a democracia e muito o totalitarismo..."

HÁ CERCA DE QUATRO anos, convidado pelo respectivo presidente, participei numa conferência no Comité Económico e Social Europeu, onde defendi a necessidade de uma forte mudança da União Europeia.

Assentei então a minha opinião no facto de considerar que a União Europeia se transformara, negativamente, numa coisa totalmente diferente da que fora criada por Jean Monet e Delors.

De uma instituição que visava o bem dos cidadãos, transmutara-se para uma entidade política, económica e social do tipo imperial. Onde, opinara então, não faltava o centro que define e manda executar as regras, e as regiões que, através de mandatários comprados, têm de obedecer às mesmas regras, à mesma religião, adorar o mesmo deus, sem discussão e sem possibilidade de as alterar.

Uma entidade onde aos cidadãos soberanos se substituíram as dívidas soberanas.

Uma União Europeia fundada com base num Estado Social, que lhe serviu para garantir o maior período de Paz de toda a sua História, mas que rapidamente o pôs de parte assim que o muro de Berlim sucumbiu e a guerra fria terminou.

Essa transformação, assente na vontade do imperador, a Alemanha, foi tão profunda que a

nova União Europeia não hesitou em castigar uma das regiões, a Grécia, cujos cidadãos não seguiram à risca as directivas. E esse castigo foi feito de maneira a mostrar a todos que não podiam ter veleidades em imitar os gregos. É a velha vacina que Kissinger tentou aplicar a Portugal, em 1975...

Toda a rebeldia será castigada, todos os rebeldes serão humilhados, foi a prática dos velhos impérios, novamente aplicada...

Com isto, verificamos assim que a União Europeia pratica pouco a democracia e muito o totalitarismo...

Daí resultando a substituição do contrato do Estado Social pelo capitalismo selvagem do neoliberalismo, a substituição da dignidade do trabalho e do emprego pela precariedade do aluguer temporário de tarefas a seres humanos, da troca da solidariedade inter-geracional pela desvalorização dos não activos, pela instalação de uma competição sem regras entre os activos. Situações inaceitáveis, como é igualmente inadmissível a substituição da previdência social pela caridade, pelo assistencialismo ou a providência divina.

Tal como não podemos pactuar com a transformação em negócio e bem de troca da saúde, do ensino, do acesso a bens essenciais como a água, a energia, a salubridade, a segurança.

25 DE ABRIL | 45 ANOS

Há quatro anos afirmei a minha convicção de que, pelo caminho que a União Europeia estava a trilhar, o seu fim seria inevitável.

A postura dos países mais fortes, com a exploração e a humilhação que vinham impondo aos países mais fracos, levar-nos-ia certamente a uma nova revolta dos escravos, afirmei!

A História isso nos ensina: quando o homem já não tem nada a perder, quando já perdeu o seu bem maior e essencial, a sua dignidade, a revolta é a atitude natural!

E, lamentavelmente, assistimos já a actos concretos de revolta...

DESAFIOS

fazer face aos desafios que se colocam à Europa, no futuro? Como enfrentar as novas lutas que se aproximam?

Muitas vezes tenho dúvidas e também não me considero imune a enganos!

Mas, desta vez, estou convicto de estar certo:

A Europa só sobreviverá aos desafios que aí vêm, sejam os que aqui elencámos, sejam outros igualmente importantes, se conseguir voltar a ser uma verdadeira União de Povos! E. não tenhamos dúvidas, isso só será viável se recuperarmos os valores que estiveram na base da sua fundação!

Recuperação que não poderá passar apenas por quaisquer declarações de boas intenções!

Em primeiro lugar, parece-me que num sistema democrático, como a União Europeia proclama ser, o parlamento tem de ter um papel fundamental. E, como bem sabemos, não é **ASSENTELENTÃO** A MINHA OPINIÃO NO FACTO DE CONSIDERAR **QUE A UNIÃO EUROPEIA SE** TRANSFORMARA. NEGATIVAMENTE. NUMA COISA TOTAL MENTE **DIFERENTE DA OUE FORA** CRIADA POR JEAN MONET **E DELORS**

isso que se passa. Não podem ser organismos Discutimos e perguntámos hoje, aqui, que não sujeitos a qualquer controlo democrático - falo da Comissão Europeia, do Eurogrupo, do Banco Central Europeu – a determinar as linhas orientadoras, a definir estratégias, sem ter em consideração a posição do Parlamento Europeu! Se tudo continuar na mesma, certamente que será mais difícil fazer frente aos desafios que aí vêm!

> No entanto, para obter a tão desejada coesão, a União Europeia não pode permitir a construção de novos muros no seu seio. Tem de ser capaz de impor a todos os seus membros as regras da democracia, cimento indispensável à sua existência!

> O que nos leva a outro perigo que vem alastrando e recupera fantasmas de há 80 anos, que esconjurámos há precisamente 74, depois de uma violentíssima guerra mundial.

> O espectro do nazi e do fascismo não pode avançar, com a indiferença e a tolerância dos

democratas! Os extremismos, travestidos de populismos, não podem ter na Europa terreno fértil para o seu crescimento.

Sabemos, a História assim no-lo ensina, que os extremismos aproveitam a democracia para chegar ao poder, começando após isso por destruir a própria democracia. Eles não chegam sozinhos ao poder. Não são capazes! Por isso, não os ajudemos nós, com a nossa incapacidade de nos unirmos à volta do essencial!

A coesão da União Europeia será igualmente essencial para fazer frente aos inimigos que, estratégica e globalmente, a pretendem atacar. Considero não ser por acaso o fomento e o apoio que grandes potências dão às guerras civis que se verificam em África. A legião de refugiados que essas guerras produzem, todos a procurar a Europa como destino, é claramente um dos objectivos de quem está por detrás desses conflitos. Ironicamente, ou talvez não, tudo se agrava quando países da União Europeia se incluem nos fomentadores dessas guerras. Por isso, se como vem acontecendo, a Europa não conseguir unir-se à volta de uma solução - se é que ela existe – a divisão provocará o seu enfraquecimento e este abrirá as portas a uma enorme menorização da mesma no âmbito da política internacional.

Direi de outra maneira: enquanto a União Europeia não for uma entidade política... nada feito! É difícil? Certamente, mas se isso não for possível... a União Europeia não fará sentido! Muito poderia acrescentar, se estivesse a proferir uma comunicação.

Acontece no entanto que estou a fazer o encer-

A FUROPA SÓ SOBREVIVERÁ **AOS DESAFIOS OUE AÍ VÊM** SE CONSEGUIR VOLTAR A SER UMA VERDADEIRA UNIÃO DE POVOS! E. NÃO TENHAMOS DÚVIDAS. ISSO SÓ SERÁ VIÁVEL SE RECUPERARMOS OS **VALORES OUE ESTIVERAM** NA BASE DA SUA **FUNDAÇÃO!**

ramento de uma conferência que a Associação 25 de Abril promoveu, no âmbito das comemorações dos 45 anos da epopeia que também nos abriu as portas da Europa.

Com isto, contribuímos para a discussão, mais que nunca indispensável, sobre o futuro da Europa, a que queremos continuar a pertencer. Não esgotámos o debate, ele vai continuar, na certeza de que o caminho é muito árduo.

Com a esperança de que a Europa continue a ser o primeiro dos continentes, os nossos agradecimentos a todos os que nos ajudaram a realizar esta conferência, onde continuámos a fazer Abril!

Bem haiam!

O REFERENCIAL 151 150 O REFERENCIAL

DESPERTAR CONSCIÊNCIAS PARA CULTURA ANTIFASCISTA



Ughetta Biancotto entrevistada na sede da A25A, onde foi recebida pelo diretor de O Referencial

Ughetta Biancotto, presidente da ANPI – Associazione Nazionale Partigiani d'Italia, esteve em Portugal para participar no 45.º aniversário do 25 de Abril e, assim, retribuir a viagem de uma delegação da A25A a Cuneo, em 2015

JOSÉ ANTÓNIO SANTOS

OS SULCOS DO ROSTO acomodam-lhe um olhar inquieto, neles se vislumbram o rasto de uma vida oferecida em favor de valores sorvidos na infância e transmitidos, genuinamente, a gerações futuras, como ela própria os recebeu. Ao longo de quatro décadas, a professora primária despertou olhos e mentes de milhares de crianças, ensinou-as a ler, escrever e contar, enquanto as instruía para a cultura da liberdade, do acolhimento ao outro, da igualdade, do antifascismo e defesa da Constituição da República de Itália. A mestra tem nome próprio. Trata-se de Ughetta Biancotto, presidente da ANPI – Associazione Nazionale Partigiani d'Italia, que recentemente se deslocou a Portugal para participar, em Lisboa, no 45.º aniversário do 25 de Abril, e, assim, retribuir a viagem de uma delegação da A25A a Cuneo, em 2015. Ambas as associações têm no 25 de Abril a mesma data celebrativa. Em 25 de Abril de 1945, os partigiani libertaram-se do jugo fascista de Mussolini e da ocupação nazi (cf. CAMPOS "Do fascismo à resistência 25 de Abril em Cuneo", edição n.º107 de O Referencial, págs. 50-59); a 25 de Abril de 1974, ocorreu em Portugal a aurora do "dia inicial inteiro e limpo", no dizer de Sophia, onde "emergimos da noite e do silêncio".

Há quatro anos iniciada, a cooperação entre a A25A e a ANPI teve agora expressão concreta com a presença de amigos *partigiani* nas comemorações do 45.º aniversário do 25 de Abril, nomeadamente, através da participação do grupo musical Canzone Teatro di Mondovi (duas guitarras, um acordéon e uma voz) na gala "Retratos de Abril" transmitida pela RTP no dia 25 de Abril.

Numa breve entrevista, na sede da A25A, onde foi recebida pelo diretor de O Referencial, Ughetta Biancotto evocou os tempos de resistência ao ocupante alemão e ao seu aliado da República de Salò, entre Setembro de 1943 e Maio de 1945. Volvidas mais de sete décadas, Ughetta tem bem vivas as memórias ouvidas na infância, contadas pelos pais a propósito do fascismo na sua pátria e da República de Salò, o balneário onde então Mussolini passou a morar. Sobretudo, a luta dos resistentes na região de Piemonte, protagonizada por Duceio Galimberti, quanto, a 25 de julho de 1943, o herói nacional juntou antifascistas na Piazza Vitorio, hoje chamada Piazza Galimberti, retirando, depois, para as montanhas e aí organizar o movimento de guerrilha e resistência armada contra o fascismo de Mussolini e a ocupação nazi.

SERIGRAFIA DE JÚLIO POMAR





Com a serigrafia do Burro a Cantar Fado quis Júlio Pomar homenagear a gesta de Abril quando estavam cumpridos 40 anos sobre a "madrugada inteira e limpa". O quadro original do génio criador foi reproduzido numa edição de 200 exemplares devidamente numerados. As cópias ainda disponíveis podem ser adquiridas na sede da A25A. Os interessados devem solicitar a reserva através de correio electrónico para a25a. sec@25abril.org ou pelo telefone 21 324 14 20.

REPORTAGEM

Ughetta lembra a promulgação em Itália das leis raciais nazis por Mussolini, em 1939. Nesse contexto, alunos e professores foram afastados de escolas por não serem arianos. Emergem, então, grupos antifascistas formados por socialistas, comunistas, liberais e padres católicos. Muitos são expulsos de Itália para França e acabam por estabelecer ligações com a resistência estabelecida em Cuneo, zona fronteiriça a vinte quilómetros da França. Nascem aí os *partigiani*, os antifascistas assim chamados, por se oporem a Mussolini e Hitler.

CUI TURA DA MEMÓRIA

O grande desígnio da ANPI, segundo Ughetta, é precisamente promover a cultura da memória da resistência, nomeadamente, através da organização de manifestações contra o fascismo e a ditadura, contra todas as ditaduras. Para esta ativista. hoje, mais do que nunca, importa prosseguir e incentivar todas essas iniciativas, precisamente por causa de novas formas de ditaduras em emergência na Europa, mormente em Itália, enfim, afloramentos de novos fascismos mal disfarçados em autoritarismos e manifestações de populismo. Muitos associados da ANPI são descendentes de resistentes partigiani; como tronco comum devem declarar-se democratas e antifascistas e promover a adesão ao ideário. São admitidos membros do aparelho de Estado, mas enquanto exercerem funções públicas estão inibidos de serem dirigentes da associação, seguindo-se aqui o critério da Amnistia Internacional.

Os partigiani afirmam hoje a sua cidadania intervindo civicamente em favor da paz, da

liberdade, da democracia. Exaltam as cidades italianas detentoras da Medalha de Ouro da Resistência: Cuneo, Boves, Borgos Dalmazzo, Dronero, Alba e Bagnolo. Desdobram-se por escolas a contar aos jovens o que foi a resistência e o fascismo. Anualmente, na festa nacional de 25 de Abril, celebram a liberdade, estando a *ANPI* na linha da frente da organização e colaboração de múltiplas iniciativas.

Em declarações a *O Referencial*, Ughetta manifestou-se impressionada pela coincidência da data celebrativa comum às ANPI e A25A, mais, ainda, perante a concordância dos seus próprios objetivos. Considera, assim, muito oportuno o aprofundamento da cooperação mútua, desde logo ao nível cultural. E concretiza: Portugal tem Saramago, a Itália apresenta Beppe Fenoglio, ele próprio um *partigiani*. Ambos escritores com igual opção pelos pobres. Lisboa e Alba são património da UNESCO, podendo aqui acontecer diferentes formas de colaboração, no âmbito da valorização do território, da gastronomia, sem esquecer o Programa Europeu Horizon.

Casada com Leopoldo Attilio Martino, um partigiani, senador de Itália pelo PCI, Ughetta Biancotto está aposentada depois de uma longa carreira de 40 anos como professora primária. Foi um tempo, disse, em que espera ter despertado muitas consciências para uma cultura antifascista e de defesa da constituição italiana. Tarefa que abraça agora, a tempo inteiro, em prol da ANPI – Associazione Nazionale Partigiani d'Italia.



JOSÉ ANTÓNIO SANTOS

VIVEU QUATRO DÉCADAS na penumbra. Apesar de ser um dos heróis do 25 de Abril, assim permaneceu, como um desconhecido. Somente em 2013, os jornalistas Alfredo Cunha e Adelino Gomes o descobriram em Balasar, Póvoa de Varzim, fazendo-o emergir no tempo, quando o retiraram do anonimato e inscreveram a história que lhes faltava no livro *Os Rapazes dos Tanques, (ver caixa)* expondo, assim, o seu nome à consideração da opinião pública: José Alves Costa, o cabo apontador do M47, que recusou fazer fogo sobre as tropas de Salgueiro Maia, no Terreiro do Paço, Lisboa, na manhã de 25 de Abril de 1974.

Nesta edição comemorativa do 45.º aniversário da revolução, trazemos para as páginas de *O Referencial* a evocação desse momento singular, senão mesmo determinante da vitória do 25 de Abril. A conversa com José Alves Costa ocorreu no dia 7 de junho de 2019. Começou num hotel da Póvoa de Varzim e terminou na sua casa, em Balasar, sede de freguesia onde nasceu e sempre viveu. Eis a história, como o próprio no-la recordou.

Como foram os primeiros tempos da sua vida?

– Nasci em Balasar, a 20 de dezembro de 1951. Tive uma infância normal como era dado naquele tempo, num território predominantemente agrícola; concluída a instrução primária, após o exame da 4.ª classe, fui trabalhar para o campo a ajudar os meus pais que eram caseiros de terras e possuíam um pequeno terreno.

156 O REFERENCIAL ST

ENTREVISTA





- Até à vida militar...

– Precisamente. Não tinha ainda completado 20 anos, a 8 de junho de 1971, apresentei-me na Câmara Municipal da Póvoa de Varzim para a inspeção militar, tendo ficado aprovado para todo o serviço. Em abril de 1972, assentei praça para a recruta, em Viseu, no Regimento de Infantaria 14, e, em julho seguinte, fui incorporado no Regimento de Cavalaria 4, em Santa Margarida, onde tirei a especialidade de apontador de carros de combate M47.

- Como se dá a sua transferência para Lisboa?

– Após a especialidade, permaneci em Santa Margaria. Quando já se aproximava a "peluda", dá-se o golpe do 16 de março de 1974, nas Caldas da Rainha. E, no final do mês, foram enviados cinco carros de combate M47 de Santa Margarida para Lisboa: um para Beirolas; quatro para o Regimento de Cavalaria 7, na Calçada da Ajuda. Eu fui incorporado numa das unidades destinadas ao RC7.

- Sabiam ao que iam? Tinham alguma missão definida?

– Nada, zero. Estivemos a passar férias! Sem qualquer missão atribuída, éramos independentes da guarnição de Cavalaria 7. Não íamos a formaturas, limitávamo-nos a comer e dormir e, claro, manter os carros em estado de prontidão. Estávamos impedidos de sair da unidade, de ir a casa ou gozar de fim-de-semana. Tínhamos um chefe próprio, o alferes Fernando Sottomayor que era o comandante dos quatro M47. Vivemos quatro semanas neste ambiente, sem saber o que nos esperava.

- Até à madrugada de 24 de abril... certo?

– É verdade. Nessa noite, praticamente, ninguém dormiu em Cavalaria 7.

- Porquê?

- As sirenes tocavam repetidamente. Ao soar

o apito, todos nos levantávamos e saíamos das casernas a correr para a parada; depois mandavam-nos regressar. Daí a instantes, ouvia-se de novo o ressoar dos alarmes: saíamos da cama a correr para o exterior... Tudo isto, entre as 00H00 e as 06H00.

– Nesse intervalo de tempo alguém vos informou do que se passava?

Não. Nós não tínhamos nenhuma informação, não sabíamos o que estava a acontecer.

- O que aconteceu depois?

– Por volta das 06H00, o nosso comandante, alferes Sottomayor, deu ordem para se municiarem e preparem os carros de combate M47 para sair.

- A que horas saíram?

 Pelas 07H30 saíram de Cavalaria 7 os quatro M47, em direção ao Terreiro do Paço.

- Quem deu a ordem?

O coronel Romeiras, comandante de Cavalaria 7, deu ordem ao alferes Sottomayor para sair com os quatro carros de combate.

De que guarnição dispunha cada um desses carros?

Era uma tripulação de cinco homens: um graduado; dois condutores – principal e ajudante;
e dois apontadores – principal e ajudante.

Como decorreu o trajeto feito entre Cavalaria7 e o Terreiro de Paço?

Sem problemas. Os carros seguiram alinhados indo à frente um jipe que transportava o major Pata Anselmo e o alferes Sottomayor.

- Foram informados dos objetivos da operação?

 Não. Apenas, durante o percurso, quando passávamos pelo Cais do Sodré, o alferes Sottomayor, que viajava no jipe, deu-nos uma AINDA PENSEI
DAR UMA BOJARDA
PARA O MEIO DO RIO.
MAS DESISTI LOGO
DESSA IDEIA
PORQUE SABIA
SE DISPARASSE
IRIA FAZER CENTENAS
DE MORTOS...

ordem via rádio: "Ninguém dá fogo sem minha ordem".

- Chegados ao Terreiro do Paço, o que aconteceu?

– Recebemos ordem para a coluna se dividir em dois núcleos. Dois carros estacionaram na Rua Ribeira das Naus, no enfiamento dos edifícios dos ministérios, fazendo eu parte da guarnição de um deles. Os outros dois M47 tomaram posições na Rua do Arsenal. Mais tarde, vim a saber que estes dois carros e respetivas guarnições se passaram rapidamente para as tropas de Santarém, comandadas pelo capitão Salgueiro Maia.

– Nessa altura, quando já estava estacionado no Terreiro do Paço, pode aperceber-se do que se passava? Alguém o informou?

Não senhor. Não sabíamos de nada. Depois, pegando umas coisas e juntando outras, fiquei convencido de que o alferes Sottomayor e um ou outro furriel estavam dentro do assunto.
 Também não percebi, então, a razão de o outro M47 que estava estacionado junto ao carro onde eu me encontrava, ter abandonado aquele

ENTREVISTA

local para ir posicionar-se na Rua do Arsenal. Só posteriormente percebi ter sido por causa de os outros dois M47 se terem passado para o lado de Salgueiro Maia.

- Então o seu M47 ficou isolado na Rua Ribeira das Naus? Quem estava lá dentro?
- Exato. Estavam os dois condutores e eu próprio. Mais ninguém.
- Quando começaram os tiros?
- A certa altura, uma força de Infantaria com "maçaricos" que não teria mais de oito dias de tropa, que estava do lado do Regime, começou a disparar em direção a dois carros pretos que se aproximavam na nossa direção, transportando oficiais de Santarém... Eu estava empoleirado na torre no M47 e gritei-lhes para não dispararem. Eles pararam e desapareceram. Entretanto os carros deram meio volta e recuaram.
- Depois, o capitão Salgueiro Maia dirigiu-se, a pé, em direção ao local onde se encontravam o seu M47 e o comando das tropas fiéis ao Governo...
- Foi nessa altura, que o brigadeiro Junqueira Reis disse ao meu comandante, alferes Sottomayor, para ordenar que eu fizesse fogo sobre o capitão Salgueiro Maia. Mas, não foi obedecido. Irado, o brigadeiro chamou a Polícia Militar e mandou prendê-lo: tiraram-lhe a pistola, meteram-no num jipe e levaram-no. E eu fiquei sem comandante...
- Como assistiu à prisão do seu comandante?
- Estava empoleirado na torre do carro e não gostei do que vi.
- O tempo entretendo passava, a tensão entre as partes crescia, até que...

- Decorridos uns 30 minutos, após a prisão do meu comandante, seriam então 10H00, o brigadeiro Reis foi para cima do carro onde me encontrava e perguntou:
- "Você sabe trabalhar com o carro?"

(Ora eu que tinha recebido indicação expressa do meu comandante para não dar fogo, senão à sua ordem, e porque vi ter ele sido preso) respondi:

- "Meu brigadeiro, eu fui improvisado à última da hora para estar aqui, porque na verdade eu trabalho mal com o carro..." É então que o brigadeiro saca da pistola e a aponta à minha cabeça, gritando:
- "Ou dás fogo, ou dou-te um tiro na cabeça!"Eu respondi:
- "Meu brigadeiro, vou ver aquilo que posso fazer."
- E que fez?
- Meti-me dentro do carro, disse aos condutores para fecharam tudo e eu encerrei a torre. No, interior, comecei a manejar a peça da torre, fazendo movimentos e apontado em várias direções. Pelo periscópio vi muita gente a sair dos barcos. Detetei uma fragata estacionada a meio do Tejo, além do movimento de outros barcos no rio. Ainda pensei dar uma bojarda para o meio do rio. Mas desisti logo dessa ideia porque sabia se disparasse iria fazer centenas de mortos. Naquele instante eu continuava sem saber nada do que se estava a passar e achei muito estanho que um brigadeiro me desse uma ordem daquelas, para fazer fogo naquele lugar. Que consciência teria ele para dar aquela ordem ignorando o que poderia acontecer?
- Decidiu então desobedecer...

- Exatamente. Parei as manobras da torre, baixei a peça, imobilizámos o carro e lá permanecemos fechados mais de uma hora.
- Até que...
- Por volta as 14H00 alguém deu ordem para abandonar o local. As ordens chegavam com alguma confusão: primeiro diziam que íamos para Monsanto, para guardar as antenas, depois falavam que talvez fosse para montar cerco à cadeia. Andamos ali um bocado à toa, até que o jipe que andava sempre à nossa frente nos conduziu em direção a Cavalaria 7, na Calçada da Ajuda, onde chegámos entre as 17 e 18 horas.
- Então quando chegaram souberam das notícias?
- Foi nessa altura que o capitão Barbosa e o furriel Pacheco nos puseram a par da situação.
 E, à medida que mais notícias iam chegando nós ficávamos todos muito contentes!
- Certamente também terá informado esses superiores sobre o desempenho que tivera no Terreiro do Paço...
- Claro que sim, contei-lhes tudo o que se tinha passado. O capitão Pacheco até me disse que ia propor um louvor para mim. Mas, eu tinha medo de represálias, não queria mesmo que pusessem o meu nome em lado nenhum, desejava era sair da tropa sem problemas.
- Ainda ficou muito tempo em Cavalaria 7?
- Passei lá o 1.º de Maio. Depois regressei a Santa Margarida para, em Outubro, passar à disponibilidade "incógnito" e regressar a Balasar.
- Passados 45 anos tem agora consciência plena da importância de ter desobedecido ao brigadeiro Junqueira Reis?

FOI NESSA ALTURA
QUE O CAPITÃO BARBOSA
E O FURRIEL PACHECO
NOS PUSERAM
A PAR DA SITUAÇÃO.
E, À MEDIDA QUE
MAIS NOTÍCIAS
IAM CHEGANDO
NÓS FICÁVAMOS
TODOS MUITO
CONTENTES!

– Agora sim. Sobretudo, sabendo o que então desconhecia por completo que era a presença da Bataria de Artilharia posicionada no Cristo Rei, além, evidentemente, da fragata. Se eu disparasse o M47, certamente provocaria muitas mortes, mas também não resistiria ao fogo eventual que viesse da fragata ou dos homens de Vendas Novas, sendo fácil neutralizarem a minha posição. Se disparasse, aquele não seria o dia da liberdade, era o dia da desgraça. Ora, quando baixei a peça do M47 sem dar fogo, do outro lado, o capitão Salgueiro Maia fez com os dedos o V de vitória, considerando ter sido aí que o 25 de Abril se ganhou!

EM BALASAR O DESCOBRIRAM

E ELE VOLTOU-SE PARA ABRIL

JOSÉ ANTÓNIO SANTOS

PASSADO À DISPONIBILIDADE, antes de completar 23 anos, José Alves Costa regressa a Balasar para amanhar a vida, se possível, longe do trabalho no campo onde na adolescência e juventude se gastara. As circunstâncias de então conduziram-no de novo à agricultura, desta vez como tratorista. Lutou para esconjurar essa sina e mais tarde tentou a sorte empregando-se numa serração perto de casa.

A vida acabaria por levar uma grande volta quando se inscreveu e foi admitido em 1977 na Mabor Continental, em Lousado. Começou como construtor de pneus, acabou em operador químico. Foram 34 anos de labor



José Alves Costa regressa a Balasar para amanhar a vida, se possível, longe do trabalho no campo onde na adolescência e juventude se gastara

intenso. A estabilidade do emprego permitiu-lhe alicerçar o projeto de vida: constituiu família, criou quatro filhos, edificou uma moradia mediante empréstimo bancário, pago com a fadiga de muito trabalho. Reformou-se em 2011.

Durante todo este período só se lembrava do 25 de Abril quando desses acontecimentos a televisão falava. Perdeu de vista camaradas do seu tempo de apontador de carros de combate M47. Em uma ou outra ocasião, terá confidenciado a algum conterrâneo a participação nas operações do Terreiro do Paço. Nada mais do que isso. Muitas vezes chegou a pensar que esse envolvimento lhe pudesse causar algum problema e o que ele queria era mesmo viver a vida sossegado, com a família e os seus.

Reformado, dedica-se a ajudar a cuidar de sete netos e até há bem pouco tempo só isso fazia, essa tarefa bastava para se sentir feliz. Até que, em Maio de 2013, o fotojornalista Alfredo Cunha realiza nova tentativa para tentar encontrar o cabo apontador do M47 que não fizera fogo no Terreiro do Paço, vai outra vez a Balasar e num café local pergunta a um cidadão se conhece um tal Iosé Alves Costa. Ele e Adelino Gomes estavam a ultimar "Os Rapazes dos Tanques" e haviam decidido que o livro não sairia sem a história que lhes faltava. Alfredo Cunha não esperava a admirável resposta: "essa pessoa sou eu". Ficava desvendado o apagamento de tão surpreendente criatura. Com a publicação de "Os Rapazes dos Tanques", em Março

DURANTE TODO
ESTE PERÍODO SÓ
SE LEMBRAVA
DO 25 DE ABRIL
QUANDO DESSES
ACONTECIMENTOS
A TELEVISÃO FALAVA.
PERDEU DE VISTA
CAMARADAS
DO SEU TEMPO
DE APONTADOR
DE CARROS
DE COMBATE M47

de 2014, o nome de José Alves Costa salta para o espaço público e a presença do antigo cabo apontador começa a suscitar interesse de municípios que o convidam para contar a sua história. Um conto que ele guardara ciosamente para si durante 40 anos, sem que entretanto lhe puxasse o gosto para sequer celebrar o 25 de Abril.

Desde a publicação do livro de Alfredo Cunha e Adelino Gomes a coisa mudou. José Alves Costa já não se importa de falar abertamente do seu caso e aprecia convites de câmaras municipais, por altura do Dia da Liberdade. Este ano esteve em Santarém. A festa agarrou-o, dela sente-se parte, por isso passou a celebrar o 25 de Abril.

OS RAPAZES DOS TANQUES

ALFREDO CUNHA E ADELINO GOMES



A ação dos militares e de um civil que intervieram nas operações do Terreiro do Paço, durante a manhã de 25 de Abril de 1974, são contadas pelos próprios, na primeira pessoa, constituindo 32 impressivos testemunhos reunidos em "Os Rapazes dos Tanques", de Alfredo Cunha e Adelino Gomes.

EIS OS NOMES "dos cavaleiros que em 1974 derrubaram a ditadura":

Alfredo Assunção, EPC, tenente de Cavalaria, comando da coluna; António Goncalves, EPC, furriel miliciano de Cavalaria: A. Tainha Constantino, EPC, furriel miliciano de Cavalaria; Augusto Raposeiro, EPC, furriel miliciano de Cavalaria; C. Maia Loureiro, EPC, Alferes miliciano de Cavalaria; Carlos Beato, EPC, alferes miliciano de Cavalaria; Custódio Lutas, EPC, furriel miliciano: F. Paulo Simões. EPC. 1.º cabo miliciano de Cavalaria; Francisco Sousa Mendes, EPC cadete com Curso de Oficiais Milicianos; Henrique G. da Silva, EPC, furriel miliciano; João Carmona, EPC, furriel miliciano; José Amílcar Coelho, EPC cadete COM; José Clímaco Pereira, EPC, alferes miliciano de Cavalaria; José Manuel Sampaio, EPC, aspirante miliciano de Cavalaria; Luís Miguel de Medeiros, EPC, alferes graduado de Cavalaria; Manuel Correia da Silva, EPC, furriel miliciano; Miguel Sequeira Marcelino, EPC, alferes graduado de Cavalaria: Rui Santos Silva, EPC, tenente de Cavalaria; António Garcia Correia e Joaquim Bernardo, EPC, capitães de Cavalaria; Francisco Braz, RC3, sargento de Cavalaria; António F. Branco, RC4, furriel miliciano de Cavalaria; Carlos Baptista, RC4, cabo condutor; Fernando Sottomayor, RC4, alferes miliciano de Cavalaria; João Penteado, RC4, cabo condutor; Jorge Manuel Clemente, RC4, furriel miliciano; José Acácio Moreira, RC4, 1.º cabo apontador; José Alves Costa, cabo apontador, carro de combate M47; Vítor Ribeiro Costa, RC4, 1.º cabo apontador, carro de combate M47: Aurélio M. dos Santos, RC7, 1.º cabo miliciano, apontador

AML-Panhard; Luís David e Silva, RC7, alferes miliciano; Fernando Brito e Cunha, ex-alferes miliciano de Artilharia na Guiné.

Adelino Gomes cinzelou as histórias que cada um deles lhe contou, completadas no final com um tocante depoimento de Natércia Salgueiro Maia.

Esta magnífica edição, enriquecida por um conjunto de fotos extraordinárias de Alfredo Cunha, conta também com ilustrações igualmente brilhantes de outros fotojornalistas da Revolução: José Antunes, Carlos Gil, Eduardo Gageiro, Veloso Amaral, Álvaro Tavares, Fernando Baião; de Francisco Silva Braz, coleção particular; do arquivo do República; e de uma infografia da Revista Público.

Como escreve Adelino Gomes: "Esta obra constitui um todo narrativo, espraiado por fotografias e textos. Fotografias de 1974 e de 2013, e textos que, recuperando factos e impressões da acção militar, se inscrevem na ordem da 'experiência vivida' mediada, 40 anos depois, pela memória 'individual, frágil, volátil e efémera' (Enzo Traverso) de cada um dos entrevistados – militares presentes no teatro dos acontecimentos e mais ou menos activos no processo que se lhe seguiu". (Pág. 4).

Para aqueles que se interessam por detalhes da história do 25 de Abril, este livro é imperdível.

CUNHA e GOMES, Alfredo, Adelino, Os Rapazes dos Tanques, Porto Editora, 2014, 22



A postura do general Spínola atrasou a libertação presos políticos.

Libertação contra a vontade de Spínola

Há 45 anos, a libertação incondicional dos presos políticos encarcerados nos fortes de Caxias e de Peniche não foi tão pacífica como isso! Houve entraves por parte do general do monóculo

CARLOS MACHADO SANTOS

PARA MELHOR ENTENDIMENTO deste texto, teremos de remontar à origem do Movimento dos Capitães, surgido cerca de um ano antes, motivado por uma reivindicação de carácter corporativo, como resposta a um despacho da hierarquia do Exército e na qual convergiram oficiais dos quadros permanentes desse ramo com distintos interesses, ideologias e matizes. Um dos grupos mais assertivos na salvaguarda daquilo que considerava os seus direitos era constituído, talvez não por acaso, por oficiais que serviam, ou tinham servido com o general António de Spínola, chefe militar carismático que, em dada ocasião, optou por entrar em divergência com o Governo sobre assuntos relacionados com a administração colonial. Embora este episódio tivesse, na época, entrado no domínio público, não foi entendido do mesmo modo pela generalidade dos oficiais do Exército nem, tampouco, pelo cidadão comum.

Spínola era considerado, por uns tantos, como modelo de chefe militar austero, justo, exigente e intransigente, tipicamente predestinado a liderar um movimento capaz de derrubar o governo ditatorial fascista, encetando um novo ciclo governativo sem perturbar o fundamental, ou seja, sem alterar a estrutura hierarquizada das Forças Armadas, nem da malha social do País. Agora, todos sabemos que o Movimento se constituiu e foi solidificando com a adesão determinada de outros grupos de oficiais, que bem mais pretendiam do que isso e que acabaram por desenhar um projecto político e

social para Portugal estabelecendo, como uma das prioridades, o acabar com guerra colonial. De entre outras delas e, inerente ao derrube do estado fascista, encontravam-se a libertação total e incondicional dos presos por delito de opinião - uma vergonha para o País, internacionalmente – e a extinção da polícia política. O referido projecto, dado à luz sob a forma do documento e que passou a ser conhecido como Programa do Movimento das Forças Armadas, foi redigido por um pequeno grupo de oficiais mais politizados do que a generalidade, ao qual haviam sido chamados uns poucos da Marinha, ramo que havia declarado a sua neutralidade activa caso ocorresse um golpe militar, mas que era, geralmente, considerado como o mais "progressista" dentro das Forças Armadas. Em vésperas da acção militar e, logo que escolhidos os chefes que constituiriam uma Junta Governativa, foi o programa apresentado a Spínola, naturalmente um dos generais do Exército que a integrariam. Naturalmente, ocorreram sérias divergências de opinião, mesmo iminência de conflito, ultrapassado pelo bom senso e pela vontade de mudar dos oficiais responsáveis pelo Programa que fizeram, ou simularam admitir, algumas cedências no conteúdo político da letra do documento. Entre outras, foram motivo de objecção da parte do General a libertação incondicional dos presos políticos e a extinção imediata da PIDE/DGS. Após várias diligências, aceitou-se que as palavras 'incondicional' e 'imediata', para cada um dos casos, seriam retiradas do texto do Programa.

O GENERAL SPÍNOLA

Todos sabiam que Spínola sempre havia sido não apenas um militar do regime, como um homem comprometido com alguns dos seus pilares, através de laços familiares e de amizades. Tinha sido, durante largos anos, oficial da Guarda Nacional Republicana, força transformada, quase desde o início, na polícia militar do fascismo; nessa qualidade, fora instrutor de equitação da Mocidade Portuguesa e, caso mais sério, acompanhara como observador, mas com convicção, durante alguns meses, a actividade da frente leste do exército nazi no decurso da II Guerra Mundial; regressado ao Exército, sempre se mostrou um acérrimo defensor do Portugal uno e pluricontinental, advogando a manutenção das colónias como parte integrante da Pátria, empenhando-se na guerra colonial até ao topo da sua carreira, como governador e comandante-chefe das FA na Guiné. Ora, não seria de um momento para o outro que, por uma questão de divergência de métodos de condução da política colonial de Marcelo Caetano, se tornaria um democrata. Foi, outrossim, o seu grande ego ávido de protagonismo e a sua desmedida ambição que o levaram a aceitar a liderança de um movimento militar que derrubaria o regime com que entrara em rota de colisão. E, aí temos o homem que, embora hierarquicamente mais moderno do que o brilhante mas discreto Costa Gomes, se guinda à presidência da Junta de Salvação Nacional e, por inerência, da República Portuguesa. Uma vez assumido o cargo, chamou para junto de si alguns conselheiros políticos que haviam rompido com a Assembleia Nacional fascista, entre os quais figuravam Sá Carneiro, Mota Amaral, Pinto Balsemão.

O DESENTENDIMENTO

Foi neste contexto, com não pouca confusão à mistura que, já ao longo do dia 26, alguém se lembrou de que urgia libertar os presos políticos encarcerados nos fortes de Caxias e de Peniche. Propõe-se atermo-nos à libertação de Peniche, pois foi essa a nossa experiência e já que em Caxias ela se processou de distinta forma.

Foram escolhidos pelo então coronel Vasco Goncalves, oficial mais graduado da Comissão Coordenadora do Movimento, dois oficiais superiores, um do Exército e outro da Marinha¹, para a função de "libertadores", actuando como delegados da Junta nessa missão. Para tal, foram conduzidos por Vasco Gonçalves à presença de Spínola, que exigiu dar-lhes instruções directas sobre o procedimento de libertação. A sala onde se tinham instalado os membros da Junta, já no Palácio da Cova da Moura (ex-EMGFA), encontrava-se cheia de gente, aparentemente muito ocupada, mas sem qualquer disciplina. As palavras, sob a forma de instruções, que Spínola dirigiu aos oficiais sobre o processo, foram inequívocas da opção que havia tomado, presumivelmente sob conselho de Sá Carneiro e de ouros juristas presentes: apenas seriam libertados sem condições, os detidos que não tivessem condenações por crimes do foro civil, tais como homicídios, assaltos a bancos, falsificação de documentos. Após um primeiro momento de perplexidade, o

oficial da Armada dirigiu-se-lhe, argumentando que se os homens haviam cometido crimes desse teor, não o haveriam de ter feito em proveito próprio, mas sim de uma causa comum, que defendiam, pelo que deveriam, todos eles, ser considerados crimes políticos. Então, Spínola, perdendo todo o controlo sobre si próprio, deu um soco na mesa que o separava dos oficiais, Vasco Gonçalves incluído, abriu muito os olhos, o que provocou o voo do ridículo monóculo que deslizou ao longo do tampo e vociferou que teriam de cumprir à risca o que lhes havia determinado, pelo que tinha indigitado três advogados² para acompanhar os "libertadores", aconselhando estes em caso de dúvidas sobre os processos e a natureza dos crimes imputados. E, que saíssem urgentemente, que a missão já se encontrava em atraso. Deixada a sala e, ainda antes que os causídicos se lhes juntassem, solicitou-se a opinião de Vasco Goncalves sobre o ocorrido e as consequências que, provavelmente, daí adviriam, como o facto mais provável de os presos se solidarizarem e nenhum querer sair se tal não sucedesse com todos. Pronunciou-se, então, o sábio coronel sobre o facto de os escolhidos serem oficiais superiores, delegados da ISN, detentores de toda a legitimidade do MFA para decidir, não devendo, de modo algum, permitir qualquer manipulação por parte dos advogados.

PARTIDA PARA PENICHE

Contudo, após a partida para Peniche, que se processou já a tarde ia avançada (cerca das 17 horas), não deixou de constituir preocupação constante para os oficiais a forma como iria decorrer a operação de libertação, assim como o panorama físico e humano com que se deparariam no local naqueles momentos, não podendo esquecer-se que, à época, as comunicações eram lentas e difíceis, começando pelas estradas do trajecto, precárias e sinuosas, acabando nas telefónicas, que necessitavam de um pedido de "troncas" e respectivo tempo de espera para se efectuarem. Por outro lado, não se possuía qualquer informação sobre a situação militar do Forte sabendo-se, apenas, que a GNR se rendera na véspera a uma companhia de Infantaria e, nada mais.

Finalmente, chegou-se ao largo fronteiro à Fortaleza de Peniche, apenas pelas 22 horas, porquanto foi necessário efectuar uma paragem logística a pedido dos senhores advogados, que se queixaram do longo jejum imposto pela sua chamada às novas funções. Tal facto atrasou a caravana em cerca de uma hora. Lá, então, a multidão era muita, a ansiedade maior, os gritos, entre aclamações e críticas ao retardo, evidentes, as palavras de ordem profusas. Estranhou-se que quem tivesse vindo abrir o portão fossem elementos da GNR mas, perante a sua subserviência, constatou-se que estavam "cativados". Após visita prévia às instalações onde se encontravam os detidos, conduzida pelo director da prisão e por um dos oficiais da companhia de Infantaria ocupante, no impedimento físico do capitão, procedeu-se aos preparativos para o protocolo da libertação. Note-se que, no decorrer desta visita, se ouviu uma palavra de ordem clamada pelos presos das facções esquerdistas:



Da prisão de Caxias, no dia 27 de Abril de 1974, foram libertados dezenas de presos políticos, depois de libertados os da Fortaleza de Peniche

"ou todos, ou nenhum", sintomática de que se encontravam conhecedores das reservas colocadas quanto à sua libertação. Foram, então, dadas as instruções pelos oficiais delegados da JSN sobre o modo como se iria proceder ao acto de libertação, com a passagem dos detidos, individualmente, por uma espécie de tribunal "ad-hoc", constituído pelo oficial da Marinha³, que presidia, pelo alferes mais antigo da companhia de Infantaria e pelos três causídicos, instalados ao longo de uma mesa na secretaria da prisão; a elaboração, pelo escrivão, de uma ALIBERTAÇÃO Acta de Libertação que ia sendo ditada pelo director e com o teor que o oficial da Armada acordasse, a devolução in loco dos pertences

aos detidos que iam sendo libertados. Tomou--se conhecimento, entretanto, através do director, de que eram quatro os presos acusados por crimes de homicídio, não havendo qualquer um de assaltos a bancos ou outras instituições. Decidiu-se remetê-los para o final. O crime de falsificação de documentos, referido por Spínola, não foi sequer equacionado, dado tal ser considerado uma prática corrente e necessária à vida de qualquer militante clandestino.

Antes, porém, da chamada do primeiro detido, apareceu em cena uma personagem que havia passado despercebida até então e que, aparentemente, não fazia parte do elenco da peça que estava a decorrer. Intitulou-se advogado constituído de três dos quatro "homicidas", desejando apresentar a proposta de os seus constituintes serem libertados na ocasião, tornando-se ele próprio seu fiel custódio até que fosse tomada uma decisão definitiva sobre o seu destino. Analisada a situação pelos oficiais "libertadores" e excluídos os outros advogados, vindos de Lisboa, cuja atitude de desagrado era evidente, decidiram aqueles pela positiva, com a condição de o proponente assumir, igualmente, a responsabilidade pelo quarto acusado, que não era seu cliente.

Foi chamado o primeiro preso a libertar e, durante a análise do seu processo, após uma vista de olhos passada pelo oficial que presidia, resolveram os três advogados dissecá-lo até ao pormenor. Tratando-se de um caso pacífico, foi-lhes chamada a atenção pelo oficial da Armada que, por aquele andar, chegaria o mês de Maio e ainda permaneceriam todos naquele local. Não gostaram e fizeram ver que, nesse caso, não se encontravam ali a fazer nada, replicando-lhes o oficial que, de facto, sim, talvez o não estivessem, dando-lhes a entender que a sua presença lhes tinha sido imposta por Spínola e que quem havia, deveras, decidido libertar os presos políticos era o MFA.

A partir deste episódio, em que os advogados foram "postos em sentido", tudo decorreu sem obstáculos, a despeito do amuo dos senhores. A saída em liberdade dos detidos processou-se até cerca da meia-noite, seguindo os quatro últimos sob custódia do advogado proponente da forma de contornar a questão, após este ter as-

sinado um termo de responsabilidade, conjuntamente com os dois oficiais delegados da JSN. Partiu-se de Peniche passava já das 2 horas da madrugada, não sem antes todos terem participado numa ceia de excelente peixe acabado de chegar do mar, assado na brasa, obséquio do destacamento da GNR (quiçá para fazer esquecer recentes tempos mais obscuros da sua actuação) facto que contribuiu para o esmorecimento do mau humor dos causídicos. Chegou-se a Lisboa por volta das 5 horas da manhã, tempo de repousar, antes de voltar e enfrentar Spínola. Logo após a hora de almoco, os dois oficiais reencontraram-se e, após uma breve troca de impressões sobre qual a melhor maneira de colocar a questão a Spínola, não encontrando Vasco Goncalves no edifício, resolveram dirigir-se à sala da JSN. Nela apenas se encontrava o já almirante Rosa Coutinho que, posto ao corrente da situação, não hesitou em assinar a caducidade do termo de responsabilidade do advogado e a consequente liberdade incondicional dos quatro homens, ao mesmo tempo que desabafava: "isto está a andar muito mais depressa do que todos esperávamos!".

E, para bem de todos, continuou a andar!...

^{1.} Tratava-se dos então major, actual coronel, José Maria Moreira de Azevedo e do então capitão-tenente, actual capitão de mar-e-guerra, Carlos Alberto Marques Machado dos Santos.

^{2.} Eram os advogados Acácio de Gouveia, Artur Cunha Leal e Nuno Rodrigues dos Santos.

^{3.} O major Moreira de Azevedo, mais antigo e, naturalmente. o chefe da missão, optou por assegurar as eventuais comunicações com o PC, permanecendo junto dos telefones, no gabinete do director, delegando no seu camarada a tarefa de conduzir o processo de libertação.

Erros e omissões de uma Exposição



O conteúdo histórico é sofrível, revela pouco cuidado na compilação de factos, há datas erradas, enviesa a História. São erros e omissões a mais para podermos dar nota positiva à exposição de Raquel Varela em Oeiras

Promovida pela Câmara de Oeiras sobre o 25 de Abril, da autoria de Raquel Varela (conteúdos) e de Pedro Páscoa (design), a exposição esteve patente ao público no Palácio do Egipto entre 15 de Março e 26 de Maio

M. SIMÕES TELES

COMENTA-SE A EXPOSIÇÃO sobre o 25 de Abril da autoria de Raquel Varela (conteúdos) e de Pedro Páscoa (design) que esteve patente no Palácio do Egipto em Oeiras entre 15 de Março e 26 de Maio. Essa Exposição foi parte saliente das comemorações dos 45 anos do 25 de Abril que a Câmara Municipal de Oeiras profusamente levou a cabo.

Na nossa crítica emula-se o conhecido conceito de "erros e omissões" em voga em várias disciplinas. Ressalva-se, entretanto, que se tratou de uma exposição esteticamente bem conseguida - parabéns a Pedro Páscoa - e que incluiu conteúdos muito sugestivos sobre as péssimas condições em que a maioria da população vivia antes de Abril de 1974. Também mostrou conteúdos muito valiosos sobre o esforço que muitas organizações populares fizeram para melhorar as suas condições de vida aproveitando a liberdade conquistada, representados em termos facilmente assimiláveis por quem nasceu depois e não tem memória desses tempos. Essa importante faceta da Exposição pode ser resumida assim: uma peça interessante para evidenciar algumas das intensas dinâmicas populares que se desenvolveram com o 25 de Abril e algumas das mudanças sociais decisivas que delas resultaram. Porém, o conteúdo histórico é sofrível, revela pouco cuidado na compilação de factos, há datas erradas, enviesa a História. São erros e omissões a mais para podermos dar nota positiva à exposição de Raquel Varela em Oeiras.

ERROS NÃO SÃO ENGANOS

Em síntese, antecipamos que os erros e omissões que adiante são elencados concorrem para mostrar ou realçar sempre um determinado tipo de acontecimentos em detrimento de outro tipo: são privilegiadas as acções populares de base, são menosprezadas as accões institucionais e de entidades organizadas. Nas referências ao antes do 25 de Abril, as cheias catastróficas de 1967 não deixaram lugar nas paredes para referir convenientemente a luta dada à ditadura pelas organizações oposicionistas. Isto é, as omissões não são esquecimentos e os erros não são enganos. Essa descriminação é feita também à custa de escurecer ou mesmo obliterar a cronologia e o encadeamento dos acontecimentos. Deste modo, torna-se difícil compreender como a acção dos agentes históricos culminou nuns resultados e não noutros. Concretamente, um jovem curioso que visite a exposição fica a perguntar, por exemplo: como foi possível realizar eleições livres no prazo de um ano; como foi gerada a Constituição que temos, que é a lei fundamental do nosso Estado Social; como e por quem foi defendida a Revolução dos ataques que lhe foram desferidos; como é que o País se reinseriu no processo de descolonização encetado anos antes pelos movimentos independentistas das colónias. Sem respostas, pode ficar a pensar que a revolução caiu do céu!

Não podemos deixar de relacionar esta postura perante o que aconteceu – que classificaríamos de enviesada – com a filosofia que preside aos movimentos populistas que estão a crescer,

não esquecendo que o nazismo e o fascismo também foram movimentos populistas. O aparecimento de um chefe carismático e de uma "entourage" que lhe é subserviente porque oportunista e dependente é facilitado pelo enfraquecimento dos mecanismos democráticos institucionais onde se processam a discussão e o confronto das ideias e dos projectos e através dos quais se exerce a fiscalização democrática. Com o advento de um populismo, de uma democracia directa, surgem movimentações colectivas que chegam a ser muito amplas, mas que não cuidam da sua continuidade e da sua própria defesa, menosprezando os aspectos organizativos e os institucionais. Mais cedo do que tarde, a condução da coisa pública passa a ser conduzida no limbo dos mecanismos democráticos existentes por chefes que tanto podem ser caciques como caudilhos. Mais tarde chega uma ditadura.

A História ensina-nos que a alternativa a um sistema assente na hibernação eleitoral, eivado de partidarite, de abstenção e de corrupção como em boa medida está o nosso, não é, seguramente, um sistema populista. Um sistema alternativo terá de ser antes um sistema em que a democracia participativa e a democracia representativa sejam como que a palma e as costas da mão.

A EXPOSIÇÃO

O 25 de Abril não começou, simplisticamente, "com um golpe de Estado contra a guerra colonial", como se pretende no prospecto que serviu a exposição. O que aconteceu foi muito

mais rico, como se viu. O que aconteceu foi que o MFA procurou e conseguiu ultrapassar os aspectos corporativos e agir no plano político em consonância com a sociedade civil. Não podendo deixar de fazer um golpe militar, o MFA concebeu a sua estratégia e o seu Programa de forma a criar condições para a participação popular e assim desfazer não só o próprio golpe como combater o golpismo do general Spínola¹. Bastará atentar no Programa do Movimento das Forças Armadas para se verificar que as medidas imediatas e de médio prazo nele contidas são a destruição do aparelho de Estado fascista, a nomeação de um governo de civis e a instauração de um regime democrático. A questão colonial é deixada para ser resolvida no seio deste. Havia quem quisesse acabar com a guerra colonial e continuar em ditadura. Não o MFA. O programa não foi escrito sob pressão popular, andou a ser escrito e discutido meses antes. Foi, isso sim, fortemente inspirado nas Teses do 3.º Congresso da Oposição, realizado em Aveiro em Abril de 1973.

Como se sabe, esse congresso culminou o esforço de longos meses de organizações oposicionistas a debater o estado do País. E, em larga medida, a guerra colonial permaneceu aí tabu, convém não esquecer que o republicanismo tinha defendido a manutenção das colónias. Omissão evidente é essa importante manifestação política não ser sequer referida na exposição e teria sido relevante saber-se de oposicionistas oeirenses que certamente lá estiveram. Também teria sido interessante que tivessem sido explicitamente referidos e sublinhados nomes

de presos políticos oeirenses, que tenham estado presos designadamente em Caxias.

PROGRAMA DO MFA

Em 26 de Abril de 1974, ou seja, no dia seguinte, não havia alas no MFA. Por conseguinte, ao apresentar-se a libertação dos presos políticos de Caxias como decorrente da decisão "de uma ala do MFA" incorre-se num viés histórico que é susceptível de interpretações erróneas. Desde logo, a amnistia aos presos políticos é uma das medidas imediatas constante no Programa do MFA. Pode então supor-se que a autora estaria a pensar nos spinolistas como constituindo uma ala própria que se oporia à libertação de todos os presos políticos à luz de uma nuance introduzida por Spínola sobre presos de delito comum. Recorde-se, todavia, que os spinolistas estavam, eles próprios, presos no presídio militar da Trafaria na sequência da saída da coluna das Caldas em 16 de Março. Também eles foram libertados. Não tiveram nenhuma influência no desenrolar da Operação Viragem Histórica concebida pelo Otelo Saraiva de Carvalho e comandada da Pontinha, onde não estava o general Spínola. Nem tiveram influência na redacção do Programa do MFA, que correu por outros lados. A interpretação errónea da existência de alas no MFA um dia depois do 25 de Abril pode subentender uma confusão entre MFA e Forças Armadas e entre MFA e Junta de Salvação Nacional – mas isso é não compreender a essência do 25 de Abril. Pior que tudo, é induzir em erro.

MILITARES DE OEIRAS

Os militares do MFA que viviam no concelho de Oeiras estão lá todos – honra seja feita – mas aparecem na parede como que electrões sem órbita, parece que nada os uniu a um núcleo, que não se organizaram, que não discutiram com métodos democráticos o caminho a tomar – em suma, omite-se que afinal estavam organizados no que ficou na História como o Movimento das Forças Armadas. Uma imagem sugestiva nessa parede teria sido pô-los em formatura de ordem unida... E a confusão entre MFA e Forças Armadas volta a assomar, com prejuízo da História.

Nessa parte, a exposição usa a referência pessoal para omitir a referência ao colectivo organizado, no caso ao MFA. Nisso vai ao arrepio de outras partes, em que o colectivo popular de base é apresentado como o exclusivo agente das transformações ocorridas. Tantas reuniões que se realizaram em bairros de Oeiras entre aqueles e muitos outros militares e não houve o esforço de apontar algumas delas, aliás referidas geralmente na literatura histórica do 25 de Abril. Uma há, por exemplo, que teria sido imediata porque tem uma girândola à porta, na Praceta de Quelimane no bairro da Figueirinha, em frente à casa do então capitão Candeias Valente, no dia 24 de Março de 1974. Também é inexplicavelmente esquecida a Escola de Electromecânicos do Exército, cujo quartel é praticamente no centro de Paço de Arcos, onde estava apresentado o capitão Rosado da Luz que teve uma acção decisiva na ligação das forças do Salgueiro Maia com o Posto de Comando da Pontinha.

A SENHA

Nessa mesma parede não deixa de ser cómica a graça de a autoria do Programa do MFA ser dada em letras muito miudinhas ao lado do painel em que o Programa está exposto, em formato idêntico ao daqueles dizeres pequeninos que são intercalados nas apólices de seguros... Provavelmente é a única vez em que o autor do Programa não aparece a encabeçá-lo. A esta maldadezinha pode acrescentar-se uma outra: quem deu a senha da 'Grândola Vila Morena' foi Almada Contreiras, do MFA, em alternativa de recurso a uma primeira que lhe disseram proibida. O oeirense Manuel Tomaz retransmitiu-a. não a "deu".

Nesta matéria, a excepção que confirma a regra consiste em referir a reunião entre Melo Antunes, Martins Guerreiro e Almada Contreiras no carro deste em frente à Nortenha, em Algés, que deu o pontapé de saída para a redacção do Programa do MFA. Está lá *en passant*. Então, porque não ser dada voz a Menino Vargas e a Franco Charais, no capítulo na libertação dos presos políticos de Caxias? A intervenção de ambos foi decisiva (de decisão) no processo. Os dois, também do MFA, eram residentes no concelho à data, o primeiro ainda é. Essas vozes complementariam a voz que foi dada a Helena Pato que, evidentemente, tem voz para falar da libertação em Caxias.

O MFA não esteve omisso sozinho. Esteve até bem acompanhado, visto que as omissões se estenderam a tudo o que é organizações oposicionistas. Exemplo sintomático emerge nas referências ao processo de conquista da Câmara de Oeiras: quer a organização que liderou esse processo quer o nome do principal líder são omitidos, o MDP-CDE e Orlando Gonçalves², do "Notícias da Amadora", respectivamente. Omissos foram também os técnicos – arquitectos, engenheiros, desenhadores-projectistas, orçamentistas e outros – que conduziram o projecto SAAL. Omissão que é indesculpável segundo a própria óptica que presidiu à narrativa subjacente à Exposição. Críticas do mesmo âmbito e no mesmo sentido ficaram exaradas em comentários registados por cidadãos no livro da Exposição a propósito destas e doutras matérias.

Salvo erro ou omissão da nossa parte, a nossa Constituição não mereceu referência nesta exposição.

DATAS ERRADAS

Duas datas importantes estavam erradas:

- A "coluna das Caldas" não foi a 14 de Março, foi a 16 de Marco:
- O "Movimento dos Capitães" não começou em Dezembro de 1973, em Setembro já estava estruturado.

Pode parecer que 45 anos depois estes erros não têm importância. Pelo contrário, têm importância. O tal aluno curioso que já tenha na cabeça a data de 16 de Março vai querer saber o que ocorreu também em 14 de Março, visto que não lhe passa pela cabeça que a historiadora esteja a cometer erros de datas numa exposição. Vai ficar tanto mais confuso quanto mais os acontecimentos estiveram imbricados uns nos outros, como foi o caso em todo o processo

que conduziu ao 25 de Abril. Designadamente nesses meados de Março de 1974 aconteceu o seguinte: no dia 14 ocorreu aquilo que ficou conhecido por "brigada do reumático", em que os oficiais generais excepto três foram jurar fidelidade ao Marcelo Caetano e em que foi anunciada a demissão de Costa Gomes e de Spínola, tornada efectiva no dia seguinte, 15; a 16 de Março sai a "coluna das Caldas", em reacção aos acontecimentos dos dois dias anteriores. Acção, essa sim, corporativa, sem preparação, sem mensagens na rádio e sem programa, conduzida num contexto de Forças Armadas, do tipo "putchista". Se esta sequência for omitida, uma vez mais não é feita destrinça entre Forças Armadas e Movimento das Forças Armadas, o que induz depois a não fazer destrinça entre Movimento das Forças Armadas e Junta de Salvação Nacional. Fica-se com ideia errada ou superficial da História, que dificulta entender muito do que aconteceu no período que se seguiu ao golpe militar. Repare-se, por exemplo, que nesse período subsequente muitas acções foram conduzidas pela, entretanto criada, Comissão Coordenadora do Programa do MFA.

MOVIMENTO DOS CAPITÃES

Quanto ao "Movimento dos Capitães", ele estrutura-se na reunião de Monte Sobral, em Alcáçovas em 9 de Setembro de 1973. Três meses depois, em Dezembro, já muita água tinha, entretanto, corrido em direcção ao desfecho que veio a dar-se no Abril seguinte. As nove reuniões alargadas que o Movimento realizou estão profusamente assinaladas na li-

teratura de referência da Revolução. E não foi irrelevante para o desfecho da Revolução que as práticas democráticas tenham sido o apanágio da condução de todo o processo conspirativo, ademais na clandestinidade, com uma guerra às costas e no seio de um sistema fortemente hierarquizado.

Há alguma razão para que o legado democrático do MFA seja ignorado numa exposição sobre o 25 de Abril?

NOTA FINAL

A peça escultórica representando um cravo inserido num bloco de gelo – querendo representar que o 25 de Abri está "congelado" – exposta num pedestal em lugar de destaque na sala maior da exposição pareceu-nos um tiro sem alvo, na medida em que traduz uma concepção redutora dos acontecimentos históricos. Tal como sucede com a Exposição.

Este processo foi descrito com pormenor por Martins Guerreiro no artigo 'O Programa de MFA e as ideias da Oposição Democrática', publicado no n.º 1691 da "Seara Nova" – Primavera de 2005.

^{2.} Aparece num vídeo a intervir durante uma manifestação.



Associar povo a nação foi uma estratégia de desenvolvimento e consolidação do poder de Estado contemporâneo. Nessa dupla, como acentua Mairet, é o povo que é dominante

Populismo E POVO

O populismo aparece quando, em nome de um povo abstrato, se esquece das instituições, por exemplo, do Poder Legislativo. O populismo é primo-irmão do nacionalismo vesgo – o nacionalismo que se esgota na entoação do hino e na entronização das fobias a tudo que seja "outro"...

MUNIZ SODRÉ*

D. JOÃO VI ENCOMENDOU ao pintor Jean--Baptiste Debret o retrato de sua aclamação, em 1818, como monarca do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves. É tida como a primeira imagem mentirosa da Historia do Brasil: o monarca aparece cercado de povo, que na realidade esteve ausente da cerimónia. Essa ficção constitui, de certo modo, um "populismo": não havia "povo" sob a monarquia lusa no Brasil. Havia o quê? Havia um conjunto demográfico ou o populacho, ou seja, comerciantes, letrados, escravos, a plebe, a canalha. Povo implica unidade política e pode ser retoricamente simulado.

Uma simulação não esconde o real (como faz a dissimulação) mas produz mentirosamente uma realidade. Populismo é uma simulação de povo. Nesse simulacro, o sujeito do populismo "ama" abstractamente o povo (por uma espécie de derramamento afectivo) e dele se coloca, também abstractamente, como uma espécie de parente. Do coração do populismo – de todo populismo – parte um apelo perverso à familiaridade.

Muito aquém do simulacro, entretanto, a ideia de povo já é uma ficção – uma ficção que sempre produziu fortes efeitos políticos. O fictício, senão o factício, está em que essa suposta unidade política de um conjunto demográfico, o povo, apresenta um problema conceptual. De fato, a ideia de "povo", indispensável ao conceito de regime republicano, não tem a transparência que se pretende à primeira vista.

Para começar, aceitemos que povo se defina como uma forma coletiva de subjetivação. Mas

o conceito clássico de povo é um produto da filosofia moral do Iluminismo. A República, que é um princípio, cria o princípio do povo. Associar povo a "nação" foi uma estratégia de desenvolvimento e consolidação do poder de Estado contemporâneo. Nessa dupla, como acentua Mairet, "é o povo que é dominante (...) Esse povo aparece, com efeito, como o referente obrigatório, a fonte e a norma de toda política desde que ressoaram na Europa e no mundo os 'ideais', como se diz, da gloriosa Revolução francesa (...) O povo não é, pois, uma população, é um princípio, e a ideologia do povo é o conjunto sistemático das significações de todas as espécies deduzidas desse princípio".1

Em grego, povo é demos. Na Grécia clássica, demos era como se chamava cada uma das diferentes tribos constitutivas de Atenas, que eram propriamente fratrias, ethnos, em que a subjectivação é mítica e clânica. Reunidas, elas fizeram valer o poder das diferenças: demos/ kratos, democracia. Nessa constelação, demos e ethnos coincidem.

Na modernidade republicana, entretanto, ocorre uma separação: povo é gente concebida como demos (e não como ethnos) – o princípio político que transforma a população (gente amontoada ou agregada) em sujeito de uma soberania, de um determinado poder frente ao Estado. Daí a importância política dessa noção, por favorecer a identidade hegemónica tutelada pelo Estado. O poder do Estado liberal consegue perpetuar--se graças ao mito de potência que se constitui ao redor do povo, visto como uma essência de liberdade garantida por leis e direitos.



Os grupos, ameaçados pela ambiguidade identitária, tendem a elaborar discursos de síntese monoculturalista – "povo nacional", "cultura nacional", etc. – para a sua legitimação histórica

HUMANIDADE

Do ponto de vista político-antropológico, a prevalência do *demos* sobre o *ethnos* pertence ao âmbito do conceito de *humanidade*, que é exclusivamente ocidental. Humanidade é uma ideia renascentista, consentânea ao momento decisivo da história moderna chamado por Femand Braudel de "longo século XVI", quando se intensifica a acção dominadora dos europeus sobre os outros povos numa escala planetária. Mas essa ideia de "humanidade" – fachada

ideológica para a legitimação da pilhagem dos mercados do Sudeste Asiático, dos metais preciosos nas Américas e da mão-de-obra na África – consolida-se conceptualmente por uma espécie de antropologia idealista na medida em que contribui para sustentar o modo como os europeus conhecem a si mesmos: "homens plenamente humanos" e aos outros como *anthropos* – outro modo de dizer *ethnos* – não tão plenos. Por outras palavras, o *demos* é humanamente pleno, o *ethnos* está a meio caminho da escada

evolutiva. Essa é a mesma antropologia responsável pela naturalização de conceitos como a propriedade privada, os mecanismos do mercado, o processo do trabalho e do capital, que receberam de Marx uma crítica decisiva. Nesse movimento, a análise marxista desmontou a armação conceptual que sustenta a ficção do "povo", mostrando que a referência ideal dessa ideia aparece quando historicamente se rompe a comunidade tradicional e emerge a concentração urbana de massas desenraizadas. Diz Baudrillard: "A análise marxista desmascarou o mito do Povo e revelou o que ele ocultava idealmente: o salariado e a luta de classes".²

Mas o mito é politicamente renitente e atualiza--se de modo diverso na variação das realidades nacionais. Para determinadas elites dirigentes, em determinados momentos de histórias específicas, é estratégico desenhar, ter um perfil identitário valorizado e, ao mesmo tempo, manter nos lugares dominados as possibilidades concretas de povo no sentido de formas autóctones de subjectivação. Mas essas não são possibilidades de um povo, e sim de povos (formas diversas de subjectivação coletiva), senão comunidades, uma vez que a diversidade, enquanto o imprevisível humano, e fonte de temores para os grupos estamentários no poder. Esses grupos, ameaçados pela ambiguidade identitária, tendem a elaborar discursos de síntese monoculturalista – "povo nacional", "cultura nacional", etc. – para a sua legitimação histórica. São discursos que se empenham na elaboração de uma imagem de unidade conciliatória e não conflituante, ao passo que a realidade sócio-histórica é feita de contradições e diversidade.

É no interior dessa máscara ideológica - forjada pela incapacidade das burocracias dirigentes de apreenderem a realidade histórica dos povos nacionais – que surgem e se desdobram os populismos de diversos tipos. O populismo aparece quando, em nome de um povo abstrato, se esquece das instituições, por exemplo, do Legislativo ou do Senado. O populismo é primo-irmão do nacionalismo vesgo - o nacionalismo que se esgota na entoação do hino e na entronização das fobias a tudo que seja "outro". O nacionalismo, como dizia Samuel Johnson (notável crítico inglês da segunda metade do século XVIII), "é o último refúgio da canalha". Há, primeiro, os populismos políticos, que cooptam indivíduos, abandonam as instituições; ao invés de políticas estruturantes, política social compensatória. Alguns se caracterizam pelo histórico caudilhismo populista, outros, a maioria deles, chafurda no mais estreito clientelismo eleitoral. No Brasil, capitalismo populista das famílias é, em geral, um capitalismo de compadres, senão um capitalismo de quadrilhas.

NICHO DE MERCADO

A mediatização, entretanto, coincide com o momento histórico de enfraquecimento do liberalismo político e do trânsito da ideia racional de povo em favor de uma ainda nebulosa massa populacional, redefinida e fixada pelo mercado ampliado. Povo é agora resto da Historia, nicho de mercado: esvaziado de sua historicidade política. "Povo" presta-se a classificações diversas e flui-

das, que variam de acepções outrora atribuídas ao "lúmpen proletariado" até à identificação de uma nova fracção de "classe media", à margem dos mecanismos institucionais de representação.

O poder exercido sobre essa massa não mais decorre apenas dos aparatos de Estado, e sim das organizações empresariais que acumulam e concentram gigantescas quantidades de informação sobre os segmentos sociais de "usuários". No antigo lugar da retórica argumentativa, entram os quantificadores do volume de informação num sistema computacional (bytes, gigabytes, terabytes, octets, kiloctets, teraoctets) que compõem os arquivos dos bancos de dados sob o rótulo de Big Data e ultrapassam toda a capacidade de tratamento rápido pelo cérebro humano. Esses sistemas são capazes de construir "nichos" populacionais, passíveis de se confundir com povo.

Essa incapacidade humana de tratamento de dados, na verdade, faz recuar a confiança no que se apresenta racionalmente como um "dado", faz com que os circuitos neurais respondam mais às emoções do que aos dados. Nessa nova conjuntura, a retracção ou a crise da dialéctica pública da verdade - portanto, a retração do poder argumentativo da imprensa - pode investir-se de características regressivas, análogas a algumas que pontuavam as situações fascistas na primeira metade do século XX: fundamentalismos, populismos, irracionalismos partidários, exasperações raciais, aversão à temporalidade lenta dos processos democráticos, rejeição da ciência, louvação heterodoxa da eficácia empresarial etc.

Três quartos de século atrás, Polanyi falava de uma situação fascista, que poderíamos também hoje designar como protofascismos: sintomas sociais de fascismo emergem como uma possibilidade constante na deriva alucinatória do sensório que rege, sem mediações democráticas, as redes tecnológicas de conexão social. Vale a pena ponderar a sua arguta observação: "O fascismo era uma possibilidade política constante, uma reação emocional quase instantânea em cada comunidade industrial desde 1930. Pode-se chamá-lo um "passo", de preferência a um "movimento", para indicar a natureza impessoal da crise, cujos sintomas eram frequentemente vagos e ambíguos".3 É teoricamente muito sugestiva a posição de Polanyi porque, embora situando o fascismo clássico como uma busca de solução para o impasse da sociedade liberal de mercado confrontada às conquistas económicas e políticas das classes trabalhadoras – ao preço da extinção de todas as instituições democráticas, tanto no campo industrial quanto no político – , ela rejeita a pura determinação económica do fenómeno, caracterizando-o como um nebuloso potencial de destruição das liberdades constitucionais, capaz de irradiar-se além dos limites partidários e geográficos.

O fascismo é tanto uma *situa*ção societária quanto um *padr*ão existencial, em que prospera o aprofundamento da dominação sobre um "outro" imaginado. É que, como explica Nancy, "os fascismos não haviam sido simplesmente uma crise, mas um primeiro e violento reflexo diante da dificuldade que a democracia experimenta de se compreender e se fundar e até mesmo de se justificar por si mesma".⁴

Ontem como hoje, a situação fascista reflete o medo coletivo - logo, uma paixão política negativa – diante de transformações e passagens aceleradas, como bem transparece numa formulação de Gramsci: "O velho mundo morre, o novo mundo demora a aparecer, e no claro--escuro surgem os monstros" (Cadernos do Cárcere, 3/184). Morre agora o mundo moldado pelo industrialismo enquanto se divisa outro regido por finanças e digitalismo, onde o que se pode chamar de "clareza" aparece apenas nos radicalismos. Aí emerge o protofascismo como uma forma ambígua e mutante, refratária à tolerância e à racionalidade das opiniões, alimentandose de emoções brutas, ao modo de "uma religião política a serviço de um processo degenerativo": uma religião apoiada na linguagem universal do ódio, capaz de acomodar-se perfeitamente à individualidade narcísica que emerge e se protege na rede electrónica.

RELIGIÃO

A palavra "religião" não comparece aqui por acaso: a situação fascista pode reemergir historicamente no enfraquecimento político da esfera pública, fenómeno de onde sobrevém uma espécie de retração coletiva na direção de instituições como família e religião, assim como pátria, nostalgicamente idealizadas. Na rede, essas instituições esvaziam-se de sua transitividade social para converter-se em projecções fantasiosas da ficção de povo.

Na América Latina, assim como na Europa de fins da segunda década deste século, em países como Áustria, Itália, Bulgária, Dinamarca

e acentuadamente no grupo denominado Visegrado (Hungria, Polónia, República Checa e Eslováquia) no Leste europeu, observa-se a expansão de uma rede de organizações extraparlamentares de extrema-direita, com participação majoritária de jovens. Os clássicos ventos de favorecimento do tradicional liberalismo parlamentar, organicamente afins ao demos progressista, dissipam-se no âmbito do neoliberalismo atual e dão lugar aos fantasmas regressivos do ethnos, que se traduzem ideologicamente em movimentos identitários na prática, em programas de homogeneidade étnica e frentes antiimigratórias. Em termos mais simples, trata-se do populismo como frente interna e do racismo como frente internacional.

*Professor emérito da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Texto apresentado na conferência "Média, Populismo e Democracia", organizada pela Associação de Estudos de Comunicação e Jornalismo, no dia 2 de Abril na Casa da Imprensa em Lisboa.

^{1.} Mairet, Gérard. 'Peuple et Nation' in *Histoire des Ideologies*. Hachette, 1978, p. 57.

^{2.} Baudrillard, Jean. *Le miroir de la production*. Galilée, 1985, p.59.

^{3.} Polanyi, Karl. A grande transformação - as origens de nossa época. Campus, 2012, p. 261.

^{4.} Nancy, Jean-Luc. *A comunidade inoperada*. Editora 7 Letras, 20[6, p. 11.



O acesso de Portugal ao concerto das nações, europeu e mundial, ultrapassando a fase triste do "orqulhosamente sós", é um outro resultado feliz do 25 de Abril

Parecia-nos viver um sonho!

O 25 de Abril assinala uma era na História de Portugal, com reflexos bem para além das nossas fronteiras. Resumo da intervenção feita na Fundação Calouste Gulbenkian a 8 de Março durante a Conferência intitulada 25 de Abril, factor de identidade nacional

OPINIÃO

JOÃO BOSCO MOTA AMARAL

EM BOA HORA decidiu a Associação 25 de Abril tomar a iniciativa de assinalar devidamente os 45 anos da Revolução. O rasgo audaz do Movimento dos Capitães teve consequências de tal modo decisivas na nossa vida colectiva, que fica a identificar uma época e por isso não pode nem deve ser deixado cair no esquecimento.

Os que vivemos essa jornada gloriosa mantemos bem viva a impressão de surpresa e deslumbramento que o encadear dos factos, no seguimento das horas, nos foi causando. Parecia-nos viver um sonho! Antigas aspirações, de Liberdade e de Democracia, frustradas durante décadas, tornaram-se de repente realidade. E o regime autoritário, que parecia, mas não era já, sólido e inabalável, ruiu afinal como um castelo de cartas, sem resistência, sem ter quem o defendesse.

A sinistra PIDE/DGS ainda se barricou no grande casarão onde tinha a sua sede, hoje transformado em condomínio de luxo, a dois passos do Chiado. E de lá disparou sobre a multidão, ferindo mortalmente um jovem estudante micaelense, natural de Santo António-além-Capelas, como então se dizia, assim feito vítima e herói do dia. Mas logo a seguir foi também dominada e neutralizada e abertas as grades das prisões onde estavam os presos políticos. Já nessa altura circulavam os jornais livres da Censura e o Povo festejava pelas ruas, em fraternal convívio com os soldados, estes levando na ponta das espingardas, em vez de

baionetas, cravos – os inesquecíveis cravos de Abril!

Vista à distância, que o decurso do tempo já permite, a Revolução do 25 de Abril assinala uma era na História de Portugal, com reflexos bem para além das nossas fronteiras.

No termo de um processo complicado, com altos e baixos, naturalmente, procedeu-se a uma verdadeira refundação da democracia, dando-lhe, mediante o sufrágio universal, uma base de apoio popular como nunca tinha existido antes entre nós. E a jovem democracia portuguesa, graças ao idealismo e à largueza de vistas dos Deputados Constituintes - cuja rijeza e determinação os emparelha em heroísmo com os Capitães de Abril – ficou marcada com uma amplitude de objectivos, com uma ambição, com uma ousadia, nos domínios político, económico, social e cultural, que colocou Portugal, desde logo, na linha da frente dos regimes democráticos mais avançados do Mundo.

A democracia não se ficou pelo topo do Estado, mas atingiu as bases da antiga tradição municipalista, cujas raízes são até anteriores à própria nacionalidade. O Poder Local democrático deve igualmente o seu fulgor ao 25 de Abril.

ABRIL NAS ILHAS

E nas Ilhas Atlânticas de Portugal, nos Açores e na Madeira, em sintonia com o ideário emancipador da Revolução, despontou também uma alvorada de afirmação identitária e de progresso, propiciada pela nova Autonomia Constitucional, dotada de tal força e dinamismo que



Mota Amaral participou na conferência intitulada 25 de Abril, factor de identidade nacional promovida pela A25A a 8 de Marco na Fundação Calouste Gulbenkian

em pouco tempo as alcandorou à liderança do processo de desenvolvimento socio-económico e político das Ilhas Europeias, hoje enquadradas com o adequado regime de regiões ultra-periféricas, garantido nos tratados fundamentais da União.

A descolonização consumada após o 25 de Abril, operada tão tardiamente, por teimosia anti-histórica dos responsáveis do regime deposto, foi a possível... Constitui feito admirável a liquidação do contencioso colonial em período tão curto de tempo; e a consolidação, ao longo dele, de um clima de bom entendimento e fraterna amizade entre Portugal e os

novos países de língua portuguesa, bem testemunhado na recente viagem do Presidente da República a Angola e no generalizado desgosto pelos trágicos acontecimentos ocorridos em Moçambique.

O grande desígnio da Lusofonia deriva também da Revolução do 25 de Abril, que assim fica assinalando uma renovada identidade nacional. Ele reforça, pela solidariedade mútua, o poder nacional de cada um dos Estados nele empenhados; é um contributo para a necessária organização do mundo globalizado em que vivemos; no caso particular do nosso país, amplia o seu contributo positivo para a União Eu-

ropeia, cujas portas também Abril nos abriu, rasgando vias de projecção da sua cultura e dos seus interesses numa dimensão planetária.

O acesso de Portugal ao concerto das nações, europeu e mundial, ultrapassando a fase triste do "orgulhosamente sós", é um outro resultado feliz do 25 de Abril. Reconhecidos como um povo livre e libertador de outros povos, pudemos passar a ter participação activa nas organizações promotoras dos direitos humanos, designadamente no Conselho da Europa, e nos órgãos decisórios de diversos organismos internacionais, incluindo o Conselho de Segurança da ONU. Neste caso, chegámos mesmo a alcançar precedência sobre países grandes e poderosos, como o Canadá ou a Alemanha, contra os quais concorremos e ganhámos, graças ao apoio que agora temos entre os países africanos e da América do Sul, aí com destaque para a nossa antiga parceria com o Brasil.

Candidaturas de cidadãos portugueses para lugares electivos em organismos internacionais passaram também a ser comuns, relevando qualidades pessoais, certamente, mas igualmente a aceitação e prestígio do próprio país no seu conjunto. Que o Secretário-Geral da ONU fosse um português é algo que seria simplesmente impensável antes do 25 de Abril!

Claro que nem tudo são rosas no balanço histórico do 25 de Abril, ao completarem-se 45 anos sobre a data da Revolução. O desvario colectivista do processo revolucionário teve custos muito sérios. Mas a verdade é que ele foi mantido sob responsabilidades civis até à revisão constitucional de 1989, já em vésperas da

O GRANDE DESÍGNIO
DA LUSOFONIA
DERIVA TAMBÉM
DA REVOLUÇÃO
DO 25 DE ABRIL,
QUE ASSIM FICA
ASSINALANDO
UMA RENOVADA
IDENTIDADE NACIONAL

queda do Muro de Berlim. Parece até que foi a queda do Muro que abriu os olhos de alguns para os erros de tal solução...

As dificuldades agora sentidas para acelerar o crescimento económico e tirar Portugal dos últimos lugares entre os países membros da União Europeia são fruto de outro desvario, que nada tem a ver com o código genético do 25 de Abril, antes derivando do desmesurado peso da dívida nacional, fruto de opções políticas erradas e da corrupção. Por sinal, alguns dos responsáveis do desastre andam por aí como se nada fosse – e não encontro nada pior do que isso como ofensa aos ideais genuínos da Revolução de Abril, que deveras entusiasmou o Povo Português.

(Por convicção pessoal, o autor não respeita o assim chamado Acordo Ortográfico.)

Em defesa da língua portuguesa

Há décadas que as autoridades francesas vêm seguindo uma política de negação da importância do ensino do português, apesar dos diferentes acordos assinados entre França e Portugal, o último dos quais em 2017

MARTINS GUERREIRO

A ADEPBA-Associação para o Desenvolvimento de Estudos Portugueses e Brasileiros da África e Ásia Lusófonas e professores de português – lançaram uma petição visando a defesa e ensino da língua portuguesa e apelam às autoridades portuguesas e à comunidade lusófona para que os ajudem nesse propósito. Há décadas que as autoridades francesas vêm seguindo uma política de negação da importância do ensino do português, apesar dos diferentes acordos assinados entre França e Portugal, o último dos quais em 2017.

A recente reforma do Baccalauréat, que entrará em vigor em 2021, concretizará a asfixia programada do ensino do português e Irá reduzir ainda mais as já escassas vagas de professores de português no sistema de ensino francês. O Referencial não pode deixar de responder a

este pedido de apoio da ADEPBA, dos profes-

sores de português que exercem a sua nobre missão no sistema de ensino francês.

Para além de dar maior visibilidade à petição destes professores, solicitamos a quem de direito — Instituto Camões, Governo e Presidente da República — que façam notar às entidades francesas a necessidade de respeitar e cumprir os acordos assinados pelas partes. Impõe-se que seja respeitada a regra da reciprocidade.

É oportuno tecer algumas considerações sobre a forma inaceitável como é considerada e vem sendo tratada a nossa língua pelas autoridades francesas, atribuindo-lhe o estatuto de língua rara, a exemplo da langue d'Oc, ou, pior ainda, língua estrangeira das menos difundidas e ensinadas (MODIME).

Recordamos a quem o não sabe ou pretende ignorar que o português é uma das línguas mais faladas no mundo como língua materna, contando com mais de duzentos e cinquenta



O português é uma língua de cultura. Será que as autoridades francesas ignoram qual é a língua de Camões, Manuel Alegre, Sophia de Mello Breyner (na foto), de Almeida Garrett, Fernando Pessoa...?

alemão, do italiano ou do russo.

O português é falado em todos os continentes do planeta: Europa, América, África, Ásia e Oceania. Deu origem a vários crioulos de base portuguesa em África, nas Caraíbas, na Índia, no Sri-Lanka, na Indonésia, na Malásia

milhões de falantes, distanciando-se muito do e em Macau e Hong-Kong, influenciou línguas orientais como o japonês e foi a língua do comércio da primeira globalização, nos séculos XVI, XVII e XVIII.

> O português é uma língua de cultura. Será que as autoridades francesas ignoram qual é a língua de Camões, Almeida Garrett, Fernando

MEDALHAS (25) COMEMORATIVAS

No exercício do magistério dos valores de Abril a A25A exprime-se em várias linguagens e narrativas. O tempo e a história de Abril estão também contados através da expressão artística de diversos autores, vazada na impressiva comunicação da medalhística. A A25A dispõe de um acervo interessante de medalhas alusivas ao 25 de Abril e a outros momentos importantes da História Contemporânea de Portugal que podem ser adquiridas através de correio electrónico para a25a.sec@25abril.org ou pelo telefone 21 324 14 20.



OPINIÃO

Pessoa, José Saramago, Miguel Torga, Lobo Antunes, Eduardo Lourenço, Manuel Alegre, António Pina, Sophia de Mello Breyner, Machado de Assis, Jorge Amado, Carlos Drummond de Andrade, José de Alencar, Vinicius de Morais, João Cabral de Melo Neto, Chico Buarque, Mário Pinto de Andrade, Agostinho Neto, Pepetela, Luandino Vieira, José Agualusa, Lygia Fagundes Telles, José Craveirinha, Mia Couto, Germano de Almeida, Corsino Fortes, Arménio Vieira e tantos outros homens e mulheres de letras e de ciências?

O português é a língua mais falada em todo o hemisfério sul. Não podemos de modo nenhum aceitar que lhe seja dado em França um tratamento semelhante ao da sua língua regional, a langue d'Oc. Bastaria o reconhecimento da presença e do contributo de muitos milhares de luso-descendentes no seio da sociedade francesa para que o ensino da língua portuguesa merecesse outra consideração.

Embora se revista de inegável relevância, a presença em França de uma vasta comunidade luso-descendente, o mais importante e significativo é a real importância e valor do português no mundo. Trata-se de uma língua em expansão crescente nos Estados Unidos, no Canadá, na China, na Europa de Leste, na Itália e na Suíça, em Espanha, no México e na Argentina. O português é a língua da lusofonia, que agrega uma vasta e importante comunidade de países, a que muitos outros vêm solicitando a ligação como observadores.

Não podemos aceitar que por razões de gestão economicista seja questionada a dimensão universal de comunicação e de cultura humanista, técnica e cientifica da língua portuguesa.

Impõe-se uma alteração da politica seguida pelas autoridades francesas relativamente ao ensino do português em França.

Urge que por elas sejam devidamente cumpridos os acordos que assinaram com Portugal. Neste sentido, encontra-se neste momento disponível uma petição, que pode ser subscrita acedendo ao site: http://petitionpublique.fr/PeticaoVer.aspx?pi=P2019N50279

Uma gravação para a história

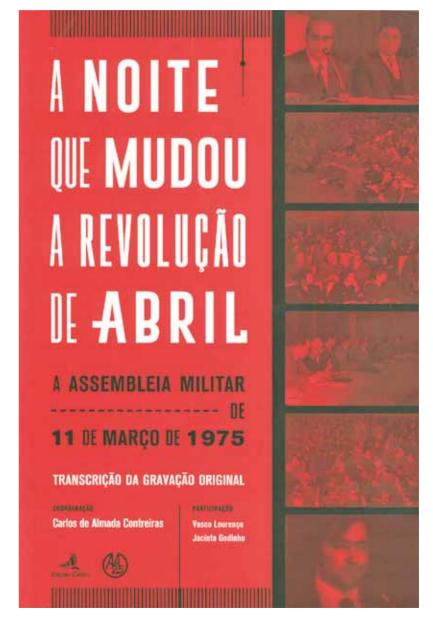
O que se passou naquele célebre assembleia de 11 de Março de 1975 deixou de ser um mistério com a recente publicação da transcrição dos debates, 44 anos depois. O livro "A Noite que Mudou a Revolução de Abril – A Assembleia Militar de 11 de Março de 1975 (transcrição da Gravação Original)", Edições Colibri, foi apresentado na Associação 25 de Abril três dias antes da comemoração do 45.º aniversário da Revolução dos Cravos

JACINTO GODINHO

"DURANTE ESTES 44 ANOS o que se passou realmente naquela reunião [Assembleia de 11 de Março de 1975] foi objecto de forte controvérsia, não obstante ter sido testemunhada por cerca de duas centenas de pessoas, a publicação da transcrição dos debates reveste-se da maior importância." Com estas palavras, Francisco Seixas da Costa resumiu no essencial a expectativa partilhada por todos os que encheram, e esgotaram, a sala da Associação 25 de Abril (A25A), no dia 22 de Abril de 2019, para assistirem à apresentação do livro "A Noite que Mudou a Revolução de Abril". Alguns dos presentes estiveram também no Instituto de Altos Estudos de Defesa

Nacional (IAEDN) na longa noite de 11 para 12 de Março de 1975.

Apesar de contar com tantos olhares de testemunho, os 44 anos de controvérsia que se seguiram, demonstram que a memória particular é insuficiente para resolver conflitos ideológicos e impedir a formação de mitos. O maior dos mitos criados durante este período foi sem dúvida o da "Assembleia Selvagem", lançado na luta política pelos denegridores do "11 de Março", acabaria por ser usado até pelos historiadores. "O qualificativo denegridor de assembleia selvagem colado a essa reunião não tem a menor razão de ser, pelo que o livro ajuda a acabar de vez com três mitos", propôs Seixas da Costa



O primeiro dos mitos, invocados por Seixas da Costa na apresentação do livro, foi o da indisciplina. A argumentação que usou para o desmontar este mito ajuda a contextualizar o aparecimento deste livro

Em 2017, o comandante Almada Contreiras, decide abordar a RTP, na esperança de conseguir os meios técnicos para ouvir uma gravação antiga que estava na sua posse desde 12 de Março de 1975. Contreiras sabia perfeitamente que se trata da gravação da célebre Assembleia. As Assembleias dos Duzentos (depois do 11 de Março foram institucionalizadas como Assembleias do MFA). Desde que se começaram a realizar no Instituto de Defesa Nacional (IDN), em Dezembro de 1974, eram registadas em fitas de áudio, aproveitando os meios existentes no então

O REFERENCIAL 193

"moderno" auditório, que havia entrado em funcionamento em Dezembro de 1973, poucos meses antes do 25 de Abril. Todas as gravações das referidas assembleias se consideravam perdidas. Mas uma delas não ficou à guarda da 5.ª Divisão do EMGFA, como era habitual. Foi entregue na madrugada de 12 de março a Almada Contreiras que, naquele tempo, era membro da Comissão Coordenadora do Programa do MFA. Contreiras levou a gravação para casa e lá ficou.

A POLÉMICA

A polémica pública que entretanto foi surgindo, primeiro no meios militares e depois nos órgãos de comunicação social, sobre os alegado pedidos de fuzilamentos para os responsáveis pelo golpe spinolista, sugeriu ao comandante Contreiras que deveria haver um certo resguardo na divulgação da gravação. O tempo foi passando. Em 1988 Contreiras vai para Moçambique e entrega a guarda da cassete ao camarada Simões Teles e só a recupera quando se reforma e começa a tratar do seu arquivo pessoal, em 2009.

Em 2017, e numa altura em que organiza o Fundo Documental pessoal para entregar no Arquivo Histórico Militar (AHM), Contreiras tem a ideia de ouvir pela primeira vez a gravação. "Pois nunca a pusera a rodar e já lá iam mais de quarenta anos desde que se efectuara o registo áudio daquela histórica noite de 11 de Março de 1975. Talvez fosse mais um documento para consolidar factos, aclarar dúvidas, desfazer muita da atoarda que ao longo desses quatro decénios se foi propalando, escrevendo

e sedimentando" escreve Contreiras em A gravação perdida, a introdução que escreveu para o livro. Na RTP, o coordenador dos Conteúdos Rádio do Arquivo RTP, Eduardo Leite, e o documentalista Nuno Coelho detectam que a gravação fora feita numa velocidade muito lenta para lá caberem as oito horas e meia de gravação e conseguem produzir uma nova cópia audível da gravação. Contreiras convida Vasco Lourenço, na qualidade de presidente da Direcção da A25A, e o jornalista Jacinto Godinho, como representante da RTP, a fazerem uma audição o mais atenta possível da gravação. Ao fim de imensas sessões e de mais de seis meses de trabalho foi possível obter uma transcrição, por escrito, a mais aproximada possível, de tudo o que foi dito na referida Assembleia. No final era necessário tomar uma decisão sobre a publicação do texto em livro.

0 LIVRO

Durante a apresentação de *A Noite que Mudou a Revolução*, Contreiras e Vasco Lourenço explicaram os prós e os contras de uma decisão que foi tomada há apenas quatro meses, em Fevereiro de 2019.

Para Contreiras, o texto integral da Assembleia demonstra que, ao contrário do que foi sendo inscrito na memória popular, a Assembleia não teve nada de selvagem. Foi presidida pelo Presidente da República, Costa Gomes, rodeado pelos membros da Junta de Salvação Nacional, primeiro-ministro e restantes membros do Conselho dos Vinte. Decorreu num ambiente tenso, como seria normal em dia de golpe mi-

litar, mas todos tiveram ocasião de apresentar os seus argumentos que foram contestados no mais puro espírito democrático. Desmontar o rótulo de "selvagem" era por si só motivo suficiente para publicar o livro.

Vasco Lourenço escreveu no prefácio: "Selvagem porquê? Por terem sido feitas afirmações contundentes, com pedidos de fuzilamento para os responsáveis maiores do criminoso e vil ataque feito ao RAL 1 com consequências dramáticas? O facto é que o bom-senso imperou, a Assembleia acabou por decorrer num ambiente pacífico e ordeiro – com pequenas altercações, é certo, mas bem menores do que as que acontecem em Parlamentos de todo o mundo (...) e não foram assumidas decisões radicais".

Seixas da Costa reforçou também que "a reunião, não despida de emoção em alguns momentos, passou-se sob um permanente sentido de respeito hierárquico, desde logo garantido pela tutela do Presidente da República e do primeiro-ministro. Ao longo dessas longas e tensas horas, como o texto testemunha, não houve o mais leve beliscar do respeito hierárquico e as interlocuções mantiveram-se no formalismo a que o ambiente de uma reunião militar obrigava".

Vasco Lourenço explicou ainda que o que poderia ter levado à decisão de não publicar o livro foi o facto de não se terem, honestamente, conseguido identificar todas as vozes que exigiram os fuzilamentos. Mas isso também impediria a opinião pública de apreciar as históricas intervenções de Cabral e Silva, Sacramento Marques, Costa Neves e, por fim, do Presidente

APESAR DE CONTAR
COM TANTOS OLHARES
DE TESTEMUNHO, OS 44
ANOS DE CONTROVÉRSIA
QUE SE SEGUIRAM,
DEMONSTRAM QUE A
MEMÓRIA PARTICULAR
É INSUFICIENTE PARA
RESOLVER CONFLITOS
IDEOLÓGICOS E IMPEDIR A
FORMAÇÃO DE MITOS

Costa Gomes, contrariando os minoritários pedidos de instauração da pena de morte.

'O não fuzilamento que salvou Portugal' foi o título de uma oportuna crónica de Ferreira Fernandes publicada no dia 27 de Abril de 2019, no *Diário de Notícias*, e que resume bem o espírito que presidiu à publicação deste livro e explica a oportunidade de ser lançado nos 45 anos do 25 de Abril, celebrando um momento decisivo em que o MFA foi posto à prova e superou as hostilidades com coragem e determinação.

Uma ideia também referida por Seixas da Costa durante a presentação do livro: "Devo dizer que esse é talvez um dos grandes momentos da Assembleia do 11 de Março, pela prevalência clara, no seu seio, de um sentimento humanista e muito português."

Isto para além de, tal como sempre afirmou Vasco Lourenço, o livro servir também para demonstrar que a questão dos fuzilamentos não foi levantada pelo coronel Varela Gomes. O desagravamento da sua memória foi também

referido pelo embaixador Seixas da Costa como outro dos mitos que o livro desmonta.

Vasco Lourenço vincou, na sua intervenção, que a gravação áudio da Assembleia do 11 de Março, desmonta os argumentos dos inimigos do MFA. Foi naquela noite que se decidiu de forma inequívoca que as eleições se iriam realizar na data prevista e que esse era um compromisso inegociável do MFA.

É outro dos mitos que segundo Seixas da Costa o livro desmonta: "A mitologia, adubada por alguns historiadores, aponta no sentido de ter sido Costa Gomes, num "hábil" fecho da reunião, que deu esse assunto como encerrado, para evitar que a Assembleia procedesse a um adiamento, assim incumprindo com o compromisso assumido pelo MFA no 25 de Abril. Nada mais falso. Como o texto revela, não obstante terem surgido algumas vozes favoráveis ao adiamento, muitas mais se pronunciaram em favor da manutenção da data. É mesmo Rosa Coutinho quem adianta que seria uma "provocação" ao povo português não cumprir com a palavra dada."

SEM SENSACIONALISMOS

O livro foi então publicado pela editora Colibri com o título de *A Noite que Mudou a Revolução de Abril*. Decidiu-se que em nenhuma parte da capa do livro se referiria o termo de "Assembleia Selvagem". Sacrificou-se uma atractiva estratégica comercial, e potenciais vendas junto de um público normalmente atraído por títulos sensacionalistas, em nome do interesse público na divulgação de uma peça de inquestionável importância histórica e que deve ser apreciada

O LIVRO FOI ENTÃO
PUBLICADO PELA EDITORA
COLIBRI COM O TÍTULO
DE A NOITE QUE MUDOU
A REVOLUÇÃO DE ABRIL.
DECIDIU-SE QUE EM
NENHUMA PARTE DA CAPA
DO LIVRO SE REFERIRIA O
TERMO DE "ASSEMBLEIA
SELVAGEM"

da forma mais desapaixonada possível. O título reforça a importância de uma Assembleia que marcou a história de Portugal. O livro, transcrevendo na íntegra a gravação áudio, uma forma apenas possível pelo meios técnicos audiovisuais, permite abrir uma janela para o passado e "assistir", como se lá estivéssemos estado, ao momento em que o poder reunido numa grande assembleia popular se pôs à prova e tomou decisões históricas como a nacionalização da banca, a criação do Conselho da Revolução e, sobretudo, a irreversibilidade da realização das primeiras eleições livres e democráticas.

Recordamos as palavras finais de Seixas na Costa: "A Assembleia do 11 de Março, com todas as suas decorrências, faz hoje parte integrante da História de Portugal. Tive grande orgulho em nela participar e ter mesmo nela feito uma intervenção – sendo, aliás, uma das muito escassas vozes de oficiais milicianos que alguma vez tomaram a palavra na dezena de Assembleias do MFA realizadas entre Dezembro de 1974 e Setembro de 1975 (e estive pre-

sente em três). Não se pode entender a História sem contextualizarmos os factos. Não se pode olhar para os acontecimentos de uma época como se as coisas se estivessem a passar hoje, à luz do que agora sabemos e pensamos. Além disso, temos de nos ver a nós mesmos inseridos nessa época, no Portugal convulso e agitado desses dias, nesse caldeirão de esperança em que todos estávamos mergulhados. A Revolução era jovem e nós também."

Terminamos com as palavras de Vasco Lourenço: "Nem tudo está como sonhámos. Nem tudo está como gostaríamos que estivesse. Mas o facto é que Portugal é hoje um país diferente para melhor. E isso só foi possível porque houve quem, em momentos difíceis e complicados, soubesse e conseguisse evitar decisões radicais. Momentos como os que aqui são recordados, ajudaram a construir um Portugal de Abril."

PROTOCOLO PARA PRESERVAR A HISTÓRIA

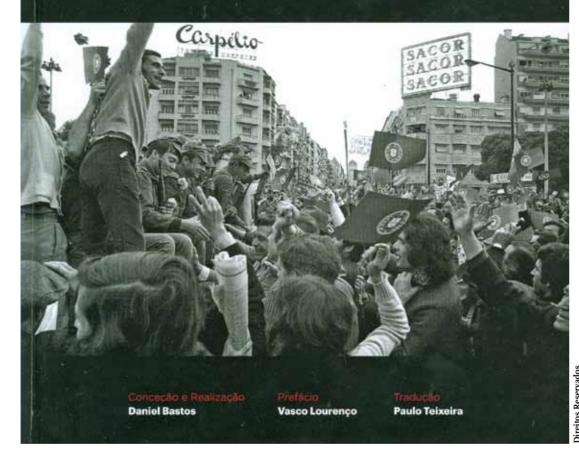
A gravação da célebre assembleia de 11 de Março de 1975 está agora depositada nos arquivos da RTP, mas só pode ser usada com o conhecimento da Associação 25 de Abril e de Almada Contreiras, enquanto detentor do acervo documental denominado Fundo Almada Contreiras, depositado no Arquivo Histórico Militar. Deste arquivo faz parte a gravação efetuada na noite de 11 para 12 de Marco de 1975, nas instalações do Instituto de Defesa Nacional, aquando da realização de uma assembleia militar que aí teve lugar, presidida pelo Presidente da República, general Francisco da Costa Gomes.

A cedência deste material de superior interesse para a história de Portugal ficou registado em protocolo celebrado entre a RTP, a A25A e Almada Contreiras. Através deste documento, ficou estipulado que serão feitas três cópias da gravação, ficando uma na RTP, outra na A25A e a terceira no Fundo Almada Contreiras. As partes concordaram que a RTP não cederá para qualquer fim, nem difundirá, nem cederá para difusão o conteúdo total ou parcial do suporte de gravação original e respectivas cópias sem autorização dos demais outorgantes.

Ficou também consignado que passados vinte e cinco anos após data da assinatura do presente protocolo, os segundo e terceiro outorgantes conferem à RTP posse definitiva da cópia à sua guarda, libertando-a de todos os condicionamentos agora expressos.

DIAS DE LIBERDADE EM PORTUGAL

Gérald Bloncourt



Tempos de Sonho e de Esperança Fotos de Gérard Bloncourt e organização de Daniel Bastos – com este livro sobre os dias subquentes ao dia 25 de Abril de 1974 recuamos e somos transportados aos primeiros tempos da libertação e da festa

VASCO LOURENÇO

E, DE REPENTE... os portugueses acordaram livres!

Em 25 de Abril de 1974, primeiro temerosos de estarem perante uma "pinochetada" (o fantasma de Kaulza de Arriaga pairava no ar), vieram para a rua, aperceberam-se que os revoltosos, posteriormente chamados de Capitães de Abril, eram libertadores, apoiaram-nos e empurraram-nos para a maior epopeia dos tempos modernos. Ficando registada na História pátria como Revolução dos Cravos, é das páginas mais brilhantes e fascinantes de uma vida colectiva de quase 900 anos.

Acordados livres, rapidamente se apercebendo de que não tinham apenas deveres mas também direitos, foi o tempo de uma *bebedeira colectiva*, na intensa luta por uma vida melhor, livre, justa, solidária e em paz.

Naturalmente, muitos quiseram alcançar tudo de uma só vez, como se fosse possível recuperar nuns meses o atraso de 48 anos de opressão, isolamento e guerra!

Foi o tempo dos sonhos cheios de esperança, da afirmação da cidadania, da construção de uma sociedade mais livre e mais justa, do fim e do regresso de uma guerra sem sentido com a ajuda ao nascimento de novos países independentes, onde a língua portuguesa continuou a ser o principal factor congregador.

Mais tarde, também naturalmente, seria o tempo do desabar de algumas ilusões, de recuos em avanços alcançados, de novas lutas pela sociedade que a democracia promete e muitas vezes (demasiadas vezes) compromete e inviabiliza.

Hoje, passados 45 anos, continuamos a usufruir de muitas das conquistas então alcançadas, as maiores das quais são a Liberdade, a Democracia e a Paz.

Conquistas que, confio, serão o suporte da construção de um País onde os portugueses poderão ser felizes, afinal a grande aspiração de todo o ser humano.

Felicidade que, não devemos esquecer, só se alcança se houver *Liberdade*, Liberdade que só é viável se houver *Coragem*!

A coragem que os Capitães de Abril tiveram e lhes permitiu alcançar a Liberdade.

Mas, é essencial não o esquecer e afirmá-lo, coragem que só aconteceu porque os Capitães se inspiraram e a alicerçaram na luta de muitas e muitos portuguesas e portugueses, que nunca se vergaram aos ditadores, numa luta de 48 anos com enormes sacrifícios pessoais e colectivos.

Com este livro, "Dias de Liberdade em Portugal", recuamos e somos transportados aos primeiros tempos da libertação e da festa.

Com a emoção de rever esses dias, louvo e agradeço ao Gérard Bloncourt e ao Daniel Bastos. Bem hajam!

Vivi essa jornada do 1.º de Maio de 1974, que continuo a recordar como um dos dias mais felizes da minha vida.

Como então exclamei, depois dessa jornada, só por este dia, já valeu a pena! Tudo arriscámos, temos o povo livre, valeu a pena!

REGRESSADO DE PONTA DELGADA

Hoje, passados 45 anos, continuo a repetir o que já afirmei muitas vezes: não é possível descrever aquele 1.º de Maio. Só tendo-o vivido, se pode compreender como foi...

Permitam-me que o recorde: regressado de Ponta Delgada (para onde seguira compulsivamente transferido em 15 de Março) no dia 29 de Abril; magoado com os fascistas, por me terem impedido de ser o comandante das operações (substituído pelo Otelo, com ele correu muito bem, comigo falta fazer a prova...); embrenhado no agarrar das pontas do MFA, procurando colmatar o facto de os Capitães de Abril, nada ambiciosos, não terem preparado o dia seguinte, assim deixando o caminho e o campo livres aos oportunistas e aos spinolistas; anestesiado pela "bebedeira colectiva " em que todo o mundo se lançara;

Decidi ir ver a manifestação, convidei três cadetes da Academia Militar, metemo-nos num carro e fomos para as ruas de Lisboa...

Uma multidão de mais de um milhão de pessoas nas ruas, nunca visto, antes ou depois, lembro-me de um pormenor. Apesar de um intenso trânsito, da existência de poucos semáforos, não havia engarrafamentos. O trânsito era lento, mas a civilidade imperava e tudo fluía

A CORAGEM OUE OS CAPITÃES DE ABRIL TIVERAM E LHES PERMITIU ALCANÇAR A LIBERDADE. MAS. É ESSENCIAL NÃO O ESOUECER E AFIRMÁ-LO, CORAGEM **OUE SÓ ACONTECEU POROUE OS CAPITÃES SE INSPIRARAM E A ALICERÇARAM NA LUTA DE MUITAS E MUITOS PORTUGUESAS** E PORTUGUESES. **OUE NUNCA SE VERGARAM AOS DITADORES. NUMA LUTA** DE 48 ANOS **COM ENORMES** SACRIFÍCIOS PESSOAIS E COLECTIVOS.

na maior das calmas, numa enorme e intensa festa e alegria.

Descemos a Alameda Afonso Henriques e ao chegarmos ao cinema Império, alguém se apercebeu que no carro estava um capitão.

Foi um delírio, encheram-nos o carro de cravos brancos e vermelhos, quase que levavam o pequeno "carocha" em ombros!

Ao ver as muitas fotografias que o Gérard tirou do local, concluo que estaria noutro sítio, não se apercebeu do acontecido, pois certamente teria captado essas cenas. Tenho pena, não posso rever-me nesses admiráveis instantes, como outros se irão rever nas fotos aqui reveladas.

Dali, fomos até ao Estádio nesse dia baptizado de Primeiro de Maio, não entrámos, fomos convidados para subir a um prédio em frente do mesmo, duma janela assistimos a parte da enorme festa/comício, regressámos ao Posto de Comando no EMGFA, à Cova da Moura, desabafei, como disse atrás, "por este dia, já valeu a pena!"

Ao ver a reportagem, seja do regresso de Álvaro Cunhal seja da manifestação, um aspecto me chama a atenção: a importância dada aos políticos (com Mário Soares, regressado no dia 28, passara-se a mesma coisa) e o herói do MFA que sobressaía para o imaginário colectivo, ou seja o general Spínola.

Ironias da História, dirão alguns.

Resultado da postura dos Capitães de Abril, afirmo eu.

O facto é que os responsáveis pelo 25 de Abril quiseram passar desapercebidos (santa ingenuidade) e deixaram o palco e a ribalta para Spínola e para os políticos.

Resultado, enquanto Spínola era o único a quem a população vitoriava individualmente, enquanto Soares e Cunhal foram recebidos em apoteose, eu, que chegara no dia 29 às duas da NÃO É POSSÍVEL
DESCREVER AQUELE
1.º DE MAIO.
SÓ TENDO-O VIVIDO
SE PODE COMPREENDER
COMO FOL...

manhã, apenas tinha à minha espera, no aeroporto, a minha mulher, o meu irmão e três capitães de Abril (Otelo, Hugo dos Santos e Rui Rodrigues).

Situação que mais tarde seria assinalada no livro *Capitães de Abril*, quando aí se acentua a diferença da recepção aos dois políticos e a um dos principais Capitães de Abril, cuja chegada apenas mereceu três linhas no jornal *Diário de Lisboa*, e porque um jornalista do mesmo era amigo pessoal do capitão.

Também nisso o 25 de Abril e os seus autores foram diferentes, realizando um acontecimento que continua a ser único na História Universal.

E, também por isso, hoje, continuo a considerar que "valeu a pena!

Obrigado, caros Gérard Bloncourt e Daniel Bastos, por me permitirem reviver aqueles inesquecíveis tempos.

Que fazer contigo, pá?

Livro de Carlos Vale Ferraz publicado em Abril de 2019, da Porto Editora. O autor rendilhou uma estimulante leitura sobre o heroísmo, a reconstituição do passado, na atmosfera de venenos e de riscos do nosso presente

MÁRIO BEJA SANTOS

É UM DOS TEMAS MAIS sugestivos da literatura contemporânea, mas tem dimensão clássica, tal os aliciantes que encerra: a figura magistral da revolução, que o rescaldo da revolução deitou borda fora, regressa, procura gente do seu passado, o seu nome é controverso, entre opiniões mesquinhas e o veneno das invejas. Segue-se uma via-sacra, o herói investiga e um dia desaparece no éter. É evidente que se trata de uma trama que se presta a inúmeras variantes. Anos atrás, Lídia Jorge escreveu "Os Memoráveis", uma reportagem aos heróis do 25 de Abril. "Que fazer contigo, pá?", de Carlos Vale Ferraz, Porto Editora, 2019, tem outro transcurso, condimentos próprios, trata-se de um vigoroso jogo de encontros e desencontros, alguns próprios de uma trama policial, envolvem Rúben, nome de código de um indistinto major de Artilharia que veio a ser comandante da operação que pôs termo ao Estado Novo. Este Salvador da Pátria tem uma linhagem, traz no ADN o sangue de D. António, Prior do Crato, dá para perceber a mensagem do sangue português em conflito com as apetências e interesses estrangeiros que se envolveram no 25 de Abril.

Carlos Vale Ferraz escreve sobre o fio da lâmina, há aproximações a verdadeiros protagonistas, pensa-se imediatamente em Otelo Saraiva de Carvalho, a escrita dissipa o equívoco e concorre para outros. Uma obra feita de alegorias, o herói vem encontrar a mãe mumificada, logo nos ocorre que aquela causa que pôs Rúben nos pódios da fama é hoje uma casca seca. É uma peregrinação ardilosa, gera uma cumplicidade entre autor e leitor, Rúben procura, e logo o primeiro demandado lhe responde: "O único Rúben que conheci já não existe". Rúben replica se era um indesejado, a resposta é pronta: "És uma assombração".

Outra alegoria: o regresso ao passado, a Violante do Canto, um nome icónico na cultura e história dos Açores, alguém que fez frente aos Filipes. Rúben insiste em explicar-se, ele que fora um herói do 25 de Abril fora derrotado no 25 de Novembro envolveu-se em ações violentas, houve acordos com a nova ordem estabelecida, partiu para um doce exílio, Paris. Rúben

quer explicar-se aos camaradas, irá bater a várias portas, logo um fabricante de bombas, Romeu, Rúben é informado de que fora banido, não

passava de um traidor, aqui e acolá avulta a figura de Otelo, alguém o menoriza, passados tantos anos: "Tu não distinguias o Trotsky do Tchaikovsky, e julgavas que a social-democracia era um regime porreiro". Ele pretende explicar-se, sente desdém à volta. Um outro camarada, Tiago, agora agente funerário, relembra-lhe a Operação Alcântara, que levou à detenção dos revolucionários que militavam na órbita de Rúben. Rúben bate à porta de Hermano, agora ligado a um bordel da Madame Piçarra, mais recordações sobre o negócio de armas e material para fazer bombas.

Que fazer contigo, pá?

AS FP-25

É uma viagem espetral, o leitor vai associando as FP-25, e confronta-se com gente reduzida a uma vida anónima, desprovida de qualquer interesse: "MacGyver cheirava a azedo e só de forma muito turva se recordou do Rúben como o rei Utopos da ilha do Novo Mundo. Dirigira o Revolução, o jornal do movimento. A ressaca da

> revolução transformara num farrapo esquelético, quase sem dentes e comido pelo álcool, o antigo estudante de filosofia que resolvia problemas complexos a partir de objetos comuns. Trabalhava nos fundos de uma loia de chaves, fechaduras e serralharia diversa num centro comercial". E definiu liminarmente o seu estado: "A minha revolução acabou numa cirrose, camarada".

Subitamente, as indagações de Rúben dão uma guinada, vamos ao território dos bombistas do ELP, Rúben entra numa descida aos infernos, todos aqueles homens subsistem, o seu ideal e a sua agenda atualizaram-

-se conforme as circunstâncias. Rúben é posto a recato num mosteiro em Pitões das Júnias. O autor dá-nos margem para saber o que Rúben fez em Paris todos aqueles anos antes de aparecer no cavalo branco em manhã de nevoeiro, entremeia--se a história de Violante Dutra, sempre os Açores,

sempre o sonho de educar o Salvador da Pátria. Em Paris houvera traições de outro tipo, amores espúrios, numa atmosfera de permanentes enga-

E avançamos para o clímax, a atmosfera é a de gente feita com o bombismo, há um novo plano para repor a velha Ordem, obviamente que maquilhada. Rúben encontra-se com o major Botelho, como Fausto, vendera não a sua alma ao Diabo mas a sua memória, agora, presta-se a estar ao serviço da normalização democrática. O major explica-se: "Limito-me a ser apenas um modesto major reformado, uma pequena abelha no processo de normalização em curso, que substituiu o processo revolucionário que esteve em curso". Rúben tranquiliza o major: "Os meus antigos camaradas reconstruiram as vidas, dissolveram--se no mundo; quase todos em atividades socialmente necessárias, mas nos subterrâneos e nas margens: tratam de esgotos, de mortos, de negócios do sexo, de publicidade, de desentupimentos e azares domésticos. Não prevejo que regressem às armas, às bombas, aos assaltos. Nem as suas mulheres o permitiriam, e eles vivem quase todos encostados a elas".

NOVA ORDEM

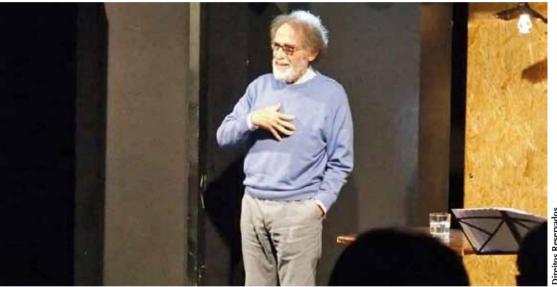
O major Botelho dá-lhe indicação do que é que o passado reciclado em nova Ordem tem como desafio: "Enfrentamos situações de grande risco, com a indispensável venda no mercado de bens e serviços públicos, bancos, eletricidade, estradas, aeroportos e mesmo dos lugares para estacionar os carros. Até aqui têm sido saldados sem provocar reclamações populares.

RÚBEN INSISTE EM EXPLICAR-SE. ELE OUE FORA UM HERÓI DO 25 DE ABRIL FORA DERROTADO NO 25 DE NOVEMBRO ENVOLVEU-SE **EM AÇÕES VIOLENTAS, HOUVE ACORDOS COM A** NOVA ORDEM ESTABELECIDA. PARTIU PARA UM DOCE **EXÍLIO. PARIS**

Nenhum banqueiro, nem qualquer dos ministros que procederam à transfega de companhias e marcas que desapareceram na nossa memória foram presos até agora". Era preciso prever novas formas de contestação, aí Rúben passava a ter um papel saliente. O trotil já não estava na moda, todos queriam sossego, brandos costumes e democracia de estufa.

Então, Rúben estabelece um plano de liquidação desta frente, arma um alibi perfeito para o seu novo apagamento. E desaparece, não num cavalo branco em manhã de nevoeiro, mas com uma nova identidade. Rúben talvez não tenha deixado saudades e a revolução que conduziu é hoje um mundo opaco, com novos valores. Carlos Vale Ferraz rendilhou uma estimulante leitura sobre o heroísmo, a reconstituição do passado, na atmosfera de venenos e de riscos do nosso presente.

Todos ou Nenhum



O episódio da libertação dos presos políticos de Caxias foi teatralizado pelo Capitão de Abril João Menino Vargas e encenado por Adolfo Gutkin

O episódio da libertação dos presos políticos de Caxias foi teatralizado pelo Capitão de Abril João Menino Vargas, que desempenhou no mesmo um papel relevante. A encenação foi de Adolfo Gutkin que assina este texto. A estreia teve lugar no IFICT-Instituto de Formação, Investigação e Criatividade Teatral exactamente 45 anos depois de ocorrido aquele episódio de Abril

ADOLFO GUTKIN

QUANDO, EM FINAIS de Março, princípios de Abril, Lúcia Faria, com esse ar inocente e falsamente inofensivo, se aproximou

a perguntar-me se estava em condições de fazer "algo" para festejar o 45.º Aniversario do 25 de Abril, imediatamente disse que sim. "Sim?". Logo ordenou: "Então apanhe este texto e encene esta peça". Assim recebi

"Todos ou Nenhum – A libertação dos presos de Caxias", de João Menino Vargas.

Entretanto tinha dado uma vista de olhos à peça e vi que o tema era histórico, que eram necessários muitos actores e que as cenas eram bastante complicadas. Sobretudo, tinha tomado consciência de que contava apenas com três semanas para uma estreia e nem sequer tinha actores escolhidos e comprometidos.

Passados alguns dias tive um encontro com Menino Vargas e o valioso colaborador e amigo Jose Luiz Fernandes. Visitando o forte que foi o posto de vigilância do Porto de Lisboa para ver se tinha condições para a representação, falei com o autor e disse-lhe: "Coronel, V. Exa. é o autor da obra, eu serei o autor da encenação." (Tinha a experiência de trabalhar com autores vivos e sabia que eles tremiam à menor diferença entre o que estava escrito e o que eu encenava).

"Peço-lhe um voto de confiança; seguramente terei que fazer alterações na peça, mas asseguro-lhe que serei fiel ao espírito da obra e tentarei traduzir cenicamente o seu pensamento e objectivos." Ele aceitou e – afortunadamente - não apareceu nos ensaios. O meu assessor era José Luiz. Poupei ao Menino Vargas não poucas angústias: só podia trabalhar com actores amadores (quase todos com pouca experiência); estes só podiam participar nos ensaios que não colidissem com os seus compromissos profissionais. Na prática significou que só no próprio dia e pela primeira vez – horas antes da estreia – tive todos os elementos presentes. Imaginem a classe de medo que nos aterrava a todos.

TRATAVA-SE DA
LIBERTAÇÃO DE PORTUGAL
DE UMA TRANSFORMAÇÃO
DE UM SISTEMA FASCISTA
NUMA DEMOCRACIA
AVANÇADA, DA CRIAÇÃO
DE UM NOVO SISTEMA
"DEMOCRÁTICO" PARA
TODOS OS PORTUGUESES.

PORTUGUESES DE ABRIL

Com a colaboração de Paula Freitas e Lúcia Faria, à frente de um grupo de jovens estagiários do IFICT, criámos algumas soluções cénicas e técnicas. Contando com um pouco de tinta, uns expositores e *backings* que existiam no espaço e alguns uniformes que apareceram uns dias antes.

Uma coisa eu tinha ao meu favor: eramos todos portugueses de Abril e trataríamos um assunto da nossa própria história. Puxávamos todos para o mesmo lado e esse lado era o de um futuro democrático para "todos ou nenhum"!

O núcleo dramático da obra apoiava-se num conflito legal (ou legalista) aparentemente sem grande importância dada a magnitude histórica da Revolução, mas que poderia torcer o rumo político da missão a que se tinha proposto o MFA.

Não se tratava apenas da libertação de presos políticos, não era apenas um golpe de Estado, mas sim da Revolução dos Cravos. Tratava-se da libertação de Portugal de uma transformação de um sistema fascista numa democracia

avançada, da criação de um novo sistema "democrático" para todos os portugueses.

Por um lado, velhos combatentes da clandestinidade, novos partidos políticos, ideais revolucionários e socialismo democrático; por outro, os velhos interesses que prolongavam uma guerra anti-histórica. Tudo estava em jogo. A libertação dos presos políticos era o símbolo do que se iria passar num país com um passado de quatro décadas de fascismo salazarista.

ENTRANHAS DO FASCISMO

A aceleração histórica vivida por Portugal nos primeiros anos da Revolução de Abril foi uma das mais intensas e menos sangrenta das que viveram Europa e o mundo.

De modo que alterei a peça pondo em primeiro lugar um tema que por João Menino Vargas era tratado na segunda parte: A tortura. Havia que demonstrar primeiro como era em realidade o fascismo e quanta crueldade e injustiça existiam num país de brandos costumes.

Havia que mostrar as entranhas do fascismo. Para que o clímax dramático fosse dado pela decisão de libertar todos presos de Caxias, considerando sabiamente que as sevícias do fascismo sobre toda a sociedade portuguesa, era também "produtora" da criminalidade condenada pelo seu Código Penal, por exemplo, a necessidade de falsificar documentos para prosseguir a luta clandestina.

Para isso contámos com a valiosa colaboração de uma actriz, Fernanda Neves, antiga lutadora prisioneira em Caxias durante dois anos e nesses dias libertada.

Fernanda tinha trabalhado comigo como actriz em várias peças no grupo Teatro do Mundo com José Mário Branco e Manuela de Freitas no elenco. E eu sabia que tinha sido torturada. Pedi-lhe então um depoimento da sua dramática experiência nos "esgotos do sistema".

De modo que Fernanda (cujo apelido real é Dâmaso) contou ao público, durante trinta minutos como tinha sido capturada e tratada pelos torcionários do sistema.

Comentando o seu texto disse-lhe: "É um Kafka português".

Sintetizando, foi torturada várias vezes até ficar cega e destruída fisicamente por dentro. O momento mais destacado (houve outros) foram onze dias e onze noites de estátua, sem dormir, onze dias de tortura, 24 sobre 24 horas, que não conseguiram destruí-la nem psíquica nem ideologicamente. Fernanda não falou nem denunciou os seus companheiros da clandestinidade. Uma heroína do povo estava ainda entre nós e nos contava pessoalmente a sua passagem pelos mais sinistros métodos do regime fascista.

Era teatro? Isto é teatro? No teatro tudo é a fingir. Isto era um acto de vida teatralizado para que os mais jovens não esqueçam o preço da liberdade de que gozamos agora.

Essa foi sempre a minha concepção do teatro: um acto de vida para mudar a vida. Um acto de vida teatralizado que permite reviver o horror de uma ditadura em plena guerra colonial e dar valor à coragem e à dignidade dos Capitães de Abril que fizeram possível que hoje Lisboa seja um ponto belo e pacífico, visitado por milhões de turistas e amigos.



Com a colaboração de Paula Freitas e Lúcia Faria, à frente de um grupo de jovens estagiários do IFICT, criámos algumas soluções cénicas e técnicas. Contando com um pouco de tinta, uns expositores e backings que existiam no espaço e alguns uniformes que apareceram uns dias antes

CAPITÃES DE ABRIL

Muito temos falado e estudado a importância histórica dos valentes e inteligentes Capitães de Abril. A certeza de qual era a possibilidade de substituir uma ditadura "legalista" por uma democracia avançada que evitasse os desvios de direita e de ultra-esquerda que ameaçavam os mais nobres e puros ideais simbolizados pelos cravos nas espingardas.

E conseguiu-se. Hoje estamos integrados na Europa e em muitos aspectos a nossa experiência política e exemplo para muitos países europeus, nomeadamente Espanha.

Mas devemos destacar que não foi um passeio turístico. A adesão entusiasta e valente das massas populares e a coragem dos heróicos Capitães de Abril, que arriscavam carreira, posição social, prisão e até a própria vida por um

ideal que era apenas um sonho, um desejo de justiça e uma determinação, que contava com o entusiasmo e disposição de luta de todo um povo e a mobilização armada das forças leais aos novos ideais.

Não foi fácil e a cada momento corria-se o perigo de que os objectivos finais de democracia avançada fossem desviados para os extremos perigos quer da ultra-direita quer da ultra-esquerda. Faziam pressão e não só intelectual e política, também com armas e organizações terroristas.

Foi uma Revolução que venceu. Uma luta que em Portugal – se concretizou em poucas horas mas que teve uma maturação de décadas, décadas de humilhação e repressão, de abuso de poder, de resistência heróica e clandestina num contexto histórico em que o sistema colonial tinha sido já internacionalmente condenado mas que Portugal se obstinava em perpetuar. Memória vivida no presente: o depoimento de Fernanda e as acções decisivas dos militares responsáveis pelo Movimento das Forcas Armadas conseguiram chegar aos nossos dias. Os festejos do 25 de Abril, 45 anos depois, não são apenas cerimónias sociais e políticas que poderiam transformar-se numa rotina litúrgica, mas são também um aviso – sobretudo para as novas gerações – para não esquecer o passado. Os povos que não têm memória têm que reviver a sua história. E a repetição costuma ser trágica, como estamos observando nestes dias em relação ao Irão, Venezuela e outros focos de tensão que constituem um aviso do perigo de uma conflagração mundial.

Em dias como os de hoje, com o avanço enlouquecido para uma guerra total incontrolada, convém que lembremos a violência fascista de direita e demos valor às conquistas democráticas, que nos permitem gozar ainda de certa paz nalguns pontos do planeta. Mas a luta pela Paz obriga-nos à solidariedade, obriga-nos a privilegiar a memória do custo e perigo de histerismos imperiais, apoiados nos armamentos mais sofisticados e na acumulação do poder financeiro, que desafia os próprios códigos criados pelo sistema para evitar extravasamentos.

O TEATRO

A segunda parte, a peça propiamente dita, o conflito dos advogados liberais e democratas, os comandos do MFA, as astúcias do poder agonizante para se prolongar como sistema e, finalmente, a libertação para todos.

"Para todos ou nenhum", disseram os presos políticos, e todos participaram dessa libertação. Foi o fim da guerra colonial e do fascismo, o triunfo dos profundos desejos do povo e a afirmação dos sonhos dos Capitães de Abril e dos lutadores mais esclarecidos ao longo de décadas de fascismo e de clandestinidade.

O teatro, quando intervém deste modo na vida social, justifica-se, reconcilia-se consigo mesmo e com a sua história.

A história do teatro é uma longa história da luta da justiça contra a injustiça, de uma luta pela beleza, a paz e a vida. O verdadeiro poder do teatro nasce quando se coloca do lado dos poetas, dos povos e as suas esperanças.



Fernanda (cujo apelido real é Dâmaso) contou ao público, durante trinta minutos, como tinha sido capturada e tratada pelos torcionários do sistema

TEATRO DA LIBERTAÇÃO e a realidade do fascismo

Todos ou Nenhum baseia-se em acontecimentos que o autor protagonizou como delegado da Junta de Salvação Nacional, na noite de 26 de abril de 1974, na prisão de Caxias, onde estavam 82 presos políticos

JOSÉ LUIZ FERNANDES

A PEÇA DE TEATRO "Todos ou Nenhum: A libertação dos presos de Caxias", de João Menino Vargas, baseia-se em acontecimentos que o autor protagonizou como delegado da Junta de Salvação Nacional, na noite de 26 de abril de 1974, na prisão de Caxias, onde estavam oitenta e dois prisioneiros políticos da ditadura que fora derrubada na véspera.

Recordo rapidamente alguns acontecimentos para mais completa compreensão do significado do que aconteceu e do texto teatral que agora se apresenta em livro.

No dia anterior – 25 de Abril –, à tarde, fora enviada uma companhia de fuzileiros, que se instala no sopé leste da colina do forte. Em Peniche, uma força do Exército cercara o forte-prisão de manhã cedo. Em ambos os casos sem instruções para libertar os presos.

Paralelamente, a rendição da PIDE arrastava-se e complicava-se. Ao princípio da noite, os seus agentes cercados na sede, em Lisboa, disparam sobre a multidão assassinando quatro pessoas. A preocupação sobre o destino dos presos políticos ia crescendo, principalmente entre os seus familiares e as pessoas com atividade antifascista. Por isso, quando o dia 26 amanhece já algumas dezenas de pessoas se concentram junto à prisão de Caxias. Pouco tempo depois, uma companhia de paraquedistas ocupa o

forte-prisão e prende, no reduto sul, os agentes da PIDE que ali procediam aos interrogatórios. A seguir, uma companhia de fuzileiros toma conta do reduto norte, onde se encontram os prisioneiros.

Durante o dia a multidão vai crescendo e a pressão para a libertação também, inclusive com a deslocação de vários advogados a Caxias. Mas, a libertação, tal como em Peniche, arrasta-se. A versão do Programa do MFA, publicada na 2.ª edição desse dia 26 do jornal "República", determinava, no seu n.º 2, alínea f), que a Junta de Salvação Nacional decreta "a amnistia imediata de todos os presos políticos". Mas, uma das alterações introduzidas pelo general Spínola acrescentar-lhe-á: "salvo os culpados de delitos comuns". É este acrescento que está na origem dos acontecimentos em que a peça se baseia, pois obrigava a analisar o processo de cada prisioneiro: dos oitenta e dois de Caxias, mais dos trinta e cinco de Peniche e dos nove detidos na subdiretoria da PIDE no Porto.

O então major João Menino Vargas é enviado a Caxias pela Junta de Salvação Nacional, ao fim da tarde, para proceder à libertação dos prisioneiros. A Peniche são enviados, com o mesmo objetivo, o capitão-tenente Carlos Machado Santos e o major José Moreira Azevedo.

Em Caxias, que é o espaço de ação da peça, o major João Menino Vargas terá de enfrentar o tenente-coronel Dias de Lima, enviado pelo general Spínola para garantir que nem todos os presos políticos seriam libertados. A situação só se resolve ao fim do dia, com os prisioneiros a serem libertados às primeiras horas do dia 27 de abril, tal como em Peniche. No Porto, a situação resolvera-se mais cedo, cerca das 14 horas, com a libertação dos nove detidos nas instalações da PIDE.

TEATRO E A REALIDADE

De modo resumido, foram estes os factos. Mas o Teatro – e a peça "Todos ou Nenhum: A libertação dos presos de Caxias" – é outra coisa. A relação do Teatro com a realidade é uma velha questão, desde sempre discutida, pois é intrínseca à gestação do Teatro como processo de expressão e criação humana.

Corneille, citando o Aristóteles da *Poética* – obra determinante há mais de dois milénios para o Teatro na cultura de tradição greco-latina – lembra que o autor "não é obrigado a tratar das coisas como elas se passaram, mas como poderiam ou deveriam ter-se passado, de acordo com o verosímil ou o necessário".

E acrescenta: "É preciso que ele siga um destes três modos de tratar as coisas: que as represente tal como foram, ou como dizem que elas foram, ou como deveriam ter sido".

João Menino Vargas defrontou-se com esse dilema ao escrever a peça. Sabia como as coisas foram, pois foi protagonista dessa realidade; mas isso era insuficiente, pois para representar essa realidade em palco era necessário dar-lhe conflito dramático; e por isso escreveu como as coisas poderiam ter sido, encontrando o equilí-

brio entre o verosímil e o necessário para que a representação da realidade envolva o espetador. E como nos envolve!

Nesta peça representa-se a realidade de Caxias, naquele dia 26, mas está mais do que isso. No enfrentamento entre os dois oficiais do Exército está o conflito entre o MFA e o general Spínola. Tensão que também existia na sociedade civil e é expressa pelas diferenças de opinião entre os três tipos de advogados: os radicais, os ponderados e um titubeante.

E está, com a libertação de todos os presos políticos, a esperança no futuro aberto pelo 25 de Abril. Porque – recordo – foi essa libertação que clarificou o sentido do caminho que se iniciava. Um caminho de esperança que João Menino Vargas nos traz de forma teatral.

A terminar, uma palavra de respeito para todos os presos políticos da ditadura fascista. Incluindo os cerca de quatro mil e duzentos que em 24 de abril estavam nas cadeias e campos de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau e Moçambique. O 25 de abril foi construído também pelo sacrifício de dezenas de milhar de pessoas que ao longo de 48 anos passaram pelas prisões do fascismo, e ali foram humilhados, torturados e assassinados.

(O autor escreve segundo a norma ortográfica de 1990)

Livro apresentado na A25A

M. SIMÕES TELES

DO ANÚNCIO-CONVITE para a apresentação deste livro, assinado por Vasco Lourenço, reproduz-se:

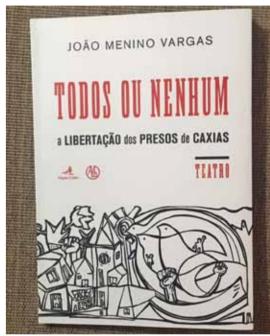
Logo no dia 26 de Abril de 1974, deu-se um dos primeiros episódios da luta latente entre o general António de Spínola e o MFA.

Com efeito, no seguimentos dos episódios no Posto de Comando (PC) na Pontinha, onde o homem do monóculo, alicerçado no facto de ter sido o receptor do poder da parte de Marcelo Caetano, ultrapassara o indigitado, pelo MFA, presidente da JSN e da Presidência da República, general Costa Gomes, e tentara "rasgar" o Programa do MFA, o chefe do grupo spinolista procurava impor o seu projecto de "democracia musculada". Foi assim que assistimos ao episódio da obstaculização da libertação de todos os presos políticos, estivessem em Caxias, em Peniche ou noutra qualquer prisão da ditadura.

Foi aí que, no seguimento do que já acontecera no PC, o MFA teve de se assumir...

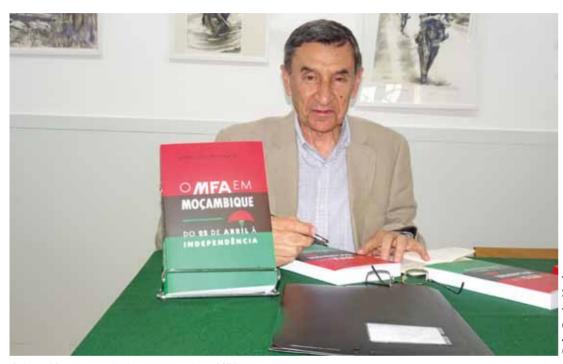
O episódio da libertação dos presos políticos de Caxias foi teatralizado pelo Capitão de Abril João Menino Vargas, que desempenhou no mesmo um papel relevante, não esquecendo a importância da intervenção de outro Capitão de Abril, o Manuel Franco Charais. Essa peça de teatro, a que já assisti com enorme emoção, deu origem à publicação de um livro.

O processo que conduziu à edição do livro e à representação da peça foi conduzido por José Luiz Fernandes e por Lúcia Faria. A estreia teve lugar no IFICT-Instituto de Formação, Investigação e Criatividade Teatral exactamente 45 anos depois da libertação dos presos políticos em Caxias. Encenou



Adolfo Gutkin, de quem se publica um texto à parte a propósito. Como prólogo, assistiu-se ao relato de Fernanda Neves, ao pormenor, das peripécias da sua prisão na zona de Mem Martins quando distribuía panfletos de apoio a uma greve, das torturas bárbaras que sofreu na prisão de Caxias às mãos dos esbirros da PIDE – que a atiraram em coma para a prisão hospital – das humilhações diárias, dos infindáveis anos de prisão a que foi condenada. A crueldade que a ditadura exerceu sobre tantos presos, ali relatada na primeira pessoa com a mesma coragem de outrora, vai sobressaltar-nos sempre.

O livro foi apresentado na A25A quatro semanas mais tarde por José Luiz Fernandes.



Aniceto Afonso, autor da obra apresentada na A25A

O MFA em Moçambique do 25 Abril à Independência

Livro de Aniceto Simões sobre a descolonização em Moçambique foi apresentado na A25A a 19 de Junho. O que aqui se passou, e que está muito bem documentado, passou- se em Angola e na Guiné, com as suas características específicas

JORGE GOLIAS

O QUE TENHO a dizer sobre este livro, de forma organizada e estruturada, bem ou mal, está no Prefácio.

Apenas me vou referir a algumas situações que me suscitam mais atenção.

A principal motivação dos capitães no 25 Abril foi a de acabar com a guerra colonial. E como isso tinha de passar pela deposição do Regime, assim se fez. Por isso o primeiro "D" foi o da Descolonização.

Mas se isto na Guiné foi claro, em Moçambique não foi assim. O MFA aqui entendeu-se na deposição do Regime, mas quanto à solução da guerra colonial o movimento dividiu-se, tornando tudo mais difícil.

Os que tinham a visão clara da inevitabilidade da independência – até por ser já quase impossível motivar as NT para continuar a guerra – esperavam nas três colónias que se dessem sinais claros desse objectivo inicial.

Mas, o que se passou foi a instalação de um clima contrário. Quem estava em Angola, Moçambique e Guiné não sabia das condições que Spínola impôs no Posto de Comando da Pontinha para aceitar presidir à JSN – o tal protocolo secreto, onde se excluiu a alínea que previa as independências e se incluiu a nova alínea de que durante um ano não se tocava nas colónias. E se na Guiné assistimos à tentativa do general Spínola de fazer um referendo à população para saber se queria integrar uma comunidade lusíada, em Moçambique o general Costa Gomes, sem ligar ao MFA, apelou à Frelimo

A PRINCIPAL MOTIVAÇÃO DOS CAPITÃES NO 25 ABRIL FOI A DE ACABAR COM A GUERRA COLONIAL. E COMO ISSO TINHA DE PASSAR PELA DEPOSIÇÃO DO REGIME, ASSIM SE FEZ. POR ISSO O 1º "D" FOI O DA DESCOLONIZAÇÃO

para depor as armas e disse que se isso não acontecesse: "Lutaremos com uma missão mais bela e enobrecida".

Em que mundo ele estaria! Exclama aqui o autor, dizendo ainda: "então era este o chefe que o MFA queria?". Podemos concluir que, no respeitante a soluções para a guerra, ambos os chefes coincidiam na visão do não reconhecimento das independências.

Entretanto, da Metrópole não se dava resposta a nada que das colónias se perguntasse. E quando vinham ordens, era melhor que não viessem: PIDE/PIM e Circular CEMGFA do MFA nas FFAA.

Diz Aniceto Afonso que em Moçambique as FFAA estavam em Maio profundamente impacientes, em Junho divididas, e em Julho destroçadas.

A INDEPENDÊNCIA

Com problemas de toda a ordem com as NT, com a população branca, Frelimo e algumas vezes o próprio poder português no território,

LIVROS



O auditório da A25A encheu para conhecer a obra de Aniceto Simões

o MFA em Moçambique esteve sempre no centro da mediação e das soluções, ao longo de três meses, que valeram por três anos, para que, finalmente, em finais de Julho aparecesse a Lei 7/74 do Conselho de Estado, a admitir as negociações para a concessão das independências. Mas, como muito bem diz aqui o Aniceto Afonso, "quando se reconheceu esta inevitabilidade já se tinham perdido todos os trunfos, restando ao MFA salvar o que fosse possível".

Depois, nos três territórios africanos, foi a pressa imparável de muitos actores para que o processo acelerasse: os guerrilheiros queriam ocupar os quartéis e as casas, e tomar conta das viaturas e de todo o material que voluntariamente deixámos. Os líderes de todas as guerrilhas queriam rapidamente ocupar os postos do poder político e administrativo, esquecendo as prudentes recomendações de fazer um mínimo de preparação de quadros civis e militares. As

nossas tropas, de todas as patentes, ansiavam pelo regresso imediato a Portugal.

Foi neste caldo de contradições: nossas tropas divididas e ansiosas, Frelimo com pressa de entrar, população civil branca com outro projecto de futuro para a colónia, contexto geopolítico, etc., que se negociou a transição e se fez a entrega do território. O que se passou em Moçambique, e que está aqui muito bem demonstrado e documentado, passou- se em Angola e na Guiné, com as suas características específicas. Aguardemos então o balanço da Descolonização, que os historiadores do futuro um dia farão, mas não embarquemos em classificações catastróficas, porque pode não ser essa a verdade histórica.

Ademais, no rescaldo do processo, ainda tivemos energia para erguer a maior ponte aérea da História, com cerca de um milhão de retornados, e integrar com sucesso a maioria na sociedade.

Por tudo isto a História nos julgará!

Antes de terminar, quero realçar o mérito da Editora Colibri e do coordenador desta colecção, o nosso camarada Almada Contreiras, pela sua grande contribuição para a História recente de Portugal.

Termino agora, felicitando o autor, Aniceto Afonso, por esta sua magnífica obra de História, comum a Portugal e a Moçambique, pela sua capacidade de produzir pensamento de interpretação das diversas situações, e de orientação dos seus camaradas do MFA, apontando-lhes sempre o caminho mais correcto, num contexto de boatos e de contra-informação permanente. Como capitão mais

E SE NA GUINÉ ASSISTIMOS À TENTATIVA DO GENERAL SPÍNOLA DE FAZER UM REFERENDO À POPULAÇÃO PARA SABER SE OUERIA INTEGRAR UMA COMUNIDADE LUSÍADA. EM **MOCAMBIQUE O GENERAL COSTA GOMES, SEM** LIGAR AO MFA. APELOU À FRELIMO PARA DEPOR AS ARMAS E DISSE OUE SE ISSO NÃO ACONTECESSE: "LUTAREMOS COM UMA MISSÃO MAIS BELA E **ENOBRECIDA**"

destacado do MFA de Moçambique, integrou a comitiva portuguesa para as negociações com a Frelimo na África do Sul.

Já te conhecíamos como historiador, romancista, poeta, e agora também actor fundamental deste importante episódio histórico. Por tudo isto, mas sobretudo, por seres um grande amigo e camarada, os meus respeitos e o meu abraço.

Ciclo da vida e da morte

VASCO LOURENÇO

O CICLO DA VIDA e da morte é inexorável. Neste período, mais três homens de Abril – dois militares e um civil – nos deixaram.

Disso damos testemunho em O Referencial.

Sobre Amílcar Domingues escreve o seu grande amigo Pedro Pezarat Correia, que ao chamá-lo para o seu gabinete no Conselho da Revolução, me permitiu conhecer e ganhar um novo amigo. Homem de perfil *soft*, Amílcar Domingues impunha-se por uma postura de atitudes firmes na defesa dos valores de Abril, de que foi percursor e praticante activo.

O João Moutinho é recordado pelo Antero Ribeiro da Silva, seu grande amigo e companheiro nas lides de Abril no Norte e em especial no Porto.

Conheci razoavelmente o João Moutinho, com ele fiz amizade, vendo nele um Homem íntegro, corajoso, solidário, que agia de acordo com os valores de Abril.

Quanto ao Carlos Morgadinho é o Manuel Pedroso Marques que o evoca.

Conheci bem o Carlos Morgadinho, fruto da sua inquebrantável militância pelos valores de Abril, nas terras distantes de Toronto, no Canadá.

Na grande e importante comunidade portuguesa nessas longínquas terras, os valores de Abril são difundidos, praticados e consolidados pelo Núcleo Salgueiro Maia da Associação Cultural 25 de Abril. Depois da partida de Mário Lebre, temeu-se que essa Associação, que sempre teve como atitude intransigente uma total e profunda ligação à Associação 25 de Abril, pudesse soçobrar.

Foi Carlos Morgadinho quem, agarrando no leme, manteve e consolidou os valores de Abril, como farol de actuação das portuguesas e dos portugueses que teimam em manter laços de estreita ligação ao seu Portugal de Abril.

Homem de antes quebrar que torcer, grande patriota e defensor de Abril, vai certamente deixar um vazio dificil de preencher. Por isso mesmo, as suas companheiras e companheiros do Núcleo Salgueiro Maia terão de desenvolver um esforço maior para manter vivos os valores de Abril em Toronto. É a melhor homenagem que lhe poderão prestar. Confio que terão sucesso.

Por mim, perdi mais três amigos, que aqui recordo, com um forte abraço amigo, solidário e fraternal.



OBITUÁRIO

1931-2019

Abraço a Amílcar Domingues



Amílcar Augusto Ferreira Domingues (1931-2019) faleceu a 28 de Março. Partiu o último dos envolvidos na fracassada tentativa de 12 de março de 1959 (Revolta da Sé)

NO ESPAÇO DE reflexão que *O Referencial* me reserva, Jango, no seu n.º 128 relativo a jan-mar 2018, numa breve nota relativa ao falecimento de Varela Gomes, referia-me a Amílcar Domingues como um dos poucos que "resistiam" ao peso dos anos entre os camaradas que com Varela tinham conspirado e constituído o grupo dos "capitães de Delgado". Pois o "Setas", como era geralmente conhecido pelos seus camaradas contemporâneos da então Escola do Exército, deixou-nos pouco mais de um ano depois, no passado dia 28 de março. Creio não errar se disser que, do Exército, partiu o último dos envolvidos na fracassada tentativa de 12 de março de 1959 (Revolta da Sé).

Regressado em 1956 da primeira comissão na Índia, estava colocado como capitão em Metralhadoras 1 e a cumprir uma diligência no Trem Auto, unidade também situada em Lisboa e que tinha a particularidade de reunir oficiais de várias armas. É assim que, no rescaldo do vendaval da campanha eleitoral de Humberto Delgado, conhece o então capitão de Cavalaria Almeida Santos, que tinha por unidade base Lanceiros 2, vizinha de Metralhadoras 1 na Calçada da Ajuda. É nesse contexto que, segundo as palavras do próprio Amílcar Domingues, em entrevista a um jornal de Bragança, sua terra natal, há cerca de 20 anos, desperta a sua consciência política e é aliciado por Almeida Santos, um dos dinamizadores do que viria a ser a "Revolta da Sé".

Na sequência do falhanço da Sé foi preso, aguardando julgamento, na Trafaria e no Forte de Elvas, com Almeida Santos e outros implicados. Não acompanhou Almeida Santos e Jean Jacques Valente na fuga do Forte mas ajudou--os e foi no seu carro, colocado para o efeito nas suas imediações, que estes fugiram. Viria a ser absolvido em julgamento no Tribunal Militar. Em 1961 é mobilizado para a Guiné onde, em contatos com alguns camaradas, não esconde o seu posicionamento político contra a ditadura, então já mais amadurecido e que já passa pela crítica ao regime colonial e à guerra. Uma pérfida denúncia leva à sua detenção, ao regresso sob prisão à Metrópole, a um processo viciado como era prática corrente, ao julgamento pelo Conselho Superior de Disciplina do Exército em 1966 e à separação do serviço, privado de toda

a atividade militar, do uso insígnias, de soldo e quaisquer outros atributos da condição militar. Com os sacrifícios que é fácil conjeturar mas com a coragem, tenacidade e caráter que sempre evidenciou, licencia-se em Direito e vem a exercer advocacia iuntamente com colegas já estabelecidos e respeitados pelas suas posições na defesa das liberdades cívicas e políticas. Com o 25 de Abril, ao qual adere de imediato e de que fora precursor ativo, é reintegrado no Exército no posto que lhe competia, tenente--coronel, conclui a sua carreira aposentando-se no posto de coronel. Ainda no ativo foi assessor no meu gabinete enquanto membro do Conselho da Revolução, cuja colaboração, pela sua formação jurídica e consciência política, foi inestimável.

Quem bem o conheceu não esquece o seu espírito crítico e o humor irónico com que, fruto da sua experiência, vasta cultura e conhecimento dos meandros políticos e militares da época, nos deliciava com revelações das intrigas e escândalos que envolviam os grandes figurões do caduco "Estado Novo".

Amílcar Domingues foi sócio fundador da A25A, sempre empenhado nos seus valores, presença obrigatória nos jantares comemorativos com a grande militante que também foi a Maria Teresa, companheira de toda a sua vida. Para ela e seus filhos a nossa homenagem, com o compromisso de que guardaremos bem vivos a presença e o exemplo do Amílcar.

PPC

OBITUÁRIO

1945-2019

João Moutinho deixou-nos

Foi o único dos nossos pilotos que continuou a efetuar voos de combate, pois não admitia a recusa, estando em jogo a vida de inúmeros camaradas seus no terreno. Isto definia bem o seu caráter

UM POUCO INESPERADAMENTE, o João partiu quase sem tempo de se despedir de nós. Fui um dos amigos que o acompanhou nalguns dos últimos dias de sua vida. No dia 25 de Abril passado fui ao hospital onde estava internado, levando-lhe cravos vermelhos e um cartaz comemorativo deste ano, da nossa Associação.

Nos tempos mais recentes vi muito desânimo naquele rosto, de um homem que vivia a vida aceleradamente e que, por força da doença, ali estava prostrado, ou numa cama do hospital ou no seu cadeirão em casa.

O nosso reencontro, após a Academia Militar, dera-se há cerca de 30 anos, numa conferência do Otelo, na Cooperativa Árvore, aqui no Porto, convidados pelo saudoso José Rodrigues para fazer companhia ao orador.

Até lá praticamente nunca nos tínhamos visto, mas após o reencontro veio-se a estabelecer uma sólida amizade recíproca.



Não acompanhei ao pormenor a sua carreira militar, mas foram chegando ao meu conhecimento fragmentos e aspetos dessa sua vida.

Soube que no decorrer de uma sua comissão na Guiné, quando o PAIGC passou a utilizar

mísseis terra-ar, o João foi o único dos nossos pilotos que continuou a efetuar voos de combate, pois não admitia a recusa, estando em jogo a vida de inúmeros camaradas seus no terreno. Isto definia bem o seu caráter.

Esta atitude mereceu posteriormente o distanciamento por parte de muitos camaradas seus da Força Aérea e a animosidade da hierarquia do Ramo a que pertencia.

Foi afastado posteriormente do serviço ativo, permanecendo algum tempo sem qualquer vencimento.

Como consequência, a vida deu uma grande volta para ele, decidindo-se a tirar o curso de engenheiro civil, que terminou com todo o mérito e um esgotamento nervoso à mistura. Exercendo esta profissão desde então, de di-

DOS SEGUINTES ASSOCIADOS:

REGISTÁMOS O FALECIMENTO

Sócios fundadores: Carlos Alberto Cunha Bispo, Carlos Manuel Hipólito Carraço, Eduardo Arménio Ferreira Semedo;

Sócia(o)s efectiva(o)s: António Manuel dos Santos Arnaut, Carlos Alberto de Veiga Pereira, Carlos Manuel Monteiro Morgadinho, Fernando Filipe Rodrigues, Fernando Paes Mendes, João Manuel de Almeida Bastos, José António de Almeida Martins Boavida, José David Lopes, José Manuel Silveira Gomes, João Moutinho da Silva, Maria Amélia R. Vieira da Luz Carvalho;

Apoiantes: Maria Fernanda Figueira de Lima, Pedro José D. Gonçalves, Raul Alfredo Cardoso Peixoto da Silva. Às famílias enlutadas apresentamos sentidas condolências.

ficuldade em dificuldade, foi-se afirmando com sucesso, à custa de muita a b n e g a ção, brio e seriedade.

Seriedade, esta, sua imagem de marca em todas as suas atividades e vida pessoal, nomeadamente na política e como

membro dirigente da Delegação do Norte da Associação 25 de Abril, sempre disponível para se empenhar nas mais diversas tarefas.

Era um homem solidário, amigo fiel dos seus amigos, ajudando muitos que dele ou de sua mulher, Palmira, se socorriam.

Era um Homem com H grande, exemplo verdadeiro de um transmontano das terras do Barroso, epíteto que o honrava muito.

Tenho saudades tuas João, bem como muitos de nós que contigo privavam em diversas tertúlias, militares ou civis.

Descansa em paz.

Antero Ribeiro da Silva

OBITUÁRIO

1941-2019

Carlos Morgadinho, in memoriam

Deixou-nos no passado dia 22 de Maio mas deixa-nos uma memória viva: que enquanto houver portugueses como ele, o calor da liberdade e da portugalidade não se há de extinguir naquelas planícies geladas do Canadá

VIVIA EM TORONTO, no Canadá, um português de convicções definitivas e amarradas à Liberdade que O 25 de Abril deu a Portugal e aos portugueses. Era o Carlos Morgadinho. Deixou-nos no passado dia 22 de Maio mas deixa-nos uma memória viva. Que enquanto houver portugueses como ele, o calor da liberdade e da portugalidade não se extinguirá naquelas planícies geladas do Canadá.

Recordo que o conheci na Associação 25 de sua reação de homem-valente. Abril, numa das suas viagens a Lisboa. Falava comigo e, ao perguntar "onde é que eu estava no 25", lá lhe disse que era mais velho, tinha sido capitão em Beja, em 1961. Espanto, nunca tinha conhecido nenhum! Pergunta-me pelo Varela Gomes, por outros factos e conversámos como se passavam as coisas da ditadura naqueles tempos. Conta-me que, todos os anos, o Núcleo Salgueiro Maia da Associação Cultural 25 de Abril Toronto tem convidado um capitão de Abril para lá ir, às comemorações que

têm lugar no próprio dia. Recordo que me disse que no ano anterior tinham lá estado o jornalista Adelino Gomes, que conseguiu descobrir quem era o "rapaz dos tanques", o cabo José Alves Campos, que se havia recusado a cumprir as ordens de disparar contra Salgueiro Maia, na Praça do Comércio. José Alves Campos vivia em Trás-os-Montes e nunca tinha regressado a Lisboa nem saído de Portugal, depois daquela

De repente, avança ele: "é altura de convidar um capitão de Beja". Convite imediatamente aceite, com alegria, claro. Estamos em 2014 e, nas muitas conversas e visitas que fizemos em Toronto, uma preocupação o Carlos assumia com frequência: a dúvida sobre o futuro democrático no País. A falta de confiança na conquista inabalável da democracia, atormentava-o. A tranquilidade que procurava dar-lhe era sobre a aquisição da democracia pela esmagadora maioria do povo português e da irreversibilidade do 25 de Abril. Mas ele tinha uma exigência que o inquietava. Era que não via na maioria das políticas realizadas o conteúdo social que para ele caracterizada a "verdadeira" democracia. Eu tentava sossegar o seu espírito com a ideia de que só há verdadeiras democracias, as falsas não são democracias.

Falei com ele, pelo telefone, creio que da última vez que veio a Portugal e não podemos encontrar-nos. Estava feliz com a "geringonça" e fez questão de me o enfatizar.

Imagino que a comunidade portuguesa de Toronto, que goza de uma inserção social e política de enorme relevo (a avenida principal de Toronto fecha ao trânsito no dia 10 de Junho, para as comemorações) deve sentir um profundo pesar pelo seu desaparecimento.

Através do Carlos, conheci Jack Oliveira, o presidente do maior sindicato do mundo, o LIUNA, que só poderia ser um sindicato da construção civil, federando os EUA e o Canadá. Conheci deputados da Assembleia Regional e o ministro das Finanças da Região de Toronto na altura, Charles Sousa, também filho de portugueses, aliás, amigos de um amigo meu, todos da Nazaré. Filarmónicas, associações, rádios--locais – tudo tinha as portas abertas a Carlos Morgadinho.

Carlos cumpriu o serviço militar em Portugal, na Guerra Colonial. Orgulhava-se da maneira como cumprira o seu dever, sem deixar de sentir que o fazia ao serviço de uma guerra injusta. Confessou-me que a existência deste conflito moral foi um dos motivos que o levou a emigrar. Mas posso testemunhar, com conheci-

ERAUM HOMEM SOLIDÁRIO. **AMIGO FIEL** DOS SEUS AMIGOS. AJUDANDO MUITOS **OUE DELE OU DE SUA MULHER.** PALMIRA, SE SOCORRIAM

mento de causa: o Carlos viveu no estrangeiro com uma responsabilidade pessoal acrescida pela imagem que queria dar do "ser português". A Associação 25 de Abril, os portugueses democratas do Canadá, os amigos mais próximos não esquecerão Carlos Morgadinho. E eu desejo à esposa, Dona Odete, cuja gentileza recordo, e aos filhos, que tente levar esta perda o melhor que puder. E abraço, solidário e comovido, todos os portugueses amigos do Carlos que conheci em Toronto, certo de que continuarão a sua obra patriótica de afirmação de um Portugal democrático.

Manuel Pedroso Marques

O REFERENCIAL 225 224 O REFERENCIAL



A A25A está a colaborar com o Ministério da Educação na construção de programas de formação para jovens estudantes para que permaneçam os valores de Abril

Colaboração com a Direcção-Geral de Educação

A A25A tem vindo a colaborar na elaboração do referencial do projecto "Instituições e Participação Democrática" que a Direcção-Geral de Educação (DGE) tem em curso. Essa colaboração tem assumido a forma de submissão de Avaliar e justificar os seus valores e princípios propostas de conteúdos e de participação em reuniões com o Grupo de Trabalho a funcionar

Refletir sobre a concretização real de alguns nesse organismo do Ministério da Educação.

O envolvimento nesta iniciativa decorreu da 🕨 experiência adquirida pelo grupo da A25A que tem assegurado a realização de palestras evocativas do 25 de Abril nas escolas de alguns municípios - inicialmente nos municípios de Oeiras e de Cascais - bem como a iniciativa "Abril Hoje". A representação junto da DGE é encabeçada por Almeida Moura e Carlos Saraiva da Costa.

Os conteúdos que têm vindo a ser propostos visam motivar os alunos (dos 2.º e 3.º ciclos)

para desenvolverem actividades orientadas nos seguintes sentidos:

- ► Conhecer e compreender a estrutura constitucional de um Estado de Direito Democrático;
- estruturantes:
- dos seus valores e levar o tema a debate;
- Compreender a necessidade de uma participação responsável tendo em vista o desenvolvimento, o bem-estar e a mudança social;
- ▶ Identificar e avaliar "zonas" de conflito no seio da comunidade educativa e propor estratégias que promovam soluções adequadas;

O grupo de trabalho da A25A congratula-se com o ambiente construtivo que tem pautado as reuniões, bem como com o acolhimento que tem sido dada às propostas apresentadas.

M.S.T.

BOLETIM

Assembleia-Geral da Delegação Norte

TEVE LUGAR NO dia 23 de Marco a Assembleia--Geral da Delegação Norte da Associação 25 de Abril. Foi um número reduzido, mas teimoso, aquele que reuniu na nossa Sede nas Escadas do Barredo, na cidade do Porto.

O Relatório de Actividades do ano de 2018 foi aprovado e deu azo a uma saudável troca de impressões que, de certo modo, são sempre como que um renovar de esperança, não nos ideais de Abril, mas na nossa capacidade de os vivificar.

Como sempre, foi guardado um minuto de silêncio para lembrar aqueles associados que no decorrer do ano nos foram deixando.

Na apresentação do Relatório, o nosso presidente da Direcção, Ribeiro da Silva, referiu que "a caminho dos 36 anos de vida, não podemos esperar que esta delegação, bem como os seus membros, possuam a mesma vitalidade de outrora. Os valores essenciais que estiveram presentes na sua génese, continuam presentes, a sua consolidação é uma realidade, a generosidade dos seus sócios é a mesma que então, mas as forcas para colocar novas ideias em prática é que vão escasseando."

No que diz respeito a actividades desenvolvidas, salientou a participação que, na medida das nossas possibilidades e em função das solicitações fomos apoiando, sendo de destacar aquelas que tiveram lugar na cidade do Porto e que sempre organizamos em parceria com outras instituições.

Para além disso, enviámos alguns representantes a sessões solenes, conferências, debates e palestras, em diversos locais em que esteve presente Abril. Fornecemos documentação para exposições sobre o

25 de Abri em escolas, autarquias e outras entidades que pediram o nosso apoio.

Em situações em que não nos foi possível estar presentes e nos foi solicitada a colaboração não deixámos de enviar a mensagem da Direcção Nacional, para ser lida.

Como tem sido tradição, a A25A apoiou o jantar de oficiais que se realizou nas instalações do IASFA--Porto onde se cumpriu o ritual, com a intervenção de David Martelo, o cantar da *Grândola* e o entoar do Hino Nacional.

Referidas foram também as instalações sociais em que cada vez mais se vai notando a dificuldade física dos sócios e de outros visitantes de se deslocarem às Escadas do Barredo. E foi em roda deste tema que, depois de aprovado o Relatório, se desenvolveu uma alargada participação dos associados presentes.

Como corolário da Assembleia aqui deixamos as conclusões.

Em 31 de Janeiro de 1984 fundámos esta Delegacão Norte. Até hoje, com altos e baixos, fomos cumprindo a missão a que nos propusemos. Mas, quase 35 anos em cima, os mesmos jovens da altura já não serão hoje tão jovens assim.

Mas, a chama continua viva e Abril continua bem perto. Quem nos ouvir nas nossas tertúlias e reuniões actuais, não terá dificuldade em identificar os mesmos anseios, sonhos e ilusões de então.

Não tendo a pretensão de que resolvemos todos os problemas do mudo, como então, continuamos a ansiar por isso.

Mas, estamos presentes e sempre ao dispor!

BOLETIM

A25A aplaude homenagem a MARIA JOÃO PIRES



A ministra da Cultura, Graça Fonseca, condecorou Maria João Pires

com a Medalha de Mérito Cultural

Governo atribuiu a Medalha de Mérito Cultural à pianista. A cerimónia decorreu no Centro Belgais para o Estudo das Artes, a 18 de Maio.

A MINISTRA DA CULTURA, Graça Fonseca, atribuiu a 18 de maio a Medalha de Mérito Cultural à pianista Maria João Pires, destacando o seu "serviço de exceção" na divulgação cultural e a sua "entrega à música".

A pianista afirmou não saber se mereceu no passado a Medalha de Mérito Cultural, mas prometeu tudo fazer para a merecer no futuro. "Quero agradecer esta medalha [Mérito Cultural], mas queria agradecer-lhe a medalha para o futuro. Eu não sei se a mereci no passado, mas vou fazer tudo o que posso para a merecer no futuro", afirmou a pianista portuguesa.

Maria João Pires, de 74 anos, criou em 1999 o Centro Belgais para o Estudo das Artes, em Escalos de Baixo, Castelo Branco, um projeto educativo, pedagógico e cultural, com impacto na região, que chegou a ter o apoio do Ministério da Educação. Dez anos depois, em 2009, o centro encerrou alegando na altura uma "difícil situação económico-financeira".

No ano passado, o projeto foi renovado e reativado como Centro de Artes de Belgais, disponibilizando retiros musicais, espaço para atuações e oficinas de música. Há ainda uma valência de alojamento e de produção de azeite, como se lê na página oficial.

Maria João Pires nasceu em Lisboa, a 23 de

OPRESIDENTE DA REPÚBLICA JÁ ANUNCIOU **OUE EM SETEMBRO** IRÁ DISTINGUIR A PIANISTA COM A GRÃ-CRUZ **DA ORDEM DO INFANTE** D. HENRIOUE

julho de 1944. É a mais internacional e reputada das pianistas portuguesas, com um percurso artístico que remonta a finais dos anos 1940, quando se apresentou pela primeira vez em público, aos quatro anos.

Entre os prémios conquistados pelo talento artístico contam-se o primeiro prémio do Concurso Internacional Beethoven (1970), o prémio do Conselho Internacional da Música, pertencente à UNESCO (1970), e o Prémio Pessoa (1989).

Entretanto, o Presidente da República já anunciou que em Setembro irá distinguir a pianista com a Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique. "A condecoração de hoje foi do Governo. Para não haver sobreposição será depois entregue a Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique. Já lhe comuniquei e ela [Maria João Pires] aceitou", afirmou Marcelo Rebelo de Sousa, adiantando que a condecoração presidencial ocorrerá a 15 de setembro de novo no Centro Belgais para o Estudo das Artes.

BOLETIM



O músico e escritor brasileiro venceu o Prémio Camões 2019. Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, disse que a decisão só podia "ser unânime" e também o Presidente de Cabo Verde felicitou Chico Buarque.

O MÚSICO E ESCRITOR Chico Buarque é o vencedor do Prémio Camões 2019. O anúncio foi a 21 de Maio, após reunião do júri, na Biblioteca Nacional do Brasil, no Rio de Janeiro. O músico e escritor brasileiro ficou "muito feliz e honrado de seguir os passos de Raduan Nassar", o seu compatriota distinguido com o prémio em 2016.

"Figuei muito feliz e honrado de seguir os passos de Raduan Nassar", referia a curta declaração divulgada pela assessoria de imprensa de Chico

O músico e escritor brasileiro fora já distinguido com o prémio Jabuti, o mais importante prémio literário no Brasil, pelos romances "Estorvo", "Leite Derramado", obra com que também venceu o antigo Prémio Portugal Telecom de Literatura (atual Prémio Oceanos), e por "Budapeste". A A25A felicita o músico brasileiro.

CONVITES

Aja Lisboa, Evocação/homenagem a Alípio de Freitas, 17-02-2019: Lembrar Zeca Afonso com Olinda Beja, 23-02-2019; No Dia da Mulher lembrar Carolina e Clarisse". 08-03-2019: apresentação do CD-livro "Archipelagos, Passagens", 21-03-2019: evento "No Trilho dos Livros – Exílios 2, testemunhos de exilados e desertores portugueses (1961-1974), 28-03-2019; concerto de Andrés Stagnaro, 02-04-2019; Junta de Freguesia da Misericórdia, recital de viola d'arco de Miguel Sobrinho, 09-02-2019; Associação Portuguesa de Mulheres Juristas, jantar, 08-03-2019; Câmara Municipal de Loures, conferência "A presença de Jorge Colaço" na Fábrica de Loiça de Sacavém, 23-02-2019; inauguração da Exposição de Escultura "Natureza Humana" de Sandra Borges, 23-02-2019; apresentação da Comunidade Angolana no Concelho de Loures, 16-03-2019; visita guiada aos jardins da Quinta do Conventinho, 24-03-2019; exposição "Cortinas de Ódio", 19-03 a 29-06-2019; ciclo de cinema comentado, 29-03 a 12-04-2019: debate "Pode a Arte Derrubar

Muros?", 06-04-2019; audição de alunos e professores da Academia de Clarinete Marcos Romão Jr. 31-03-2019; espectáculo "Grafonola Voadora & Napoleão Mira", 06-04-2019; exposição de fotografia "Murais de Abril" de Pedro Mónica, 28-03-2019; tertúlia "Conversas à Volta da Descolonização", 06-04-2019; espectáculo "O Lagarto", 07-04-2019;

OFERTAS À A25A

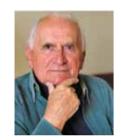
Livros:"...Da descolonização" de Pedro Pezarat Correia, oferta do autor; "45 Anos de Poder Local Democrático – Um percurso", oferta do presidente da Câmara Municipal de Viana do Castelo; "Berliet, Chaimite e UMM, os grandes veículos Militares Nacionais", de Pedro Manuel Monteiro, oferta do autor; "O Concreto da Paz só com Justiça" de Januário Torgal Ferreira, oferta do autor; "Nas margens do medo" de Domingos Lopes, oferta do autor; "Obra poética" de Sophia de Mello Breyner, oferta de Jaime André; "Memórias de um ex-combatente – A realidade da guerra" de Justino dos Santos, oferta do autor; "José Afonso, poeta e trovador aveirense" de Victor Génio, oferta

do autor: "Garibaldi - memórias autobiográficas" de David Martelo, oferta do autor: "Os arcuenses na I Grande Guerra" de Jorge Adelino Ribeiro Pires, oferta do autor; Revista "Aqua Flaviense – Marechal Francisco da Costa Gomes", centenário do nascimento, oferta de Carlos Cardoso: "Versejando - Relatos de Guerra e Paz, Angola, Zaire de 1968 - Luanda de 1970" de David Dias, oferta do autor; Quadro: Oferta do Clube Sportivo de Pedrouços- aquando da regata do 45.º aniversário do 25 de Abril de 2019; Serigrafias: "O Alcar-do-Algarve", de Catarina Sobral, oferta da Casa da Moeda; "Abril de 1997", de Rico Sequeira, oferta do Centro Português de Serigrafia. Medalhas: Medalha de Mérito e Dedicação, oferta Agrupamento de escolas IBN Mucana; Medalha 25 Abril de 2019, oferta Associação Cultural 25 de Abril (Toronto), Núcleo Salgueiro Maia: Medalha EPAL 150 anos. oferta Vasco Lourenço. Vários: 3 DVDs - "Carmo 40 anos", oferta de Vítor Vaqueiro; troféu em vidro, oferta do Centro de Formação da Associação de Escolas de Sintra.

JANGO



ANGOLA OPERAÇÃO MADEIRA II



PEDRO DE PEZARAT CORREIA

O MFA era acusado de, por motivações ideológicas, ter favorecido o MPLA em prejuízo da FNLA e da UNITA. Era uma pura calúnia, nunca sustentada em fundamentação objetiva e que, ouso pensar, desmontei concludentemente.

O QUE TORNA estimulante e motivadora a pesquisa e investigação em áreas do conhecimento, nomeadamente das chamadas ciências não exatas, é que nunca se esgota. O tempo encarregase de trazer novas fontes, novos dados, novas interpretações, novas análises que questionam, confirmando ou infirmando, conclusões a que já se chegara.

A investigação a que fui procedendo ao longo de muitos anos e acabou por dar forma à minha tese de doutoramento na Universidade de Coimbra, posteriormente publicada¹, identificou certas ideias-feitas, deliberadas, com o propósito de pôr em causa a transparência do processo da transfe-

rência do poder na descolonização de Angola. No vasto leque de temas polémicos sobre os quais me debrucei e que me levaram a classificar Angola como a "joia da coroa" do colonialismo português em África e o "rubicão" da descolonização, um caso atraiu a sanha persecutória dos detratores: a forma como o MFA negociou com os três movimentos de libertação (ML). O MFA era reiteradamente acusado de, por motivações ideológicas, ter favorecido o MPLA em prejuízo da FNLA e da UNITA. Era uma pura calúnia, axiomaticamente enunciada, nunca sustentada em fundamentação objetiva e que, ouso pensar, desmontei concludentemente. É a este tema que me surge a oportunidade de voltar.



Já depois do meu livro publicado chegou-me às mãos, por simpatia do autor Rui Bonita Velez, tenente-coronel do Exército no ativo, professor na Academia Militar, a obra *Caetano, Spínola e Mobutu – as relações bilaterais entre Portugal e o Zaire (1968-1974)*², produto da tese de doutoramento que apresentou e defendeu no ISCTE-IUL Com grande rigor e riqueza de dados, bem documentado em obras de autor e, principalmente, em fontes primárias de arquivos no Ministério dos Negócios Estrangeiros (Arquivo Histórico Diplomático) e no antigo Ministério do Ultramar, é um excelente contributo para a clarificação daquela matéria.

Sustento na minha tese que, na transferência do poder em Angola, o MFA – protagonista da participação portuguesa nas negociações com os três

Movimentos de Libertação (ML) cuja legitimidade como representantes do povo angolano fora reconhecida pela ONU, pela OUA e por Portugal no pós-25 de Abril -, foi rigorosamente imparcial. A prova, numa análise que se pretenda despida de preconceitos, está no texto do Acordo do Alvor e no processo negocial que o precedeu. O que terá, em grande parte, alimentado a acusação de favorecimento do MPLA foi o facto de, logo a seguir ao 25 de Abril, se ter verificado da parte do general Spínola, dos EUA e dos vizinhos regionais Zaire e África do Sul, um esforço concertado para marginalização do MPLA. Não tinha em conta a realidade angolana, suscitaria a recusa dos ML das outras colónias, PAIGC, FRELIMO e MLSTP parceiros do MPLA e traduzir-se-ia no bloqueamento do processo e no prosseguimento da guerra. Era uma estratégia votada ao fracasso à qual o MFA se opôs. Eis a chicana³ argumentativa: ao impedir a marginalização do MPLA o MFA favoreceu o MPLA. Sobre esta matéria o livro de Rui Velez traz um contributo adicional decisivo, revelando uma estratégia que tinha antecedentes e se inscrevia, a rigor, na lógica da guerra fria. É nele que se apoia o essencial das considerações que se seguem.

MOBUTU E PORTUGAL

A partir de 1968, explorando a mudança em Portugal com a rendição de Salazar por Marcelo Caetano e, sem dúvida, em consonância com a viragem dos EUA na sequência da "Opção Tar Baby" baseada no *National Security Study Memorandum 39* (NSSM39) da administração Nixon-Kissinger, favorável à manutenção da hegemonia branca na África Austral, Mobutu inicia uma ma-

JANGO





Encontro entre Richard Nixon e Mobutu

nobra de aproximação a Portugal. Visava uma cooperação no combate ao MPLA que abrira a frente leste e conquistava apoios internacionais.

É neste quadro que, aproveitando a presença de Mobutu e do seu ministro dos Negócios Estrangeiros Cyrile Adoula em Bruxelas, em novembro de 1969, Marcelo Caetano envia ao seu encontro o embaixador Coelho Lopes, portador de uma carta sua. Numa primeira entrevista, só com Adoula, este surpreendeu Coelho Lopes afirmando que o seu governo estava disposto a adotar medidas para que [...] a FNLA suspendesse toda a sua atividade militar, de modo a permitir que as forças portuguesas se concentrassem no combate à desarticulação da frente leste [...] do MPLA que era de interesse comum exterminar (p. 174). No dia seguinte Coelho Lopes era recebido por Mobutu fazendo a entrega da carta de Caetano, que o presidente zairense leu e com a qual disse concordar. Afirmou também acordo com o teor da conversa na véspera entre o seu ministro e o embaixador português.

Cerca de um ano depois, Mobutu envia uma men-

sagem a Marcelo Caetano na qual propõe às autoridades portuguesas a entrada da FNLA em Angola, para participar numa autonomia [...] que fosse legitimada por Lisboa [...] os militares (da FNLA) seriam absorvidos pelas Forcas Arma-

das Portuguesas [...] no combate [...] à infiltração maoista sob coberta de certos movimentos [...]4 (p. 194). Caetano viria a recusar esta proposta porque não reconhecia credibilidade à FNLA e, surpresa, tinha mais confiança nos valores humanos e na competência dos homens que integravam o MPLA (p. 196). Mas, Caetano também não confiava em Mobutu, dado o seu comportamento errático entre, por um lado, a necessidade de negociar com Portugal pela dependência do Caminho de Ferro de Benguela e pelas pressões de Washington e, por outro lado, a obsessão pelo petróleo de Cabinda e a ambição de se apresentar como líder africano no apoio à luta de libertação dos povos ainda sob domínio colonial. Caetano sabia - aliás, os dirigentes zairenses não escondiam -, que era Mobutu quem determinava o comportamento do presidente da FNLA Holden Roberto, apesar de ter por ele desprezo e até admitir deixá-lo cair. Marcelo confidenciou que, para si, Mobutu não passava de um doublez (p. 209). Os contatos Lisboa-Kinshasa romperam-se.

A aproximação entre Portugal e o Zaire iria retomar-se em 1972, já não via Lisboa mas via Luanda. Em fevereiro, Antoine Akafomo, administrador--geral do Centro Nacional de Documentação do Zaire, influente órgão dos serviços de segurança do Estado, convida o representante diplomático português em Kinshasa, Gonzaga Ferreira, para jantar. Desejava clarificar notícias oriundas de Angola dando conta do interesse do governador-geral (GG), Rebocho Vaz, em encontrar-se com Holden Roberto, que não deixaram Mobutu indiferente. Gonzaga Ferreira retomou a anterior proposta de Adoula: Portugal aliviaria a presença militar no norte de Angola desde que o ELNA (guerrilha da FNLA) parasse as suas infiltrações a partir do Zaire, o que permitiria que Portugal transferisse efetivos para o leste [...] para um melhor combate a um inimigo comum [...] (p. 158), ou seja, o MPLA. O GG gostaria de falar com Holden Roberto sobre isto mas punha uma condição: que a [...] palavra independência fosse considerada proibitiva. (id.) Condição que não incomodou Akafomo porque o Zaire preferia a presença de Portugal a uma Angola nas mãos do MPLA. Akafomo concordou que o fundamental era [...] conjugar esforços para barrar o caminho ao MPLA [...] (id.)

OPERAÇÃO MADEIRA

Nessa altura já vigorava no leste angolano a *Opera*ção *Madeira*, acordo negociado entre Savimbi e o comando português da Zona Militar Leste, através do qual cessara o confronto militar entre as duas partes. A UNITA aceitara confinar-se a uma zona de refúgio no Lungué-Bungo e comprometia-se a colaborar com as forças portuguesas no combate aos outros ML. O alvo era essencialmente o MPLA pois, no leste, a ação da FNLA era incipiente e era o MPLA que, então em crescendo, constituía a maior ameaça e bloqueava a implantação da UNITA.

O objetivo era o mesmo que animava a aproximação Portugal-Zaire, a eliminação do inimigo comum, o MPLA. Era este modelo que Rebocho Vaz queria estender à FNLA, mas queria ir mais além. Antes do encontro com Akafomo, o embaixador Gonzaga Ferreira reunira-se com o GG em Luanda que, segundo Rui Velez, lhe transmitiu que a aproximação a Holden Roberto ia [...] no sentido de se poder atingir um entendimento como o que estava, à época, em curso com Jonas Savimbi, no âmbito da "Operação Madeira [...] (p. 201) e se disponibilizava a oferecer [...] um plano mais ambicioso e inovador relativamente ao que estava a ser praticado na frente leste com Savimbi [...] o regresso das populações angolanas [...] integração dessas populações em território nacional, luta contra inimigo comum que é o MPLA, através do desvio dos comandantes e tropas do ELNA para leste integrados nas forças portuguesas, postos compatíveis para os oficiais com vencimentos adequados e pagamento às tropas. Esta manobra teria a concordância do comandante-chefe de Angola, general Costa Gomes e recebera um nome de código revelador, "Operação Trânsfuga" (pp. 201 e 202).

Estas tentativas de aproximação falharam mais uma vez. Em seu prejuízo houvera, em 1973, graves incidentes diplomáticos entre Portugal e o Zaire, Mobutu chegou mesmo a planear uma operação militar convencional contra Cabinda que o 25 de Abril viria travar e até a *Operação Madeira* fora revertida. Em janeiro de 1974 re-

234 O REFERENCIAL O REFERENCIAL 235

JANGO





Encontro entre Richard Nixon e António de Spínola, em Junho de 1974 na Base das Lages nos Acores

começara a guerra entre a UNITA e Portugal. A aproximação a Mobutu seria, porém, recuperada por Spínola depois do 25 de Abril de 1974. O objetivo era o de sempre – afastar o "inimigo comum", o MPLA, ainda que pudesse assumir contornos diferentes que passavam por reconhecer, como representando o MPLA, a "fação Chipenda", então em processo de rotura com a direção do movimento e de adesão à FNLA, que viria a consumar-se. Rui Velez pega bem neste tema ao descrever como Spínola, enquanto Presidente da República [...] desenvolveu uma intensa atividade internacional tendo em vista a aproximação aos EUA e, muito particularmente, ao Zaire (p. 267). Mobutu utilizava Holden Roberto como forma de patrocinar um [...] governo amigável em Angola [...] (id.) e, para Spínola, a partir da publicação da Lei 7/74, esta [...] passou a representar a sua visão de futuro [...] para Angola (id.). Spínola deixou-o expresso na sua frase "Angola, agora, é comigo".

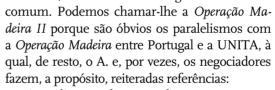
As cimeiras do Presidente português com os seus homólogos, Nixon (Lages, 19 de junho) e Mobutu (Sal, 15 de setembro) inserem-se no mesmo contexto. E o contexto global era o da guerra-fria. Diz Rui Velez que em Kinshasa os embaixadores dos EUA e de França começavam a acreditar que Mobutu e Spínola poderiam resolver entre eles o futuro de Angola, sendo o objetivo de Mobutu [...] a exclusão do MPLA da fórmula de Luanda. (pp. 271 e 273)

Acrescente-se que o que se passou na fase de transição pós-Alvor, a *Operação IAfeature*, da CIA, que coordenou a coligação FNLA-UNITA e depois integrou os mercenários do ELP⁵ e as colunas da África do Sul da *Operação Savannah*. A *Operação IAfeature* tinha por objetivo o esmagamento militar do MPLA para que a independência fosse declarada em Luanda, em 11 de novembro, por aquela coligação e com exclusão do MPLA. Contrárias eram as opiniões dos diplomatas norte-americanos em Luanda, considerando que o MPLA era o único movimento com representatividade nacional e o melhor para governar Angola. Mas, essas, Kissinger não ouviu.

As peças encaixam todas num esquema perfeito.

COBERTURA DOS EUA

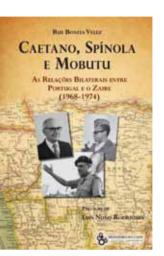
Em síntese: o livro de Rui Bonita Velez prova – e isto é que constitui novidade – que foram conduzidas negociações em várias fases, entre 1968 e 1973, por responsáveis do Zaire e de Portugal com a cobertura dos EUA, que tiveram continuação depois do 25 de Abril, para um entendimento que passasse pelo reforço da posição da FNLA tendo como objetivo fundamental a marginalização e eliminação do MPLA, considerado o inimigo



- ► Entendimento de Portugal com um ML para uma aliança contra o inimigo comum, o MPLA;
- ▶ Admissão de cooperação operacional dos seus guerrilheiros com as forças portuguesas contra as FAPLA (guerrilha do MPLA);
- Nenhum dos processos foi de iniciativa da parte portuguesa.

Mas houve diferenças fundamentais:

- ► A Operação Madeira funcionou, a Operação Madeira II nunca passou das intenções;
- ► A Operação Madeira envolveu, como interlocutor de Portugal apenas a UNITA, a Operação Madeira II envolveu fundamentalmente o governo do Zaire reservando à FNLA um papel secundário;



▶ A Operação Madeira foi conduzida pelos responsáveis militares portugueses da Região Militar Leste, com a supervisão do comandante-chefe e do GG de Angola e a cobertura do Governo Português, a Operação Madeira II processou-se numa primeira fase ao nível diplomático Estado a Estado entre o Zaire e Portugal e sem a participação da FNLA e, numa segunda fase, entre o Zaire e o GG de Angola, dela estando sempre excluídos a FNLA e os responsáveis militares portugueses.

Após o 25 de Abril o MFA opôs-se a esta manobra pérfida como era sua estrita obrigação. Daí que, para os seus mentores, tenha apoiado o MPLA. Desonestidade argumentativa ou *fake news, avant la lettre*? Afinal, por respeito ao seu compromisso de imparcialidade perante os três ML, o MFA apenas impediu que o MPLA fosse eliminado do processo em que, como os outros ML, estava de pleno direito.

Maio 2019

^{1 ...}da descolonização. Do protonacionalismo ao pós-colonialismo, Book Cover, Porto, 2017

² Fronteira do Caos, Porto, 2017

³ A figura "chicana processual" é usada no foro jurídico e, por analogia, aplicada na disputa política e estratégica, em geral associada a argumentação capciosa, com recurso a má-fé e truques ardilosos

⁴ Esta referência ao maoísmo é confusa porque para Mobutu a ligação do MPLA era à URSS

⁵ Exército de Libertação de Portugal, criado por apoiantes de Spínola depois da derrota no 11 de Março

^{6...}da descolonização. Do protonacionalismo ao pós-colonialismo, Book Cover, Porto, 2017





DRIP COFFEE

Slow coffee

MAIS DO QUE UM CAFÉ UMA EXPERIÊNCIA ÚNICA.

100% ARÁBICA. 100% ÚNICO

OMETA CEEE

NOVIDADE

DRIP COFFEE

Slow coffee

100% AGABICA COFFEE 1 100% CAPE ARABICA

O REFERENCIAL

Propriedade da Associação 25 de Abril - Pessoa colectiva de utilidade pública (Declaração n°. 104/2002, DR II Série, n.° 9 de 18 de Abril) · Membro Honorário da Ordem da Liberdade |Presidente da Direcção: Vasco Lourenço|Director: Martins Guerreiro|Editor: Licínio Lima|Conselho Editorial: Amadeu Garcia dos Santos, André Freire, António Morais Sarmento Brotas, Carlos Manuel Serpa Matos Gomes, João Bosco Mota Amaral, João Ferreira do Amaral, José Barata-Moura, José Manuel Pureza, José Viriato Soromenho-Marques, Maria José Casa-Nova, Maria Manuela Cruzeiro, Pedro Pezarat Correia, Vasco Lourenço|Fotografia: A. Belo, Armando Isaac, José Maria Roumier, Nuno Augusto, Agência Lusa|Desk: António Belo|Colaboradores: Artur Custódio da Silva, David Martelo, João Magalhães, José Barbosa Pereira, José Fontão, Manuel Loff, Maria Manuela Cruzeiro, Nuno Santa Clara Gomes|Sede nacional, Administração e Redacção: Rua da Misericórdia, 95 - 1200-271 LISBOA - Telefone:. 213 241 420 - Endereço electrónico: a25a. sec@25abril.org | www.25abril.org | www.guerracolonial.org |Delegação do Norte:Escadas do Barredo, 120, r/c, esq.- 4050-092 PORTO - Telefone/fax: 222 031 197 - Endereço electrónico: a25a.del-norte@25abril.org | Delegação do Centro Apartado 3041 - 3001-401 COIMBRA Endereço electrónico: a25a.del-alentejo@25abril.org | Delegação do Canadá Associação Cultural 25 de Abril (Toronto) - Núcleo Capitão Salgueiro Maia - 1117 Queen Street West Toronto, Ontario M6J 3P4 Canadá | Edição gráfica: atelier JMRibeirinho www.jm-designedicoes.com - Av. Infante Santo, 69 -10.° - 1350 - 177 Lisboa | Impressão e acabamento: NORPRINT



Puro café 100% arábica, proveniente das melhores origens e ideal para levar para onde quiser. O Delta Drip Coffee é a nova experiência de preparação de café, para a qual apenas deve adicionar água quente. Está disponível em saquetas individuais e é a solução ideal para saborear em casa, no trabalho ou em momentos de lazer, sempre que necessitar do reconforto de um bom café. Faça uma pausa nas rotinas e desfrute do tempo que a vida lhe dá.



